

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA

BRUNA MUSACCHIO GUARANÁ

DO LITERAL AO LITORAL: Leituras da letra em Jacques Lacan

RIO DE JANEIRO

2021

Bruna Musacchio Guaraná

DO LITERAL AO LITORAL: Leituras da letra em Jacques Lacan

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Angélica Bastos Grimberg

RIO DE JANEIRO

2021

CIP - Catalogação na Publicação

GG9141 Guaraná , Bruna Musacchio
Do literal ao litoral: leituras da letra em
Jacques Lacan / Bruna Musacchio Guaraná . -- Rio
de Janeiro, 2021.
201 f.

Orientadora: Angélica Bastos Grinberg .
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós
Graduação em Teoria Psicanalítica, 2021.

1. Letra. 2. Real. 3. Litoral . 4. Objeto a . 5.
Psicanálise . I. Grinberg , Angélica Bastos ,
orient. II. Título.

Bruna Musacchio Guaraná

DO LITERAL AO LITORAL: Leituras da letra em Jacques Lacan

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora em Teoria Psicanalítica.

Aprovada em: ___/___/___

Banca examinadora:

Prof^a Dr^a Angélica Bastos Grimberg (UFRJ)- Orientadora

Prof^a Dr^a Anna Carolina Lo Bianco (UFRJ)

Dr^a Ana Lúcia Lutterbach Holck (EBP-RJ)

Prof^a Dr^a Flávia Trocoli (UFRJ)

Prof Dr. Gilson Iannini (UFMG)

RESUMO

GUARANÁ, Bruna Musacchio. **Do literal ao litoral**: leituras da letra em Jacques Lacan. Tese (Doutorado em Teoria psicanalítica) - Instituto de psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2021.

Sob o fundo de nossos tempos, acerca do estatuto do real, convocamos o discurso analítico para que possa se fazer presente na verdade que veicula. O real que se depreendeu do movimento inaugural freudiano, nos faz interrogar em um primeiro momento, de que maneira isso se manifesta. Pela letra será a aposta desta presente tese. Vamos propor percorrer o seguinte trajeto epistêmico: do ser [l'être] produzido de letra [lettre] expressão da realização do desejo inconsciente ao pé da letra na Interpretação dos sonhos de Freud, para uma dimensão da letra como litoral, descrita no Litoral de Lacan, diferente da letra como suporte do significante. A letra litoral é expressiva de uma forma de laço com o gozo diferente da proposta pela lógica do recalque regida pela barra da censura em Freud. Para chegar na letra litoral, passamos pelo objeto a que se depreende das operações de alienação e separação no Seminário 11, dimensão esta que buscamos demonstrar estar presente pelo campo da literatura nas diferentes dimensões da carta/letra no Seminário sobre A carta roubada, no caso Dora de Freud naquilo que é inerente à letra da feminilidade e na leitura de O arrebatamento de Marguerite Duras. Este percurso tem a intenção de interrogar através da letra, o lugar de escrita dado para o real pela psicanálise.

Palavras-chaves: letra; real; litoral; objeto a, psicanálise; feminilidade.

RÉSUMÉ

GUARANÁ, Bruna Musacchio. **Du littéral au littoral**: lectures de lettre chez Jacques Lacan. Thèse (Doctorat en Théorie Psychanalytique) - Institut de Psychologie, Université Fédérale de Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2021.

Dans le contexte de notre époque, concernant le statut du réel, nous convoquons le discours analytique à se faire présent dans la vérité qu'il véhicule. Le réel issue du mouvement freudien inaugural nous interroge, dans un premier temps, à propos de comment cela se manifeste. Par la lettre se donnera le pari de la thèse ci-présente. Nous proposons le parcours épistémique suivant: de l'être produit à partir de la lettre, expression directe de la réalisation du désir inconscient dans *l'Interprétation des rêves de Freud*, à une dimension de la lettre comme littoral, décrit dans *Lituraterre* de Lacan comme support du signifiant. La lettre littorale exprime une forme de lien avec la jouissance différente de celle proposée par la logique de répression régie par la barre de censure que l'on retrouve chez Freud. Pour arriver à la lettre littorale, on passe par l'objet *a* qui émerge des opérations d'aliénation et de séparation du *Séminaire XI*, dimension que l'on cherche à démontrer être présente dans le domaine de la littérature dans les différentes dimensions de la lettre dans le *Séminaire sur la lettre volée*, dans *Le cas Dora* de Freud dans ce qui est inhérent à la lettre de la féminité et dans la lecture du *Ravissement de Lol. V Stein* de Marguerite Duras. Ce parcours a pour but d'interroger de par la lettre, le lieu d'écriture donné au réel par la psychanalyse.

Mots-clés: lettre; réel; littoral; objet *a*, psychanalyse; féminité.

Ao meu pai, Mario Daniel Musacchio, quem me transmitiu em tempos memoriais pela sua viva narrativa, a paixão da letra em histórias de suspenses dignas de Alfred Hitchcok.

AGRADECIMENTOS

À CAPES pelo financiamento fundamental que permitiu garantir os custos necessários para que esta presente pesquisa se realizasse.

À CAPES no que tange ao investimento concedido pelo Programa de Doutorado Sanduiche no Exterior (PDSE) que permitiu a estada de um período de 6 meses na *Université Paris 8-Vincennes- Saint- dennis*, período precioso para a formação docente e que até hoje se mostram nas suas consequências.

À Prof^a Fabienne Hulak pela recepção no período do doutorado sanduiche na *Université Paris 8*. Foi de grande aprendizado acompanhar as suas aulas e grupo de pesquisa.

À UFRJ, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, que acolheu desde o início o espaço de interlocução proficuo entre o campo da psicanálise e outros saberes, como o da literatura, que sempre me interessou.

À minha orientadora Prof^a Angélica Bastos por ter me recebido desde o início de forma hospitaleira. No tempo transcorrido da pesquisa foi um prazer fazer parte do seu grupo de pesquisa e sempre que foi necessário me senti à vontade para solicitá-la, no que agradeço a disponibilidade de leitora atenta e sensível.

À Ana Lúcia Holck obrigado pelas sugestões no exame de qualificação, que me empurraram a escolher um dos três caminhos que na época se bifurcavam das minhas questões. Além disso, gradeço também pelo seu precioso trabalho já de longa data no Núcleo de pesquisa do ICP-RJ Práticas da Letra e que tive a oportunidade de participar nesses últimos tempos.

À minha amiga interlocutora das leituras de Jacques Lacan: Elisa Werlang, uma leitora entusiasta, com quem muito compartilhei as descobertas que foram se extraindo das leituras de Lacan. Ela é alguém que não se deixa enganar pelo que reluz em “falso quilate”.

A todos os participantes do Núcleo Práticas da Letra do ICP-RJ (Instituto de Clínica Psicanalítico do RJ) pelas proficuas discussões, leituras e aprendizagem juntos.

À amiga Tatiane Grova, grande incentivadora das minhas escolhas, tanto no campo freudiano, quanto no percurso acadêmico, obrigado pelo apoio, amizade de sempre nessa jornada que nos reserva boas surpresas por vir.

Agradeço à amizade zelosa de sempre da minha amiga “velha de guerra” Juliana do Prado e sua família que vi crescer com a chegada de João e depois de Lia, ao lado do seu marido e amigo Rodrigo Lyra.

Também agradeço à amizade de Maria Antunes, Aline Benfica, Maira Penna Franca, Gabriela Dupin, Cecília de Moraes, Mariana Borges, Mariana Marques, Bettina Mattar, Gabriel Geluda, Paula Legey, Anna Beatriz Zimmerman e tantos outros que se fizeram presente nesses últimos anos e alguns desde outros tempos.

Devo um agradecimento em especial às amigas que aceitaram o desafio da revisão nos quinze do segundo tempo: Cecília de Moraes, Mariana Borges, Fernanda Pougy e meu marido Diego Terra.

À Nolwenn Hervé pela acolhida na cidade luz, até então nova e desconhecida. Também agradeço ao carinho de Aude Chevalier, a quem tive a felicidade de me tornar amiga e quem me apresentou pessoas hoje tão queridas, o que faz parecer já sermos amigas a mais tempo.

Agradeço à formatação nas normas da ABNT de Juliana Sarfaty, que eu não poderia fazer sozinha.

A todos os colegas da Escola Brasileira de Psicanálise, que se fazem presentes, ainda que agora virtualmente.

À Marcus André Vieira por elevar à dignidade de palavra ao que não tinha essa existência, mas que não cessava de não se escrever.

À Flávia Trocoli que desde que tive a feliz alegria de conhecê-la não mais li uma Clarice Lispector ou Marguerite Duras sem ter a vontade de saber sua leitura, obrigado pela transmissão da força dessa sua leitura.

Aos colegas do doutorado pelas ricas trocas ao longo do percurso: Fernanda Pougy, Renata Estrella, Fernanda Palermo e outros.

Aos meus pais: minha mãe amorosa: Lúcia Nery Malagueño Guaraná e meu pai argentino, Mario Daniel Musacchio, os dois sempre comigo de uma maneira ou outra ao longo desses e muitos outros percursos.

À minha família argentina, Adria, Oscar, Mariano, Silvia, Paloma, Nacho, Jojo, Pato, Giuli, Gaby, los quiero a todos muchísimo, hasta el cielo ida y vuelta infinitas veces.

À minha irmã Laura Berti, seu marido Pablo Rago e meu sobrinho Dante Berti.

À minha família Guaraná, que tive a feliz oportunidade de me aproximar mais recentemente, Isabella Guaraná, Marina Guaraná,

À Diego Terra, meu amor, quem muito admiro, e tive a sorte de escolher para caminhar ao meu lado, espero que sejamos mais num futuro próximo. Obrigado por me apoiar nesse desejo, vamos em frente.

Aos meus sogros e por extensão à minha cunhada e seu marido pelo apoio de sempre: Theresinha de Freitas Terra, Eloy da Felicidade, Aline da Felicidade e Felipe.

DO LITERAL AO LITORAL: LEITURAS DA *LETRA* EM JACQUES LACAN

1	INTRODUÇÃO	11
2	O DESEJO INCONSCIENTE AO PÉ DA LETRA	18
2.1	INTRODUÇÃO	18
2.2	A ESCRITA DA BARRA	20
2.3	O PREFIXO MARCA DO RECALQUE	27
2.4	A INSTANCIA DA LETRA NO INCONSCIENTE: A PRIMAZIA DO SIGNIFICANTE NA ESTRUTURA DA LINGUAGEM	31
2.5	TRANSPOSIÇÕES DA BARRA: O SONHO É A REALIZAÇÃO DE UM DESEJO	35
2.6	O SONHO É UM RÉBUS	38
2.7	O SONHO DAS TRÊS PARCAS	41
2.8	CONDENSAÇÃO, DESLOCAMENTO E O SONHADOR: TRÊS SONHOS FREUDIANOS	44
2.9	A CENTELHA POÉTICA E A TEORIA DO NOME-DO-PAI	51
3	DO SUJEITO DO SIGNIFICANTE AO OBJETO <i>A</i>: <i>LETRA</i> DE GOZO	58
3.1	INTRODUÇÃO	58
3.2	O SUJEITO LACANIANO	60
3.3	A ALIENAÇÃO	67
3.4	O TRAÇO UNÁRIO	71
3.5	SEPARAÇÃO	74
3.6	O OBJETO <i>A</i> E O CIRCUITO PULSIONAL	79
3.7	A PULSÃO É UMA MONTAGEM	84
3.8	O DESENHO DA PULSÃO E A CAVIDADE DO OBJETO <i>A</i>	86
3.9	O ESPAÇO VAZIO E O APÓLOGO DO VASO	89
4	DA <i>LETRA</i> CARTA PARA A <i>LETRA</i> LITORAL	94
4.1	INTRODUÇÃO	94
4.2	UM SIMPLES E PERTURBADOR CASO	97
4.3	O CASO DA CARTA POR LACAN	99
4.4	A LÓGICA DAS DUAS CENAS E DO QUE SE REPETE	101
4.5	OS EFEITOS DE FEMINIZAÇÃO DA CARTA	103
4.6	LITURA PURA É O LITERAL	106
4.7	A LETRA LITORAL: REMEMORAÇÃO E REMINISCÊNCIA	108
4.8	A QUESTÃO QUE NOS COLOCA A REMINISCÊNCIA: O CASO LUCY	113
4.9	O CARÁTER INDESTRUTÍVEL DA LETRA	116

5	A LETRA DA FEMINILIDADE	121
5.1	INTRODUÇÃO	121
5.2	O CASO DORA: INTRODUÇÃO	123
5.3	O CASO DORA: ENREDO	124
5.4	A FIXAÇÃO LIBIDINAL NO CORPO: O GRÃO DE AREIA	127
5.5	A LEITURA DE LACAN E O IMPASSE DE FREUD COM DORA	129
5.6	AS REVERSÕES DIALÉTICAS DE LACAN: O MISTÉRIO DA FEMINILIDADE	135
5.7	OS DOIS SONHOS DE DORA: O INDIZÍVEL DO ENIGMA DA FEMINILIDADE	139
5.8	O CORPO FEMININO COMO FASCÍNIO E O ARREBATAMENTO DE LOL. V STEIN	145
5.9	A ESCRITA DE GOZO NA HISTERIA	152
6	CONCLUSÃO	158
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	163
	ANEXOS	171
	ANEXO A	

1 INTRODUÇÃO

A querela da pós-verdade presente atualmente em nossa cultura nos poderia fazer crer que qualquer ficção serve para apreender algo do real. Será verdade? Em todo caso, de qual real se trataria, então, uma vez que sua ligação com a verdade se dissipa? Sob esse fundo, convocamos o discurso analítico para que se faça presente no real que veicula. Qual foi o real que se depreendeu do movimento inaugural freudiano? De que maneira isso se manifesta? A aposta desta tese é de que seja pela letra, ainda que esta tenha diferentes perspectivas. Vejamos como.

Antes de partirmos para a resposta freudiana, vamos lembrar que estamos hoje imersos no século XXI, o que - como nos lembra Clotilde Leguil (2019) em “L’inconscient encore sa vérité, son réel” - está referido ao triunfo de uma época que não tolera o não-todo dizer ou a língua cifrada do inconsciente. O que se expressa, dentre outros lugares, através dos modos de funcionamento algorítmico das redes sociais, onde qualquer clique se reverte em informação para alimentar um perfil, cada vez mais próximo das qualidades de consumo de um indivíduo, em prol dos interesses do mercado. Essa particularização que advém da contabilização do comportamento gera a construção de perfis, aliados a informações obtidas pelas redes sociais, lugar de onde o sujeito se relaciona com os outros de mesmos gostos, o que acarreta uma nova modalidade de laço, não obstante uma inevitável segregação nas “bolhas de afinidade”.

Posto isto, destaca-se um apagamento do sujeito do inconsciente, termo este que Lacan fez conceito na sua releitura do inconsciente freudiano, delimitando sua diferença para com o eu do indivíduo, construído hoje também pelo Outro das redes sociais e do mercado. Mas o drama do inconsciente não é só que ele seja ameaçado pelo Outro do mercado ou das redes sociais, mas que dele mesmo se depreende, segundo Leguil, um ponto que nos interessa: a cisão agora reencontrada da verdade e do real inerente a própria experiência analítica. Como Jacques-Alain Miller mencionou, a partir do que nos lembra Leguil (2019), “o drama” no ensino de Lacan está na cisão da verdade e do real (LEGUIL, 2019, p. 5).

Na época dita da pós-verdade, se entende que a nível global está a presença de um espírito de relativismo e ceticismo, onde há uma dúvida da possibilidade mesma do encontro de uma verdade (idem). De certa maneira, o termo “pós-verdade” introduz, segundo Leguil, uma dimensão temporal, pois nesse sentido a “*post-truth era*” quer dizer que a era da verdade

ficou para trás. Ou seja, que o “depois” não é mais um “para além” ou um “depois da verdade”, mas uma desvalorização da verdade em si (LEGUIL, 2019).

Colocada em xeque pelas novas modalidades de laço social, como o mencionado das redes sociais, a referência a verdade não é mais autoridade. Afinal, na era da pós-verdade, a verdade oscila, se esvazia e perde sua força. Toda verdade tem sempre um efeito outro daquilo que se pretende originalmente, e as *fakes news* permitem, por sua natureza que não se prestarem ao equívoco, para que possam agir de uma maneira bem mais eficaz nas redes do que as ditas verdades: a verdade jurídica, a verdade histórica, a verdade científica. Como afirma Leguil: “A relação com a verdade se basearia com relação a uma relação com o Outro e a um saber que teria sido destruído com a globalização e as novas formas de laços sociais”¹ (LEGUIL, 2019, p. 41).

Segundo a autora, isto testemunha um dismantelamento da confiança nas instituições e nas informações oficiais, além de corresponder a um enfraquecimento na confiança no Outro ou em qualquer figura que possa encarnar um saber, cedendo lugar a um regime de relação com o saber referente ao da “ditadura da transparência” e “tirania da expertise” (LEGUIL, 2019, PÁGINA). Isto nos remete a hipótese de Lacan de que há uma crise no que se poderia chamar de crença na palavra do Outro, ou seja, uma crise na existência de um sujeito suposto saber. Pois a expertise não é um sujeito e a transparência por si só também abole o sujeito do inconsciente. Logo, a crise não concerne somente ao Outro, mas também ao sujeito do inconsciente.

A era da pós-verdade é, portanto, uma era de abolição do sujeito e a dominância de uma comunicação de massa torna a palavra singular mais e mais precarizada. Quando tudo deve ser dito e mostrado, não há mais nem verdade, nem sujeito. Afirmaria Leguil: “Ali onde um oceano de comentários vem a recobrir o acontecimento, a palavra e o escrito perdem seu poder de dizer o real.”² (idem.) Isto é, ali onde qualquer coisa se pode falar ou se pode recobrir de conteúdo o acontecimento, a palavra e o escrito perdem seu poder de veicular algo do real.

Porém, mais do que a verdade, o que conta hoje em dia é a velocidade na produção de conteúdo, informação e a aceleração de suas disseminações nas redes. Sendo assim, o que resta à psicanálise na contemporaneidade interrogar, a partir da questão colocada por Leguil é:

¹ No original : “Le rapport à la vérité reposerait sur un rapport à l’Autre et au savoir qui aurait volé en éclats avec la globalisation et les nouvelles formes du lien social”.

² No original : Là où l’océan de commentaires vient recouvrir l’événement, la parole et l’écrit perdent de leur pouvoir de dire le réel

mas se a transparência é a exigência mestra, ela própria nos é suficiente para dar a chave da verdade de todos e sobre todos?

Assim sendo, como nos indica Leguil, se a nossa época entende o sujeito entre a exigência de transparência e a quantificação do ser, com o número de likes por exemplo, Lacan, por sua vez, nos ensinou que o sentido da verdade não é a transparência e mostrou em que medida a tecnologia pode anular a relação com a palavra. A referência é de 1946: “Teremos então passado do domínio da causalidade metafísica, do qual se pode zombar, para o da técnica científica, que não se presta a risos.” (LACAN, 1946, p. 193).

A chegada da era técnico-científica não nos levaria a estarmos hoje sob essa égide? Se hoje a verdade e o real aparecem disjuntos, como nos demonstra Leguil, diferentemente de uma época em que a verdade e o real andavam juntos, qual seria então o estatuto dado ao real hoje, se a verdade não é mais o lugar de onde ele pode se dizer ou se simbolizar? Ou ainda, de que real se fala em psicanálise? Um real que está referido à uma realidade percebida, a uma realidade vivida, uma realidade fantasiada, psíquica ou um real que não se percebe, mas que pode se conceber, logificar, inscrever de alguma maneira?

Muito antes da era da pós-verdade, essas questões já se faziam presentes no campo da psicanálise, onde se colocava, como veremos com Freud, a dimensão daquilo que produz efeitos de verdade no sujeito sob a forma do inconsciente, cujos alcances e limites Freud buscará explorar na experiência da análise. Veremos, a partir de agora, como Freud responde com o advento do inconsciente, nesse primeiro momento, ao lugar dado à verdade enquanto verdade a ser decifrada, em sua dimensão de letra. A dimensão de letra ao longo da tese vai se transmutar em diferentes acepções, cada vez menos ligada necessariamente a uma verdade a ser decifrada.

Freud sabia em *A interpretação dos sonhos* (1900) que tinha realizado uma grande descoberta sobre o homem: o sonho como a via real para o inconsciente, equivalente ao caminho menos impedido e mais direto de sua realização. Ainda que costumemos esquecer o aparelho do significante, apesar dos lembretes de Freud, ele sublinha que o sonho tem a estrutura de um “rébus” e figura como o primeiro modelo da formação dos sintomas. O sintoma é metáfora, assim como o sonho é metáfora do desejo inconsciente. Nisto já vemos que a relação do homem com a linguagem é o que está no cerne do mal-estar que se precipita sobre ele.

Freud se encontrou na sua prática médica com os imbróglios oriundos dessa relação ao se deparar com distúrbios neuróticos causados pela dominação e organização dos mecanismos de linguagem no sujeito, ainda que este não tivesse o conhecimento disto. Aí está o relevo da

obra freudiana, a originalidade de Freud que desconserta qualquer sentimento de si. Para compreender o efeito de sua obra é preciso recorrer ao literal. É este o “sal” da descoberta freudiana e da prática analítica. De que alteridade se trata quando isso fala no indivíduo para além dele mesmo? Tudo se depreende daí.

Sendo assim, partimos da intenção de investigar, tendo a clínica da neurose como pano de fundo, a operação realizada na experiência analítica que permita ao sujeito aceder ao que dele, ele mesmo encontra-se separado. A introdução da dimensão do inconsciente esteve ligada em um primeiro momento ao “retorno a Freud” no ensino de Lacan, que deu ênfase ao campo da palavra como o lugar de realização da verdade do sujeito. Isso fazia parte do seu movimento de “reconquista do campo freudiano” para o resgate do caráter de originalidade introduzido pela invenção do inconsciente por Freud.

Esse movimento elevou o campo da fala à dignidade de articular o que era da ordem do inconsciente, que não deveria ser buscado em nenhum tipo de profundidade ou terrenos extra-verbais. Pelo contrário, o que interessava a uma análise, o objeto da psicanálise, se articulava na superfície mesmo da estrutura do discurso. Esse primeiro movimento de Lacan, teve a marca da retomada dos textos princeps e fundamentais de Freud à luz das referências linguísticas e antropológicas da sua época.

Desse primeiro momento, se destacou para nós a seguinte questão: da estrutura da linguagem, como isolar o que é inerente a dimensão pulsional em jogo? A dimensão daquilo que na prática não cessa com a interpretação pelas formações do inconsciente, mas que persiste e não cede? Para buscar responder a essas perguntas, entendemos que a letra em sua diferença para com o significante, tem um alcance que comparece em diversos aspectos diferentes na experiência analítica. E que por isso, esse conceito que muitas vezes se confunde com o de significante, talvez pudesse servir como uma modalidade de leitura que permitisse incluir algo da dimensão pulsional em jogo.

A dimensão da letra se faz presente nas suas diferentes acepções ao longo do ensino de Lacan, tanto como letra reduzida a um traço, barra do recalque, como letra suporte do significante, e posteriormente letra de gozo. Ao lado da pulsão que atua sempre constante sob suas variadas formas, Freud designou o “desejo indestrutível” que empurra o inconsciente a sua produção, além de determinar os sintomas, bem como se apresenta na resposta inexistente do sujeito frente ao enigma do desejo do Outro, determinando o seu lugar na fantasia.

Lacan, do “retorno à Freud” até o seu último ensino, concedeu primazia a letra, passando pela defesa de nos atermos ao literal daquilo que se apresenta como o “desejo ao pé da letra”, isto é, a letra na sua primazia do significante. Disso ele chegará até a redução

escritural dos *matemas*, incluído nele a escrita da fantasia, o que nos apresenta a letra no seu aspecto para além da veiculação de uma significação ou de um puro sem sentido, na sua face de objeto *a*. O objeto *a* foi inventado por Lacan para dar lugar ao que não se articula através a lógica do significante e exige por isso outra aproximação.

A pesquisa, portanto, buscou resgatar essas diferentes acepções da letra, deixando-nos guiar pelo que se apresentasse como questão ao final de cada capítulo e servisse de motivo para relançar o desejo para uma resposta no próximo. Por esse motivo a articulação dos Capítulos entre si seguem um desenvolvimento de raciocínio lógico e não necessariamente cronológico. A leitura do conceito de letra em Lacan, assim, foi realizada em alguns dos textos considerados mais centrais de sua obra desde o “retorno a Freud” - ao lado dos textos de referência do próprio Freud - passando por aqueles onde, posteriormente, a dimensão do objeto *a* passou a se fazer presente. Foi o que se depreendeu dessa leitura, que nos ajudou a realizar as aproximações e diferenciações necessárias.

Partimos da premissa de Lacan – baseado em Freud – de que a linguagem é a condição para o inconsciente freudiano e que por isso ele tem caráter de escrita e é estruturado como uma linguagem. Nessa estrutura da linguagem organizada pela lógica do recalque presente no Capítulo 2, o desejo inconsciente se articula. As várias formas como o desejo inconsciente se articula através das formações do inconsciente fazem parte dos mecanismos primários e secundários, este último responsável pela condensação e o deslocamento, que operam distorções com o objetivo de enganar a censura. Nesse momento, o conceito de sujeito lacaniano homólogo ao desejo inconsciente advém como efeito do campo do Outro do significante e o que se articulará do sujeito vai necessariamente passar pelos significantes do Outro.

Em seguida, veremos no Capítulo 3 a substituição gradual do binário da metáfora e metonímia, pelo da alienação e separação. Substituição cujas consequências serão necessárias extrair a partir do que se depreende dessa relação do sujeito com o Outro. O circuito pulsional passará a ser incluído a partir da resposta pulsional do sujeito ao Outro, não mais do significante, mas ao Outro do desejo. Veremos no Capítulo 3 que a pulsão se produz inclusive em torno de objetos da linguagem e não se reduz ao instinto biológico, o que delimita um campo e um circuito próprio.

Nesse caminho, com o surgimento do objeto a consequência das operações de alienação e separação manifesta a concepção da letra litoral de gozo, onde a letra deixa de ser o suporte do significante para ser litoral de gozo. Aquilo que vai desenhar um lugar para o

gozo fora da significação ao longo dessas diferentes concepções é o que nos ajudará a traçar uma diferença entre significante e letra.

A hipótese da tese é de que há algo do gozo sem sentido que pode se inscrever para além do ganho de significação que possa obter. Traçaremos então no Capítulo 4 um litoral entre o lugar da carta/letra como veículo de mensagem e o seu lugar como dimensão material de objeto, que pode ser adulterada, manuseada e jogada fora, assim como se presta a encarnar em seu conteúdo nunca revelado, o gozo da Rainha em jogo. Gozo que resta como aquilo que nada pode dar sentido. Seguindo por essa linha vamos perseguir a ideia de litoral traçada por Lacan em *Lituraterra* e lembrar sua leitura do caso freudiano onde se situa a diferença entre rememoração e reminiscência.

Por fim, no quinto e último capítulo, vamos destacar na retomada do caso Dora de Freud (1905) e sua leitura por Lacan (1951), a leitura pela via da decifração dos sintomas, que, no entanto, não exclui a leitura do litoral de gozo na formação dos sintomas que se manifestam no corpo. Litoral de gozo que se faz presente também pelo lugar que o corpo de mulher da Sra. K encarna do enigma da feminilidade para Dora. O que também está ao lado do lugar que o corpo da personagem Tatiana ocupa no *Le ravisement de Lol. V Stein*, de Marguerite Duras. Ali, a escritura por meio da invenção de Duras concede lugar ao indizível dessa feminilidade para Lol. através da circunscrição da imagem corporal de uma outra.

Para concluirmos a Introdução, a relevância desse estudo recai sobre o fato de que nessa retomada da centralidade da letra nas suas diferentes versões ao longo da obra de Lacan, buscamos fazer valer a premissa de Lacan que se baseia na experiência analítica de que não há metalinguagem na psicanálise. Ou seja, não há Outro do Outro, e por essa razão diante do declínio do Outro suposto saber é que podemos responder com o que há da letra e o que dela se apreende, ou ganha massa de existência, a partir do que dela se lê e do que dela faz corpo de escrita.

*O privilégio dado à **letra** de Freud nada tem de supersticioso em nós (Lacan, J. 1966, p. 366)[grifos nossos]*

2 O DESEJO INCONSCIENTE AO PÉ DA LETRA

2.1 INTRODUÇÃO

A prática analítica não é, propriamente dita, uma escrita. Ainda assim, segundo Attié, algo se escreve para o sujeito que fala em análise (ATTIÉ, 2005, p.3). Algo da dimensão do que Freud chama de “desejo” [*Wunsch*] inconsciente ganha lugar na fala do sujeito, e o fato de que só o faça a partir da estrutura da linguagem é o que nesse *Capítulo 2* vamos buscar demonstrar. O “desejo” diz respeito à “singularidade” do sujeito, como referiria Lacan (1953-54) no *Seminário I*. “Singularidade” que Freud persegue, ali onde o analisante se encontra com o que não é reconhecido à nível do eu, e que ele deve “reconstituir” no processo analítico (LACAN, 1954, p. 22).

Lacan (1958c), em *A direção do tratamento e os princípios do seu poder*, faz referência à palavra “desejo” [*Wunsch*] usada por Freud (1900) em *A interpretação dos sonhos*: “O desejo, não as tendências. Pois é preciso ler a *Traumdeutung* para saber o que quer dizer o que Freud chama ali de desejo” (LACAN, 1958c, p. 626). O que está em relação à referência que Lacan faz de sua tradução para o inglês em *Wish*, que o reduz à dimensão da cobiça de bens materiais. Diferente disso, o “desejo” que nos fala Freud, deve ser retido na seguinte acepção: “é que esse desejo se articula num discurso muito ardiloso.” (LACAN, 1958c, p. 626).

O desvio de um “desejo” pautado por uma vontade consciente o leva mais longe na sua “excentricidade”, de tal forma que “um sonho de punição pode, em sua opinião [de Freud] significar o desejo daquilo que a punição reprime” (LACAN, 1958c, p.626). Freud, segundo nos lembra Lacan, foi forçado por seu objeto a seguir pela via dos “circunlóquios espirituosos” em busca das “metáforas” (FREUD, 1899 apud MASSON, 1986). Desse movimento, o que será aqui importante é perceber as consequências que Freud vai dar ao que se articula do “desejo” nas formações do inconsciente e que se satisfaz em ser reconhecido³.

³ Lacan se refere nos seguintes termos, no *Seminário 6*, à satisfação do desejo inconsciente: “Gostaria de pôr esse sujeito numa espécie de parêntese. O sujeito não sabemos o quê, e o sujeito do *Wunsch* do sonho, a questão é saber quem ele é. Quando alguns dizem *O eu*, se enganam, Freud certamente afirmou o contrário. E se dizemos *É o inconsciente*, isso não diz nada. Portanto, quando digo ***O sujeito do Wunsch se satisfaz***, ponho esse sujeito entre parênteses. Tudo o que Freud nos diz é que ***é um Wunsch que se satisfaz. Ele se satisfaz com quê? Eu diria: ele se satisfaz com ser [il se satisfait de l'être]***. Entendam, ***com ser, satisfeito***. É tudo o que podemos dizer, já que o sonho não traz consigo nenhuma outra satisfação além da satisfação no nível do *Wunsch*, ou seja, uma satisfação verbal, por assim dizer.” (LACAN, 1958-59, p. 56) [grifos nossos]

Nessa direção, Lacan (1958c) vai lembrar o sonho da bela açougueira para exemplificar o que quer dizer tomar “o desejo ao pé da letra” (LACAN, 1958c, p. 626). No sonho dessa histórica há algo que se satisfaz por um deslocamento, precisamente pela alusão ao desejo de uma outra, Freud o lê como desejo de ter um desejo insatisfeito, um desejo de desejo, que poderá ser lido pela via do significante, onde o desejo de salmão defumado da amiga vem a substituir o desejo de caviar da própria paciente, constituindo a substituição de um significante por outro (LACAN, 1958c, p. 627).

Ao pé da letra, pela via do significante, temos o seguinte título de Lacan (1957b): *A instância da letra ou a razão desde Freud*, que nos remonta ao que é inerente à *instância da letra* no inconsciente. Como nos sublinham Jean-Luc Nancy e Philippe Lacoue-Labarthe (1991), o que se mostra através da palavra “instância” é tanto o seu significado de autoridade, quanto o seu significado do lado do “automatismo de repetição” freudiano: o de perseverar, insistir, “o reportar indefinido do sentido que está no princípio do automatismo de repetição” (NANCY; LACOUÉ-LABARTHE, 1991, p. 32).

A instância da letra ou a razão desde Freud (1957b), nesse sentido, tem a ver com o que se mantém em suspenso do sentido, mas que sustenta o reportar indefinido do sentido na “cadeia significante”. Já a segunda parte do título, “*ou a razão desde Freud*”, faz referência à seguinte ideia no surgimento do advento do inconsciente concebido por Freud: “após Freud, desde a intervenção de uma certa ruptura ou um certo corte operado com Freud, a razão não é mais, doravante, o que antes podia-se reparar sob tal palavra, mas é, no inconsciente, a instância (ou insistência) da letra” (LACAN, 1957b, p. 33). O que evidencia que a causa do inconsciente é a letra como aquilo que se passa *no e pelo* inconsciente (LACAN, 1957b).

Destarte, a retomada de Lacan à Freud, com a invenção do inconsciente freudiano, resgata a dimensão daquilo que *se realiza* à revelia do indivíduo, sob a forma particular de um “tropeço, rachadura ou desfalecimento” (LACAN, 1964, p. 32). Nesses fenômenos, segundo Lacan, Freud busca o inconsciente naquilo que se produz no espaço de um lapso (LACAN, 1964). Esse algo de “não nascido”, insubstancial, e que manca, é consequência da ação do recalque: “Que o recalque derrame ali alguma coisa, isto não é de se estranhar. É a relação da fazedora de anjos com o limbo.” (LACAN, 1964, p.30).

O que *se realiza* o faz através das formações do inconsciente; não *se realiza*, pois, plenamente, mas sim parcialmente, na medida em que busca vencer a censura do recalque. É

o que nos diz Freud, da seguinte maneira, a respeito dos sonhos: “Quanto mais rigorosa a censura, mais amplo será o disfarce e mais engenhoso também será o meio empregado para pôr o leitor no rastro do verdadeiro sentido” (FREUD, 1900, p. 158).

Sendo assim, o sonho, segundo Freud, se produz mediante a ação de duas forças psíquicas: “uma dessas forças constrói o desejo que é expresso pelo sonho, enquanto a outra exerce uma censura sobre esse desejo onírico e, pelo emprego dessa censura, acarreta forçosamente uma distorção na expressão do desejo” (FREUD, 1900, p.159).

Esse processo é o que caracteriza o “trabalho do sonho”, operação a qual se dá entre os “pensamentos oníricos latentes” e o “conteúdo manifesto dos sonhos”, que Freud chama de “transcrição” ou “tradução” dos conteúdos latentes em manifestos ou desejo inconsciente em conteúdo manifesto: “Estamos, portanto, diante de uma nova tarefa [...] a tarefa de investigar as relações entre o conteúdo manifesto dos sonhos e os pensamentos oníricos latentes, e de desvendar os processos pelos quais estes últimos se transformaram naquele.” (FREUD, 1900, p. 270).

Porém, o que aqui vamos ressaltar é que, para apreender o que se “realiza” do inconsciente, ou toda essa “tradução” entre essas duas dimensões psíquicas, deve-se lê-lo “ao pé da letra” (LACAN, 1958c, p. 626). É o que buscaremos demonstrar com Freud (1900), em *A interpretação dos sonhos*. Partindo da premissa de que as formações do inconsciente sempre foram abordadas por Freud como fenômenos de linguagem e só existem a partir da estrutura da linguagem, vamos desenvolver a seguinte indagação no horizonte deste *Capítulo*: como, e a partir do quê, isso se articula?

Para responder a essa pergunta, vamos começar pela “barra” do recalque, a “barra” por onde transpassam as formações do inconsciente, que buscam enganar a inibição que o recalque impõe, para realizar o desejo inconsciente pela via régia dos sonhos. À fim de se liberar do desprazer ocasionado pelo recalque, o desejo reprimido ou “insuportável” continua a existir no inconsciente, segundo Freud, à espreita da oportunidade para se revelar. O que se realiza através da formação de um substituto do reprimido, disfarçado e irreconhecível (FREUD, 1909, p. 27).

2.2 A ESCRITA DA BARRA

Vamos, neste *item*, nos remeter à “escrita” que Lacan (1972-73) se refere no *Seminário 20*, na sua redução máxima: do traço, da barra. Aquela que se encontra, como se

referem Jean-Luc Nancy e Philippe Lacoue-Labarthe⁴, na “borda” da significação (NANCY; LACOUE-LABARTHE, 1991, p. 70). A “barra” também se encontra mencionada por Lacan (1957b), em *A instância da letra ou a razão desde Freud*⁵, onde Lacan a utiliza através da inversão do signo linguístico de Saussure: “árvore”. O exemplo da “árvore” como veremos, na inversão de Lacan vai figurar na fração, ao contrário do original de Saussure, fazendo o significante preponderar sobre o significado e o significante “árvore” vai figurar também através do anagrama como “barra”.

Esse exemplo da “árvore”, como vamos ver, inicialmente faz parte do exemplo de signo linguístico que Lacan toma emprestado de Ferdinand de Saussure, e que, com efeito, reconhece que “ele merece ser atribuído à Ferdinand de Saussure, embora não se reduza estritamente a essa forma em nenhum dos numerosos esquemas [...] sob o título *Curso de linguística geral*” (LACAN, 1957b, p. 500). O algoritmo do signo de Saussure é o seguinte:

$$\frac{S}{s}$$

O que se lê da seguinte maneira: S grande sobre o s pequeno, ou seja, o significante sobre o significado, correspondendo o “sobre” à barra que separa as duas etapas (LACAN, 1957b). Em cima do significado (s), o significante (S). Lacan nos diz: “A temática dessa ciência, por conseguinte, está efetivamente presa à posição primordial do significante e do significado, como ordens distintas e inicialmente separadas por uma barreira resistente à significação” (LACAN, 1957b, p.500).

A “barreira resistente à significação” é o elemento que Lacan dará ênfase na sua leitura de Saussure, o que implicará em algumas derivações no entendimento do signo de Saussure para a formulação do algoritmo lacaniano. Um desses pontos elencados por Jean-Luc Nancy e Philippe Lacoue-Labarthe (1991) são em resumo: o desaparecimento de um paralelismo entre os termos inscritos de um e outro lado da barra; o desaparecimento da

⁵ Vamos usar, aqui, parte dos valiosos desenvolvimentos de Jean-Luc Nancy e Philippe Lacoue-Labarthe em “O título da letra” (1991), extraídos da leitura de “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1957) de Lacan. Ainda que contenha do meio do livro para o final uma severa crítica à Lacan, o próprio não deixou de citar essa obra. E, apesar de apontar as “piores intenções” dirigidas à ele, Lacan também rendeu elogios no que se refere ao lugar de leitores que ocuparam os autores: “Posso dizer de certo modo que, se se trata de ler, eu não fui jamais tão bem lido — com tanto amor assim [...] Digamos então que é um modelo de boa leitura, a ponto de eu poder dizer que lamento não ter jamais obtido, daqueles que me são próximos, nada que seja equivalente.” (LACAN, 1972-73, p. 71).

unidade estrutural do signo; por fim, o acento colocado por Lacan na barra que separa S de s. (NANCY; LACOUE-LABARTHE, 1991, p. 43).

Em suma, “a separação dessas duas ordens por uma barreira resistente à significação subverte de parte a parte a concepção saussuriana do signo” (NANCY; LACOUE-LABARTHE, 1991, p.44). O que caminha contrário à ideia de Saussure de uma indissociabilidade do signo, como o rosto e o verso de uma mesma folha. Ali onde a reciprocidade dos dois termos separados pela barra é o ponto inicial de Saussure, Lacan os dissociará, introduzindo com a “barreira resistente” uma “resistência”. O que se resume em dizer que a produção da própria significação jamais será evidente (NANCY; LACOUE-LABARTHE, 1991).

A ideia de “autonomia” do significante de Saussure, expresso pelo deslocamento do significante, portanto, segundo Nancy e Labarthe, não ocorrerá de maneira primordial, mas será secundária, pois ela dependerá da própria resistência: “O que é primordial (e fundador) é, de fato, a barra.” (NANCY; LACOUE-LABARTHE, 1991, p. 44). O que é relativo ao “corte” no signo de Saussure, por meio de onde se instaura a “ciência da letra”. A “ciência da letra”, segundo Nancy e Labarthe (1991), “destroem” a linguística, ainda que se apoie sobre o seu elemento fundador. Esta destruição, “eis o que tornará possível um estudo exato das ligações próprias do significante e da amplitude da função destas na gênese do significado.” (NANCY; LACOUE-LABARTHE, 1991, p. 44). Lacan realiza, então, uma ruptura introduzida no pensamento do signo, se separando da filosofia do signo e da linguística. No que tange à problemática do signo com relação ao arbitrário, onde Saussure entender que a relação entre a letra e o som que ela designa é arbitrária, Lacan, na sequência do que citamos, afirma:

[...] essa distinção primordial vai muito além do debate relativo à arbitrariedade do signo, tal como foi elaborado desde a reflexão na Antiguidade [...] Essas considerações, por mais existentes que sejam para o filósofo, desviam-nos do lugar de onde a linguagem nos interroga sobre sua natureza (LACAN, 1957b, p. 500).

O que quer dizer que, segundo Lacan, temos sobre o arbitrário um falso debate, um debate em vão, uma vez que a questão nos leva a um fechamento de todas as respostas que poderiam advir daí: “desviam-nos do lugar de onde a linguagem nos interroga sobre sua natureza” (LACAN, 1957b, p. 500). De acordo com Nancy e Labarthe, não é aqui o arbitrário do signo que é questionado, mas sim uma maneira de se colocar a questão do arbitrário; ou, mais exatamente, o tratamento da linguagem, parafraseando Nancy e Labarthe, que se impõe por uma certa posição do arbitrário (NANCY; LACOUE-LABARTHE, 1991, p. 45).

O que levaria ao seguinte:

[...] fracassaremos em sustentar sua questão enquanto não nos tivermos livrado da ilusão de que o significante atende à função de representar o significado, ou, melhor dizendo: de que o significante tem que responder por sua existência a título de uma significação qualquer. (LACAN, 1957b, p. 501)

Nas palavras de Nancy e Labarthe, o “mal” todo estaria no fato de ter-se pensado a linguagem em relação à coisa, o que estaria implícito numa espécie de conceituação nominalista (NANCY; LACOUE-LABARTHE, 1991, p. 45). A linguagem, segundo Lacan, não deve, pois, ser pensada a partir do signo. E, por esse motivo, há uma desconstrução por Lacan do signo linguístico de Saussure, que aqui apenas indicamos, para melhor reconstruir uma relação entre o significante e o significado. A “perversão” do sistema do signo, segundo Nancy e Labarthe, instalado pelo corte produzido pela “barra resistente”, faz com que ocorra uma ênfase que recai sobre o significante: “aquele de um significante sem significação” (NANCY; LACOUE-LABARTHE, 1991, p. 47).

É então que vamos nos referir ao esquema da “árvore” de Saussure usado por Lacan (1957b) na *Instância da letra*⁶:



Figura 1. (LANCAN, 1957b, p. 502)

Lacan, segundo Nancy e Labarthe, o reproduz suprimindo as flechas que teriam no sentido vertical, tanto para cima quanto para baixo. Mas ele mesmo diz que o reproduz de forma incorreta (LACAN, 1957b, p. 502), e que poderíamos o ler tendo o significante “árvore” no andar de cima e, abaixo da barra, a coisa representada, como o equivalente à sua significação. Na sequência Lacan se opõe à Saussure, a partir do esquema do algoritmo, como veremos abaixo, quase como uma espécie de “duplicata paródica do esquema saussuriano” (NANCY; LACOUE-LABARTHE, 1991, p. 48).

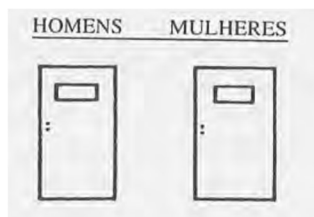


Figura 2. (LANCAN, 1957b, p. 502)

⁶ Passaremos a usar uma maneira abreviada de referência a esse escrito.

Em que consiste essa diferença?

[...] se vê que, sem estender muito o alcance do significante implicado na experiência, ou seja, apenas duplicando a espécie nominal, pela simples justaposição de dois termos cujo sentido complementar parece ter que ser consolidado por ela, produz-se a surpresa de uma inesperada precipitação do sentido, na imagem de duas portas gêmeas que simbolizam, com o reservado oferecido ao homem ocidental para satisfazer suas necessidades naturais fora de casa, o imperativo que ele parece compartilhar com a grande maioria das comunidades primitivas, e que submete sua vida pública às leis da segregação urinária [...] (LANCAN, 1957b, p. 503).

Para entender o deslocamento que opera Lacan com o desenho dessa última figura, em resposta ao signo de Saussure, vamos seguir a decomposição que faz Nancy e Labarthe. Então, temos num primeiro momento, ao invés de um significante “árvore”, dois significantes “Homens” e “Damas”, o que implica na “introdução de uma dualidade no significante, isto é, de uma diferença”. Ou seja, em oposição ao esquema de Saussure, que poderia ser pensado como “complementário”, o de “Homens” e “Damas”, instaura uma diferença (NANCY; LACOUÉ-LABARTHE, 1991, p. 49).

Um segundo ponto seria que no lugar do significado esperado, onde se deveriam ter as silhuetas femininas e masculinas, encontra-se a “figura” de duas portas iguais, o que sugere que a diferença entre os significantes não aponta em cada um uma diferença de conteúdo. Essa manobra deflagra que: “no lugar do significado, e apagando-o, introduziu-se uma outra função” (NANCY; LACOUÉ-LABARTHE, 1991, p. 49). No lugar do que corresponderia ao sentido de cada significante diferente, aparece duas portas iguais, uma igualdade e não diferença. Fato, este, que se associa ao seguinte comentário de Lacan:

Na imagem de duas portas gêmeas que simbolizam, com o reservado oferecido ao homem ocidental para satisfazer suas necessidades naturais fora de casa, o imperativo que ele parece compartilhar com a grande maioria das comunidades primitivas, e que submete sua vida pública às leis da segregação urinária (LANCAN, 1957b, p. 503).

No lugar do significado, portanto, se introduz “*a simbolização de uma lei*”, que é uma lei de segregação urinária sexual que Lacan faz referência como sendo universal e comparável ao que seriam as “leis” da cultura. Por meio desta lei, é que o significante instaura a diferença dos lugares sexuais e a própria possibilidade de localização (NANCY; LACOUÉ-LABARTHE, 1991, p. 49).

Por último, segundo a decomposição de Nancy e Labarthe, temos a passagem do significante nessa simbolização, que equivale ao processo através do qual é gerada a significação, tanto no que diz respeito à “precipitação de sentido”, onde Lacan indica que o sentido rola pelo significante e vai depressa demais, quanto naquilo que do significante curta-circuita o significado (NANCY; LACOUÉ-LABARTHE, 1991).

“Isso não é apenas para desconcertar com um golpe baixo o debate nominalista, mas para mostrar como o significante de fato entra no significado, ou seja, de uma forma que, embora não seja imaterial, coloca a questão do seu lugar na realidade.” (LACAN, 1957b, p. 503). O que se entende da seguinte maneira, segundo Nancy e Labarthe, é que Lacan afirma aqui que a ideia não é suprimir toda a questão da referência, quanto ao que determina a posição do significado, mas substituir essa referência por um “acesso” ou “entrada” do significante ao significado, o que confirmaria a “tríplice determinação [do significado]: materialidade/localização/simbolização [do significante]” (NANCY; LACOUE-LABARTHE, 1991, p. 50).

Logo, como vemos, a torção que Lacan efetua no signo de Saussure introduz a dimensão do significante como pura marca ou letra, que para produzir efeito de significação se associa na cadeia de significante, mas que em si mesmo não possui uma essência ou sentido. Lacan não abandona os elementos que a teoria de Saussure introduz, o significante e o significado, mas faz um uso próprio deles a partir da relação do significante com a falta e não com uma essência ou substância. Lacan (1960d) afirma este aspecto em *Subversão do sujeito e dialética do desejo* da seguinte maneira:

Ora, estando a bateria dos significantes, tal como é, por isso mesmo completa, esse significante só pode ser um traço que se traça por seu círculo, sem poder ser incluído nele. Simbolizável pela inerência de um (-1) no conjunto dos significantes. Como tal ele é impronunciável, porém não sua operação [...] (LACAN, 1960d, p. 833).

Temos, então, o “impronunciável” do (-1) que simboliza o significante, ainda que a sua operação e seus efeitos, este sim se possam dizer. É na bateria significante que o significante vai produzir seus efeitos a partir do que representa de (-1).

Na demonstração de Lacan da sua inversão da “árvore” de Saussure, cujo anagrama é a “barra”, vamos sublinhar agora a escritura dessa “barra” no momento que aparece no *Seminário 20*, no Capítulo sobre *A função do escrito*. Ali, Lacan ressalta a função da letra como efeito do que ocorre no interior do discurso analítico ligado à escrita matemática que dá suporte à teoria lacaniana com seus *matemas*. A escrita do *matema* pode ser pensada como a escrita em sua redução máxima, reduzida a um número ou fórmula matemática sem sentido em si mesma, mas que por isso, segundo Lacan, pode transmitir o impossível, ou algo do caráter da não relação sexual, que é intransmissível.

Passando para a importância dessa modalidade de escrita do traço ou marca, Bassols (2011) nos lembra que atingir essa escrita mínima sempre esteve no horizonte do ideal de Lacan que buscava evitar os equívocos inerentes ao significante. Na citação usada por Bassols em *Meu ensino* (1967), Lacan afirma:

O ideal é justamente levar as coisas tão longe, meu Deus, quanto comecei a levá-las. Levei as literárias até o último termo, a saber, o que se consegue fazer hoje da linguagem quando se quer evitar os equívocos, isto é, reduzi-la ao **literal**, às letrinhas da álgebra (LACAN, 1967, p. 32) [grifos nossos].

O que demonstra uma intenção de Lacan de chegar ao literal da escrita, ao mesmo tempo que será também seu ponto de partida, não só de chegada. É como ponto de partida que propusemos dar ênfase a escrita da “barra”, assunto que veremos a seguir no *item 2.3* também ligado ao recalque. No *Seminário 20*, Lacan afirma que a “barra” tem seu suporte na escrita, e que ela escreve paradoxalmente o que não pode se escrever da não relação sexual (LACAN, 1972-73, p. 32). Segundo Lacan: “ela [a barra] só tem suporte na escrita, no que a relação sexual não pode se escrever” (LACAN, 1972-73, p. 40).

A “barra” escreve o que não pode se escrever e por isso é o ponto onde “em qualquer uso da língua se dá a oportunidade de que se produza o escrito” (LACAN, 1972-73, p. 40). Ou seja, como se a condição para que se produza o escrito seja essa primeira escrita impossível (LACAN, 1972-73, p. 65). A “barra” compreende uma escrita no interior do discurso analítico, onde Lacan também escreverá as *letras a* referentes ao objeto e **A** ao grande Outro. Cada uma dessas duas letras corresponde à um lugar, e os dois são elementos que compõe a fórmula da fantasia, elementos que um *em* relação com o outro, definem o “discurso analítico” (LACAN, 1972-73, p. 33).

Das letras, o que Lacan vai tratar de explicar é qual é a função dessas letras no discurso analítico⁷ (LACAN, 1972-73, p. 34). A especificidade nesse momento da *letra* no interior do discurso analítico é a seguinte: “A escrita não é de modo algum do mesmo registro, da mesma cepa, se vocês me permitem esta expressão, que o significante.” (LACAN, 1972-73, p.35). Como já havíamos indicado acima, temos uma diferença no campo da letra e no da “barra”, para com o do significante, diferença que nos fez, por ora, delimitar com Saussure a definição de significante a partir da promoção da “barra”, mas que será ao longo da tese explorada.

E o lugar dessa letra no interior do discurso está como causa do que se produz nele: “Trata-se de saber o que, num discurso, se produz por efeito da escrita.” (LACAN, 1972-73, p. 39) é o que Lacan busca responder nesse “Capítulo III” do *Seminário 20*. Para isso, Lacan afirma que a escrita da letra *s*, que marca o lugar do significado, assim como o **S** de significante, conotam o lugar de cada um em determinado discurso, como vimos. E que: “Cada um em seu lugar, isto só funciona dentro do discurso” (LACAN, 1972-73, p. 39). Entre

⁷ Indicamos aqui para maior desenvolvimento do assunto, a escrita dos quatro discurso desenhados por Lacan no *Seminário 17: O avesso da psicanálise* (1969-70).

os dois, podemos acrescentar que se escreve a “barra”. Quanto a “barra”, Lacan afirma que ela só tem suporte na escrita e não é para ser compreendida, mas é próxima da “negação”, ainda que refira que a “negação” não é possível de ser reunida sob um mesmo conceito (LACAN, 1972-73, p. 40).

Mas ela é essencial: “Se não houvesse essa barra, com efeito, nada poderia ser explicado, da linguagem, pela linguística”, e ainda: “A barra é precisamente o ponto onde, em qualquer uso da língua, se dá a oportunidade de que se produza o escrito.” (LACAN, 1972-73, p. 40). “Tudo que é escrito parte do fato de que será para sempre impossível escrever como tal a relação sexual.” (LACAN, 1972-73, p. 40).

Ou seja, é através desse impossível de escrever, ou “impronunciável”, que se escreve. A partir desse impossível o inconsciente escreve: “nada, dos efeitos do inconsciente, tem suporte senão graças a essa barra” (LACAN, 1972-73, p. 40). A seguir, veremos o que se escreve em *A interpretação dos sonhos* (1900) na escrita dos sonhos com Freud e retomaremos a *A instância da letra ou a razão desde Freud* (1957) de Lacan, mas antes, vamos derivar da questão da “barra” o que nos remete à sua relação com o recalque.

2.3 O PREFIXO MARCA DO RECALQUE

Diante, portanto, da “barra” do recalque, simbolizada por Lacan na *Instância da Letra* com o algoritmo do significante sobre o significado, produto da inversão do signo saussuriano, temos o que resiste a ela, e que, por isso, força para ultrapassá-la, realizando, dessa maneira, algumas transposições. Nesse movimento, há uma forçagem que busca ultrapassar a barra da censura de cima para baixo, ainda que de baixo para cima, no sentido inverso, sofra mesma força do recalque. Nesse caso, veremos como aquilo que ultrapassa a barra do recalque, não o faz sem carregar consigo sua marca (NANCY; LACOUÉ-LABARTHE, 1991, p. 71).

Gilson Iannini e Pedro Heliodoro (2019), em “Freud e o Infamiliar”, nos introduz ao problema de tradução que a palavra em alemão “Unheimliche”, que dá título ao texto de Freud, comporta. A palavra chamada por Freud de “palavra-conceito” é ao mesmo tempo o título de um texto, mas também está ligada ao que causa angústia e horror. O nome de um sentimento aterrorizante, que tem em seu núcleo comum, no interior do angustiante, algo de “Unheimliche” (FREUD, 1919, p. 28; IANNINI; HELIODORO, 2019, p. 6).

Segundo Iannini e Heliodoro (2019), a escolha dessa palavra por Freud é delimitada pelo núcleo específico inerente ao próprio “Unheimliche”. “Freud pretende justamente cingir o real que ela recorta” (IANNINI; HELIODORO, 2019, p. 6). Para fazê-lo, ele mobiliza

várias referências, passando pela estética, e pela literatura fantástica, ali onde inclui-se o conto de Hoffman, “O homem de areia”. Mas, sem perder de vista o que interessa ao psicanalista, Freud, segundo Iannini (2019), se apropria de uma palavra de uso comum no alemão, “Unheimliche”, para emprestar-lhe um estatuto conceitual e já não mais devolvê-la à linguagem como antes.

A palavra “Unheimliche”, como exemplifica Iannini (2019), ganhou inúmeras traduções diferentes e dissonantes nas mais variadas línguas. No português, tem-se o “O estranho”, “O inquietante”, ou “O estranho-familiar”. Porém, a palavra traz nela a seguinte particularidade, o prefixo “Un” expressa uma negação do vocábulo “Heimliche”, que na língua alemã quer dizer “familiar”, ao mesmo tempo em que pode dizer o contrário também, sem que precise ser negada para isso, uma vez que a própria palavra “Heimliche” já contém em si essa ambiguidade do sentido (IANNINI; HELIODORO, 2019, p. 6)

“O unheimlich é uma negação que se sobrepõe ao heimlich apreendido tanto positiva quanto negativamente: é, portanto, uma reduplicação dessa negação, que acentua seu caráter angustiante e assustador.” (IANNINI; HELIODORO, 2019, p. 7). Ou seja, aqui Iannini explica que o prefixo de negação (Un) em alemão reforça um outro aspecto do familiar, da significação já ambígua da palavra “Heimliche” (familiar).

Melhor dizendo, o prefixo que funciona como negação não se reduz a apenas a delimitar o contrário do “Heimliche”, **posto** que a própria palavra sozinha já contém em si seu oposto, mas reforçar uma negação. Por esse motivo, Iannini e os tradutores dessa mais nova edição de tradução de 2019 vão defender, ao lado de outras possibilidades, o termo “o infamiliar”.

Em contraponto ao caráter de externo, ou alheio, que “O estranho”, “O inquietante” ou “Estranho-familiar” veiculam, pois situam o que nos inquieta como oriundo do que é externo ou “estranho” a nós mesmos, porém, como nos lembra Iannini (2019) Freud explica que é de dentro, ou do interior de nós mesmos, do que é mais familiar em nós, que advém o estranho (FREUD, 1919). Onde aquilo que é mais familiar e íntimo também pode conservar um valor de secreto e desconhecido e, por isso, de “estranho”.

Portanto, toda a análise de Freud se centra no caráter ambivalente, ou antitético, que carrega a palavra “Heimliche” (familiar), que já traz em si, de dentro do familiar, o que é estranho, mas que com o vocábulo “Un” vem a reforçar esse “outro” sentido contido no interior do familiar. “Toda a análise de Freud apoia-se no caráter ambivalente da palavra negada pelo prefixo Un-, que reduplica a ambivalência, mas que a conserva e evoca ao mesmo tempo.” (IANNINI; HELIODORO, 2019, p. 7).

Iannini (2019) nos lembra uma frase de Marguerite Duras que expressa muito bem essa ideia: “É numa casa que a gente se sente só. Não do lado de fora, mas dentro.” (IANNINI, 2019, p.7). Tendo esclarecido essa intenção do vocábulo em questão, “Unheimliche”, o que queremos chamar a atenção é para o prefixo “Un”, que Iannini retoma ter sido afirmado por Freud como a “marca do recalque”, ou o cerne da divisão psíquica.

Segundo as palavras de Freud (1919): “O infamiliar é, então, também nesse caso, o que uma vez foi doméstico, o que há muito é familiar. Mas o prefixo de negação “in-” [Un-] nessa palavra é a **marca do recalque**.” (FREUD, 1919, p.39) [grifos nossos] O prefixo é a marca do paradoxo do vocábulo “Heimliche”, que não pode aparecer senão com a condição de que seja negado, assim como uma formação do inconsciente.

Em “Sobre o sentido antitético das palavras primitivas” (1909) Freud confirma, a partir do trabalho de pesquisador da linguagem realizado por Abel, fundamentos para a tese de que a negação não opera no inconsciente. Em *A interpretação dos sonhos* (1900) Freud já havia afirmado que o sonho não conhece nem a contradição, nem a negação. Vão chamar a atenção de Freud as palavras que expressam um par de oposição, ao invés de servirem a um significado polarizado.

Por isso, Freud reconhece na partícula “Un” não somente uma negativa, mas o índice do recalque. O raciocínio que fundamenta essa afirmação é o que está em seu artigo de 1925 “A negativa”, onde Freud escreve:

Negar algo em um julgamento é, no fundo, dizer: ‘Isto é algo que eu preferia reprimir.’ Um juízo negativo é o substituto intelectual da repressão; ou **seu ‘não’ é a marca distintiva da repressão, um certificado de origem - tal como, digamos, ‘Made in Germany’** [fabricado na Alemanha]. Com o auxílio do símbolo da negativa, o pensar se liberta das restrições da repressão e se enriquece com material indispensável ao seu funcionamento correto (FREUD, 1925a, p. 296) [grifos nossos].

A partícula “Un” funciona como uma negação, mas, sendo assim, deflagra a origem do que traz com ela, dá a ver que o que ela apresenta sob essa negação vem de alhures, não podia aparecer ali, mas ainda assim se apresenta com a condição de que venha com o selo negativo.

O “Made in Germany” representa bem essa ideia, onde um juízo negativo expresso pela partícula de negação substitui o conteúdo intelectual que seria recalque e só pode transpassar a barra do recalque com a condição de que carregue essa marca da negativa. Nesse sentido, Freud, como nos lembra Jean Hyppolite (LACAN, 1954b) em seu “Comentário de Jean Hyppolite sobre a ‘Verneinung’”, deixa claro que: “A negativa constitui um modo de tomar conhecimento do que está reprimido; com efeito, já é uma suspensão [*Aufhebung*] da repressão, embora não, naturalmente, uma aceitação do que está reprimido” (FREUD, 1925a,

p. 296). Ou seja, não há uma aceitação do recalcado, mas sim uma espécie de *Aufhebung*⁸, segundo Jean Hyppolite: “num modo de apresentar o que se é à maneira do não ser” (LACAN, 1954b p. 895).

Portanto, é como se “o recalque subsiste quanto ao essencial sob a forma da não aceitação” (LACAN, 1954b p. 895). Ainda que o conteúdo negado seja depois, em análise, aceito pelo analisante, ocorrendo “a negação da negação”, há ainda algo do recalque que subsiste como não aceitação, que envolve algo do *pathos*.

Aqui se aponta para essa ideia conhecida de Freud, da possibilidade do intelectual se dissociar do afetivo, mas o que confere à denegação uma função para além do que a afirmação através de uma negação de conteúdo recalcado: “É preciso ver na denegação [negativa] uma atitude concreta na origem do símbolo explícito da negação, símbolo explícito este que é o único a possibilitar o que quer que seja como utilização do inconsciente, enquanto mantém o recalque” (LACAN, 1954b, p. 901) Ou seja, um envolvimento da negativa na origem do símbolo da negação constitutivo do inconsciente.

Esse desdobramento da função da negativa, Jean Hyppolite desenvolve a partir do vestígio deixado por Freud, na gênese de tudo aquilo que é precedente no nível primário, o que está ligado, por conseguinte a origem do juízo de atribuição e de existência e do próprio pensamento a partir da negativa (LACAN, 1954b, p. 902). O vestígio da gênese aponta para as relações da *Bejahung* [afirmação] com a negativa [*Verneinung*], que atuam como forças de unificação e expulsão dos primeiros estímulos sensoriais, através da relação da percepção e da representação formada, que estão inclusive na origem da formação do eu (LACAN, 1954b)

Para exemplificar essa ideia Jean Hyppolite nos colocaria a seguinte afirmação:

Eis o resumo: não se encontra em análise nenhum ‘não’ vindo do inconsciente, mas o reconhecimento do inconsciente, pelo lado do eu, mostra que o eu é sempre desconhecimento; mesmo no conhecimento, sempre encontramos do lado do eu, numa formula negativa, a **marca** da possibilidade de deter o inconsciente, ao mesmo tempo recusando-o (LACAN, 1954b, 902) [grifos nossos].

Para terminarmos essa seção, uma interessante observação com que nos brinda Iannini, e nos reevia à “palavra-conceito” “Unheimliche”, é a lembrança de que Freud tem em sua genialidade inegavelmente a capacidade de identificar na língua cotidiana acessível a todos, do alemão em seu caso, algo que é difícil de acessar normalmente, não por falta de algum conhecimento intelectual, mas por causa de conflitos psíquicos ali enredados. Sendo assim, a “marca do recalque” expressa pelo “Un” em “Unheimliche” é uma espécie de

⁸ Palavra em alemão que retoma Jean Hyppolite em sua apresentação da “*Vernuinung*” de Freud, e que significa ao mesmo tempo “negar”, “suprimir”, “conservar”, mas também “suspender” (LACAN, 1954a, p. 895).

“traço” ou “marca” que sinaliza a origem daquele material, que o material veio, por exemplo, do inconsciente.

2.4 A INSTÂNCIA DA *LETRA* NO INCONSCIENTE: A PRIMAZIA DO SIGNIFICANTE NA ESTRUTURA DA LINGUAGEM

Até aqui, portanto, vimos a *letra* “marca do recalque”, mas também a *letra* reduzida ao seu puro traço representado pela “barra” do recalque, que reproduz a ideia de uma “barreira” que gera recalque e repressão ao inconsciente. Porém, agora, seguindo em *A instância da letra*, além da dimensão da “barra” que sublinhamos desse escrito, a *letra* ali também parece ser o material que serve de apoio ao significante, a partir de onde vão predominar os efeitos de significação, vejamos como. Para começar, Lacan situa seu escrito *A instância da letra* entre a fala e a escrita, e faz referência, na razão desde Freud, constitutiva do inconsciente, à *letra* (LACAN, 1957b, p. 496). De que *letra* do inconsciente Lacan aqui se refere?

“Mas essa **letra** [do inconsciente], como se há de tomá-la aqui? Muito simplesmente: ao pé da **letra**. Designamos por **letra** este suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem.” (LACAN, 1957b, p. 498) [grifos nossos]. Do discurso se veicula aqui a estrutura da linguagem, entendida como aquilo que “preexiste à entrada de cada sujeito num momento de seu desenvolvimento mental” (LACAN, 1957b, p.498), e ainda: “o sujeito, se pode parecer servo da linguagem, o é ainda mais de um discurso em cujo movimento universal seu lugar está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio.” (LACAN, 1957b, p. 498)

Nessas citações, vemos, então, que se a letra é o suporte do discurso e da estrutura da linguagem, ali é também o lugar de onde o sujeito vai surgir, e o lugar que antecede o sujeito, do qual ele se encontra ligado, antes mesmo de seu nascimento. O uso da “estrutura” por Lacan (1961) é esclarecido em *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache*, onde Lacan afirma realizar um emprego da “estrutura” pautado no de Claude Lévi-Strauss e mais adiante: “Pois, é ou não, o estruturalismo aquilo que nos permite situar nossa experiência como o campo em que isso fala?” (LACAN, 1961a, p. 654).

A estrutura seria uma espécie de “máquina original” que põe em cena o sujeito e que já se encontra lá antes que ele exista: “Um pólo de atributos, eis o que é o sujeito antes de seu nascimento [...] De atributos, isto é, de significantes mais ou menos ligados num discurso” (LACAN, 1961a, p. 659). É o que levará Lacan a formular, nessa época, que o “inconsciente é

o discurso do Outro”⁹ (LACAN, 1961a). Frase que transmite a ideia de que há uma estrutura prévia existente da linguagem que vai *sobredeterminar* o sujeito sem que ele o saiba, ou tenha consciência disso, mas que será condição da sua existência.

Nesse momento em Lacan, o conceito de “sujeito”, termo que também vamos retomar no *Capítulo 3*, é referido ao “sujeito” como aquele que está assujeitado aos significantes do campo do Outro. O sujeito, em última instância, como aquele que se encontra ali preocupado no campo do Outro como escravo, em alusão à referência do senhor/escravo de Hegel, usada por Lacan (1960d) em *Subversão do sujeito e dialética do desejo*: “O Outro, como sítio prévio do puro sujeito do significante, ocupa a posição mestra, de dominação, antes mesmo de ter acesso à existência, para dizê-lo com Hegel e contra ele, como absoluto Senhor/Mestre.” (LACAN, 1960d, p. 821).

É desse campo do Outro, correlato ao “muro da linguagem”, formador do sujeito, mas do qual ele se encontra apartado à nível da consciência e do eu, que o sujeito terá notícias através do que nele se articula, para além do seu consentimento, sob a forma das formações do inconsciente. Porém, as formações do inconsciente estão pautadas em certos mecanismos descritos por Freud em *A interpretação dos sonhos* (1900), e lidos, em parte, assim por Lacan: “O inconsciente, a partir de Freud, é uma cadeia de significantes que em algum lugar (numa outra cena, escreve ele) se repete e insiste, para interferir nos cortes que lhes oferece o discurso” (LACAN, 1960d, p. 813).

Sendo assim, é pela estrutura da linguagem que o inconsciente revela sua organização: “os mecanismos descritos por Freud como sendo os do processo primário, onde o inconsciente encontra seu regime [...] toma por determinantes das vertentes mais radicais dos efeitos da linguagem, quais sejam a metáfora e a metonímia” (LACAN, 1960d, p. 814). Lacan afirma ver ali, nessa leitura dos “processos primários” descritos por Freud do funcionamento inconsciente, “reconhecida a estrutura da linguagem no inconsciente” (LACAN, 1960d, p. 814).

O que, dentre outros lugares, aparece em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957): “Nosso título [‘O sentido da letra’] deixa claro que, para além

⁹ O conceito de Outro com letra maiúscula, ao longo do ensino de Lacan, ganha diferentes estatutos. Porém, nesse momento, nos referimos ao Outro como estrutura da linguagem, introduzido, a partir do *Seminário 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-55), em sua diferença para com o outro grafado com letra minúscula, equivalente ao outro do semelhante: “a fala se fundamenta na existência do Outro, o verdadeiro, a linguagem [...] Em outros termos, a linguagem serve tanto para nos fundamentar no Outro como para nos impedir radicalmente de entendê-lo” (LACAN, 1954-55, p. 308). Está também aqui presente a ideia do Outro como “lugar do tesouro do significante”, o que se encontra, dentre outros lugares, em *Subversão do sujeito e dialética do desejo* (LACAN, 1960d, p. 820).

dessa fala, é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente” (LACAN, 1957b, p. 498).

E, para reforçar a ideia dos sonhos organizados como uma estrutura gramatical, Lacan afirma:

(...) retomemos a obra de Freud *Traumdeutung*, para ali nos lembrarmos que o sonho tem a estrutura de uma frase, ou melhor, atendo-nos à sua letra, de um rébus, isto é, de uma escrita na qual o sonho da criança representaria a ideografia primordial, e que reproduz no adulto o emprego fonético e simbólico, simultaneamente, dos elementos significantes que tanto encontramos nos hieróglifos do antigo Egito quanto nos caracteres cujo uso a China conserva (LACAN, 1953b, p. 268).

Em alguns dos sonhos que vamos reler de *A interpretação dos sonhos* (1900) de Freud, vamos ter a oportunidade, logo do próximo *item 2.5*, de conferir esse aspecto escritural dos sonhos. Porém, é importante ressaltar que para a decifração dessas formações, Freud postulou como “regra” que se deve ficar atento ao seguinte ponto: “Sem dúvida, postulou como regra que é sempre preciso **buscar nele a expressão de um desejo**” (LACAN, 1953b, p. 269) [grifos nossos]. O que também foi dito em mais detalhes da seguinte maneira:

É na versão do texto que o importante começa, o importante que Freud nos diz ser dado na elaboração do sonho, isto é, em sua retórica. Elipse e pleonismo, hipérbato ou silepse, regressão, repetição, aposição, são esses os deslocamentos sintáticos, e metáfora, catacrese, antonomásia, alegoria, metonímia e sinédoque, as condensações semânticas em que **Freud nos ensina a ler as intenções ostentatórias** ou demonstrativas, dissimuladoras ou persuasivas, retaliadoras ou sedutoras **com que o sujeito modula seu discurso onírico** (LACAN, 1953b, p. 269) [grifos nossos].

Vemos nas várias formas linguísticas que se apresentam os sonhos, a ideia de buscar ler ali como se articulará o desejo inconsciente, a partir de todos esses disfarces, alegorias, condensações e deslocamentos. O que dá notícias, como já afirmamos, de um funcionamento da estrutura da linguagem *no* inconsciente (LACAN, J. 1957b, p. 498). Logo, retomando, a cláusula primeira da obra de Freud, segundo Lacan, o que abre a via régia para o inconsciente é ler as cenas oníricas em seu caráter de escrita; “o sonho é um rébus”, que deve ser entendido, como estamos aqui postulando, “ao pé da letra” (LACAN, 1957b).

Segundo Lacan:

Freud encontra meios de se orientar, nessa escrita, por certos empregos do significante que se apagaram na nossa, como o emprego determinativo, acrescentando o expoente de uma figura categórica à figuração literal de um termo verbal, mas para melhor nos remeter ao fato de que estamos numa escrita em que até o pretenso ‘ideograma’ é uma letra (LACAN, 1957b, p. 514).

Tudo ganha valor de escrita, como bem veremos nas interpretações de Freud a seguir; as cenas oníricas e ideogramas, como em uma espécie de *Entstellung* [transposição] onde se dá a passagem da imagem à letra. A “transposição” nesse caso, segundo Lacan, figura em

Freud como “a pré-condição geral da função do sonho” (LACAN, 1957b, p. 514). Onde no inconsciente, o trabalho não pára nunca, sempre há “transposição”, e as transformações linguísticas são regidas por leis como as da metáfora, condensação e metonímia, deslocamento. São os deslizamentos constantes do significado sob o significante (LACAN, 1957b).

A promoção dessa forma de leitura por Lacan é o esforço contrário para que não prevaleça em um psicanalista “o preconceito de um simbolismo”, determinados por um sentido prévio exterior ao significante, que faz Lacan evocar os princípios de uma técnica “cujas vias, fora da visada do inconsciente, nada pode justificar” (LACAN, 1957b, p. 514). Sendo assim, é preciso compreender, segundo Lacan, que o movimento realizado por Freud é o de decifrar o inconsciente à moda de Champollion, através do seu deciframento dos hieróglifos de uma língua perdida.

A fala aqui é vista assim como o sonho, como um elemento de encenação como os demais:

O fato de o sonho dispor da fala não modifica nada, visto que, para o inconsciente, ela é apenas um elemento de encenação como os demais. É justamente quando o jogo e também o sonho esbarrem na falta de material taxêmico para representar as articulações lógicas da causalidade, da contradição, da hipótese, etc, que eles darão provas de ser, um e outro, uma questão de escrita e não de pantomima (LACAN, 1957b, p. 515).

Aqui se trata, portanto, da leitura ter como objeto a escrita, que por sua vez traduz uma representação visual, os gestos, por exemplo. O que poderia ocorrer na encenação de uma peça de teatro, sempre com a ideia de que isso se possa transpor em palavras e ser entendido ao “pé da letra”. A prevalência, portanto, do significante em suas mais variadas facetas será uma importante bússola para Lacan nesse momento, inclusive para demonstrar a prevalência do significante na constituição do sujeito. Prevalência que aparece a partir da demonstração realizada pelo exemplo dos banheiros gêmeos de “Homens” e “Mulheres”, já explorada no *item 2.2*, onde temos a primazia do significante nas determinações de significação, e não ao contrário, como dava a entender o signo de Saussure.

O que serve “para mostrar como o significante de fato entra no significado, ou seja, de uma forma que, embora não seja imaterial, coloca a questão de seu lugar na realidade.” (LACAN, 1957b, p. 503). Além de refutar a ideia de que a função do significante se reduz a representar um significado, como é demonstrado por um interessante exemplo fenomênico na psicose, citado por Lacan a seguir, onde vemos como o significante toma a dianteira e literalmente vai à frente do significado. O exemplo fenomênico trata dos fenômenos de interrupção de frases na psicose, como os tão presentes no caso de Schreber:

[...] **o significante, por sua natureza, sempre se antecipa ao sentido**, desdobrando como que adiante dele sua dimensão. É o que se vê, no nível da frase, quando ela é interrompida antes do termo significativo: Eu nunca..., A verdade é que..., Talvez também.... Nem por isso ela deixa de fazer sentido, e um sentido ainda mais opressivo na medida em que se basta ao se fazer esperar (LACAN, 1957b, p. 505). [grifos nossos]

Nessa esteira, Lacan comenta, em *A instância da letra*, sua dedicação expressa no *Seminário 3* aos “pontos de basta”, que se fazem necessários para esses significantes soltos que ficam sem o ponto final da frase, e a importância disso: “para explicar a dominância da letra na transformação dramática que o diálogo pode operar no sujeito” (LACAN, 1957b, p. 506). Com o objetivo de conseguir fundamentar a ideia do papel estruturante do significante na subjetividade e a ideia de que o significante não precisa estar necessariamente ligado à uma significação qualquer para que se faça essencial, segue a seguinte citação:

[...] fracassaremos em sustentar sua questão enquanto não nos tivermos livrado da ilusão de que o significante atende à função de representar o significado, ou, melhor dizendo: **de que o significante tem que responder por sua existência a título de uma significação qualquer.**” (LACAN, 1957b, p. 501) [grifos nossos]

Ao mesmo tempo, esse movimento também nos levaria a produzir um “positivismo lógico”, onde o *meaning of the meaning*, o sentido do sentido, se torna o objetivo da língua. Só resistiria a essa corrida e ao escape constante do sentido, os “algoritmos matemáticos”, os quais “não tem sentido nenhum” e que poderiam funcionar, nesse caso, como verdadeiros “pontos de basta”, como dissemos com relação às psicoses (LACAN, 1957b, p. 501).

Um deslizamento incessante, que Lacan vai relacionar ao funcionamento metonímico da linguagem e apontar que: “é na cadeia do significante que **o sentido insiste**, mas que **nenhum dos elementos da cadeia consiste** na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento.” (LACAN, 1957b, p. 506) [grifos nossos].

O sentido não consiste em nenhum elemento da cadeia, pois sempre escapa e a letra funciona como o seu pivô, que serve sempre de matéria para as articulações significantes, mas também de bússola e âncora. Vejamos a seguinte afirmação de Lacan: “[...] na *Ciência dos sonhos*, trata-se apenas, em todas as páginas, daquilo a que chamamos **a letra no discurso**, em sua textura, seus empregos e **sua imanência na matéria em causa.**” (LACAN, 1957b, p. 513) [grifos nossos].

Sendo assim, a partir dessa perspectiva, vimos que algo “insiste” na cadeia significante, ainda que o que insista não se faça consistir em nenhum significante, mas se articule em termos significantes no inconsciente ou, nos termos de Freud, se realize como “desejo inconsciente” nos sonhos. É disso que Freud vai atrás. E, vejamos com o que se depara.

2.5 TRANSPOSIÇÕES¹⁰ DA BARRA: O SONHO É A REALIZAÇÃO DE UM DESEJO

Vamos agora retomar um pouco das ideias que já colocamos anteriormente, mas através da leitura de Freud. Veremos como ele chegará na metodologia de leitura que valoriza o que se articula no inconsciente; naquilo que insiste, mas que não se deixa totalmente agarrar; que escapa e será pescado a partir da estrutura da língua. Ou, dito de outra forma, o que insiste e vai se realizar sob a forma da articulação do desejo inconsciente na cadeia significante. Nas palavras de Freud: “o sonho é uma realização (disfarçada) de um desejo (suprimido ou recalcado)” (FREUD, 1900, p. 172).

Mas, para começar, vamos lembrar que Freud (1900) vai afirmar, logo no seu início de *A interpretação dos sonhos*, que, à diferença da literatura científica sobre os sonhos de sua época, ele valorizava o anímico, e promove centralidade ao psíquico, elevando-o à dignidade de causa na etiologia onírica. “Interpretar”, para Freud, “implica atribuir a ele [ao sonho] um sentido” e Freud supõe que por mais absurdo e desordenado que seja o sonho, ele tem um sentido oculto (FREUD, 1900, p. 119). Sentido que carrega a ideia de ser uma realização de um desejo inconsciente. É o que o levará a afirmar de maneira universal: “Todo sonho é a realização de um desejo (FREUD, 1900, p. 141).

Freud constata nas suas análises de inúmeros sonhos dos pacientes que escuta, que em todos eles o sonho cumpre uma função em comum, o sonho parece sempre buscar “realizar”, através do conteúdo manifesto dos sonhos, o que se encontra recalcado e não acessível à consciência. Essa suposição freudiana é inaugural do inconsciente e vai na contramão de entender que as produções oníricas sejam dispersas, reflexo somático das atividades cerebrais. Nesse sentido, Freud afirma:

Se adotarmos o método de interpretação de sonhos que aqui indiquei, verificaremos que os sonhos têm mesmo um sentido e estão longe de constituir a expressão de uma atividade fragmentária do cérebro, como têm alegado as autoridades. *Quando o trabalho de interpretação se conclui, percebemos que o sonho é a realização de um desejo.* (FREUD, 1900, p.140) [grifos do autor].

Não se trata, portanto, de uma expressão fragmentária do cérebro e sem sentido. O método de interpretação se baseia na suposição de atribuir aos sonhos um sentido enigmático, como veremos no próximo *item 2.6*, a partir da ideia de que o sonho é um rébus. E, para que

¹⁰ Esse subtítulo contém a ideia da *Enstellung* de Freud sublinhada por Lacan: “A *Enstellung*, traduzida por transposição, onde Freud mostra a precondição geral da função do sonho, é o que designamos anteriormente com Saussure, como o deslizamento do significado sob o significante, sempre em ação (inconsciente, note-se) no discurso” (LACAN, 1957b, p. 514).

Freud possa ler na sua “análise” o que se diz por trás do que se mostra, opera uma espécie de decomposição em partes do conteúdo manifesto. Ele não o interpreta a partir de um sentido gestáltico. Freud realiza no seu método a seguinte operação, conforme suas palavras:

Nosso primeiro passo no emprego desse método nos ensina que o que devemos tomar como objeto de nossa atenção **não é o sonho como um todo, mas partes separadas de seu conteúdo**. Quando digo ao paciente ainda novato: ‘Que é que lhe ocorre em relação a esse sonho?’, seu horizonte mental costuma transformar-se num vazio. No entanto, se colocar diante dele o sonho fracionado, ele me dará uma série de associações para cada fração que poderiam ser descritas como os **‘pensamentos de fundo’** dessa **parte** específica do sonho (FREUD, 1900, p. 125) [grifos nossos]

O conteúdo do sonho lido pelos seus fragmentos servirá de material para que ocorram as séries de associações a partir daí que por sua vez dizem respeito sempre a um “pensamento de fundo” e se abrem para múltiplos sentidos. Portanto, “interpretar” significaria supor-lhe um outro sentido por detrás, ou seja: “isto é, substituí-lo por algo que se ajuste à cadeia de nossos atos mentais como um elo dotado de validade e importância iguais ao restante.” (FREUD, 1900, p. 119). À título de confirmação, segue a seguinte nota de James Strachey:

Convém lembrar que esse título, *Die Traumdeutung*, não expressa propriamente a ideia de uma **‘interpretação’ (fechada, final ou única)** dos sonhos, mas **a de uma busca do sentido dos sonhos para cada sujeito ao sonhar**, como produções psíquicas que eram um efeito desse sentido.” (FREUD, 1900, p. 119) [grifos nossos]

A interpretação, portanto, tem como método, a busca de sentido, a partir da articulação do que se expressa pelas formações oníricas do desejo inconsciente. O “desejo inconsciente”¹¹ ou “conteúdo latente”, ou “pensamento do sonho”, como consta na tradução da *Standard Edition*, são termos equivalentes que dizem respeito ao “sentido” oculto daquilo que busca se apresentar de forma manifesta dos sonhos. Mas, o realiza de uma maneira paradoxal: ao mesmo tempo em que se encontra recalcado e não acessível à consciência, vai aparecer mesmo assim, porém tendo sofrido uma transposição. Sua aparição se dará sob “outra forma”, disfarçada, por meio do qual aquilo vai se “realizar”, mas através de um disfarce (FREUD, 1900, p. 270).

A inspiração dos sonhos viria daí, desse desejo inconsciente que quer se realizar de maneira manifesta. O que carregaria, na sua origem, uma atividade mental extremamente complexa, pois, segundo Freud, o sonho se utilizaria, para atingir tal finalidade, das concatenações de ações anímicas da vida de vigília. Para se realizar, o conteúdo latente vai usar do material da vida de vigília do sonhador. Freud, se perguntará nesse ponto: de onde vem, entretanto, a forma surpreendente e estranha em que se expressa esse cumprimento de

¹¹ “É minha suposição que um desejo consciente só consegue tornar-se instigador dos sonhos quando logra despertar um desejo inconsciente de mesmo teor e dele obter reforço” (FREUD, 1900, p. 505).

desejo? Por que vias se cumpriu essa deformação? Poderia o sonho nos ensinar algo novo a respeito de nossos processos psíquicos internos?

Para tentar responder a essas perguntas freudianas, vamos retomar a análise de alguns sonhos descritos em *A interpretação dos sonhos* (1900), não sem antes enfatizarmos o caráter de deformação surpreendente, quando ocorre essa passagem dos “pensamentos oníricos latentes” para os “conteúdos manifestos”:

Introduzimos uma nova classe de material psíquico entre o conteúdo manifesto dos sonhos e as conclusões de nossa investigação: a saber, seu **conteúdo latente**, ou (como dizemos) os **‘pensamentos do sonho’**, obtidos por meio de nosso método. **É desses pensamentos do sonho, e não do conteúdo manifesto de um sonho, que depreendemos seu sentido** [...] Estamos, portanto, diante de uma nova tarefa [...] a tarefa de investigar as relações entre o conteúdo manifesto dos sonhos e os pensamentos oníricos latentes, e de desvendar os processos pelos quais estes últimos se transformaram naquele (FREUD, 1900, p. 270) [grifos nossos].

Ou seja, essa operação se cumpre através da articulação entre esses dois níveis psíquicos, onde o “conteúdo latente”, ou “desejo inconsciente”, é o que parece ser o “sentido” por trás do conteúdo manifesto dos sonhos. Mas, o que importa é a articulação de um com o outro. Freud o afirma, quando diz: “o conteúdo do sonho é como uma transcrição dos pensamentos oníricos em **outro modo** de expressão” (FREUD, 1900 apud LECLAIRE, 2007, p. 25) [grifos nossos]. Haveria, portanto, através de “outro modo” de expressão, uma tradução da passagem dos pensamentos inconscientes para a sua forma manifesta, onde o sentido oculto, como vimos com Lacan, se articula entre esses dois níveis.

Além da operação de transposição, onde um elemento pode tomar o lugar do outro, haveria um outro mecanismo, chamado por Freud de “deslocamento” em decorrência da distância que se impõe entre o centro do sonho manifesto e o conteúdo latente. Com isso, o trabalho do sonho de “tradução” desapropria qualquer leitura temática que se pudesse fazer do sonho com a intenção de relacionar a interpretação aos pensamentos inconscientes, através do qual se dá as associações múltiplas, que podem até conduzir a um elemento totalmente indiferente ao sonho manifesto (FREUD, 1900, p. 270).

Para ilustrar a multiplicidade de direções ou de vias que a interpretação do pensamento inconsciente poderia levar, temos a metáfora usada por Freud da obra do tecelão, uma verdadeira “fábrica de pensamentos”:

[...] um só pedal mil fios move,
Nas lançadeiras que vão e vêm,
Urdem-se os fios despercebidos,
E a trama infinda vai indo além
(FREUD, 1900, p. 275).

Para cada um dos elementos manifestos dos sonhos, Freud afirma haver uma “sobredeterminação”, que conduz aos múltiplos pensamentos latentes. Enquanto o “sobredeterminado” se liga à multiplicidade das cadeias associativas, a convergência das cadeias associativas é chamada por Freud de “condensação” e o seu deslizamento “deslocamento”. A explicação de Freud, portanto, seria a seguinte, o trabalho do sonho consiste em um “deslocamento”, cuja condição mecânica, a “condensação”, é evitar a “barra”¹² que representa a resistência da censura (FREUD, 1900).

2.6 O SONHO É UM RÉBUS

Na esteira da “fábrica de pensamentos” inconscientes, “os pensamentos oníricos a que somos levados pela interpretação não podem pela natureza das coisas, ter um fim definido; estão fadados a ramificar-se em todas as direções” (FREUD, 1900, p. 482). O que se trama ali o realiza de forma enigmática, como um “rébus”. “Rébus”, palavra que no dicionário do Google significa “um dispositivo de quebra-cabeça que combina o uso de figuras ilustradas com letras individuais para representar palavras e / ou frases.”

A definição do sonho ser um rébus está próxima a ideia de que além da transposição do material latente em manifesto, também ocorre nessa transposição como parte dos processos de formações dos sonhos, a transposição da imagem onírica para o registro da palavra. O que se ilustra pelo exemplo que Freud concede a partir da ideia de como se deveriam ler as pictografias que aparecem nos sonhos:

Se tentássemos ler esses caracteres segundo seu **valor pictórico**, e não de acordo com sua **relação simbólica**, seríamos claramente induzidos ao erro. Suponhamos que eu tenha diante de mim um quebra-cabeça feito de figuras, **um rébus**. Ele retrata **uma casa com um barco no telhado, uma letra solta do alfabeto, a figura de um homem correndo, com a cabeça misteriosamente desaparecida, e assim por diante**. [...] Obviamente, porém, só podemos fazer um juízo adequado do quebra-cabeças se pusermos de lado essas críticas da composição inteira e de suas partes, e se, em vez disso, tentarmos substituir **cada elemento isolado por uma sílaba ou palavra** que possa ser representada por aquele elemento de um modo ou de outro (FREUD, 1900, p.270) [grifos nossos].

Novamente, aqui, no método de interpretação, vemos a ideia da decomposição em partes, fragmentações em elementos para uma leitura adequada do que se apresenta através de uma imagem da cena onírica. Ou seja, a leitura dos sonhos, implica na transposição de uma das imagens descritas acima, como uma casa com o barco no telhado, uma letra solta do alfabeto, um homem correndo, uma cabeça, etc, que não devem ser entendidas como partes de

¹² Em referência ao que chamamos, anteriormente, a partir da “barra” do signo saussuriano e à “barra” do recalque que o conteúdo latente tem que ultrapassar para se “realizar” de alguma maneira.

um todo. Mas, cada uma dessas peças soltas, devem ser substituídas por uma “sílabas” ou “palavra” (FREUD, 1900).

Exatamente como um “rébus”, onde podemos desenhar um “sol” e depois um “dado” e deduzir na leitura desses dois elementos figurativos a palavra “soldado”, teríamos o seguinte:

As palavras assim compostas já não deixarão de fazer sentido, podendo formar **uma frase poética** de extrema beleza e significado. O sonho é um **quebra-cabeça** pictográfico desse tipo, e nossos antecessores no campo da interpretação dos sonhos cometeram o erro de tratar o **rébus** como uma composição pictórica, e como tal, ela lhes pareceu absurda e sem valor. (FREUD, 1900, p. 271) [grifos nossos].

Esse ofício de decomposição e substituição de cada elemento por um correspondente à nível da letra é parte do trabalho de “decifração” dos sonhos. Trabalho de “decifração”, que envolve substituir o elemento que aparece à primeira vista por um outro, tendo de fundo o “desejo inconsciente”, que é de caráter indestrutível¹³ e que está de forma incansável realizando transposições, como na metáfora da máquina do tecelão que vimos no *item 2.5*.

Segundo Freud:

[...] o trabalho do sonho não consiste em nada além de uma combinação dos três fatores que já mencionei [condensação, deslocamento e representabilidade] [...] que não executa outra função senão a de **traduzir** os pensamentos oníricos de acordo com as [...] condições a que está sujeito (FREUD, 1900, p. 414).

A “fábrica dos sonhos” é um trabalho contínuo de “tradução”, traduzir os pensamentos oníricos em manifestos, com a condição de sofrerem uma deformação para ultrapassar o efeito da censura e transpassar a barreira de resistência, se articulando através dos mecanismos de condensação e deslocamento. Para isso, “os sonhos se servem de quaisquer simbolizações que já estejam presentes no pensamento inconsciente, por se ajustarem melhor aos requisitos da formação do sonho, em virtude de sua representabilidade [...] e por escaparem da censura.” (FREUD, 1900, p. 331).

Novamente, vemos aqui a afirmação de que os sonhos simbolizam qualquer coisa que já esteja a nível inconsciente, com a finalidade de cumprirem o requisito de formação do sonho para escapar à censura. Seguindo, Freud também afirma que o latente e o manifesto são como duas figurações de um mesmo conteúdo, porém, em linguagens diferentes. Há uma transferência dos “desejos inconscientes” para uma outra forma de expressão, como já viemos repetindo, cujas leis e signos devem ser compreendidos através da comparação entre o original e sua tradução (FREUD, 1900).

¹³ “Eles [os desejos inconscientes] partilham esse caráter de **indestrutibilidade** com todos os outros atos anímicos verdadeiramente inconscientes, isto é, que pertencem apenas ao sistema *Ics*.” (FREUD, 1900, p. 505) [grifos nossos]

Sendo assim, depois dessa reafirmação do que já viemos vendo, a partir da ênfase da leitura dos sonhos como um rébus, vamos tentar explorar essa abordagem através de alguns sonhos analisados por Freud, para buscar captar de maneira mais viva como procedeu Freud. Vimos até aqui o caráter de escrita, ou ainda de predominância da estrutura da linguagem, como necessária para articular algo do desejo inconsciente que busca se representar de uma maneira muito particular para escapar da censura.

2.7 O SONHO DAS TRÊS PARCAS¹⁴

Vamos agora retomar o relato de um sonho de Freud, contado por ele mesmo, que denominou: o sonho das três parcas¹⁵. Depois de uma longa jornada de viagem, cansado e faminto, Freud se deita na cama. Enquanto dorme, e se anunciam suas necessidades biológicas, sonha com o seguinte:

Entrei numa cozinha à procura de pudim. Lá havia três mulheres de pé; uma delas era a estalajadeira e revolvía algo na mão, como se estivesse fazendo Knödel [bolinhos de massa]. Ela respondeu que eu devia esperar até que ela estivesse pronta. (Essas não foram palavras claras verbalmente enunciadas.) Fiquei impaciente e saí com um sentimento de ofensa. Vesti um sobretudo. Mas o primeiro que experimentei era longo demais para mim. Tirei-o, bastante surpreso ao verificar que era forrado de pele. O segundo que vesti tinha uma longa tira com um desenho turco gravado. Um estranho de rosto alongado e barbicha pontuda apareceu e tentou impedir-me de vesti-lo, dizendo que era dele. Mostrei-lhe então que era todo bordado com um desenho turco. Ele perguntou: “Que têm os (desenhos, galões...) turcos a ver com o sonho?” Mas, em seguida, ficamos muito amáveis um com o outro. (FREUD, 1900, p. 208).

A análise desse sonho, por Freud, começa por uma associação que se impõe a ele de forma inesperada, se trata da lembrança da leitura de um primeiro romance, que Freud teria lido aos treze anos, mas que havia começado a lê-lo pelo final. O título e o nome do autor do livro, Freud não se lembra, mas sim de como era o seu final. No final desse livro, o herói caía em delírio e invocava os nomes das três mulheres que em sua vida lhe haviam proporcionado a máxima felicidade, assim como também sua máxima desgraça (FREUD, 1900, p. 209).

Pélagie era um desses nomes. E, então, de repente da referência a essas três mulheres, emerge a referência as três parcas, que fiam a desventura da vida dos homens. Freud, associa que uma dessas três mulheres era a anfitriã do sonho, aquela que corresponde à mãe, que

¹⁴ Gostaria de agradecer o que me suscitou a discussão na qual participei como ouvinte, ocorrida no “Seminário clínico” em 11 de março de 2019, na Seção-Rio, Escola Brasileira de Psicanálise, com a apresentação desse sonho de Freud por Márcia Zucchi, sob a coordenação de Ângela Bernardes e Cristina Duba, e as considerações de Marcus André Vieira e Romildo do Rêgo Barros.

¹⁵ Na mitologia grega as moiras ou parcas eram as três irmãs que determinavam o destino tanto dos deuses quanto dos seres humanos. Eram três mulheres lúgubres, responsáveis por fabricar, tecer e cortar o fio da vida dos mortais.

concede a vida e, no caso das lembranças de Freud, dá para aquele que vive, o seu primeiro alimento: “O amor e a fome, refleti, reúnem-se no seio de uma mulher.” (FREUD, 1900, p. 209). Em paralelo a esse pensamento, Freud lembra de uma anedota, onde um jovem, grande venerador da beleza feminina, certa vez, quando a conversa versava sobre a bela ama de leite, haveria exclamado algo como: me pesa não haver aproveitado melhor essa boa ocasião (FREUD, 1900).

Portanto, para a primeira parte do sonho, vemos que a anfitriã da cozinha no sonho se associa à mãe da infância, aquela que nutriu Freud, e por quem ele também, por sua vez, nutriu seu amor conjugado a uma satisfação primordial de uma necessidade biológica, a fome. Mas, a outra cena do sonho, onde essa mãe que Freud associa aparece enrolando almondegas com as mãos, o reenvia a uma outra lembrança, que veremos agora, a seguir. A ocupação com as mãos de uma das parcas, ao fazer um gesto de empalmar umas almondegas, leva Freud à seguinte lembrança infantil:

Quando tinha seis anos de idade e recebi de minha mãe as primeiras lições, esperava-se que eu acreditasse que éramos todos feitos de barro, e portanto, ao barro deveríamos retornar. Isso não me convinha e expressei dúvidas sobre a doutrina. Ao que então minha mãe esfregou as palmas das mãos - exatamente como fazia ao preparar bolinhos de massa, só que não havia massa entre elas - e me mostrou as escamas enegrecidas de epidermis produzidas pela fricção como prova de que éramos feitos de barro. Meu assombro ante essa demonstração visual não teve limites, e aceitei a crença que posteriormente iria ouvir expressa nas palavras: “Du bist der natur einen Tod schuldig.” «Deves à Natureza uma morte». (FREUD, 1900, p. 209).

Nesse momento, nos antecipa Moustapha Safouan (1987) que haveria mil e uma maneiras de como se poderia abordar a dívida da vida, mas como uma das três parcas, se chama *pelágie*, será sobre o aspecto do plágio que essa dívida será abordada (SAFOUAN, 1987, p. 174). A partir de *pelágie*, surgem inúmeras associações, com outros apontamentos que formam uma intrincada teia de palavras que se associam a partir dessas recordações, associações e relato do sonho.

E, assim, vemos na análise desse sonho inúmeros fios que vão se desenvolvendo a partir da cadeia associativa de palavras que se desfiam. Outra lembrança que adveio à Freud, por meio dessa ideia de que ele devia uma vida à natureza, é a partir da palavra *pele*, a *epidermis* que se soltam das mãos de sua mãe na cena infantil, Freud a associa a um de seus professores universitários, a quem deve seus conhecimentos histológicos (*epidermis*), e que, por sua vez, não se esqueceria que ele se chamava *Knöll* (que significa almôndega). Se tratava de uma figura, inclusive, contra quem ele encampou uma querela jurídica por acusá-lo de *plágio* aos seus escritos.

Por sua vez, o plágio que seria o feito de tomar de alguém algo que não lhe pertence, nos remete à segunda parte do sonho, na qual Freud é tratado como ladrão de abrigos, ao ser interpelado pelo senhor de barba malfeita. A palavra plágio, segundo Freud, serve de “palavra ponte” para ligar diversos fragmentos do conteúdo do sonho, dentre eles a cadeia associativa: “pélagie-plagio-plagióstomos” (SAFOUAN, 1987, p. 211).

O nome *Knöll* (almôndega), que lembra algo comestível, se associa por assonância com *Fleisch* (carne) e com a dolorosa cena em que as escamas de *epidermis* desempenharam um papel (a mãe hospedeira). Ademais, dessa associação também deriva a palavra *Knöll* (almôndega) associada à perturbação mental do delírio presente no romance, lembrado no início por Freud, e ligado a um recurso químico que costuma sanar a fome, a cocaína (SAFOUAN, 1987, p. 211).

Dessa maneira, poderíamos percorrer, seguindo Freud, inúmeros intrincados caminhos de pensamento para explicar como o sonho é a realização de um desejo, mas por ora fiquemos com estas por aqui retomadas.

Vamos lembrar que, nesse sonho, os pensamentos oníricos têm a causa de sua formação na fome sentida por Freud, antes de dormir. Mas, segundo Freud, a realização de desejo nesse sonho não é a biológica, mas um desejo de que não se deve deixar escapar nada, não se deve perder nenhuma ocasião na vida, já que ela é muito curta e a morte é inevitável. O desejo de *carpe diem* [desfrute o presente] seria para Freud o que se busca ocultar por meio desse sonho. Por esse motivo, se expressariam todos os pensamentos contrários, como todas as restrições e ameaças. Por fim, Freud refere que as percepções da ordem da necessidade, em função do trabalho onírico, são usadas do seguinte modo:

[...] Concluindo: são sensações de natureza desprazerosa provenientes de fontes somáticas, o trabalho do sonho utiliza essa ocorrência para representar - sujeita à continuidade da censura em maior ou menor grau - **a realização de algum desejo** que é normalmente suprimido. (FREUD, 1900, p. 162) [grifos nossos]

O sonho escolhido, acima, foi usado por Freud para ilustrar a seção B, chamada “O material infantil como fonte dos sonhos” de *A interpretação dos sonhos* (1900). Ao mesmo tempo, ele também serviu para comprovar a influência que sofre, o sonho, das necessidades exteriores ao anímico. Essas necessidades externas, que pedem satisfação, são levadas a se ligarem a desejos inconscientes, os quais fazem com que elas se submetam a sua realização. A fome, no sonho de Freud, se transforma em algo metafórico como a fome de vida, de não perder nada na vida, já que a morte é certa.

Portanto, ainda que a necessidade física de fome leve Freud a produzir esse sonho, ela se transmuta e ganha outro estatuto na formação onírica, que não satisfaz esse desejo

primeiro, porém satisfaz um outro desejo, de caráter inconsciente, que se veicula através desse primeiro. A tese de Freud de que todo sonho é uma realização de desejo nesse caso se mantém. Um sonho sempre é uma realização de desejo, nem que seja, a realização do desejo de dormir:

Assim, o desejo de dormir (no qual o ego consciente se concentra e que, juntamente com a censura do sonho e a ‘elaboração secundária’ [...] deve, na totalidade dos casos, ser reconhecido como um dos motivos da formação dos sonhos, e todo sonho bem-sucedido é uma realização desse desejo (FREUD, 1900, p. 234).

No caso do sonho das três parcas, afirmaria Freud:

Meu sonho com as três Parcas foi claramente um sonho de fome. Mas consegui desviar o desejo de nutrição para o anseio infantil pelo seio materno e se valeu de um desejo inocente como anteparo para um desejo mais sério, que não podia ser tão abertamente exibido (FREUD, 1900, p. 233).

Como vimos, retomando esse sonho descrito por Freud, o encadeamento associativo da necessidade da fome com os outros elementos que se utilizaram do mesmo para poder se apoiar, e assim se realizar, deixa descoberto a atuação da “fábrica de pensamentos” do inconsciente. Seguiremos com outros três sonhos, todos os três também mencionados por Moustapha Safouan (1987).

2.8 A CONDENSAÇÃO, O DESLOCAMENTO E O SONHADOR: TRÊS SONHOS FREUDIANOS

O que Freud nos diz da “condensação”?

A primeira coisa que se torna clara para quem quer que compare o conteúdo do sonho com os pensamentos oníricos é que ali se efetuou um trabalho de *condensação* em larga escala. Os sonhos são curtos, insuficientes e lacônicos em comparação com a fama e a riqueza dos pensamentos oníricos [...] de fato, nunca é possível ter certeza de que um sonho foi completamente interpretado [...] Rigorosamente falando, portanto, é impossível determinar o volume de condensação (FREUD, 1900, p. 272).

Com relação a esse aspecto, no que tange a uma certa forma de redução a que sofrem as formações nos sonhos, diria Freud: “O trabalho de condensação é visto com máxima clareza ao lidar com palavras e nome” (FREUD, 1900, p. 286). Nesse sentido, Freud aponta que tem algo de condensado que encerram os nomes, os neologismos e algumas palavras-chaves, como veremos nas descrições dos sonhos seguintes: “Como se dá a condensação? [...] uma pequena minoria de todos os pensamentos oníricos revelados é reproduzida no sonho por um de seus elementos de representação”, ou seja:

[...] poderíamos concluir que a **condensação** se apresenta por *omissão*: quer dizer, que o sonho não é uma tradução fiel ou uma projeção ponto por ponto dos

pensamentos do sonho, mas uma versão altamente incompleta e fragmentária deles (FREUD, 1900, p. 274).

Aqui, vemos que a condensação funciona como uma espécie de omissão do pensamento inconsciente, posto que o traduz em parte, de maneira fragmentária e insuficiente, não o deixa totalmente transparecer. Já o mecanismo chamado de “deslocamento” age a partir de um termo que é substituído ou deslocado por outro, a fim de manter uma certa distância com um algum outro, que, por sua vez, busca disfarçar. Ali onde o sonho manifesto tem uma “centração”, ou seja, coloca uma ênfase em lugar diferente de onde seria posta pelos “pensamentos dos sonhos”:

[...] parece plausível supor que, no trabalho do sonho, está em ação uma força psíquica que, por um lado, despoja os elementos com alto valor psíquico de sua intensidade, e, por outro, por meio da *sobredeterminação*, cria, a partir de elementos de baixo valor psíquico, novos valores, que depois penetram no conteúdo do sonho. Assim sendo, ocorrem uma transferência e **deslocamento** da intensidade psíquicas no processo de formação do sonho, merecendo ser descrito como ‘o deslocamento do sonho’ (FREUD, 1900, p. 296).

A partir da descrição desses dois conhecidos mecanismos, vejamos agora como eles aparecem no relato de três sonhos de *A interpretação dos sonhos* (1900). Vamos buscar limitar neles as principais associações, sem pretender, é claro, esgotar todos os nexos associativos que descreve Freud, mas buscando circunscrever os centrais. O primeiro sonho, auto-biográfico, é o sonho da “monografia botânica”. O conteúdo narrado por Freud do sonho é o seguinte:

Eu escrevera uma monografia sobre certa planta. O livro estava diante de mim e, no momento eu virava uma página dobrada que continha uma prancha colorida. Encadernado com cada exemplar havia um espécime seco da planta, como se tivesse sido retirado de um herbário (FREUD, 1900, p. 180).

O elemento do conteúdo manifesto destacado por Freud como central nesse sonho será a expressão “monografia botânica”. Expressão constituída de duas palavras, a partir das quais, vai realizar algumas associações, que revelarão importantes pensamentos inconscientes por detrás. Primeiro, Freud associa “botânica” ao ocorrido no dia anterior, onde havia visto em uma livraria “uma monografia sobre o gênero ‘cyclâmen¹⁶’” (FREUD, 1900).

Seguindo em suas associações, Freud associará a “monografia” aos estudos que havia realizado, em tempo recente, sobre a cocaína: “uma dissertação sobre a *planta da coca*” que havia abandonado sem chegar a tempo de descobrir a propriedade analgésica da cocaína, feito este que lhe daria o seu esperado prestígio científico. Os estudos haviam indicado a aplicação

¹⁶ Segundo o Google: “Cyclamen é um género botânico pertencente à família Myrsinaceae. De nome científico *Cyclamen persicum* o nome popular no Brasil varia entre ciclame, ciclame da Pérsia, ciclame de Alepo ou ciclâmen. Isso se explica pela espécie ter vindo das Ilhas Gregas e a região do Mar Mediterrâneo.”

do alcalóide em um artigo publicado por Freud, mas que ele não foi suficientemente rigoroso para levá-lo adiante. Fato que atrairia a atenção de Karl Koller, que futuramente levaria adiante essa descoberta a partir de seus avanços (FREUD, 1900).

Essa associação da “monografia” leva Freud a seu amigo médico cirurgião oftalmologista, doutor Königstein, de quem pensou que se acaso tivesse algum problema de visão, se faria operar por ele. O que o leva a associar vários pensamentos sobre o intercâmbio dos serviços médicos entre colegas. O Dr. Königstein, por sua vez, também participou da cirurgia de um glaucoma em seu pai, com a participação de outro médico, o Dr. Koller, que se encarregou de usar os efeitos analgésicos da cocaína para essa cirurgia. A pessoa do Dr. Koller era a quem lhe haviam atribuído a descoberta das propriedades anestésicas da cocaína. Associações que se enodam, por sua vez, a recordações de uma conversa tida com o Dr. Königstein, interrompida na noite anterior (FREUD, 1900, p. 181).

A conversa com Dr. Königstein teria sido a causa excitadora do sonho. A monografia sobre o “ciclâmen” é uma atualidade psíquica, mas de natureza irrelevante e, portanto, a análise da expressão “monografia botânica” equivale a uma “entidade intermediária comum”, entre as vivências diurnas: “foi extraída, sem nenhuma alteração, da impressão irrelevante, e foi ligada ao acontecimento psiquicamente significativo por abundantes conexões associativas” (FREUD, 1900, p. 181).

Não somente a expressão na íntegra “monografia botânica”, mas cada um de seus elementos de forma separada, “monografia” e “botânica”, penetram em múltiplas associações, com profundidades cada vez maiores nos pensamentos oníricos. “Botânica” corresponde às reminiscências do professor Gärtner [jardineiro], sua “florescente mulher”, sua paciente chamada “Flora” e a dama, senhora L. de quem Freud havia contado a história das flores que seu marido havia esquecido de levar-lhe (FREUD, 1900).

Além do fato de que efetivamente Freud havia visto no dia anterior uma monografia sobre o gênero Ciclâmen na vitrine de uma livraria, “Botânica”, para Freud, era “o ponto nodal sistemático” no sonho. Ponto, este, para onde “convergiam numerosas cadeias de ideias” que tinham entrado especialmente na conversa com o Dr. Königstein na véspera (FREUD, 1900, p. 275).

Através da leitura de Safouan (1987), vemos que o sonho tem a mais estreita relação com a conversa tida com o doutor K na véspera, não por ter sido interrompida pelo professor Gärtner e sua mulher Flora, mas em razão do conteúdo da própria conversa. Segundo Safouan, Königstein é uma figura a quem Freud, por outras vezes, repudiou por ter negligenciado suas observações no que tangiam às virtudes anestésicas da cocaína, e por ter

deixado todo o mérito dessa descoberta ao Dr. Koller. Assunto tocado com o Dr. Königstein que “o comove vivamente” (FREUD, 1900, p. 167apudSAFOUAN, 1987).

Não há dúvidas, por isso, de que a “monografia botânica” é uma alusão no sonho à monografia sobre a cocaína, que Freud escreveu outrora e na qual não pensava mais. Ali onde seu colega o havia dirigido reprovações análogas ao que seu pai lhe fazia em outro tempo, para que não cedesse demais às suas fantasias, ou seja, ao seu desejo. O sonho, portanto, não trata somente de reprovações que vem por todas as partes, mas também recoloca o sujeito a nível, não de seus atos, mas de seu desejo (SAFOUAN, 1987, p. 167).

Se nada estava mais distante de seus pensamentos do que escrever uma monografia botânica, Freud conclui que essa monografia esconde outra “lebre”, segundo a qual a insistência do significante “botânica” seria o sinal de uma substituição metafórica. Mas, de quê? No momento, Freud estava ocupado em escrever uma obra de natureza completamente diferente, a “Traumdeutung” [A interpretação dos sonhos]. Na véspera do sonho, seu amigo Fliess haveria lhe escrito sobre esse livro, expressando pensar muito em seu livro e conseguir enxergá-lo acabado (FREUD, 1900, p. 182).

Portanto, pode-se substituir a “monografia botânica” pela “Traumdeutung”, onde está em questão a função da obra em gestação na relação transferencial com Fliess, e seu desejo, expresso no sonho, de levar adiante essa escrita. É claro que esse desejo, por sua vez, vai fazer uso dos “restos diurnos” das lembranças da conversa no encontro com o Dr. K, no dia anterior, para se formar. Esses “restos diurnos” são os que contém a lembrança da interrupção dessa conversa pelo Gärtner e sua esposa, Flora, que são coadjuvantes ao conteúdo relevante (FREUD, 1900, p. 186).

Vamos, agora, ao segundo fragmento de sonho que aqui, neste subtítulo, vamos analisar, e que se chama “Um sonho encantador”. Ali, a conexão entre o elemento manifesto do sonho e seu tema latente se “materializa” de algum modo. Trata-se, no sonho, de uma “estalagem desprezível” [albergue], que corresponderia ao lugar no qual o analisante de Freud, ao invés de partir de férias, preferiu alojar-se para se manter próximo, “nas vizinhanças”, de uma amiga sua.

O sonho situa esse albergue, ou posada, na própria rua onde mora essa amiga, uma atriz, com a qual esse paciente havia mantido sua última e prazerosa experiência amorosa. Ter-se “hospedado” ali estaria associado, no sonho, ao fato de ter se rebaixado ou descido os degraus de uma escada, o que também significava estar “descendo na vida” (FREUD, 1900, p. 278).

Em alemão “abgestiegen”, literalmente “descido os degraus”, associado a esse hotel nas proximidades, quando teria tido a seguinte conversa com o cocheiro da carruagem de aluguel:

De qualquer maneira, tenho sorte por não ter apanhado nenhum verme. (Esta, aliás, era outra de suas fobias.) A isso o cocheiro retrucara: ‘Como é que alguém pode se hospedar num lugar desses! Isso não é um hotel, é só uma estalagem.’ (FREUD, 1900, p. 278).

De fato, o hotel no qual o analisante de Freud se alojou havia se transformado em um albergue, pelas palavras do chofer, e a este albergue ligam-se diretamente a recordação dessas duas citações: “Recentemente fui hóspede de uma estalagem com um hospedeiro gentilíssimo.” (FREUD, 1900, p. 278).

O “hospedeiro” dessa poesia de Uhland, segundo Freud, era o termo correspondente de uma *macieira*, significativa que uma segunda citação dá a seguinte sequência de ideias:

FAUSTO (*dançando com a jovem Feiticeira*)
Veio-me um dia *um sonho encantador*;
A *macieira* eu estava a contemplar,
E duas maçãs, luzindo com rubor,
Me seduziram *a nela trepar*.

A BELA FEITICEIRA:
Maçãs tens desejado com ardor.
E já desde que estão no Paraíso.
Comove-me saber, com um sorriso,
Que delas meu jardim é produtor.

Goethe, Fausto, Parte I (Cena 21, Walpurgisnacht)
(Trad. Inglesa de Bayard Taylor, ligeiramente modificada)
(Trad. Brasileira da Revisora Geral, também ligeiramente modificada)
(FREUD, 1900, p. 279).

Segundo Freud, não cabe a menor dúvida que a alusão à “macieira” e às “maçãs” é referente ao lindo busto, com o qual a atriz havia cativado o sonhador. E pela concatenação da análise, Freud afirma ter pleno fundamento ligar o sonho a uma impressão da infância. Aqui chegamos, pois, a mais uma substituição: “colocando um objeto que não existe em parte alguma” (SAFOUAN, 1987, p. 169).

Essa substituição consiste em colocar no lugar do significante “albergue”, ao qual nada corresponde na realidade do sonhador, o objeto que comove mais a realidade psíquica do analisante. E, sendo assim, a substituição libera o que se pode chamar o “segredo” do encanto que prende o sonhador à sua amiga: “não apenas um seio, mas também um seio que o analisante reencontra nas cantigas de sua infância assim como nos sonhos do paraíso: uma falta na qual somente a poesia dá as ‘figuras’” (SAFOUAN, 1987).

O que significa, no mesmo sonho, como se o sonho se organizasse em torno do significante do objeto realmente perdido outrora, o objeto do ciúme fraterno, já que Freud, nessa análise, reforça haver no sonho alusão à figura do seu irmão no andar de cima do albergue e ele no andar de baixo (FREUD, 1900, p. 279).

Eis, agora, o terceiro sonho que escolhemos retomar de Freud, o sonho do “besouro-de-maio”. Sonho no qual, segundo Safouan, os temas da crueldade e da sensualidade, para essa paciente, misturam-se estranhamente (SAFOUAN, 1986, p. 170). Vamos a descrição do sonho por Freud:

Ela se lembrou de que tinha dois besouros-de-maio numa caixa e precisava libertá-los, caso contrário ficariam sufocados. Abriu a caixa e os besouros estavam em estado de esgotamento. Um deles voou pela janela aberta, mas o outro foi esmagado pelo caixilho da janela enquanto ela a fechava a pedido de alguém. (Sinais de repulsa.) (FREUD, 1900, p. 281).

Para pescar seu sentido, Freud faz uma reconstituição da noite anterior, onde o marido como ocorria habitualmente estava ausente em casa e a filha de quatorze anos vinha dormindo com ela na cama. A menina nessa noite havia lhe chamado a atenção para uma mariposa que caíra em seu copo d’água, mas ela não a retirou dali e ficou penalizada pelo pobre inseto na manhã seguinte. Além disso, o livro que a paciente esteve lendo à noite continha o relato de como alguns meninos tinham atirado um gato numa água fervendo, e descrevia suas convulsões.

Mas: “Essas foram as duas causas precipitantes do sonho — em si mesmas, irrelevantes.” (FREUD, 1900, p. 218). E a paciente seguiu com o assunto da “crueldade” com os animais, trazendo que sua filha havia sido muito cruel com os animais e pedido arsênico para matar as borboletas que apanhava. Numa idade mais jovem, essa mesma menina tinha o hábito de arrancar as asas de *besouros* e borboletas. Mas, hoje, ficara horrorizada diante de todos esses feitos que um dia realizara e tornar-se muito bondosa.

O que levava a paciente a se perguntar sobre as contradições, de como, por exemplo, era possível que determinadas pessoas que carregavam uma aparência “x” pudessem ter um caráter contrário ao que pareciam: “Quem poderia imaginar, olhando para *ela*, que ela era atormentada por desejos sensuais?” (FREUD, 1900, p. 281), diria Freud.

No mesmo ano em que sua filha colecionava borboletas, o lugar onde estavam tinha sido atingido por uma praga de *besouros-de-maio*. Naquela ocasião a paciente tinha visto, além das crianças esmagarem com raiva sem piedade esses besouros, um homem que arrancava as asas e comia seus corpos (FREUD, 1900, p.282).

Além do mais, ela própria, a paciente, havia nascido e se casado no mês de “maio”, e havia realizado uma ligação três dias depois do casamento para dizer aos seus pais o quanto estava feliz, o que não era verdade. Os *besouros-de-maio* também a fizeram pensar nas palavras de *Kätchen*: “Estás loucamente apaixonada por mim.” Literalmente: “Estás apaixonada por mim como um *besouro*”. Outra cadeia associativa também a teria levado à ideia de *crueldade* para com um amante (FREUD, 1900, p. 282). De onde havia surgido, em meio a tudo isso, uma citação de *Tannhauser*: “Porque foste inspirado por tal *prazer maligno* [...] As palavras realmente são: Já que partilhaste de tal prazer maligno”¹⁷ (FREUD, 1900, p. 282).

Ela, segundo Freud, vivia com uma preocupação constante pela ausência do marido. Tinha medo de que algo lhe pudesse acontecer em viagem e nutria isso com inúmeras fantasias de vigília. Havia pouco tempo que, ao longo da sua análise, vinha se queixando de que seu marido estava ficando “senil”. Mas, alguns dias antes, ela tinha sido acometida por um pensamento e ficado horrorizada com ele, pensamento que surge no meio dos seus afazeres domésticos como uma frase que se impõe: “Vá se enforcar!” (FREUD, 1900, p. 283).

Acontece que horas antes a paciente tinha lido em algum lugar que quando um homem é enforcado ele tem uma forte ereção. Sendo assim: “Era o desejo de uma ereção que havia emergido do recalçamento sob esse disfarce pavoroso: ‘Vá se enforcar!’, o que equivalia a ‘Consiga uma ereção a qualquer preço!’” (FREUD, 1900, p. 283). Segundo Safouan (1986), “o ‘enforque-se’ encobre aparentemente o voto: ‘Deseje-me a qualquer preço!’” (SAFOUAN, 1986, p. 171). Mas é importante lembrar, seguindo os comentários de Safouan (1986), que nesse caso nem a impotência de seu marido, nem a frustração do seu desejo, tinha para a paciente, que sofria de angústia, nada de recalçado.

Portanto, seguindo o que Safouan (1986) comenta, para desvendarmos o sonho, temos o seguinte questionamento: por que haveria ela de querer que seu marido tivesse uma ereção a qualquer preço, se ela própria não fosse necessariamente a causa disso?

O voto do “Vá se enforcar!” se traduziria melhor, segundo Safouan, nos seguintes termos: “que ele endureça à minha vista (no duplo sentido deste ‘vista’), a qualquer preço” (SAFOUAN, 1986, p. 171). E a interessante pergunta que se coloca Safouan (1986) nesse ponto é a seguinte: “Pode-se falar de uma substituição da sonhadora pelo *Maikäfer* [*besouro*]?” Já que o que temos ligado à vida da paciente naquele momento é que o que ela não é para o

¹⁷ Também estava que o mais poderoso dos afrodisíacos, as “catáridas” (conhecidas como moscas espanholas) era preparado com “*besouros esmagados*” (FREUD, 1900, p. 283).

seu marido ausente, ela o é para a sua filha, seu marido está viajando quando ela dorme com a sua filha de 14 anos” (SAFOUAN, 1986).

“Maikäfer é tanto a metáfora dela mesma para a sua filha, quanto a metáfora desta sua filha para ela. Está aí, se podemos dizer, sua ternura e sua crueldade tudo junto: e sem dúvida a criança não faz senão reclamar essa ‘crueldade’ ostentando a sua” (SAFOUAN, 1986, p. 171).

Para concluir essa sessão, gostaríamos de lembrar a importância de quem sonha. Vemos pela descrição de Freud na análise do seu sonho das “três parcas” e da “monografia botânica”, assim como desse último sonho, que eles não seriam possíveis sem considerar a dimensão de relato do sonhador. Nesse ponto, é oportuno lembrar que Freud, em uma nota de rodapé no primeiro volume da interpretação dos sonhos, afirma isso da seguinte forma:

A técnica que descrevo nas páginas seguintes difere do método da Antiguidade num ponto essencial: ela impõe a tarefa de interpretação à própria pessoa que sonha. Não se interessa pelo que ocorre ao *intérprete* em relação a um elemento específico do sonho, mas pelo que ocorre ao *sonhador* (FREUD, 1900, p. 121).

A interpretação dos sonhos de Freud, portanto, levará em conta o que dirá o sonhador, e não o que pode ocorrer ao intérprete ou quem tenta interpretar um sonho de fora. O trabalho de interpretação caberia então a quem sonhou, só ele pode associar a partir do que se produziu na forma de sonho. Ideia que não dá lugar para as inúmeras chaves de leituras externas e *standard* na cultura, que oferecem sentido prévios. É o que esperamos ter logrado demonstrar nos três exemplos acima, onde há uma articulação a partir das palavras chaves, que mais são carregadas de significações para o paciente, e as associações que daí derivam.

2.9 A CENTELHA POÉTICA E A TEORIA DO NOME-DO-PAI¹⁸

Para concluirmos o *Capítulo 2*, depois de nos determos nas associações oníricas, gostaríamos de retomar a ideia da metáfora, formalizada por Lacan em *A instância da letra*, com a finalidade de introduzir o conceito da “metáfora paterna” e do “Nome-do-pai”, que funciona como organizador da estrutura da linguagem e que formata o discurso do mestre, responsável por estabelecer o solo comum entre as pessoas que falam uma mesma língua. A psicanálise opera sobre essa língua, formatada pelo discurso do mestre, a partir da metáfora

¹⁸ Para situar esse conceito, nos baseamos nas referências usadas no *Capítulo 2*, item 2.4, da seguinte dissertação de mestrado: GUARANÁ (2016) *Eles exageram no escrito: o ato de escrita e seus efeitos de suplência*. Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia. Disponível online em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27192/27192.PDF>

paterna, mas busca abrir via para a manifestação do inconsciente, como vimos, em uma análise, que como tal representa, segundo Lacan no *Seminário 17* (1969-70), o avesso do discurso do mestre.

O conceito do Nome-do-pai lacaniano é um pivô fundamental instaurado pela “barreira da censura”, barreira mencionada nos *itens 2.2 e 2.3*, pois através da lógica do recalque, onde nem tudo pode se dizer totalmente, instaura-se através do “ponto de basta” da interdição, uma certa organização da estrutura da linguagem. Para introduzir esse conceito, vamos derivá-lo de onde ele veio, que é da ideia da metáfora, tal como introduzida por Lacan em *Instancia da letra*.

Segundo Lacan em *A instância da letra*, a metáfora figura como um dos efeitos do significante, além da metonímia, que correspondem a “condensação” e o “deslocamento” freudianos, vistos no *item 2.8* acima. E, no que tange a metáfora, ela revela que a “linearidade” de Ferdinand de Saussure e as supostas equivalências, no signo linguístico, dos seus elementos não seriam suficientes para dar lugar ao efeito “centelha poética”, produto da “criação metafórica”, e que funciona como “pontos de basta” na metonímia do sentido na língua (LACAN, 1957b, p. 510).

Segundo a explicação de Lacan: “A centelha criadora da metáfora não brota da presentificação de duas imagens, isto é, de dois significantes igualmente atualizados.” (LACAN, 1957b, p. 510). Ao contrário da inicial ideia do signo saussuriano, a centelha poética, efeito da metáfora, surge com a metáfora, que por sua vez nada mais é do que a substituição de um significante por outro na cadeia. O que ocorre é que um significante é substituído por outro, mas o que foi substituído permanece oculto, ainda que se mantenha de alguma forma presente através da sua conexão metonímica com o resto da cadeia.

“*Uma palavra por outra*, eis a fórmula da metáfora, e, caso seja você poeta, produzirá, para fazer com ela um jogo, um jato contínuo ou um tecido resplandecente de metáforas.” (LACAN, 1957b, p. 510). Aqui portanto, Lacan acentua a incidência no significado de efeitos de linguagem verticais, e não somente os horizontais ligados às associações metonímicas dos significantes. Lacan o inscreve com a seguinte fórmula:

$$f \left(\frac{S'}{S} \right) S=S (+) s$$

A fórmula da metáfora indica que é na substituição de um significante por outro que se produz um efeito de significação que é próprio da poesia ou criação artística. O sinal + colocado entre parênteses, segundo Lacan, representa a transposição da barra, assim como o

valor dessa transposição para o surgimento da significação. O exemplo, nesse texto, que Lacan dá para essa ideia se apoia na seguinte frase: “*O amor é um seixo [fragmento de rocha] rindo ao sol*” (LACAN, 1957b, p. 512).

Ali onde o *seixo* dá um sentido ao amor contrário da sua associação a um altruísmo narcísico, a partir de onde o realiza por meio de uma dimensão, que segundo Lacan poderia ser “sustentável” (LACAN, 1957b). Vemos nesse exemplo, que a metáfora se produz a partir do sem sentido, representado pelo que seria a palavra que significa o fragmento de rocha, mas que dá lugar, ainda assim, à “palavra por excelência”, que tem como seu aliado o significante da espiritualidade (LACAN, 1957b). E que produz como saldo, o efeito poético, ou “centelha poética” esperada da metáfora. Esse mesmo saldo da operação metafórica é o que vamos verificar, mais a frente, no *Capítulo 3*, também se produzir a nível de estruturação da subjetividade, a instauração da lei e do desejo pela via da metáfora paterna.

Sobre o efeito poético da linguagem, seguindo Lacan em *A instância da letra*, esse efeito nos abre, como consequência, ao fato da linguagem nos permitir se “servir dela para expressar algo completamente diferente do que ela diz” (LACAN, 1957b, p. 508). É nesse sentido que Lacan transpõe a barra do signo linguístico saussureano: “[...] basta escutar poesia, o que sem dúvida aconteceu com F. de Saussure, para que nela se faça ouvir uma polifonia e para que todo discurso revele alinhar-se nas diversas pautas de uma partitura.” (LACAN, 1957b, p. 507).

Lacan afirma, dessa forma, que Saussure é sensível à dimensão poética, ainda que não a levasse em consideração na sua criação do signo linguístico. E demonstra que uma cadeia significante se sustenta para além da pontuação de cada uma de suas unidades, posto que conta também com os contextos realizados na vertical. Contextos na vertical que realizam os pontos de metáfora, além de metonímia na horizontal (LACAN, 1957b). Esse efeito metafórico também é associado aos significantes que fazem parte da constituição subjetiva do sujeito, e, nesse ponto, Lacan se refere ao “mistério paterno”, como efeito da centelha poética na estrutura. Afirma, ele:

[...] é entre o **significante do nome próprio** de um homem e aquele que o abole metaforicamente que se produz a **centelha poética**, ainda mais que eficaz aqui, para realizar a significação da paternidade, por reproduzir o evento mítico em que Freud reconstruiu a trajetória, no inconsciente de todo homem, do mistério paterno (LACAN, 1957b, p. 511) [grifos nossos].

Aqui, a metáfora é fundante da função paterna na constituição subjetiva e, nessa operação, a participação do saldo poético é inexplicável, e advém como fruto da combinação do nome próprio sem sentido em si mesmo com a ação de quem o realiza. Dessa ação, um

nome se torna o nome próprio que designa um ser e que faz nascer, ao mesmo tempo, da ação do ato de nomear, a função da metáfora paterna (LACAN, 1957b).

Logo, em movimento contrário ao da linearidade, temos o da verticalidade, comandado pela metáfora e seus efeitos poéticos, mas também de “pontos de basta” na língua. Sem os “pontos de basta” o significante se precipita na cadeia, sem que ele possa fechar nenhum sentido, e é isso que Lacan nos demonstra através da fenomenologia das frases interrompidas na psicose, como já antes assinalamos no *item 2.4*:

[...] **o significante, por sua natureza, sempre se antecipa ao sentido**, desdobrando como que adiante dele sua dimensão. É o que se vê, no nível da frase, quando ela é interrompida antes do termo significativo: Eu nunca..., A verdade é que..., Talvez também.... Nem por isso ela deixa de fazer sentido, e um sentido ainda mais opressivo na medida em que se basta ao se fazer esperar. (LACAN, 1957b, p. 505) [grifos nossos].

Demonstração que comprova a tese de Lacan da predominância do significante antes da sua significação, onde o significante toma sempre a dianteira, e seu sentido se daria de forma retroativa na cadeia. Aqui, Lacan equivale significante e letra, e comenta o dramático efeito psicopatológico quando o significante resta sozinho: “para explicar a dominância da **letra** na transformação dramática que o diálogo pode operar no sujeito” (LACAN, 1957b, p. 506) [grifos nossos].

Portanto, os significantes que se associam numa cadeia na estrutura da linguagem, e que não contam com os pontos de basta, tendem a dramaticamente se eternizarem metonimicamente, sem conseguir fechar algum sentido. Se trata de uma necessidade que a estrutura da linguagem tem para se ordenar e ser submetida a uma espécie de aparelho regulador, aparelho que Lacan denominará de Nome-do-Pai¹⁹. Significante do Nome-do-pai que colocaria ordem na linguagem, inscrevendo o sujeito na lei simbólica (DEFFIEUX, 2007).

A teoria do Nome-do-pai representa um termo significante que mantém uma relação privilegiada com o espaço aberto no sujeito pela suposição no saber inconsciente, realizada por Freud, e que sustenta a relação com essa falta, que é o falo. O falo, segundo Leclaire (2007) poderia ser chamado de “letra original” ou “letra da letra”: “Salientava com isso, implicitamente, a função essencial do *fálus* de ser significante da falta da letra, nome próprio do zero em torno do qual alterna a oscilação do sujeito.” (LECLAIRE, 2007, p. 148).

¹⁹ A ideia desse conceito Lacan desenvolverá em alguns dos seguintes textos consagrados ao assunto: “O mito individual do neurótico” (1953c) assim como “Função e campo da palavra e da linguagem” (1953b) e “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (LACAN, 1958d).

O falo é o elemento significante que surge do pênis, objeto parte do corpo e que já é desde a infância o lugar privilegiado de investimento narcísico. A partir dele vai se dar a relação do sujeito com a castração, desde os primórdios da constituição subjetiva através da experiência dessa presença do órgão no corpo (LECLAIRE, 2007). Lacan o trata como operador simbólico cuja principal função seria metaforizar o gozo da mãe na metáfora paterna no contexto do Édipo – Édipo entendido como “correlativo de uma estrutura social”. (LACAN, 1953c, p.13)

Vejam agora como ocorre essa operação simbólica que inaugura para o sujeito a sua entrada no simbólico e na estrutura da linguagem. A “fórmula da metáfora”, ou da “substituição significante”, segue muito de perto a fórmula oferecida acima para gerar a “centelha poética”, mas dessa vez ganha o peso de ser estruturante de uma subjetividade.

O Nome-do-pai é um conceito em Lacan, que nasceu na psicanálise, mas tem sua figura na religião e tradição (DEFFIEUX, 2007). O Nome-do-pai já é em si uma metáfora, pois vem da ideia do “sobrenome”, esse seria o nome-do-pai que cada um carrega no nome próprio, que confere a um ser vivo um nome vindo do Outro, por meio do qual ele é inserido antes de seu nascimento e pertence no simbólico.

A ideia seria substituir o pai da primeira identificação, o pai real da realidade, a um traço, um Nome-do-pai; por exemplo, um sobrenome que inclui o sujeito na linhagem da família. É um conceito que, inclusive, nos permite pensar em termos dos efeitos inconscientes da função paterna, as ações que o sujeito sustenta com a imagem, e as pessoas que o encarnam (LACAN, 1953b, p.267).

Além disso, também é o nome que vem em substituição ao lugar primeiramente simbolizado pela ausência da mãe:

$$\frac{\text{Nome-do-pai}}{\text{Desejo da Mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo da Mãe}}{\text{Significado para o sujeito}} \rightarrow \text{Nome-do-pai} \left(\frac{A}{\text{Falo}} \right)$$

A escrita da metáfora paterna²⁰ acima, demonstra que, do efeito da substituição de um significante por outro numa cadeia, o que permanecia como o desejo enigmático da mãe, sem sentido, passa a ter como saldo desta substituição uma significação fálica. Ou seja, a

²⁰ Consultar para o desenvolvimento da metáfora a partir de onde Lacan articula o inconsciente (LACAN, Jacques (1960a) Apêndice II: A metáfora do sujeito. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR EDITOR, 1998. p. 903-907).

substituição de um significante por outro produz um a mais de sentido que não estava ali antes (LACAN, 1960a, p. 904).

Lacan formula esse conceito quando tentava explicar o fenômeno elementar na psicose, o qual correlaciona com a falta do significante do Nome-do-pai, condição para que se dê o retorno no real dos pedaços de língua em desordem que invadem o sujeito. A “presença do significante” real no Outro costuma nos ser vedada, já que se encontra em seu estado recalçado, que insiste em se representar no significado a partir de automatismos de repetição (LACAN, 1958, p. 564).

Na carência dessa função do Nome-do-pai, o que se tem é um furo ao invés da significação: “é chamado Nome-do-pai, pode, pois responder no Outro um puro e simples furo, o qual pela carência do efeito metafórico, provocará um furo correspondente no lugar da significação fálica.” (LACAN, 1958d, p. 564). Já que o Nome-do-pai é o “significante que, no Outro como lugar do significante, é o significante do Outro como lugar da lei” (LACAN, 1958d, p. 590). A lei que metaforiza o gozo materno e que com o advento dessa lei simbólica concede espaço para advir o sujeito.

Por isso, esse significante tem especial interesse para nós. Ele sustenta a função paterna, o que é entendido por Freud como o ponto principal que pode garantir o apoio ao sujeito (MALEVAL, 2002, p. 74). Apoio no sentido de se prestar a ser o “ponto de basta” descrito por Lacan nessa analogia, como o que mantém unido no colchão a parte de cima e a inferior, como um “botão” que pudesse grampear essas partes. É o que tem efeito de produzir sentido de forma retroativa ao se terminar uma frase, graças à última palavra da frase. (LACAN, 1957-58, p.543).

*É a libido, enquanto puro instinto de vida, quer dizer, de vida **imortal**, de vida **irrepreensível**, de vida que não precisa, ela, de nenhum órgão, de vida simplificada e **indestrutível** [...] E é disso aí que são os representantes, os equivalentes, todas as formas que se podem enumerar do **objeto a** (LACAN, 1964, p. 193) [grifos nossos]*

3 DO SUJEITO DO SIGNIFICANTE AO OBJETO A: A LETRA DE GOZO

3.1 INTRODUÇÃO

No *Capítulo 2* vimos que para apreender algo do desejo inconsciente é preciso levá-lo ao pé da letra. Essa seria inclusive a premissa ligada a “razão desde Freud” do inconsciente, Lacan diria assim: “[...] a verdade que ela introduz, a do inconsciente deve à letra da linguagem, àquilo que chamamos significante” (LACAN, 1966, p. 367). Ou seja, vimos a letra em sua ênfase como equivalente ao significante, na sua função de suporte material, pivô do significante, ainda que também tivéssemos abordada a letra na sua redução máxima vinculada ao traço.

No que tange à letra em sua função significante é importante sinalizarmos que em *Lituraterra* (1971) Lacan fará questão de explicar que a letra não possui uma primazia com relação ao significante pois, ao contrário, a letra é produto do uso significante e em consequência desse uso se produz um sulco ou uma marca que determina a própria borda da letra. Tal aspecto é retomado também por Ram Mandil (2003) o que buscaremos no *Capítulo 4* esclarecer. Esse véis da letra é onde ela aparecerá menos como suporte de significações múltiplas e mais como aquilo que é da ordem do que se satisfaz naquele significante, mas que não leva a nenhum outro²¹:

Não há nada de substancial no ser além da própria palavra, *ele se satisfaz com ser*. O ser [*l'être*], só o podemos tomar ao pé da letra [*lettre*]. Afinal de contas, é algo da ordem do ser que satisfaz o *Wunsch*²². Em suma, é só no sonho, ao menos no plano do ser, que o *Wunsch* pode se satisfazer (LACAN, 1958-59, p. 57).

Depois dessa consideração, vimos que no anterior *Capítulo 2*, há no ensino do Lacan uma primazia da leitura do significante, que fez parte de um arcabouço conceitual expresso pelo axioma “o inconsciente está estruturado como uma linguagem”, predominante no seu “retorno a Freud” (LACAN, 1966, p. 368). Esse movimento de retorno às origens dos textos de base da teoria freudiana, expressa a necessidade de retificar a prática psicanalítica, na medida em que ela seguia a via de um “reforço do ego” sob o domínio de um psicologismo e da doutrina anglo-saxônica (LACAN, 1957c, p. 455).

Sendo assim, para liberar a psicanálise dessa função ortopédica, se fazia necessário reajustá-la a si mesma. A reconstituição da verdade de Freud exigia uma reconstrução teórica,

²¹ Esse aspecto foi sublinhado no item 2.1 da Introdução do *Capítulo 2*, quando afirmamos que o desejo inconsciente se satisfaz em ser reconhecido.

²² Desejo em alemão.

o que promoveria uma espécie de reconstituição da sua identidade própria via um retorno às origens. Para articular a verdade de Freud, Lacan lançou mão de recursos de outras ciências, como a linguística estrutural, a etnologia estrutural e a lógica combinatória (NANCY; LACOUÉ-LABARTHE, 1991, p. 20).

Segundo Miller (2011), temos no ensino de Lacan nos anos 1950 a predominância das “leis linguísticas” vinculadas à tradução dos mecanismos “primários” dos sonhos de Freud, a condensação e deslocamento, em metáfora e metonímia, pensadas sob o viés da linguística moderna da época. As primeiras influências Lacan obtêm emprestado de Saussure para formular a diferença entre os níveis do significante e do significado e as últimas de Jakobson, para articular e diferenciar a metáfora e a metonímia (MILLER, 2013, p. 21).

Nesse período, Lacan buscava resgatar o caráter subversivo e ímpar da invenção do inconsciente de Freud, especialmente a partir da prática clínica, para salvá-lo das profundezas do essencialismo ou localizacionismo imaginário em que o inconsciente pudesse estar submerso, resgatando seu aspecto de existência dependente daquilo que se articula na superfície a nível significante.

Sendo assim, partindo dessa elucubração Lacan se colocaria a seguinte pergunta, que está em *Subversão do sujeito e dialética do desejo* (1960d): “Uma vez reconhecida estrutura da linguagem no inconsciente, que tipo de **sujeito** podemos conceber-lhe?” (LACAN, 1960d, p. 814) [grifos nossos]. Pergunta que será reintroduzida no *item* seguinte 3.2, mas que já aponta para deixar transparecer uma diferença entre o inconsciente e o sujeito do inconsciente. Ao inconsciente estruturado como linguagem que sujeito devemos lhe atribuir?

É o que buscaremos responder a partir da leitura de Graciela Brodsky (1999) do *Seminário II* (1964), onde Lacan tratará de abordar qual é o sujeito suposto por detrás dos lapsos, dos sonhos e dos tropeços? Além do sujeito suposto ao inconsciente como efeito da estrutura da linguagem, aquele que se traduz pelo efeito da articulação significante S1-S2, esperamos que o desenvolvimento desse questionamento por Brodsky (1999) nos permita partir para as operações de alienação e separação. Dessas operações depreenderemos o surgimento do objeto *a* que se deduz da articulação do sujeito com o campo da pulsão na relação com o Outro.

3.2 O SUJEITO LACANIANO

Para começar, vamos fazer uma breve localização teórica do conceito de sujeito. Lacan revitaliza, como nos lembra Miller (1997), o conceito freudiano do inconsciente ao

introduzir o conceito de sujeito. O sujeito não é um conceito freudiano, logo o que Lacan faz é introduzir o inconsciente como um sujeito. Também segundo Miller (1997), quando Freud diz *Ich* frequentemente se refere ao “eu”, mas às vezes se refere ao “sujeito” do inconsciente. Portanto, a introdução do conceito de sujeito realizou uma espécie de reordenamento na leitura da obra de Freud (MILLER, 1997, p. 21).

Em *Posição do inconsciente* (1960b) Lacan afirma: “O inconsciente é um conceito forjado no rastro daquilo que opera para constituir o sujeito” (LACAN, 1960b, p. 844). Nesta afirmação figuram ambos, o inconsciente e o sujeito, como o direito e o avesso de uma mesma coisa. Mas lembremos que, para chegar ao sujeito, Lacan começa no inconsciente em Freud. É assim que no *Seminário II* (1964) Lacan afirma: “A maioria desta assembleia tem noção de que já adiantei isto — *o inconsciente é estruturado como uma linguagem* — o que se relaciona com um campo que hoje nos é muito mais acessível do que no tempo de Freud” (LACAN, 1964, p. 27).

O campo mencionado está ligado ao da antropologia de Claude-Levi Strauss, autor que Lacan vai usar como referência, presente logo em seguida ao trecho acima do *Seminário II*. A referência utilizada é a do “Pensamento Selvagem”, que serve a Lacan para indicar um “antes de qualquer experiência” ou “antes de qualquer formação do sujeito, de um sujeito que pensa”, onde:

[...] algo organiza esse campo, nele inscrevendo as linhas de forças iniciais [...] [onde] certas relações já são determinadas [...] A natureza fornece, para dizer o termo, significantes, e esses significantes organizam de modo inaugural as relações humanas, lhe dão as estruturas, e as modelam (LACAN, 1964, p. 28)

O que quer dizer que antes mesmo do sujeito chegar ao mundo, já preexistem certas relações, especialmente na estrutura do parentesco, que sobredeterminam o lugar que aquele sujeito vai ocupar. Ninguém explica que posição o sujeito vai ocupar antes dele chegar, ele chega e acede a esse sistema que é o mundo, e é a partir do fato mesmo de entrar que ele vai tomando conhecimento da existência de certas relações interditas e certas relações permitidas.

A interdição do incesto nesse universo é o exemplo de uma regra que ninguém precisa explicar previamente para que funcione. Ela funciona sozinha, só pelo fato de alguém estar e passar a fazer parte desse mundo. Para simplificar, afirma Brodsky: “Disso se trata o inconsciente. São significantes, palavras, regras, ordens, textos de diferentes alcances que funcionam sozinhos. De uma maneira pré-subjetiva.”²³ (BRODSKY, 1999, p. 30, tradução

²³ No original: “De esto se trata el inconsciente. Son significantes, palabras, reglas, órdenes, textos de distinta amplitud que funcionan solos, de una manera presubjetiva.”

nossa). O que nos leva a ideia de que os significantes se combinam sozinhos, a partir de certas regras que esperamos já ter demonstrado no *Capítulo 2*.

Com relação a esse assunto em *Subversão do sujeito e dialética do desejo* (1960d), Lacan afirma:

O inconsciente, a partir de Freud, é uma cadeia de significantes que em algum lugar (numa outra cena, escreve ele) se repete e insiste [...] o termo crucial é o significante, ressuscitado da retórica antiga pela linguística moderna [...] da qual os nomes de Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson [...] os mecanismos descritos por Freud como sendo os do processo primário, onde o inconsciente encontra seu regime, abrangem exatamente as funções que essa escola toma por determinantes [...] (LACAN, J. 1960d, p. 813).

Essa citação confirma a ideia da ligação dos processos primários no inconsciente, descritos por Freud, atribuídos aos efeitos da estrutura da linguagem, a partir da releitura de Lacan dos trabalhos de Saussure e Jakobson. Efeitos de linguagem que abrangem a substituição e combinação do significante, traduzidos por metáfora e metonímia, dimensões ditas respectivamente sincrônicas e diacrônicas na forma como aparecem no discurso. Dessa descrição é que surge a pergunta que nos referimos na *Introdução* deste *Capítulo 3*: “Uma vez reconhecida a estrutura da linguagem no inconsciente, que tipo de sujeito podemos conceber-lhe?” (LACAN, J. 1960d, p. 814).

Qual é o fator novo que Lacan acrescenta quando diz que esse inconsciente – o das leis da antropologia e da linguística estrutural – não é o sujeito? Vejamos outra pergunta que Lacan se coloca no mesmo texto: “‘Quem está falando?’, quando se trata do sujeito do inconsciente. Pois essa resposta não poderia provir dele [do sujeito], se ele não sabe o que diz e nem sequer que está falando, como nos ensina a experiência inteira da análise.” (LACAN, 1960d, p. 815).

Para responder a essa pergunta Lacan vai se referir ao “lugar do inter-dito que é o intra-dito de um entre-dois-sujeitos”, onde se apresenta os efeitos de “fading” que acometem o sujeito freudiano com os atos falhos e chistes (LACAN, 1960d, p.815). O que faz Lacan colocar o sujeito “como descontinuidade no real” (LACAN, 1960d). E quanto a esse aspecto, o que a análise revela é que essa descontinuidade ou “furos do sentido” são os determinantes do discurso (LACAN, 1960d).

Do lado dos “furos do sentido” que o sujeito presentifica, há um ponto que Lacan quer agregar, e que é colocado por Miller (2012) em *Os seis paradigmas do gozo* da seguinte maneira: “Ali onde havia o sujeito vazio [ou equivalente ao furo no sentido], aparece, então, o objeto perdido, o objeto pequeno *a*” (MILLER, 2012, p. 19). Mas para chegar lá, vamos precisar passar pelas operações de alienação e separação nos seguintes *itens 3.3 e 3.5*.

Por enquanto, pretendemos destacar com Brodsky (1999) o teor do conceito de sujeito, que aparece como efeito da máquina do inconsciente na estrutura da linguagem, estrutura que funciona quase como um autômato sozinho. Para introduzir essa dimensão, vamos rever um exemplo que Lacan toma de Piaget no *Seminário 11* (1964), onde uma criança, ao referir-se a si e aos seus irmãos, diz: “*Tenho três irmãos, Paulo, Ernesto e eu*” (LACAN, 1964, p. 28).

Da perspectiva da antropologia e linguística estrutural, conforme mencionamos, o sujeito já tem um lugar de “irmão” prévio na família, o que o faz um entre outros. Nasce com essa marca e assim é considerado na perspectiva familiar, onde advém do mesmo casal parental que seus outros irmãos. Desse ponto de vista a sua marca de sujeito é anterior a sua vinda ao mundo. Logo, no conjunto dos irmãos o sujeito tem a marca, sem que ninguém o tenha esclarecido previamente, de ser um dentre outros dos irmãos. Ele é contado no Outro²⁴ antes de ser o contador, o que demonstra que ele advém por subtração.

Seguindo este raciocínio, ele é um neste conjunto de três irmãos. Desta contagem particular, Piaget observa que a criança não se contabiliza, mas não tira as consequências que Lacan vai tirar do fato dele [do sujeito do enunciado] não poder se considerar um dentre os outros na série dos irmãos. Pois vamos lembrar que, ao invés do sujeito do enunciado apresentar seus irmãos dizendo “Tenho dois irmãos, Paulo e Ernesto”, incluindo assim ele próprio na conta (e por isso mesmo não sendo necessário incluir seu nome na contagem), ele dirá: “*Tenho três irmãos, Paulo, Ernesto e eu*” (LACAN, 1964, p. 28). O que tem como consequência que o “eu” que deveria estar omissa porque incluído no conjunto, reste exterior, ainda que ao mesmo tempo esteja lá, parte do conjunto. Para Lacan: “é muito natural — primeiro são contados os três irmãos, Paulo, Ernesto e eu, e depois há o eu no nível em que se diz que eu tenho que refletir o primeiro eu, quer dizer, o eu que conta.” (LACAN, 1964, p. 28).

O que faz com que essa criança se deixe de fora, quando não omite o “eu”, ainda que se inclua como terceira pessoa na série dos irmãos? Piaget vai responder com a ideia de que esse fato se explica a partir de o pensarmos como parte de um dado momento da evolução do indivíduo. Lacan, ao contrário, vai afirmar que isso demonstra ser parte inerente ao estatuto mesmo do próprio sujeito. Brodsky (1999), retomando esse exemplo, afirma que do ponto de vista do campo do Outro, o sujeito é um entre outros. Porém, para o sujeito mesmo, ser um entre outros é da ordem do insuportável, o que se traduziria por esse movimento de divisão onde o sujeito não sabe onde se colocar. Ao mesmo tempo em que está dentro, se coloca

²⁴ O Outro entendido aqui, como o sinaliza Miller (2012) como o “lugar da fala, lugar da linguagem, lugar da estrutura e lugar de todas as determinações do sujeito” (MILLER, 2012, p. 2).

dentro como terceira pessoa, estando assim fora, pois deixa de omitir o eu que deveria, para ser incluso (BRODSKY, 1999, p. 32).

O que quer dizer que, para o sujeito se situar desde o lugar de irmão, há algo que desconcerta e não é automático e nem simples, fato este que a antropologia ou linguística estrutural não levam em conta (BRODSKY, 1999). O sujeito aparece dividido, se desconcerta e não sabe bem onde colocar-se. Em contraponto a esse aspecto, o que a antropologia levará em conta é: de que forma o sujeito está determinado por esse lugar e por essa submissão forçada, de que forma ele não pode sair de lá (o que é verdade). Assim, como também é certo que há certas tramas, ou regras das quais o sujeito não pode escapar, tais como em um jogo de truco ou outro jogo de cartas, onde o sujeito se encontra limitado a certas combinações e possibilidades de estratégia.

É isso que nos afirma Brodsky com relação à ideia da antropologia estrutural, onde há um marco significativo dentro do qual devemos nos deter e onde se dão todos os percursos possíveis, mas não poderíamos ir além disso. Como nos lembra Brodsky (1999), do ponto de vista da linguística, temos as duas possibilidades: ou bem os significantes se combinam S1-S2 em uma relação de contiguidade, ou também podem se colocar um sobre o outro, se substituindo entre si:

$$\frac{S_1}{S_2}$$

O que vemos exemplificado nessa fração: “o recalque implica que, desses dois significantes, há um que passa para baixo e é ele que vai representar o sujeito” (MILLER, 2012, p. 18). Acrescida à essa lógica, o que vemos agora com o exemplo dos irmãos é que, segundo Lacan, do inconsciente não podemos ter nenhuma prova de sua existência, nem a nível visual ou de localização em alguma parte do cérebro. Fora quando esse mecanismo, essa dança de significantes, falha. Brodsky (1999) afirma: “Sustentar que a única prova que temos do inconsciente é a sua falha, é uma ideia que tem suas consequências.”²⁵ (BRODSKY, 1999, p. 34, tradução nossa).

Ou seja, somente sabemos algo do inconsciente a partir dos fenômenos que Freud esmiúça em *A interpretação dos sonhos* (1900), *Psicopatologia da vida cotidiana* (1905c) e

²⁵ No original: “Sostener que la única prueba que tenemos del inconsciente es su falla, es una idea que tiene sus consecuencias.”

Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905d) que se dão sob a forma de um “tropeço”. A genialidade de Freud foi deduzir dali a hipótese do inconsciente. Lacan afirma:

No sonho, no ato falho, no chiste — o que é que chama atenção primeiro? É o modo de tropeço pelo qual eles aparecem. Tropeço, desfalecimento, rachadura. Numa frase pronunciada escrita, alguma coisa se estatela. Freud fica siderado por estes fenômenos, e é neles que vai procurar o inconsciente. Ali alguma coisa quer se realizar [...] mas de uma estranha temporalidade [...] O que se produz nessa hiância, no sentido pleno do termo *produzir-se*, se apresenta como *um achado* (LACAN, 1964, p. 32).

A hipótese de Freud do inconsciente, de onde Lacan formaliza o “sujeito” do inconsciente, é a de que quando um desses tropeços ocorrem eles não são parte de uma espécie de “erro no sistema”, como comumente poderíamos entender com a ideia do funcionamento de um computador, associada a uma falha da atenção ou da memória, mas diferente disso, a hipótese do inconsciente é a hipótese de Freud para explicar esses tropeços. O que acontece ao menino que tem os irmãos Pedro e Ernesto quando tem que se colocar em relação de parentesco? E o que acontece quando os mecanismos de metáfora e metonímia produzem efeitos de sentido inesperados para ele?

Por isso a hipótese do sujeito nos leva tanto a nos perguntar quem sonhou esse sonho com significações tão vergonhosas ou que surpreendem o sujeito, quanto a pensar quem é aquele que não sabe dizer “tenho dois irmãos” e que não se conta dentro? Essa é a perspectiva do inconsciente que interessa a Freud e não somente a dos mecanismos primários e combinações significantes. Ou seja, o inconsciente que interessa a Freud – e é retomado por Lacan com o conceito de sujeito – é aquele que obriga a suposição do sujeito nas formações do inconsciente. Em última instância, para concluir este *item 3.2*, Brodsky (1999) afirma:

Que classe de sujeito é aquele — Lacan não o diz aqui ainda — que tem-se que supor-lhe o gozo? Com efeito, se trata de uma suposição: se o inconsciente falha, se não sei o que digo quando falo, se sonho justo aquilo que não quero sonhar. Quem faz tudo isso? Quem é o agente dos meus sonhos, dos meus lapsos, dos meus tropeços? É isso o que faz surgir a suposição do sujeito do inconsciente²⁶ (BRODSKY, 1999, p. 36, tradução nossa).

Partindo, portanto, da suposição do sujeito como “agente” das formações do inconsciente, poderíamos dizer isso ser da ordem do gozo? Ou seja, o que é que está ligado a posta em ato da realidade sexual do inconsciente? Este aspecto, mencionado por Lacan no *Seminário II* (1964), havia sido renegado a segundo plano com a primazia da estrutura da linguagem. Vejamos o que diz Lacan:

²⁶ No original: “¿Qué clase de sujeto es que — Lacan no lo dice todavía acá — hay que suponerle al goce? En efecto, se trata de una suposición: si el inconsciente falla, si no sé qué digo cuando hablo, si sueño justo lo que no quiero soñar, ¿quién hace todo eso? ¿Quién es el agente de mis sueños, de mis lapsos, de mis tropiezos? Es esto lo que hace surgir la suposición del sujeto del inconsciente.”

Se a psicanálise deve se constituir como ciência do inconsciente, convém partir de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Daí deduzi uma topologia cuja finalidade é dar conta da constituição do sujeito.

Quando a isto aconteceu, num tempo que espero ultrapassado, que objetassem, que fazendo isto, dando a dominante à estrutura, eu negligencio, a dinâmica, tão presente em nossa experiência — chegando-se a dizer que eu consigo eludir o princípio afirmado na doutrina freudiana de que essa dinâmica é, em sua essência, de ponta a ponta, sexual (LACAN, 1964, p. 199).

Lacan se refere aqui às críticas que ele mesmo recebia e que tentava responder a respeito do que nos perguntamos: sobre o predomínio da estrutura da linguagem e de que maneira isso se articula na sua relação com as pulsões. Depois de reconhecido o valor da estrutura nas formalizações das subjetividades, se torna preponderante a questão de dar consequências ao conceito de pulsão como aquele que vem se associar a sexualidade tal como Freud a havia introduzido.

É levando em conta uma ênfase nessa dimensão pulsional que Lacan, no *Seminário II*, vai sublinhar uma nova definição do inconsciente, não só estruturado como linguagem, mas também relativo a uma topologia e uma dinâmica, incluindo uma pulsação de abertura e fechamento, onde “A realidade do inconsciente é — verdade insustentável — sexual” (LACAN, 1964, p. 148). O que também aparece em: “Quando lhes falo do inconsciente como daquilo que aparece na pulsação temporal, pode nos vir a imagem da *nassa*²⁷ que se entreabre, no fundo da qual vai se realizar a pesca do peixe.” (LACAN, 1964, p. 142).

Segundo Miller (2012) em *Os seis paradigmas do gozo*, é a partir dessas afirmações acima que Lacan vai descrever o inconsciente como uma borda que abre e que fecha, o que dá a entender existir uma espécie de continuidade entre o inconsciente simbólico e o funcionamento da pulsão (MILLER, 2012, p. 19). É o que se encontra presente na seguinte frase de Lacan, extraída de Miller (2012): “É no que algo no aparelho do corpo é estruturado da mesma maneira, é em razão da unidade topológica das hiências em jogo, que a pulsão tem seu papel no funcionamento do inconsciente.” (LACAN, 1964, p. 178).

Portanto, nesse momento, a partir do que se desenvolve por Lacan no *Seminário II* (1964) queremos abrir a via de articulação da noção do inconsciente estruturado como uma linguagem com a sexualidade, ou ainda, pensar uma articulação do “significante com o gozo” (MILLER, 2012, p. 18). Miller (2012):

Ele [Lacan] forja uma aliança, uma estreita articulação entre o significante e o gozo [...]. Qual é a finalidade do mecanismo de alienação e separação, de todo esse aparato que Lacan vai buscar na teoria dos conjuntos? De que se trata? Trata-se de uma articulação íntima entre o simbólico e o gozo [...]. Lacan esforça-se em mostrar que o resultado dessa operação [de alienação] implica, necessariamente, uma resposta de gozo: a separação (MILLER, 2012, p. 18).

²⁷ Cesto de vime afunilado próprio para pegar peixes, o equivalente de uma armadilha.

Este trecho de Miller aponta para o que dessa articulação do significante com o gozo se mostra a partir das operações de alienação e separação. Mais adiante veremos, portanto, como o desenvolvimento sobre a separação, introduz necessariamente o objeto *a*. Por enquanto, neste *item 3.2* vimos que Lacan introduziria uma topologia da constituição do sujeito a partir da ideia do inconsciente estruturado como uma linguagem: “Se a psicanálise deve se constituir como ciência do inconsciente, convém partir de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Daí deduzi uma topologia cuja finalidade é dar conta da constituição do sujeito” (LACAN, 1964, p. 199).

Essa topologia do sujeito na sua relação com o Outro é correlata da relação do \$ com o A (O grande *Outro* com maiúscula). O binário da metáfora e da metonímia será substituído pelas operações de alienação e separação. A linguística é deixada de lado, afastada em prol da lógica dos conjuntos, com as operações de união e de interseção que implicam a possibilidade de articular dois campos heterogêneos, o campo do significante e o do gozo, como sinalizamos a partir de Miller (2012).

Essa passagem vai colocar em perspectiva não só a articulação do sujeito ao significante, mas também do sujeito ao objeto *a*, a partir da ideia de que o sujeito não pode se representar totalmente no campo do Outro, e por isso mesmo há um resto como resposta. É por esse motivo que será preciso elaborar uma lógica não somente do significante, mas do que escapa a esse campo.

É claro que não é a primeira vez que Lacan aborda as relações do Sujeito com o Outro no *Seminário 11*, como faz por exemplo a partir do esquema L, em *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1958d), ou a partir da formulação em *Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise* (1953b). Mas como afirma Miller (2012), ali Lacan dá ênfase à “dialética da intersubjetividade” envolvida na relação do sujeito com o Outro, onde a ordem da satisfação ocupa outro lugar (MILLER, 2012, p. 2).

E o que aqui queremos enfatizar na satisfação é a inclusão do objeto *a* como uma resposta inevitável à alienação no campo do Outro, que instaura um circuito pulsional. Vamos, então, buscar circunscrever as funções dessas operações de alienação e separação.

3.3 A ALIENAÇÃO

A operação de alienação tenta responder, de acordo com a articulação lógica baseada na teoria dos conjuntos, à seguinte questão: como é que partindo do campo do Outro se

produz o sujeito? Segundo Brodsky (1999), neste momento do ensino do Lacan há a ideia do Outro como prévio, que está lá antes do sujeito. Mas a partir dos anos 70, Lacan deixa de considerar evidente o fato de que o Outro pré-exista ao sujeito. Ao contrário, segundo Miller (2012), ele vai se perguntar a partir do Outro do “Um” do gozo no famoso sintagma “Há gozo”²⁸ (MILLER, 2012, p. 41).

Vamos ver como a lógica da alienação e da separação não são somente conceitos destinados a esclarecer a constituição do sujeito, mas dizem respeito a uma utilidade clínica na direção do tratamento. Para começar, vamos seguir os desenvolvimentos realizados por Brodsky (1999) no *Seminário 11* (1964), ligados a operação de alienação, temos o Outro na sua função de “lugar” e do “significante”: “O Outro é o lugar em que se situa a cadeia significante que comanda tudo que vai poder pressentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer” (LACAN, 1964, p. 200).

É desse campo que o sujeito da alienação vai aparecer, do seguinte modo:

[...] o sujeito aparece primeiro no Outro, no que o primeiro significante, o significante unário, surge no campo do Outro, e no que ele representa o sujeito, para um outro significante, o qual outro significante tem por efeito a *afânise do sujeito*. **Donde, divisão do sujeito — quando o sujeito aparece em algum lugar como sentido**, em outro lugar ele se manifesta como *fading* como desaparecimento (LACAN, 1964, p. 213) [grifos nossos].

Ou, ainda:

A alienação consiste nesse vel que — se a palavra condenado, não suscita objeções da parte de vocês, eu a retomo — **condena** o sujeito a **só aparecer nessa divisão** que venho, me parece, de articular suficientemente ao dizer que se ele **aparece de um lado como sentido, produzido pelo significante, do outro ele aparece como afânise** (LACAN, 1964, p. 206) [grifos nossos].

O que aqui temos desenhado como consequência dessa operação da alienação é que, se por um lado a sua alienação nesse significante primordial leva o sujeito a uma afânise e desaparecimento simbolizado pela escrita do \$, por outro lado esse S1 vai se ligar a um S2 do campo do Outro, que vai estar do lado do sentido: “o sujeito aparece em algum lugar como sentido” (LACAN, 1964, p. 213). É o que está refletido da seguinte maneira também por Lacan:

O significante produzindo-se no campo do Outro faz surgir o sujeito de sua significação. Mas ele só funciona como significante reduzindo o sujeito em instância a não ser mais do que um significante, petrificando-o pelo mesmo movimento com que o chama a funcionar, a falar, como sujeito (LACAN, 1964, p. 203).

O que significa que esse duplo efeito que tem a alienação ao campo do Outro condição do efeito de sujeito, onde por um lado essa condição o leva a existir e a poder falar a partir do campo do Outro, mas por outro, o petrifica. Ou seja: “O sujeito, na sua própria parte

²⁸ Afirmação baseada na de Lacan: “Há Um” (LACAN, 1973, p. 73).

irrepresentável, surge somente pelo fato de ser representado por um significante” ao mesmo tempo em que “o cristaliza na representação que ele lhe dá eludindo, com isso, seu vazio constitutivo.” (MILLER, 2012, p. 28).

É o que está implicado na operação que Lacan chama de o “vel” da alienação, a palavra “vel” provém da lógica dos conjuntos e indica a relação entre os conjuntos mediados pela palavra “ou”, dando a entender que “ou” bem, por exemplo, escolho comer uma coisa, “ou” bem como outra, porém com a especificidade que na escolha de qualquer das duas opções há uma perda inevitável.

É assim que Lacan nos explica que na função da “reunião” na teoria dos conjuntos, em especial no “*vel* da alienação”, as propriedades dessa reunião são as seguintes: “há, na reunião, um elemento que comporta que, qualquer que seja a escolha que se opere, há por consequência um *nem um, nem outro*.” (LACAN, 1964, p. 206).

Ou seja, *nem* o sujeito, *nem* o Outro: se escolhermos o sujeito temos uma afânise, e se nos dirigimos ao campo do Outro temos um Outro decepado do sujeito. Logo, o impasse que demonstra essa operação é que a escolha de um ou de outro implica perda nos dois campos. Vamos voltar a ver essa operação passo a passo, mas essas consequências estão ilustradas da seguinte maneira por Lacan:

Ilustremos isto, pelo que nos interessa, o ser do sujeito, aquele que está ali sob o sentido. Escolhemos o ser, o sujeito desaparece, ele nos escapa, cai no não-senso — escolhemos o sentido, e o sentido só subsiste decepado dessa parte de não-senso que é, falando propriamente, o que constitui na realização do sujeito, o inconsciente. (LACAN, 1964, p. 206).

Se nos interessamos pelo ser do sujeito ele desaparece, nos escapa, cai no não-senso, mas se escolhermos o sentido, o sujeito acaba podendo ser apreendido somente a partir do sentido, decepado da parte do sujeito de não-senso. Os dois efeitos – de um lado a afânise do sujeito, e de outro o sentido – são situados na “dialética” do sujeito na relação com o Outro do significante: “Não há sujeito sem, em alguma parte, *afânise* do sujeito, e é nessa alienação, nessa divisão fundamental, que se institui a dialética do sujeito” (LACAN, 1964, p. 216). Essa dialética do sujeito com o Outro na operação de alienação funda uma “topologia” que vamos tratar aqui de remontar:

Tudo surge da estrutura do significante. Essa estrutura se funda no que primeiro chamei a função do corte, e que se articula agora, no desenvolvimento de meu discurso, como função topológica da borda (LACAN, 1964, p. 202).

É esta Função que vamos representar, a partir do passo a passo dos diagramas desenhados por Brodsky na sua leitura do *Seminário 11* (1964):

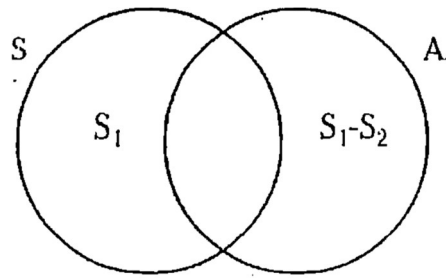


Figura 3. (BRODSKY, 1999, p. 177)

Se por um lado temos o S1 do campo do sujeito, significante unário, primordial, traumático, enigmático e sem sentido, que se situa no campo do sujeito, porque se encontra como sem-sentido em um primeiro momento (ainda que advenha do Outro), é graças ao campo do Outro que ele adquire sentido ao se articular em cadeia com o S2. É com o S1 – sem sentido e recalcado à nível inconsciente – que o sujeito se dirige ao campo do Outro. Quando se realiza a primeira operação de “união” desse elemento S1, que é o elemento em comum aos dois campos, é com S2 que temos o sentido. O S1 é o elemento em comum aos dois campos, porque ao mesmo tempo em que ele é do sujeito, ele vem também do campo do Outro. Vejamos um outro esquema que exemplifica essa ideia:

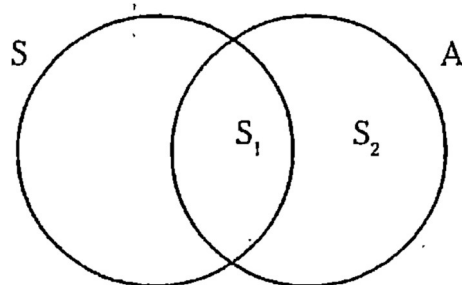


Figura 4. (BRODSKY, 1999, p. 178)

A operação de união, como nos lembra Brodsky (1999), supõe considerar os elementos que são comuns e os que não são comuns para ambos os conjuntos. É a partir dessa operação do S1 que se liga ao S2 que aparece em evidência o elemento comum a ambos, coisa que se revela a partir dessa cadeia, que antes não se conseguia ver. Ou seja, se em um primeiro momento o conjunto do sujeito habitado pelo S1 não nos deixava ver o seu lado de afânise \$, num segundo momento, quando o S1 se liga ao S2 no campo do Outro, o que resta desta operação nos deixa entrever aquilo que sobra no conjunto do sujeito que não é do conjunto do Outro:

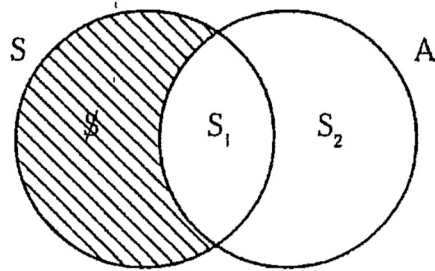


Figura 5. (BRODSKY, 1999, p. 178)

É o que foi tachado aqui no esquema de Brodsky (1999) em listras. O que sobra no conjunto do sujeito, que não é comum ao campo do Outro, é o sujeito barrado \$ afanisiaco. Se trata da parte não comum, pois o S₁ é o que há em comum entre os dois conjuntos (já que, ainda que seja singular do sujeito, ele advém do Outro) e com sua articulação com o S₂ obtém sentido e faz cadeia. A cadeia significativa S₁-S₂ quando se estabelece, pode se articular metonimicamente ao infinito. É dessa forma, então, que a operação de alienação faz aparecer o \$ que antes se dissimulava por detrás do S₁, como nos lembra Brodsky (1999).

Brodsky (1999) nos lembra ainda aquilo que Lacan retoma no *Seminário 17* (1969-70), quando escreve o \$ como a verdade dissimulada por detrás do S₁:

$$\frac{S_1}{\$}$$

Figura 6. (LACAN, 1969, p. 29)

A verdade por detrás do S₁ é o sujeito barrado da indeterminação subjetiva, cuja fenomenologia se referia como aquele que fala sempre mais do que diz e que consigo mesmo não forma nenhuma unidade. Nisto consiste a operação de alienação em produzir o sujeito barrado, e o interessante desta operação é que isso se produz no encontro com o Outro. Segundo Brodsky (1999), não se trata de algo que se produz de uma vez quando se é criança na relação com a mãe, mas se trata de uma operação que se produz a cada vez, em cada sessão, e é função do analista que essa operação de alienação se repita para que daí faça advir o efeito sujeito (BRODSKY, 1999, p. 179).

3.4 O TRAÇO UNÁRIO

Antes de prosseguir para a separação, vamos acrescentar a questão do “traço unário” ou S₁ desdobrado por Lacan no *Seminário 9* (1961-62), que está ligada à operação da

alienação que acabamos de ver – tema em torno do qual não pretendemos aqui esmiuçar, mas sinalizar – porque se trata de um traço de escrita sem sentido que é fundamental não só na constituição do sujeito próximo a um recalque originário, mas também, como vimos no *Capítulo 2*, encontra-se presente na determinação da produção inconsciente, a partir das ligações desse S1 com o S2 formando as teias de cadeias significantes.

No *Seminário 23* (1975-76), Lacan afirmaria que: “Não é de hoje que me interesso por essa questão da escrita, e a promovi pela primeira vez ao falar do traço unário, que, em Freud, é *einzigster Zug*” (LACAN, 1975-76, p. 141). O traço unário está ligado em Freud à identificação na relação do sujeito com o significante, assunto que Lacan já havia tratado no *Seminário 9*: “[...] o importante na identificação deve ser, propriamente, a relação do sujeito com o significante” (LACAN, 1961-62, p. 13).

Porém, para definir o “traço unário”, Lacan busca mais especificamente articulá-lo àquilo que ele está ligado, ou seja, ao “estatuto” do significante, que é inerente a constituição da experiência de ser *Um* do sujeito. E o que seria esse *Um*²⁹ do sujeito, que corresponde ao que ele se identifica? Primeiro, Lacan descreve a dimensão do significante, ligada à ordem simbólica. Porém, o faz se perguntando: de que maneira o sujeito para dizer *que é* ou se acreditar ser, ancora sua identificação?

Para se referir à função da articulação significativa, Lacan faz um paralelo do valor do significante com o valor do objeto no jogo do *Fort-da*, usado por Freud. Ali, o significante é o suporte de um desaparecimento e aparecimento do objeto carretel. No exemplo do *Fort-da* temos o objeto carretel, mas poderia ser outro. Como a bola que aparece e desaparece usada no *Seminário 9*, que vai conceder à criança, agente dessa brincadeira, um domínio sobre a falta a que está acometida, e um sentido a ela. Um sentido às ausências da mãe, no caso da relação edípica (LACAN, 1961-62, p. 52).

Sendo assim, aquele objeto que está escondido pelo seu desaparecimento ganha nesta operação uma existência de unidade, pois ainda que a sua presença seja interpelada pela sua ausência, o que desaparece e reaparece é identificado como sendo o único e mesmo objeto. Esta unidade, que se constitui sob o fundo do desaparecimento, está ligada à constituição do *Um*. Vejamos:

Que relação existe entre *o é* que une as duas aparições da bola e esse desaparecimento intermediário? No plano imaginário, vocês podem perceber que pelo menos se coloca a questão desse *é* com o que parece causá-lo, a saber, o desaparecimento, e aí vocês se aproximam de um dos segredos da identificação, que

²⁹ Lacan se referirá posteriormente a esse “Um” através do “Há Um” no *Seminário 20* (LACAN, 1972-73, p. 90).

é aquele ao qual tentei remetê-los no folclore da identificação, essa assunção espontânea para o sujeito, da identidade de duas aparições, no entanto bem diferentes (LACAN, 1961-62, p. 53).

O que Lacan aponta com essa ideia é que existe um viés da constituição do ser ligado ao que *é*, ao *Um*, a partir do significante como suporte da falta. Mas seria essa “simples” relação referente ao *Fort-Da* que está em jogo na nossa experiência de identificação segundo Lacan? Lacan afirma que essa “escansão” que confere lugar ao sujeito não é simplesmente “imaginária”, mas se refere ao “mais íntimo de nós mesmos, do que tentamos fazer o ancoradouro, a raiz, o fundamento do que somos como sujeitos” (LACAN, 1961-62, p. 53). É aqui que Lacan evocará uma relação do sujeito para além do desaparecimento e aparecimento, com o que é próprio da identificação do sujeito ao “estatuto do significante” (LACAN, 1961-62).

Seguindo um pouco mais, Lacan se perguntará: “O que é um significante? Se todo mundo, e não somente os lógicos, fala de A, quando se trata de A é A, não é por acaso. É que, para suportar o que se designa, é preciso uma letra” (LACAN, 1961-62, p. 52). Neste momento Lacan afirma querer “mostrar-lhes justamente na letra essa essência do significante, por onde ele se distingue do signo.” (LACAN, 1961-62, p. 57). O valor da letra aparece em função da caligrafia chinesa, a partir do seu estatuto de obra de arte.

Lacan faz, portanto, referência a escrita chinesa, para introduzir-nos ao que constitui a essência do significante, ou o seu “estatuto” (LACAN, 1961-62). Foi o que designou como *einzigster Zug* de Freud, e que é traduzido por Lacan por “unário”:

[...] não é absolutamente um neologismo, que é empregado na teoria dita dos conjuntos, a palavra “unário” [*unaire*] em lugar da palavra “único” [...] Ao menos é útil que me sirva dele [traço unário] hoje, para fazê-los sentir esse nervo de que se trata na distinção do estatuto do significante (LACAN, 1961-62, p. 58).

O “traço unário” que Lacan compara a “fazer bastões”, “traços” na vertical, equivale aos “rastros” do significante únicos. Cada um desses “traços” não são “absolutos” e nem idênticos aos de outra pessoa: “mas não é porque são diferentes que funcionam como diferentes, mas em razão de que a diferença significativa é distinta de tudo o que se refere à diferença qualitativa” (LACAN, 1961-62, p.62).

Desse “traço”, Lacan segue afirmando:

[...] nosso traço unário, nessa função de bastão como figura do um enquanto ele não é senão traço distintivo, traço justamente tanto mais distintivo quanto está apagado quase tudo o que ele distingue, exceto ser um traço, acentuando esse fato de que mais ele é semelhante, mais ele funciona [...] como suporte da diferença (LACAN, 1961-62, p. 75).

Segundo Lacan, do ponto de vista da função da alteridade distintiva referente ao “traço”, pouco importa se eles se diferenciam entre si, mas a alteridade que o “traço” é suporte tem a função de garantir a repetição que escapa: “a identidade de seu eterno retorno” (LACAN, 1961-62). A alteridade do traço unário seria o que suporta o automatismo de repetição, o que funciona como um modelo da necessidade da satisfação pulsional. Onde o traço que sujeito se identifica tem dimensão de *Um* único, singular, que se reitera e que está ligado a satisfação pulsional do sujeito:

Pois o que quer dizer o automatismo de repetição, enquanto temos a ver com ele, é isso, é que se um ciclo determinado que foi apenas aquele ali — é aqui que se perfila a sombra do ‘trauma’, que eu não coloco aqui senão entre aspas, porque não é seu efeito traumático, que o retém, mas apenas sua unicidade — aquele, portanto, que se designa por um certo significante que pode sozinho suportar o que aprenderemos a seguir a definir como uma letra, instância da letra no inconsciente [...] é nesse sentido que o comportamento se repete para fazer ressurgir esse significante que é, como tal, o número que ele funda (LACAN, 1961-62, p. 76).

Aqui Lacan faz novamente referência à letra no inconsciente – como o que comporta e sustenta o automatismo de repetição – e ao significante – como aquilo que serve de suporte para essa definição. Na relação do sujeito, traço unário e significante, Lacan afirma:

[...] nós nos encontramos em tudo aquilo em que se pode chamar a bateria do significante, confrontada a esse **traço único, a esse *einziger Zug*** que já conhecemos [...] O que encontramos no limite da experiência cartesiana como tal do sujeito evanescente, é a necessidade dessa garantia, do traço de estrutura o mais simples, do traço único, se ousar dizer, absolutamente despersonalizado, não somente de todo o conteúdo subjetivo, mas também de toda variação que ultrapasse esse único traço, desse traço que é *um*, por ser o traço único [*einziger Zug*] (LACAN, 1961-62, p. 35) [grifos nossos].

Logo, o sujeito é evanescente, mas não se pode dizer por isso que ele é vazio ou que não possui um lastro. Ou seja, há uma necessidade de garantia, a qual o traço único, despersonalizado, que é *Um*, se liga ao sujeito. O que é o *Um* aqui?

[...] o que distingue o significante é somente ser o que os outros não são; o que, no significante, implica essa função de unidade é justamente ser somente diferença. É enquanto pura diferença que a unidade, em sua função do significante, se estrutura, se constitui [...] nada da função do significante é propriamente pensável, sem partir disso que formulo: ***o Um como tal é o Outro*** (LACAN, 1961-62, p. 49) [grifos nossos].

O que concede unidade a um significante é sua definição a partir da diferença com os demais significantes. E essa “pura diferença” que constitui propriamente a unidade do significante é que é o seu lastro, ou seja, o que faz produzir-se o significante enquanto *Um*. E

o *Um*, afirma Lacan, é o *Outro*. O *Outro* aqui entendido como a alteridade primordial de onde o sujeito advém para existir como tal.

E é preciso nos alertar do seguinte: “a identificação não é simplesmente fazer um” (LACAN, 1961-62, p.51). E Lacan vai formular a respeito do valor do significante que é da ordem do *fort-da* ou do aparecimento e desaparecimento onde o sujeito caracteriza o seguinte aspecto: “os diferentes ângulos sob os quais somos levados a nos identificar como sujeitos, ao menos para uma parte dentre eles, supõe o significante para articulá-lo” (LACAN, 1961-62, p. 53).

O significante articula a presença e ausência e faz advir o sujeito, mas também o aliena nesse significante indelével unário. É o que nos afirma Lacan em *Subversão do sujeito e dialética do desejo* (1960d):

Tomem apenas um significante como insígnia dessa onipotência, ou seja, desse poder todo em potência, desse nascimento da possibilidade, e vocês terão **o traço unário**, que, **por preencher a marca invisível que o sujeito recebe do significante**, aliene esse sujeito na identificação primeira que forma o ideal do eu (LACAN, 1960d, p. 822) [grifos nossos].

Após a retomada do traço unário ligado à alienação no campo do Outro, vamos seguir com a operação de separação, que está em dialética com a alienação.

3.5 A SEPARAÇÃO

Vimos, portanto, nessa pequena digressão em torno do *Um* do S1 do traço unário, que há nessa alienação primordial ao traço sem sentido (fundante da nossa subjetividade) esse *Um* ou traço sem sentido, que entretanto será posteriormente recoberto pela sua articulação de sentido na cadeia, e que esconde por detrás dele o \$. Porém, esse S1 que é do Outro, produz nessa alienação do sujeito ao Outro um efeito de divisão do sujeito, por um lado a afânise, por outro o sentido.

Agora, para prosseguirmos rumo a operação de separação, vamos voltar ao *Seminário II* (1964), onde Lacan parte do ponto em que paramos no *item 3.3*. Paramos no efeito que a operação de alienação produz, onde temos como saldo dessa operação, o \$, ou seja, \$ que se extraiu da lógica dos conjuntos na alienação, como aquilo que resta no conjunto do sujeito e que não é elemento em comum para com o conjunto do Outro. Vamos lembrar esse esquema:

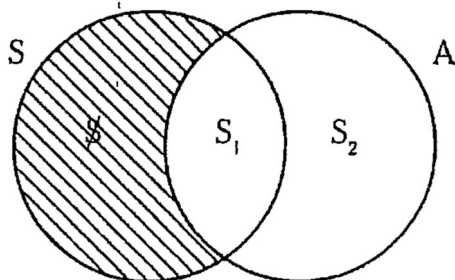


Figura 7. (BRODSKY, 1999, p. 179)

Aqui ficamos com o que sobra, o conjunto em cujo interior só temos a falta a ser do §:

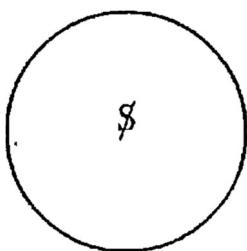


Figura 8. (BRODSKY, 1999, p. 179)

O S1 proporciona um ser, como vimos com o traço unário, mas ele também esconde uma “falta a ser” que se evidencia a partir da associação desse S1 com o S2 (BRODSKY, 1999, p. 179). Ou seja, é a partir do encontro com o Outro que o sujeito tem como consequência a produção da sua “falta a ser”. Agora, partindo dessa “falta a ser”, vamos novamente em direção ao Outro, e é nesse momento que Brodsky (1999) nos sinaliza uma observação preciosa sobre o estatuto desse Outro.

Brodsky aponta que nesse momento o Outro não é mais o Outro do significante. Para ela, o Outro se divide ao longo dessa operação de alienação e separação em três estatutos: o Outro do lugar, o Outro do significante e o Outro do desejo (BRODSKY, 1999, p. 180). Nesse caso, é ao Outro do desejo que o sujeito se dirige na operação de separação, o que é diferente do Outro do significante da operação anterior: “É uma diferença decisiva. O Outro do significante implica na cadeia de significantes. O Outro do desejo inclui algo que falta, dada a articulação entre desejo e falta.”³⁰ (BRODSKY, 1999, p. 180, tradução nossa).

E é justamente essa dimensão desse Outro do desejo que Lacan nos introduz com a seguinte ideia:

³⁰ No original: “Es una diferencia decisiva. El Otro del significante implica la cadena de significantes. El Otro deseante incluye algo que falta, dada la articulación entre deseo y falta.”

Tentarei lhes mostrar da próxima vez como, à guisa da função do *vel* alienante, tão diferente dos outros *vel* até aqui definidos, se deve fazer uma utilização dessa noção de interseção. Veremos como ela surge do recobrimento de duas faltas.

Uma falta é, pelo sujeito, encontrada no Outro, na intimação mesma que lhe faz o Outro por seu discurso. Nos intervalos do discurso do Outro, surge na experiência da criança, o seguinte, que é radicalmente destacável — *ele me diz isso, mas o que é que ele quer?* (LACAN, 1964, p. 209).

Ou seja, é um momento em que passamos do “vel” alienante, que implica a operação de “reunião” entre o conjunto do sujeito e do Outro, para o “vel” da separação, que é uma espécie de “vel” muito particular, pois se trata da “interseção” de duas faltas que simbolizam a falta do Outro e a do sujeito, onde uma é recoberta pela outra.

É nessa lógica que temos o famoso exemplo da bolsa *ou* a vida. Se escolhemos a bolsa perdemos a vida, mas se escolhemos a vida, temos uma vida decepada da bolsa. Em qualquer das duas escolhas forçadas, há um irreduzível da falta. Porém, como nos explica Lacan, na direção de uma análise não se busca chegar ao ponto em que o sujeito possa se deparar com uma espécie de esvaziamento de todo o sentido onde sua existência está engajado, mas sim que possa isolar dentre os significantes do Outro que o sobredeterminam aqueles sem-sentido, para que deles se deduza aquilo que determina toda a sua conduta.

Lacan: “A interpretação não visa tanto o sentido quanto reduzir os significantes a seu não-senso, para que possamos reencontrar os determinantes de toda a conduta do sujeito” (LACAN, 1964, p. 207). Para isso, Lacan nos introduz ao exemplo da escolha forçada entre a bolsa e a vida, onde caso se escolha a bolsa perde-se a vida, e se fica-se com a vida, tem-se uma vida decepada da bolsa. Novamente nos remetemos ao esquema do *Seminário 11* (1964):

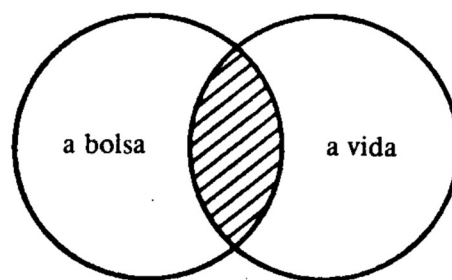


Figura 9. (LACAN, 1964, p. 208).

Aqui temos a expressão da “interseção” próprio da operação de separação, que se refere à “interseção” da falta, elemento comum aos dois conjuntos. É o recobrimento de duas faltas em jogo na separação. As duas faltas são as relativas, a falta do lado do campo do Outro e a falta do lado do sujeito.

Sendo assim, do lado do Outro, o que veremos em evidência na separação é a falta do Outro em evidência, quando o Outro é convocado pelo sujeito a responder à pergunta: “*o que*

é que ele quer?” (LACAN, 1964). Tal questionamento recai sobre o estatuto do Outro do desejo, estatuto este que dissemos estar presente na operação de separação, onde o sujeito passa a se endereçar ao Outro para se interrogar acerca do desejo do Outro sobre si: “o que ele quer de mim, afinal?”. Esse estatuto do Outro do desejo vai surgir, nos explica Lacan, a partir das brechas daquilo que “não cola” nas respostas do Outro:

O desejo do Outro é apreendido pelo sujeito naquilo que não cola, nas faltas do discurso do Outro, e todos os *por-quês?* da criança testemunham menos de uma avidez da razão das coisas do que constituem uma colocação em prova do adulto, um *por que será que você me diz isso?* sempre re-suscitado de seu fundo, que é o enigma do desejo do adulto (LACAN, 1964, p. 209).

Ou seja, essas perguntas infantis são a expressão do que vai se colocando para ela como enigma acerca do que o Outro lhe diz como verdade, inaugurando uma outra via, do que estaria oculto ou por detrás daquilo que o adulto diz, o que em última instância está ligado ao “enigma do desejo do adulto” para a criança (LACAN, 1964).

Indo mais longe, é dessa experiência da criança que derivará uma resposta sua à falta de resposta no campo do Outro. Essa resposta será dada com o seu ser, oferecendo-o como um objeto a ser colocado em jogo nessa dialética. Onde, diante desse desejo enigmático do Outro, não sei o que o Outro quer comigo, mas: “Pode ele me perder?” (LACAN, 1964, p. 209). Onde também aparece, segundo Lacan, algo da sua própria perda. Tal formulação faz parte da fantasia de desaparecimento e morte de si próprio: “Sabemos que a sua fantasia de morte é brandida comumente pela criança em sua relação de amor com seus pais” (LACAN, 1964, p. 209).

Logo, o Outro desejante é um Outro ao qual lhe falta algo. Então, se temos do lado do sujeito uma falta em ser, do lado do Outro também temos uma falta. Como sinalizamos acima, a operação de separação é, portanto, a interseção dessas duas faltas, uma do lado do sujeito e outra do lado do Outro, “uma falta recobre a outra” (LACAN, 1964). Esta operação faz parte do que Lacan chama de “lógica” da constituição do sujeito, que também qualifica de “não reciprocidade”, onde não há realmente uma reciprocidade do sujeito com o Outro (LACAN, 1964). Se do lado do sujeito temos o conjunto vazio marcado por $\$$, do lado do Outro, também temos um conjunto vazio:

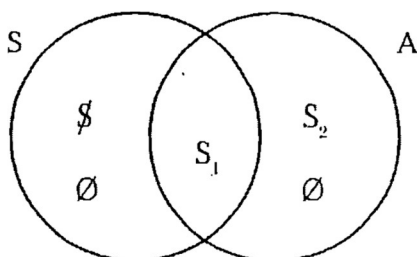


Figura 10. (BRODSKY, 1999, p. 180)

Essa parte do conjunto vazio do lado do Outro não aparece quando falamos do Outro do significativo, mas se coloca em jogo quando se aborda que há algo que falta no campo do Outro. A ideia dessa lógica é que o conjunto vazio é um sub-conjunto de qualquer conjunto, ou seja, todo conjunto contém um conjunto que é vazio. Logo, temos formas diferentes de nos dirigirmos ao Outro. Na alienação, o endereçamento ao Outro está centrado na busca de sentido – “o que quer dizer meu sintoma?” – e na operação de separação se dirige ao Outro com a interrogação sobre o seu desejo: “Tudo bem que ele me diz isso, mas o que ele quer verdadeiramente?”

O que pode marcar segundo Brodsky (1999) momentos diferenciados em uma análise:

No começo, o endereçamento ao analista implica a pergunta sobre o sentido. É a via neurótica que tratamos de provocar no curso das entrevistas preliminares, ou seja, forçamos a alienação para que o sintoma se manifeste como interrogação ‘O que quer dizer?’ [...] há outros momentos nos quais importa pouco o que o analista diga senão porque ele o diz.³¹ (BRODSKY, 1999, p. 181, tradução nossa).

Neste trecho, ainda que seja sobre o desejo do Outro que agora o sujeito se pergunta, essa dimensão continua a fazer parte de toda a vinculação que ele tem na sua constituição no campo do Outro do desejo. O ponto onde queremos chegar é: o saldo dessa operação de separação está na “interseção” dessas duas faltas, a do Outro e a do sujeito, tendo-se como resultado uma positivação. Semelhante efeito que se obtém quando se multiplica menos com menos e dá um mais. O que faz com que se obtenha como produto da interseção dessas duas faltas, o objeto *a*:

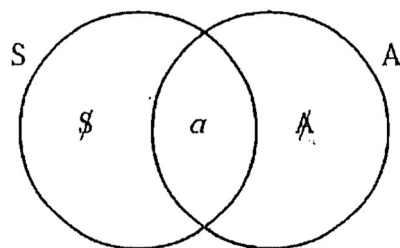


Figura 11. (BRODSKY, 1999, p. 181)

³¹ No original: “Al comienzo, la dirección al analista implica la pregunta por el sentido. Es la dirección neurótica que tratamos de provocar en el curso de las entrevistas preliminares, es decir, forzamos la alienación para que el síntoma se manifieste como interrogación ‘¿qué quiere decir?’ [...] hay otros momentos en los cuales importa poco lo que el analista diga sino por qué lo dice.”

A resposta à pergunta acerca do enigma do desejo do Outro, a partir de “o que ele quer de mim”, desemboca na resposta fantasmática que o sujeito pode dar sozinho: “ele quer me ver morto”, “ele quer me engolir”, “ele quer me cagar”, etc. Em todas essas respostas, se coloca em jogo o objeto a , através do qual o sujeito se fabrica um lugar no Outro. Não se trata mais, portanto, do lugar significativo que representa um sujeito no campo do Outro, mas de um lugar que responderá à pergunta sobre o que o Outro quer de mim. Portanto, assim como a operação da alienação colocou em evidência o \$, a operação de separação coloca em evidência o objeto a articulado ao sujeito. O que dá lugar a seguinte escrita:

Figura 12. (LACAN, 1960d, p.831)

Para concluirmos, Brodsky (1999) afirma que a operação de “separação” é assim chamada não porque promova a separação do campo do Outro ou do seu desejo, ao qual o sujeito responde com o seu lugar na fantasia, mas porque a operação de separação propõe se separar dos Outro do significativo, que produz os efeitos que Lacan chama de afanisiacos (BRODSKY, 1999, p. 185). O efeito afanistiaco a partir do encadeamento do S1 com o S2 na cadeia, não é outra coisa que o efeito do \$.

Como então se separar dessa indeterminação subjetiva? Se em um primeiro momento a análise leva o sujeito a se produzir como um sujeito barrado, dividido a partir da operação de alienação, em um segundo tempo será conveniente passar a outro plano para que o sujeito se destitua dessa indeterminação: “Por isso a direção da análise e a direção na qual avança todo o ensino do Lacan aponta para que nos perguntemos sobre como se acaba com a indeterminação, do sujeito, com a falta a ser. É a isso que responde a operação de separação³²” (BRODSKY, 1999, p. 185, tradução nossa).

3.6 O OBJETO A ³³ E O CIRCUITO PULSIONAL

³² No original: “Por eso la dirección del análisis y la dirección en la que avanza toda la enseñanza de Lacan apunta a preguntarse cómo se acaba con la indeterminación, del sujeto, con la falta en ser. Es a esto que responde la operación de la separación.”

³³ O desenvolvimento sobre a teoria do objeto em Lacan que perpassa toda a sua obra é grande. No que tange ao objeto a , invenção conceitual de Lacan, usamos o *Seminário 10* (1962-63) e o *Seminário 11* (1964). Mas para uma consulta mais aprofundada do desenvolvimento do conceito, ver o livro de Diana Rabinovich (2007) “El concepto de objeto em la teoría psicanalítica”. Buenos Aires: Manantial.

A partir dos desenvolvimentos acima, e especialmente da operação de separação, vamos circunscrever no saldo dessa operação aquilo que é a invenção lacaniana: o objeto *a*. E buscar compreender de que maneira o objeto *a* é estabelecido como fruto de um circuito pulsional do sujeito, onde o objeto da pulsão, causa do desejo segundo Lacan, é contornado pela pulsão: “Compreendam que o objeto do desejo é a causa do desejo, e esse o objeto causa do desejo é o objeto da pulsão — quer dizer o objeto em torno do qual gira a pulsão.” (LACAN, 1964, p. 236).

Ou seja, incluímos aqui o objeto *a*, causa de desejo, como presente nos *Seminário 10 e 11*, mas também contemplado no seu aspecto contornável pela pulsão, estabelecendo dessa forma um circuito. Antes de seguir, vamos lembrar o que vimos nos *itens 3.3 e 3.5* sobre a lógica das operações de alienação e separação resumidas por Laurent (1997) da seguinte maneira:

[...] a união do sujeito com o Outro deixa uma perda: se o sujeito tenta encontrar-se no Outro, só pode se encontrar como uma parte perdida. Ele fica petrificado por um significante-mestre e perde alguma parte do seu ser. A alienação (isto é, o fato de que o sujeito, não tendo identidade, tenha de identificar-se a algo), encobre ou negligência o fato de que, em um sentido mais profundo, o sujeito se define não apenas na cadeia significante, mas, no nível das pulsões, em termos de seu gozo³⁴ em relação ao Outro (LAURENT, 1997, p. 43).

Nesse trecho temos a inclusão do termo gozo, conceito de Lacan inspirado no conceito de pulsão de morte de Freud, presente em *Além do princípio do prazer* (1920), cuja dimensão é posta em evidência no *Seminário 11* (1964). O gozo se encontra aqui não somente no seu aspecto de ameaça ao princípio do prazer, mas também como uma pulsão, que desenha em seu movimento um circuito. Ou seja, vemos nesse resumo de Laurent que, a nível do Outro do significante, o sujeito se encontra indeterminado. Porém, esse nível encobre outro, que é o das pulsões, onde o sujeito responde com o seu lugar de gozo como objeto diante do Outro do desejo.

Vejamos, por exemplo, que o primeiro status do sujeito como *enfant*, segundo nos lembra Laurent (1997), é viver no lugar de objeto *a* para a mãe, que encarna a parte perdida desse Outro materno primordial, a parte faltante desse Outro. Com essa primeira identificação, a de ser o complemento da mãe, o sujeito acede à cadeia significante: “Sua

³⁴ Gozo é um conceito lacaniano para dar conta do que Freud formalizou a partir do conceito de pulsão de morte em “Além do princípio do prazer” (1925-26) Vol. XVIII. Ver tb em: Lacan, J *Seminário 5: As formações do inconsciente* (1958). Significa pulsão que ameaça a homeostase do princípio do prazer. Misto de prazer e dor. Contamos também com a seguinte referência em Freud dada por Miller na abertura dos *Outros Escritos*: “[...] gozo (conceito que reúne e desloca o que, em Freud é denominado *Lust* e até *Lustgwinning*, *Libido* e *Befriedigung*, *satisfação*, da *pulsão*) [...]” (MILLER, 2001, p. 13).

identificação primária, num sentido, é com o significante-mestre [...]. É a identificação completa: aquilo que ele foi, como tal, no desejo do Outro, não apenas no nível simbólico do desejo, mas como substância real envolvida no gozo” (LAURENT, 1997, p. 44).

Aqui vemos a menção à substância do gozo como resposta à relação do sujeito com o Outro do desejo. Desse engajamento do corpo da criança nos primórdios da sua constituição subjetiva, ao aceder ao universo significante através da sua identificação, advém a perda inerente ao recorte significante que incide sobre a natureza da própria pulsão. Natureza esta descrita por Freud como “perversa polimorfa” nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, 1905b, p. 179). Nesse sentido, Brousse (1997) afirma:

Ele [Lacan] diz que a questão da realidade sexual do inconsciente é uma questão da relação entre a sexualidade humana e a combinatória de significantes. O que ele propõe, penso, é que no começo tem-se a necessidade e nada mais. O significante barra a necessidade e produz a pulsão. A pulsão é o resultado da operação do significante sobre a necessidade, o que produz um resto. Algo escapa, que é o desejo. A pulsão é definida por Lacan como o resultado do funcionamento do significante, isto é, da demanda: a demanda do Outro (BROUSSE, 1997, p. 123).

A operação que Brousse descreve envolve a consequência para um pequeno ser humano, de por estar situado no meio linguístico desde sempre, mesmo ali onde ele tem uma necessidade biológica definida, com um objeto definido. Como por exemplo, a fome e o leite que vem saciar a fome. O que acontece, então? Está também presente o uso que a mãe irá fazer do significante, ela fala todo o tempo e ele, o bebê, responde. Isso tem consequência na alimentação da necessidade: “Por exemplo, ela amamenta o bebê em determinadas ocasiões, de uma maneira específica” (BROUSSE, 1997, p. 123). Em suma: “Para que a necessidade seja satisfeita, um pequeno ser humano tem que lidar com a demanda do Outro” (BROUSSE, 1997, p. 123).

Sendo assim, se desdobra a relação da pulsão com a demanda do Outro, tal qual encontramos em *Subversão do sujeito e dialética do desejo* (1960d), que também aparece em Lacan no *Seminário 10* (1962-63), onde ele vai escrever a seguinte fórmula da pulsão:

\$ ◇ D

Figura 13. (LACAN, 1962-63, p.77)

Dessa fórmula da pulsão, Lacan afirma:

Ensinei-lhes a escrever a pulsão como (\$ ◇ D), o que se deve ler como S barrado, corte de D maiúsculo, a demanda [...] a maneira como lhes ensinei a escrever a pulsão já lhes explica por que foi nos neuróticos que as pulsões foram descritas. Foi justamente na medida em que a fantasia (\$ ◇ D) apresenta-se no neurótico, de maneira privilegiada como (\$ ◇ D). Em outras palavras, foi um engodo da estrutura fantasística do neurótico que permitiu dar esse primeiro passo que se chama pulsão. Freud a designou sempre e perfeitamente, sem nenhuma espécie de oscilação, de *Trieb* (LACAN, 1962-63, p. 77).

Aqui, Lacan explica que foi a constituição subjetiva na clínica da neurose que evidenciou o papel constitutivo do Outro da demanda. O Outro me demanda, e nisso se colocará a pergunta acerca de “o que o Outro quer de mim”, do seu desejo, em relação ao qual o sujeito responderá com a sua fantasia. Mas o que Brousse (1997) sinaliza na citação acima é que a demanda do Outro não corresponde totalmente à necessidade. No plano das primeiras satisfações mais fundamentais, ainda que a fome possa ser saciada, há algo que está para além da demanda do Outro, no sentido de que a resposta do Outro sacia uma demanda. Mas, há algo que excede a demanda, por isso não existe uma relação de reciprocidade que se feche em si mesma: “Alguma coisa escapa na correlação entre necessidade e demanda, algo central para a compreensão da pulsão. É o desejo.” (BROUSSE, 1997, p. 123).

O desejo se introduz então pela via do que falta³⁵, ou por extensão, pela via do que se perde também. É por isso que, segundo Brousse (1997), Lacan vai afirmar no *Posição do inconsciente* (1960b) que: “A pulsão, como representante da sexualidade no inconsciente, nunca é senão pulsão parcial” (LACAN, 1960b, p. 863).

O que significa que a pulsão deve ser parcial e nunca genital. É essa a ideia que se encontra em os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905b) de Freud, que Lacan retoma, onde a sexualidade nunca é determinada pela reprodução, ainda que não se possa ignorar o fato de ser um organismo vivo. Somos organismos sexuais, mas uma vez no campo da linguagem, a sexualidade enquanto biologia é arrastada para o campo do imaginário e do simbólico. É por isso, que Lacan vai afirmar que a pulsão escamotearia o que é da ordem da biologia ou necessidade (LACAN, 1964, p. 166).

Sendo assim, algo da pulsão nunca se satisfaz totalmente, mas se satisfaz de modo parcial. Inclusive porque o que excede a demanda – que é o desejo – permanece como a causa do que realiza o circuito pulsional, contornando o objeto causa de desejo, que é o objeto *a*. Lacan o diz com todas as letras. Primeiro porque a pulsão não tem propriamente nenhum objeto certo, ou seja, não é evidente que a pulsão oral se trate de obter alimento, mas de algo que se chama seio, que em sua função de objeto *a*, causa de desejo, tem um lugar na satisfação pulsional: “*a pulsão o contorna*” (LACAN, 1964, p. 166). Tal contorno é entendido ao mesmo tempo como borda e “escamoteação” do que seria da ordem da necessidade biológica (LACAN, 1964).

³⁵ Como consequência da castração há uma perda que se situa na origem mesmo do desejo que aqui fazemos referência. É o que nos permite definir com Lacan o falo como significante do desejo. Ver em: “A significação do falo” (LACAN, 1958a).

Segundo Lacan no *Seminário 10*: “O *a* é o que resta de irreduzível na operação total do advento do sujeito no lugar do Outro, e é a partir daí que ele assume sua função” (LACAN, 1962-63). O objeto *a* é o que resta no nível de gozo irreduzível, e se forma a partir de um circuito pulsional. É a partir de onde estabelecemos a dialética da pulsão que escapa ao que está ligado à significação e ao sentido que ela é mais bem constituída de um circuito particular do sujeito, que se constitui a partir dos significantes do campo do Outro, a partir de significantes singulares pelos quais o sujeito é marcado na sua relação com o Outro, como nos diz Lacan no *Seminário 11*.

Para demonstrar melhor essa ideia, temos o curto exemplo clínico que Brousse (1997) usou em sua aula sobre “A pulsão II”, que vamos reproduzir aqui. É o caso de uma de suas pacientes que está às voltas com o desejo da mãe, na ocasião específica em que se perguntava sobre o seu próprio desejo de ser mãe. Em torno desse tema, ela consegue se lembrar apenas de uma única sentença categórica, que é a lembrança da sua mãe furiosa correndo atrás dos filhos e gritando “Vou matar vocês” (BROUSSE, 1997, p. 126).

Segundo Brousse (1997), neste exemplo teríamos como significante do desejo enigmático da sua mãe o seguinte: “Vou matar vocês”. O que neste caso definiria de certa maneira sua interpretação da demanda do Outro, que seria a de que sua mãe deseja que ela, a filha, esteja morta: “morra!”. Ou seja, a demanda da mãe de que seus filhos fiquem quietos, em um silêncio definitivo, teve essa última consequência de determinar o objeto da fantasia da paciente: “fique morta”. Brousse (1997) se pergunta: “Qual seria seu objeto? O seu próprio desaparecimento como objeto” (BROUSSE, 1997, p. 126).

Se fossemos mais longe nesse exemplo poderíamos deduzir que há toda uma relação pulsional que se organiza em torno desse objeto do seu desaparecimento para um sujeito, em torno do objeto da fantasia “estar morta”, e suas derivações. O que de fato se fazia aparecer nas relações com outros homens, onde, segundo lembra Brousse, a paciente do exemplo sempre se faz de objeto desprezado ou em outras situações da paciente em casa fazendo geleias para ninguém comer, por exemplo (BROUSSE, 1997).

Isso significa que na fantasia neurótica o objeto de desejo – ou objeto causa de desejo como se refere Lacan no *Seminário 11* (1964), nos Capítulos XIII e XIV – é o objeto evocado na demanda do Outro. Decorre daí o fato de todas as declinações dos objetos *a*: oral, anal, fálico, aos quais Lacan vai acrescentar a voz e o olhar. Todos são tomados frequentemente como objetos de demanda, objetos demandados pelo Outro, ou pela mãe. Porém, a demanda do Outro não é suficiente para produzir o objeto causa de desejo, caso contrário não se poderia pensar num processo de separação entre mãe e filho (BROUSSE, 1997, p. 127).

Há declinações da organização de um certo circuito pulsional em torno do objeto *a* na fantasia já que, segundo Lacan, a pulsão contorna o objeto *a*: “[...] objeto *a* causa do desejo, tal como eu trago essa noção — devemos dar uma função tal que pudéssemos dizer seu lugar na satisfação da pulsão. A melhor forma nos parece ser essa — que a pulsão o contorna” (LACAN, 1964, p. 166).

3.7 A PULSÃO É UMA MONTAGEM

Existe para tal, uma operação da pulsão que envolve a substituição da necessidade pela pulsão e que produz dessa forma o desejo, como viemos mencionando no *item 3.6*. Como nos aponta Lacan no *Seminário 11* (1964), a satisfação da pulsão é um paradoxo, pois há algo nela que excede o princípio do prazer e que, ao mesmo tempo, não se satisfaz nos objetos da necessidade.

Trata-se do “irreprimível”, daquilo que não se recalca, existindo como o além de algo que impulsiona (LACAN, 1964, p. 154). Disso, Lacan articula a pulsão em termos de “montagem” onde, no *Capítulo 13* do *Seminário 11*, enfatiza que a pulsão não se organiza pela polaridade sexual (LACAN, 1964, p. 160). O que significa, segundo retoma Brousse (1997), que não há relação entre a pulsão, a satisfação pulsional e a oposição entre macho e fêmea a nível da biologia. A pulsão tampouco se resumiria pela oposição passivo x ativo, que situou Freud. O seu sentido é dado a partir da retomada por Lacan dos quatro componentes – a fonte, o impulso, o objeto e o alvo – contidos nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* de Freud (1905) e utilizados por Lacan no *Capítulo XIII* (LACAN, 1964, p. 160).

Lacan se dedica bastante a demonstrar que a pulsão nesse tema se diferencia do instinto. A característica da pulsão é ser uma “força constante”, uma *Konstante Kraft*, não tem “dia nem noite”, não se pode regular com as estações do ano, não tem subida, nem descida: “A constância do impulso proíbe qualquer assimilação da pulsão a uma função biológica, a qual tem sempre um ritmo.” (LACAN, 1964, p. 163). Por essa razão, a diferença de um instinto ou necessidade do ser humano que possa ser satisfeita, como a fome, sede ou frio, na pulsão o consumo de algum objeto não reduz a força ou impulso dela.

O paradoxo é que a satisfação eventual da pulsão não implica na mudança da força pulsional, que permanece constante e sempre se arranja para seguir se satisfazendo: “O que temos diante de nós, em análise, é um sistema, onde tudo se arranja, e que atinge seu tipo próprio de satisfação” (LACAN, 1964, p. 164). Porém, segundo Lacan, se nos metemos nisto é porque é no nível da pulsão que o estado de satisfação deve ser retificado (LACAN, 1964).

Sendo essa a natureza da pulsão, tampouco podemos dizer haver algum objeto natural ligado a qualquer impulso. Ainda que exista um objeto para cada necessidade do instinto, como o leite materno para a fome do bebê, não há objeto que corresponda à pulsão oral por exemplo.

O que nos levaria a afirmar o seguinte: “qualquer objeto pode ser adotado como objeto pulsional, embora o objeto pulsional não seja um objeto qualquer” (BROUSSE, 1997, p. 128). A demanda do Outro, como vimos, determina qual é o objeto a ser adotado. Por isso, Lacan afirma neste *Capítulo XIII* que a pulsão não tem um alvo, sendo contrário à ideia de pensar a pulsão como um animal feroz que sai de sua toca para devorar uma presa, ou simplesmente, resumirmos que só o que a pulsão quer é chegar ao seu alvo e pronto! (LACAN, 1964, p. 163).

Cada um desses elementos da pulsão serão, portanto, retomados por Lacan para serem compreendidos de maneira diferente do que tenderíamos a pensar. O mesmo ocorreria com relação a sua fonte, que não é uma fonte biológica, ou seja, não é regrada e nem determinada pelas leis da natureza. Por isso é que Lacan vai se referir a pulsão como uma “montagem”. É uma “montagem” porque “une duas coisas heterogêneas: o Outro e a sexualidade, tal como definida pela necessidade de reprodução”, por isso mesmo ao contrário do instinto, não está programada por uma força que se satisfaz quando atinge o seu alvo e tampouco possui um objeto inato, um algo certo na sua finalidade (BROUSSE, 1997, p. 128).

Segundo Brousse (1997), poderíamos pensar o instinto, diferente da pulsão, como um “programa” organizado por uma correspondência entre o mundo externo e o mundo interior. Já para a pulsão não há essa coerência e por isso ao invés de um programa deve ser pensada como uma “montagem”. Uma montagem que “não tem nem pé nem cabeça”, como seria uma colagem “surrealista”. Para ilustrar essa ideia, Lacan evoca a seguinte imagem:

[...] creio que a imagem que nos vem mostraria a marcha de um dínamo acoplado na tomada de gás, de onde sai uma pena de pavão que vem fazer cócegas no ventre de uma bela mulher que lá está incluída para a beleza da coisa. (LACAN, 1964, p. 167).

Se vê que a conexão de elementos bastante heterogêneos estão envolvidos nessa montagem, representando a relação desses dois campos que já mencionamos: o Outro e a sexualidade. Desse circuito pulsional, Lacan afirma que a pulsão dá a volta em torno do objeto, para se referir ao objeto *a*, determinado por aquilo que a pulsão desenha nesse movimento.

Lacan afirma: “Contorna, devendo ser tomado aqui com a ambiguidade que lhe dá a língua portuguesa, ao mesmo tempo *turn*, borda em torno da qual se dá a volta, e *trick*, volta de uma escamoteação.” (LACAN, 1964, p. 166). Ou seja, no exemplo que Lacan utiliza, se

tomarmos o exemplo do seio materno na sua função de objeto *a*, causa de desejo, ele não se reduzirá a ser o objeto com o qual o bebe saciará sua fome de leite, mas sim em torno do qual a sua pulsão definirá um circuito.

Se o próprio objeto *a* que a pulsão contorna é uma falta, a pulsão então contorna um furo, sempre será parcial, posto que seus objetos não constituem uma totalidade, e sua satisfação se determinará pelo seu próprio movimento, que não se esgota. Ainda que esse “furo” se apresente na clínica como velado pelas imagens que lhe podem dar os significantes, como diz Brousse (1997) referente as imagens presentes nas histórias que um sujeito escuta de si.

Logo, o objeto *a* é aquilo que descompleta qualquer imagem ou figura que possa existir de um todo. Por isso a ideia de “montagem”, pois é em torno desses fragmentos sem pé nem cabeça que um sujeito é causado à nível do desejo, e é em torno desses objetos, uns mais privilegiados que outros, que ao longo da sua vida ele irá obter alguma satisfação. Lembremos também nesse aspecto que, se há uma imagem que o represente é aquela mais disforme que existe, que é a da lamela ou ameba, que equivale a libido: “Suponhamo-la como grande panqueca a se deslocar qual a ameba, ultra-achatada a passar sob as portas, onisciente por ser conduzida pelo puro instinto de vida, imortal por ser cissípara.” (LACAN, 1960b, p. 859).

Não vamos entrar por ora nessa dimensão “indestrutível” da libido, mas pretendemos retomá-la no *Capítulo 4 item 4.9*, a partir da ideia da “letra/carta indestrutível” em paralelo com a ideia freudiana do “desejo indestrutível”, presente no *A interpretação dos sonhos*.

3.8 O DESENHO DA PULSÃO E A CAVIDADE DO OBJETO *A*

Segundo Miller (2012): “No *Seminário sobre Os quatro conceitos*, temos um gozo fragmentado em objetos pequeno *a*” (MILLER, 2012, p. 17). O que significa que se tem acesso ao gozo por uma pulsão que realiza um ir e vir. Para Lacan: “O que é fundamental, no nível de cada pulsão, é o vaivém em que ela se estrutura.” (LACAN, 1964, p. 175). É o que está atrelado à referência em Freud aos dois pólos do “caráter circular do percurso da pulsão”, com as seguintes reversões, que não podem ser pensadas uma sem a outra: ver e ser visto, atormentar e ser atormentado, etc.

O que em suma desenharia o seguinte circuito, mas acrescentando à dupla ver e ser visto ou atormentar e ser atormentado, um terceiro elemento. Vejamos:

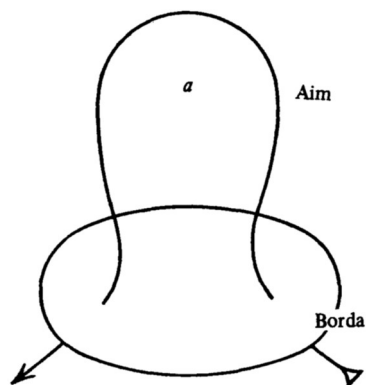


Figura 14. (LACAN, 1964, p. 175)

O terceiro termo que participa do circuito da pulsão é o que se desenha como consequência do seu movimento circular, e que aqui se encontra grafado como *a*. Vemos então, *Aim* é o trajeto, desenhado pela curva da flecha que sobe e torna a descer, que atravessa a *Drang*, seu ponto de origem, referente à superfície desenhada como *borda*, que é considerada na teoria de Freud como à fonte, *Quelle*, ou seja, a zona dita erótica da pulsão. O *Goal*, que é referente ao seu objetivo, que seria atingir o seu alvo, não é atingido completamente, ao invés disso ele é contornado (LACAN, 1964, p. 176).

É então que temos a seguinte afirmação de Lacan:

Se a pulsão pode ser satisfeita sem ter atingido aquilo que, em relação à uma totalização biológica da função, seria a satisfação ao seu fim de reprodução, é que ela é pulsão parcial, e que seu alvo não é outra coisa senão esse retorno em circuito (LACAN, 1964, p. 176).

Sem dúvida se a pulsão, segundo Lacan, não se fecha sobre si mesma, como uma boca que se beija a si própria, exemplo luminoso de Freud resgatado por Lacan, onde teríamos um “simples auto-erotismo da zona erógena” é porque se interpõe o objeto *a*. Objeto *a* que é definido como uma “presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importa que objeto, e cuja instância só conhecemos na forma de objeto perdido, *a* minúsculo” (LACAN, 1964, p. 176).

O aspecto importante desse objeto é que ele não é, segundo Lacan, a origem da pulsão oral, mas: “Ele [o objeto *a*] não é introduzido à título de alimento primitivo, é introduzido pelo fato de que nenhum alimento jamais satisfará a pulsão oral, senão contornando-se o objeto eternamente faltante” (LACAN, 1964, p. 177). A introdução no *Seminário 11* (1964) da pulsão nesses termos, implica, segundo Miller (2012), em considerarmos o corpo fragmentado, a partir da extração dos objetos seio, fezes, olhar e voz, (os dois últimos acrescentados por Lacan, como mencionamos) e que estabelecem uma erótica, a partir da relação que cada um deles engendra, estabelecendo o circuito de satisfação pulsional.

O que se contrapõe com a ideia do sujeito faltante, ou do que vimos no *item 3.3* inerente ao sujeito barrado:

Ali onde havia o sujeito vazio, aparece, então, o objeto perdido, o objeto pequeno *a* [...] Isso supõe a sobreposição da estrutura do sujeito à estrutura do gozo e, da mesma maneira que o sujeito vale como uma falta-a-ser, supõe-se que a pulsão seja definida como incluindo uma hiância ou uma pequena cavidade (MILLER, 2012, p. 19).

Essa concepção faz parte de um dos paradigmas propostos por Miller sobre o gozo na obra de Lacan, e que expressa “uma articulação íntima entre simbólico e o gozo” (MILLER, 2012, p. 18). Articulação essa que podemos acompanhar e desenvolver a partir das operações de alienação e separação, onde a separação é a resposta do sujeito à alienação:

A primeira, a alienação, é própria e mesmo puramente de ordem simbólica. Lacan esforça-se em mostrar que o resultado dessa operação implica, necessariamente, uma resposta de gozo: a separação (MILLER, 2012, p. 18).

Em termos freudianos, segundo Miller, ali onde teríamos a alienação, teríamos também sua correspondência, a partir dos conceitos de identificação e de recalque. Identificação com o significante do Outro através de onde o sujeito se identifica, mas ainda assim permanece como conjunto vazio, o que o determina em sua divisão subjetiva. Por outro lado, a operação de separação foi a maneira de Lacan retraduzir a função da pulsão como respondendo à identificação e ao recalque (MILLER, 2012).

Seguindo, a cavidade que encontramos nesse momento na pulsão, como nos lembra também Miller (2012) é a que encontramos na referência ao vaso heideggeriano em *Seminário 7: A ética da psicanálise* (1959-60): “cavidade criada pela anulação significativa e que acaba por ser preenchida, sempre de forma inadequada, por um objeto. E, nesse paradigma [do gozo], a libido é esse objeto” (MILLER, 2012, p. 20). A libido representada também pelo mito da “lamela” no *Seminário 11* (1964) se encontra do lado do objeto perdido, como uma perda natural, independente do significante: “Nossa lamela representa aqui a parte do ser vivo que se perde no que ele se produz pelas vias do sexo” (LACAN, 1960b, p. 861).

Onde Lacan considera, com relação à ameba, que o fato de nos reproduzirmos pela via sexuada equivale à uma perda de vida. Ou seja, o buraco ou cavidade é introduzido a partir da perda. Há nesse ponto uma substituição apontada por Miller do corpo vivo para o corpo sexuado, a fim de introduzir a dimensão do gozo colocada pela separação. Miller afirma:

É preciso, ainda, introduzir as propriedades do corpo sexuado, particularmente sua mortalidade, sua relação com o Outro sexo, sua individualidade e, através disso, o que é trazido por Lacan sob a forma de uma perda de vida que comporta, como tal, a existência do corpo do sujeito. Pode-se, então, introduzir os objetos da pulsão como reparando, preenchendo essa perda de vida (MILLER, 2012, p. 22).

Portanto, é como se tivéssemos uma perda normal de vida, inerente ao fato de sermos seres sexuados. E essa perda ou objeto perdido que todo ser humano tem pelo fato mesmo de vir ao mundo ou ter que se submeter à estrutura da linguagem, relançará o sujeito na busca da sua restituição. É o que animará o circuito pulsional do sujeito, como vimos, a partir da relação dos diferentes objetos perdidos ao longo de uma vida. Vamos agora fazer referência à história que apenas citamos do vaso Heideggeriano, presente no *Seminário 7* (1959-60), para —reforçar a ideia do objeto perdido de Freud, retomada por Lacan.

3.9 O ESPAÇO VAZIO E O APÓLOGO DO VASO

Para terminar esse *Capítulo 3*, remontaremos a um caso descrito por Lacan a partir de um artigo chamado “O espaço vazio”, no “Capítulo IX Da criação ex-nihilo” do *Seminário 7* (1959-60). Devemos a título de localização, lembrar que a descrição desse caso, ainda que faça parte do *Seminário 7* — *Seminário* anterior ao desenvolvimento do conceito de objeto a ³⁶ — já abre o terreno para o advento do objeto a , pois o vazio está em consonância com o objeto a perdido. Veremos, nesse exemplo e no do vaso de Heidegger, que há um contorno ao vazio que determina a atividade em jogo, que como vimos na lógica das operações de alienação e separação, estaria do lado do vazio de resposta do Outro, a partir da pergunta sobre o seu desejo, em torno do que o sujeito circunscreve a sua resposta fantasmática.

O primeiro relato clínico é extraído por Lacan da referência a um artigo de Melanie Klein de 1929 “Situações infantis de angústia refletidas numa obra de arte no impulso criador” (KLEIN, 1929 apud LACAN, 1959-60).

A analista que Melanie Klein faz referência se chama Karin Mikailis e no seu texto que ela faz referência chamado “O espaço vazio” conta um interessante caso clínico. Pela descrição, segundo Lacan, tratava-se aparentemente de um caso de “depressão melancólica” ainda que ele não realiza essa afirmação com certeza. Mas tratava-se de um caso grave, um “caso-limite”. A paciente se chama Ruth Kjär que se queixava nas suas violentas crises depressivas de um “espaço vazio nela”, o qual nunca pode preencher (LACAN, 1959-60).

Com a ajuda da analista ela se casa. No início do casamento, após um curto período, as coisas que pareciam ir bem desabam novamente, com uma forte crise em que os acessos melancólicos eram recorrentes. Segundo Lacan, a maravilha do caso encontra-se no relato que vem a seguir. Por uma certa razão desconhecida, um cômodo da casa do jovem casal é

³⁶ Veremos no *Capítulo 4*, item 4.1 *Introdução* uma menção da constituição do conceito de objeto a , na passagem do *Seminário 7* para o 8, mas que se formalizará nos *Seminários 10 e 11*.

recoberto de quadros do cunhado da paciente, que seria um pintor de talento. Em um determinado momento, o cunhado pintor vende um de seus quadros que estavam nessa parede e o retira, deixando assim um espaço vazio (LACAN, 1959-60 p. 142).

Porém, tal espaço vazio se torna um catalisador de crises para a Ruth e precipita nela crises de depressão melancólicas que voltam a aparecer nesse momento na vida da paciente. E então: “Ela sai disso da seguinte maneira — um belo dia ela se decide a *to daub a little* [pintar um pouco]” (LACAN, 1959-60). Dar umas pinceladas na parede para preencher “esse maldito espaço vazio que adquiriu para ela um valor cristalizante, e cuja função, gostaríamos de conhecer melhor, por uma melhor descrição clínica” (LACAN, 1959-60, p.143). Para preencher esse espaço, a mulher tenta fazer uma pintura que esteja mais próxima das outras telas de seu cunhado. Ela se põe a trabalhar arduamente, e acaba criando uma obra.

É claro que quando vai mostrá-lo ao seu cunhado, um pintor conhecedor de obras de arte, com receio da sua opinião, se surpreende com a sua reação, já que ele não pode acreditar que tenha sido ela a realizar aquela obra. Ele inclusive afirma que aquilo não pode ser uma obra de uma jovem iniciante, mas de um veterano, e diante de seu descrédito se pergunta: então quem terá sido? O pintor não consegue se convencer por nada que tenha sido sua cunhada a pintar aquele quadro, afirmando que se fosse ela a pintora, ele iria se colocar para reger uma sinfonia de Beethoven na Capela Real, mesmo sem conhecer nenhuma nota musical (LACAN, 1959-60).

Na leitura da doutrina de Melanie Klein, ela vê sua teoria confirmada, porque coloca o corpo da mãe nesse vazio que é preenchido pela série de pinturas, o que vêm a corroborar essa ideia para Klein. Primeiro como uma mulher negra nua, depois uma mulher velha:

[...] com todos os aspectos do peso dos anos da desilusão, da resignação inconsolável da idade mais avançada, e isso culmina, no final com o renascimento, o reaparecimento de sua própria mãe em seus anos mais deslumbrantes (LACAN, 1959-60, p. 148).

Lacan retoma essa interpretação de Klein, mas não a leva em consideração, porque vai por outro caminho e associa ao feito um efeito de sublimação que teria provocado o realizar de uma obra a partir desse espaço vazio, elevando o vazio a uma dignidade de Coisa. Coisa que, segundo Lacan, esse espaço vazio não teria inicialmente. Mais adiante, nesse mesmo Capítulo IX, Lacan cita outro exemplo importante, que toca no mesmo assunto. Se trata do exemplo do oleiro, ou melhor, do ceramista, indivíduo que faz objetos de cerâmica, atividade que, segundo afirma Lacan, se trata da “função artística talvez mais primitiva” (LACAN, 1959-60, p. 146).

O apólogo, segundo Lacan, fornecido pelas correntes de gerações em gerações, talvez possa ajudar a avançar na dialética do vaso. “Esse vaso [produto da atividade ceramista] que está aí desde sempre e que foi empregado para fazer-nos conceber parabolicamente, analogicamente, metaforicamente os mistérios da criação, pode ainda nos ser útil” (LACAN, 1959-60, p. 146). Lacan cita Heidegger sobre a apropriação do vaso para abordar esse assunto, especialmente no que tange ao assunto da criação. É em torno do vaso e do que Heidegger chama de *Das Ding* que Lacan desenvolve sua dialética (LACAN, 1959-60).

Porém, Lacan deixa claro que não vai se enveredar pela abordagem de Heidegger de *Das Ding*, porque essa abordagem está vinculada à metafísica e ao que ele chama de Ser. “Quero simplesmente, hoje, ater-nos à distinção elementar, no vaso, entre seu emprego de utensílio e sua função significante.” (LACAN, 1959-60, p. 151). O vaso nesse caso não é o significante já articulado na cadeia simbólica, mas está como a figura daquilo que é produzido em torno do vazio, ou seja, como o que seria da ordem do significante, mas no seu advento, na sua criação:

É justamente o vazio que ele [o vaso] cria, introduzindo assim a própria perspectiva de preenchê-lo. O vazio e o pleno são introduzidos pelo vaso num mundo que, por si mesmo, não conhece semelhante. É a partir desse significante modelado que é o vaso, que o vazio e o pleno entram como tais no mundo, nem mais nem menos, e com o mesmo sentido (LACAN, 1959-60, p. 152).

Nessa lógica se o “vaso pode estar pleno” é porque “ele pode estar vazio”, no sentido em que o vaso se faz em torno desse vazio, e então se fazendo dessa maneira, pode ser preenchido por qualquer substância. Mas, em sua essência ele se faz ou se molda no mesmo movimento em que encerra um vazio dentro dele. Daí o exemplo do vaso ser paradigmático da função da arte como aquilo que se faz em torno de um vazio, assim como o quadro pintado pela paciente. O vazio como aquilo que se torna algo objetalizado e assim uma obra de arte, ou um vaso.

Está claro, como afirma Lacan, que o vaso não se faz a partir do nada. Ele é feito a partir de uma matéria, mas que representa em seu centro um vazio, que não é nada. Segundo Lacan:

Ora, se vocês considerarem o vaso, na perspectiva que inicialmente promovi, como um objeto feito para representar a existência do vazio no centro do real que se chama a Coisa, esse vazio, tal como ele se apresenta na representação, apresenta-se, efetivamente, como um *nihil*, como nada. E é por isso que o oleiro, assim como vocês para quem eu falo, cria o vaso em torno desse vazio com sua mão, o cria assim como o criador mítico, *ex nihilo*, a partir do furo (LACAN, 1959-60, p. 153).

É o que faz Lacan afirmar existir uma afinidade entre a modelagem do significante e a introdução de uma hiância ou um furo no real. É como se aqui estivéssemos no paradigma que

leva em conta o que pode ser objetalizado do vazio, o real como aquilo que se localiza ou que se condensa em um objeto a partir de um fazer. Manobra parecida, ainda que mantida suas diferenças na constituição da fantasia de um sujeito na sua relação com o Outro. No *Capítulo 4*, esperamos seguir extraindo consequências a respeito da inclusão do tratamento da pulsão pelo objeto *a*.

*Os **escritos** carregam ao vento as promissórias em branco de uma cavalgada louca. E, se eles não fossem folhas volantes, não haveria **letras** roubadas, cartas que voaram (Lacan, J. 1956/1998, p. 30) [grifos nossos]*

4 DA LETRA CARTA PARA A LETRA LITORAL

4.1 INTRODUÇÃO

Ao longo do *Capítulo 3* buscamos introduzir a dimensão pulsional através do que Lacan formaliza por meio do conceito de objeto *a* deduzido das operações de alienação e separação: “O *a* é o que resta de irreduzível na operação total do advento do sujeito no lugar do Outro, e é a partir daí que ele assume sua função” (MILLER, 1986, p. 179). Introduzimos o objeto *a*, a partir das operações de alienação e separação trabalhadas por Lacan no *Seminário 11* (1964). Porém esse conceito esteve ausente, como nos lembra Miller (1985-86) no início do ensino de Lacan e foi introduzido na virada do *Seminário 7* (1959-60) para o *Seminário 8* (1960-61):

Haverá que sinalizar então que caminho seguiu Lacan para introduzir esse objeto que estava ausente em todo o começo de seu ensino [...] É preciso este auxílio para localizar essa virada no seu ensino que supõe articular no lugar do Outro este objeto *a* que não pode entrar ali como elemento. Essa virada se produziu entre os seminários A ética da psicanálise e A transferência.³⁷ (MILLER, 1985, p. 23, tradução nossa).

Não vamos refazer todo esse percurso teórico do advento do objeto *a* na teoria de Lacan, mas nesse *Capítulo 4* pretendemos dar ênfase a dimensão da letra, no seu aspecto litoral. Próximo ao litoral que recorta o objeto *a* para definir o seu circuito pulsional. Essa dimensão é explorada por Lacan em *Lituraterra* (1971a) quando afirma: “letra...litoral [...] A borda do furo no saber, não é isso que ela desenha?” (LACAN, 1971a, p. 18). O que vamos aproximar da acepção da letra no *Seminário sobre ‘A carta roubada’* (1956) presente em sua dupla função como nos explica Éric Laurent (2010) de furo e objeto *a*. E assim, desvela “o lugar da letra, de sua relação com os semblantes e com o efeito de sentido” (LAURENT, 2010 p. 63).

Lituraterra (1971a) é onde queremos chegar e se trata de um texto de retomada de *A instância da letra ou a razão do inconsciente desde Freud* (1957), texto este que nos serviu de referência no *Capítulo 3*, além de ocupar, segundo Miller (2001) o mesmo lugar nos *Escritos do Seminário sobre ‘A carta roubada’*. Sobre o aspecto da releitura do texto de *A instância da*

³⁷ No original: “Habrà que señalar entonces qué camino siguió Lacan para introducir este objeto que estaba ausente en todo el comienzo de su enseñanza [...] Se necesita este auxilio para ubicar este viraje en su enseñanza que supone articular en el lugar del Otro este objeto *a* que no puede entrar allí como elemento. Este viraje se produjo entre los seminários La ética del psicoanálisis y La transferencia.”

letra (1957), Laurent (2010) afirma que *Lituraterra* “irá reler e reinterpretar esse lugar da barra [aquele que vimos no *A instância da letra*]. Ele a situava como a razão do inconsciente, como repetição” (LAURENT, 2010, p. 64). Ou “isso se repete” de forma horizontal, na parte de baixo da barra do recalque, como demonstramos no *Capítulo 1* e temos a metonímia, ou isso ultrapassa a barra verticalmente e temos a metáfora, em um “incessante deslizar do significante sobre o significado” (LAURENT, 2010). Lacan quer dar um passo a mais:

[Falei da] letra como a razão do inconsciente. Já não será isso apontar suficientemente na letra aquilo que, a ter que insistir, só existe nela de pleno direito quando, por fora da razão, isso se destaca? (LACAN, 1971a, p. 18)

Na referência da letra para além do seu surgimento a partir da barra do recalque, vamos propor neste *Capítulo 4* retomar os dois apólogos, segundo Laurent (1999) usados por Lacan para designar duas diferentes perspectivas da letra. O primeiro está contido no *Seminário sobre ‘A carta roubada’* (1956) onde Lacan pensa a carta [*lettre*] pelo seu aspecto de epístola, mas cuja palavra também significa letra, uma carta/letra que sempre chega a seu destino. O que isso significa? Buscaremos ver esse aspecto no *item 4.3*, onde a letra, segundo Laurent (1999), se faz presente na sua dimensão de “furo” e posteriormente vamos buscar circunscrever a dimensão da letra de objeto *a*. (LAURENT, 1999, p. 61).

A carta como *furo* está no lugar do sujeito na sua determinação significante da narrativa do conto. Dimensão esta que ex-siste³⁸ à cadeia significante. Sendo assim, o *furo* presentificado pela carta vai dar lugar ao sujeito. O lugar de *furo* se faz ver quando se invoca as *luzes*, implicadas nas óticas de cada personagem que determinam seus discursos: “proponho à psicanálise a carta como retida [*en souffrance*], é porque nisso ela mostra seu fracasso” (LACAN, 1971a, p. 17). O lugar de *furo* onde a carta se esconde é o ponto “*en souffrance*”, que também representa o fracasso em cada um dos discursos, como veremos, daqueles que na narrativa por diferentes óticas procuram achar a carta sem sucesso.

Por sua vez, o *furo* ou o ponto cego inerente a cada discurso mostra como por vezes, para acionar esse efeito se apresenta a partir de “uma *outra natureza* da carta” (MANDIL, 2003, p. 27). Natureza para além da função da carta de portadora de uma mensagem:

A letter, a litter, uma carta, uma letra, um lixo. Fizeram-se trocadilhos, no cenáculo de Joyce, com a homofonia dessas duas palavras em inglês. A espécie de dejetos que

³⁸ Lacan se refere no “Seminário sobre ‘A carta roubada’” a grafia *ex-sistência*, que também será citada no *item 4.3*, ligado a repetição e ao inconsciente: “Nossa investigação levou-nos ao ponto de reconhecer que o **automatismo de repetição** (*Wiederholungszwang*) extrai seu princípio do que havíamos chamado de **insistência da cadeia significante**. Essa própria noção foi por nós destacada como correlata da *ex-sistência* (isto é do lugar **excêntrico**) em que convém situarmos **o sujeito do inconsciente**, se devemos levar a sério a descoberta de Freud.” (LACAN, 1956, p. 13) [grifos nossos]

os policiais manipulam nesse momento tampouco lhes revela sua outra natureza por estar apenas meio rasgada (LACAN, 1956, p. 28)

Nesse sentido Lacan afirmará:

[...] não foi absolutamente à toa que meus *Escritos* começaram pelo ‘Seminário sobre ‘A carta roubada’’. A *carta* [*lettre*] é tomada ali num sentido diferente do de “A instância da letra [*lettre*] no inconsciente” — no sentido da epístola. (LACAN, 1971a, p. 86)

Nesse aspecto, veremos que a narrativa do conto de Edgar Allan Poe retomado por Lacan é a história dos destinos da carta, depois dela já ter cumprido sua função mais básica, que é a de sua mensagem chegar à destinatária. A partir daí é que começa a história, é quando a carta se põe em movimento. Quando ela é roubada é que se põe em movimento a história, logo quando ela escapa e se mantém fora do alcance de todos.

A finalidade do conto, como vamos retomar nos itens deste Capítulo, é a de demonstrar como a partir dos deslocamentos da carta, segundo quem as possui, se modificam as posições dos personagens em torno do tê-la ou não, e os seus efeitos. O que demonstra, segundo Miller (1999), como o sujeito como tal recebe sua determinação significante, nesse movimento para além dos efeitos de significação. Ali onde está também a importância do aspecto objeto *a* da carta, que faz com que ela permaneça fora do alcance de quem a procura (MILLER, 1999, p. 187).

Nessa esteira, a partir do aspecto de objeto *a* da carta, vamos abordar o efeito de gozo, de *a* da carta nos personagens, intitulado por Lacan como o efeito de “feminização” em quem a possui e que procura dissimulá-la (LACAN, 1955, p. 39). O que não deixa de estar associado ao grande enigma que é a posição da Rainha. O que ela quer com isso? O que esconde nessa carta, em torno da qual todos se agitam?

Haveria, portanto, que se distinguir como propõe Miller (1999) um “segundo nível” que permitiria considerar a “feminização” introduzida pela carta, ali onde o sentido não dá conta de explicar: “o sentido ou os sentidos do texto, os efeitos de significação, o relato mesmo, nada do que se diz nele dá conta da posição de gozo, do enigma dessa posição.”³⁹ (MILLER, 1999, p. 187, tradução nossa).

³⁹ No original: “el sentido o los sentidos del texto, los efectos de significación, el relato mismo, nada de lo que se dice en él da cuenta de la posición de goce, del enigma de esa posición.”

Sendo assim, nossa pergunta, junto com o que se relaciona Lacan, seria qual é a relação entre os efeitos propiciados pelo significante [a carta como *furo*] e o gozo a partir da sua dimensão de *a*?⁴⁰

4.2 UM SIMPLES E PERTURBADOR CASO⁴¹

Vamos recontar o conto de Edgar Alan Poe que inspirou Lacan a usá-lo em seu *O seminário sobre “A carta roubada”* (1956).

No conto escrito por Poe, a história é narrada pelo personagem central, o detetive Dupin. Há inclusive neste aspecto, um interessante apontamento realizado por Lacan no *Seminário 18* (1971b) quanto a se colocar a seguinte pergunta: “será que o narrador e aquele que escreve são a mesma coisa?” (LACAN, 1971b, p. 98). Lacan afirma que a princípio é incontestável que o sujeito da enunciação, aquele que fala, seja Poe, mas se coloca a pergunta sobre se ele goza com o gozo⁴² do Dupin ou em outro lugar, que é o que vamos indicar no item 4.3.

No conto, portanto, a história narrada pelo detetive Dupin se inicia quando ele recebe no gabinete de leitura de seu companheiro a inesperada visita do delegado de polícia de Paris. A ocasião da visita se devia a um pedido de opinião dirigido à Dupin, a respeito de um curioso caso que vinha causando ao delegado enorme transtorno. O caso em questão é descrito como bastante “simples”, mas continha pormenores muito “estranhos”. E o delegado reconhece que embora “simples”, o caso lhes escapava inteiramente à compreensão.

O caso se referia à seguinte situação: certo documento de máxima importância – uma carta – havia sido roubada dos aposentos reais. Não havia dúvidas quanto a quem fora a pessoa que a havia roubado, já que essa mesma pessoa havia sido vista no ato, o Ministro D, quando se apoderou da carta. Além disso, outra certeza era de que o referido documento ainda se encontrava sobre o poder dessa pessoa, pois caso contrário, a carta já teria vindo à público e seria fato cognoscível já que sua consequência imediata comprometeria a honra da figura real, a Rainha.

Mas, o que não se sabia até o momento era o paradeiro da carta. A casa do Ministro D, a dita pessoa que havia sido flagrada no roubo da carta, tinha sido revirada de ponta à cabeça

⁴⁰ Segundo Miller (1999) essa questão está referida por ele quando apresentou o seu seminário *Los signos del goce* de 1986-87, abordando os textos do Lacan dos anos 70, em torno dessa problemática.

⁴¹ A apresentação e leitura de Lacan da carta roubada também foram publicadas no seguinte artigo: Guaraná, Bruna M. (2020) “A carta/letra em seu caráter indestrutível: Lacan com Derrida.” *Revista Garrafa*, vol. 18, n° 53. Disponível online em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/38820>

⁴² Sobre o conceito de gozo ver nota 28.

pelos policiais parisienses sem nenhum sucesso. É o que fará Lacan afirmar, o aspecto que retomaremos também na leitura do conto no *item 4.3*, sobre a cegueira estar determinada pelo espaço de visão esquadrihado pelos policiais. Bem ali no local onde supostamente a carta certamente se encontra, a polícia nada vê ou nada compreende (LACAN, 1971b, p. 92).

O detetive Dupin como veremos não deixará enganar pelo que cega os policiais e faz aqui uma interessante observação a respeito do poder que o porte da carta confere a quem a detenha, não importando o conhecimento de seu conteúdo. Já que tê-la, igual à ideia de se ter uma carta na manga, permitiria a pessoa em posse da carta, a possibilidade de usá-la, o que se ocorresse tornaria a carta pública, ao mesmo tempo em que assim, caso essa jogada viesse a ocorrer o poder da carta se extinguiria.

A problemática é “simples”, mas perturbadora. Retomemos a cena do roubo: a carta roubada em questão havia sido recebida pela Rainha quando ela estava a sós em seus aposentos reais. No instante em que lia a carta a Rainha foi subitamente interrompida pelo Rei, de quem desejava especialmente ocultar a carta. Nesse momento, a Rainha em vão se esforça por inseri-la em alguma gaveta com a intenção de escondê-la, mas ao fim das contas é obrigada a colocá-la aberta do jeito que estava em cima da mesa.

O sobrescrito se detém, portanto, virado para cima e apenas seu conteúdo é resguardado, até que entra o Ministro D. A entrada do Ministro D., em que a Rainha buscava disfarçar o ocorrido, é descrita pelo narrador e vai ser comentada por Lacan da seguinte forma: “a simulação do controle do não-agir [da Rainha], que somente o ‘olho de lince’ do ministro pôde desvendar” (LACAN, 1956, p. 35). Esse olhar de lince do Ministro haveria sido hábil o suficiente para perceber imediatamente a carta, reconhecer a letra do sobrescrito o constrangimento e confusão da destinatária: “penetrando em seu segredo” (LACAN, 1956, p. 35).

Assim, o Ministro D., antes de se retirar e às vistas da destinatária, que nada pôde fazer em face da presença do Rei, tira do bolso uma carta parecida que finge ler e ao sair a substitui pela carta comprometedora. Essa descrição é parte da primeira cena do conto, cena que vai dar a estrutura das outras que posteriormente vão ocorrer, só que desta vez com outros três personagens diferentes. Todas as seguintes cenas à essa primeira, vão girar em torno de alguém que detém a carta e busca dissimulá-la, até que seja roubada ou capturada por um terceiro, e assim sucessivamente, como veremos agora no *item 4.3*.

Sendo assim, desde a primeira cena narrada por Dupin, motivo pelo qual o delegado parisiense o procura, o narrador expõe a trilha do seu raciocínio e astúcia até sua chegada à

dita carta comprometedora. Desde o início, Dupin já havia cantado a pedra, de que o caráter simples demais ou muito evidente pudesse ser a razão que desorientasse o olhar do delegado.

4.3 O CASO DA CARTA POR LACAN

À vista disso, Jacques Lacan em *O Seminário sobre 'A carta roubada'* (1956), destaca nessa narrativa, duas cenas, a primeira chama de “cena primitiva” e a segunda que aponta como sua repetição. Repetição aqui no sentido retomado no início desse escrito por Lacan, e que expressa a ideia de uma dimensão ex-sistente⁴³ que aparece por meio da cadeia significante e insiste em não se deixar totalmente apreender. A apreensão pelo simbólico do que lhe escapa, reaparece sempre no mesmo lugar (LACAN, 1956, p.13).

A primeira cena, a “cena primitiva” é a já descrita cena do roubo, que se passa nos aposentos reais e onde a carta é tomada com desenvoltura pelo Ministro D., que coloca no lugar da carta roubada, outra carta que fingia ler e cujo aspecto se assemelha à da carta roubada.

O quociente dessa operação, onde ninguém reage é o roubo do Ministro que tem como resultado a Rainha saber ser ele quem a detém agora. O resto dessa operação, apontado por Lacan como um fator que não deve ser negligenciado é o aspecto lixo da carta, na cena em que a mão da Rainha faz uma bolinha de papel com a carta falsa deixada pelo Ministro ao final para jogá-la fora (LACAN, 1956, p. 15).

A segunda cena, na releitura de Lacan, se passa na casa do ministro. Ali, onde a polícia havia meticulosamente se metido e retornado quantas vezes as ausências do ministro lhe permitiram, mas voltavam sempre de lá de mão vazias, sem obter qualquer êxito. Esse resultado se mantém, até a ida de Dupin à casa do ministro. Nessa ocasião o Ministro o recebe com as feições de apatia e tédio. Mas, Dupin não se deixa enganar por esse falso semblante, com seus olhos dessa vez “protegidos por óculos de lentes verdes” inspeciona o recinto (LACAN, 1956, p.16). Vejam que aqui novamente é destacado por Lacan a dimensão do olhar, assim nos “olhos de lince”, agora os “óculos verdes” (LACAN, 1956, p.16).

Ademais disso, Lacan aqui nos deixa entrever que o meticuloso e esquadrinhado olhar da polícia é justamente o que mantém fora de seu alcance o que buscava. O que o olhar de Dupin buscava furar era a grade de leitura da polícia que figurava como causa de sua cegueira. Ou seja, nos explicaria Ram Madil (2003): “é por não corresponder a descrição

⁴³ Ver Nota 2.

fornecida aos policiais, ou seja, por não se encaixar na cadeia prévia de sentido, que a carta roubada passa despercebida em sua dimensão de *litter* [lixo].” (MANDIL, 2003, p. 28).

A dimensão material da carta, segundo Mandil, como objeto adulterado não responde aos policiais pois ela não é convocada do lugar em que sua forma seria capaz de atender (MANDIL, 2003). Dimensão esta que, a diferença dos policiais, é levada em conta pelo detetive Dupin no seu duplo sentido. Ou seja, a carta não se restringe ao seu único sentido prévio estabelecido, o de ser portadora de uma mensagem, mas que é considerada também em outro aspecto, como objeto dejetivo.

Mandil (2003):

Essa dupla dimensão, função de transmissão de uma mensagem, mas com um destino que concerne à sua materialidade, a *litter*, é, para Lacan, algo inerente a uma carta (ou a uma letra), esta não podendo ser concebida sem a simultaneidade das duas vertentes. (MANDIL, 2003, p. 28).

É por isso que Lacan afirmaria que: “não podemos dizer da carta/letra roubada que, à semelhança de outros objetos, ela deva estar *ou* não estar em algum lugar, mas sim que, diferentemente deles, ela estará *e* não estará, onde estiver, onde quer que vá.” (LACAN, 1956, p. 27). Citação que também será usada para nos referirmos a outros aspectos da carta/letra, como a sua ex-sistencia como veremos no *item 4.4*. O que compreenderia as duas acepções.

Seguindo, esse esquadramento, portanto, do espaço pelo olhar policesco é um dos aspectos que fará Lacan realizar a famosa afirmação de que uma carta sempre chega a seu destino. Cito:

The Purloined Letter quer dizer que, de toda forma, ela chega a seu destino. E o destino, eu o forneço. Forneço-o como o destino fundamental de toda carta, no sentido de *epístola*. Ela chega, digamos, não só a este ou àquela, mas aos que nada podem compreender dela, dentre eles a polícia, no caso. (LACAN, 1971b, p. 92)

Aqui, portanto vislumbramos que o destino a que se refere Lacan está ligado ao fato da carta se manter fora do alcance de qualquer explicação, e por isso mesmo obter êxito na sua intenção inicial de se manter como o *furo* incognoscível. Ou seja, nas palavras de Lacan: “a carta que chega ao destino é a carta que chega à polícia, que não compreende nada.” (LACAN, 1971b, p. 95).

O sucesso de preservar seu conteúdo como desconhecido, assim como o anel que passa de mão em mão, permite a carta como epístola realizar-se na sua função principal que é a de estar no lugar do furo de cada um dos diferentes olhares que lhe lançam uma luz. Esse jogo de manipulação se faz segundo Lacan graças a “maquinação de Poe”, ali onde “tudo isso é dito de maneira muito bonita e magnífica” (LACAN, 1971b, p. 92). Nesse aspecto do

artifício de Poe, Lacan se perguntará no *Seminário 18* (1971b) acerca de seu gozo, em que gozaria o escritor nessa mesma maquinação que inventou? Com essa história da carta/roubada que escapa a todos ou a partir do *touché* final de Dupin?

Prosseguindo, Dupin inspeciona o recinto até que seu olho recai sobre um bilhete esgarçado, abandonado e “por um certo brilho falso” (LACAN, 1956, p. 16). Nesse instante Dupin sabe estar diante do que procurava. Seu movimento seguinte é então “esquecer” uma tabaqueira em cima da mesa do Ministro, para que então possa aproveitar o incidente e retornar no dia seguinte. No dia seguinte, no seu retorno, Dupin distrai o Ministro e se apodera da carta original, bilhete esgarçado, substituindo-a por um simulacro.

O quociente da operação dessa segunda cena passa a ser o roubo de Dupin ao Ministro, o que tem como produto, o ministro deixar de ser aquele quem possui a carta, mesmo sem ainda o saber. O resto se torna a mensagem fictícia deixada por Dupin no interior da carta simulacro.

Ali, uma redação escrita por Dupin revela a seguinte enigmática frase: “Um desígnio tão funesto/ Se não é digno de Atreu, é digno de Tiestes”. Dessa frase enigmática Lacan afirma que ao final ela é a resposta que no fatídico dia em que o Ministro se deparar com ela, se dando conta do roubo sofrido, realizará o “cheque-mate” de Dupin ao Ministro. Nesse momento, segundo Lacan, o Ministro, deve antes de abaixar todas as suas cartas e lendo o jogo que se anuncia, se levantar e se retirar da mesa para evitar a vergonha (LACAN, 1956, p. 44).

4.4 A LÓGICA DAS DUAS CENAS E DO QUE SE REPETE

Seguindo com a leitura de Lacan, dessas duas cenas podemos enxergar duas ações semelhantes contidas nelas. Segundo Lacan, as duas cenas contêm três tempos lógicos⁴⁴, por meio dos quais a decisão se precipita, ordenados por três olhares diferentes, sustentados por três sujeitos, que se alteram nas duas cenas e são encarnados por diferentes pessoas. (LACAN, 1956, p. 17).

O primeiro olhar presente nas duas cenas é o olhar daquele que nada vê, encarnado tanto pelo Rei, quanto posteriormente pela polícia. O segundo olhar é o encarnado pela Rainha e posteriormente pelo Ministro, é aquele olhar que vê o que o primeiro não vê, mas

⁴⁴ Ref. ao tempo lógico ver Lacan em: (LACAN, Jacques. O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In: LACAN, Jacques. *Escritos*, 1945. p. 197-213.

que se engana por acreditar ter seu segredo encoberto. E o terceiro é o que finalmente vê o que desses dois olhares deixam a descoberto, e se apodera desse fato. Esse terceiro olhar é o que será representado pelo Ministro e depois por Dupin.

Lacan concede da lógica que se repete nas duas cenas, uma metáfora chistosa que funciona como imagem ilustrativa dessa estrutura: o segundo olhar seria aquele que se crê invisível posto que o primeiro olhar se encontra assim como o avestruz, com a cabeça enfiada na terra, mas se engana, pois enquanto isso deixaria um terceiro que disso se dá conta e lhe depena o traseiro (LACAN, 1956).

Sendo assim, vemos retomada nas duas cenas a mesma estrutura lógica que se reitera e Lacan insiste para que disso se reconheça ali o automatismo de repetição no sentido freudiano. Essa estrutura se faz notar através da forma como os sujeitos se deslocam e se revezam no decorrer dessa repetição. Cito:

Veremos que seu [do sujeito] deslocamento é determinado pelo lugar que vem a ocupar em seu trio esse **significante puro que é a carta roubada**. E é isso que para nós o confirmará como automatismo de repetição (LACAN, 1956, p. 18). [grifos nossos]

Aqui, Lacan reafirma que o movimento conferido pelos deslocamentos dos personagens que se alternam nas três posições é determinado pelo lugar que ocupa nisso a carta roubada, *furo*⁴⁵, significante puro, homólogo também ao sujeito do inconsciente. A carta como um “significante puro” é quem determina a partir do lugar que ocupa, as posições de cada um. Pois ela na narrativa, ocupa o lugar do ponto cego em cada um dos discursos representados pelos olhares que buscam atracá-la.

A carta se torna por isso, a causa e ao mesmo tempo o objeto inatingível, em *souffrance* [não-retirada], porque se faz impossível a cada um dos olhares segundo uma diferente perspectiva. E, sendo assim é um objeto central pelos efeitos da sua presença/ausência, mais do que pelo conteúdo de sua mensagem (LACAN, 1956, p. 32). Conteúdo, o qual não chegamos a tomar conhecimento até o fim: “Carta de amor ou carta de conspiração, carta de delação ou carta de instrução, carta de intimação ou carta de desolação, só podemos reter uma coisa: é que a Rainha não pode levá-la ao conhecimento de seu mestre e senhor.” (LACAN, 1956, p. 31).

Lacan afirma por isso que a carta ex-siste à cadeia significante como aquilo que é o: “símbolo de uma ausência”, o que faz com que a carta roubada “deva estar ou não estar em

⁴⁵Furo, tal como se refere Éric Laurent em (1999) “A carta roubada e o voo sobre a letra”. Em: Revista Correio da Escola Brasileira de Psicanálise nº65. São Paulo: EBP, p. 61-95.

algum lugar [...] ela estará e não estará onde estiver, onde quer que vá.” (LACAN, 1956, p. 27). Nesse sentido, Lacan dá a entender que o que se reitera nessa presença e ausência, além da repetição estrutural das cenas, é a dimensão de “furo” do “significante puro” que a carta encarna (LACAN, 1956).

O automatismo de repetição do lado do sujeito do inconsciente posto por Lacan como aquilo que a carta na sua dimensão de furo presentifica é mencionada por Lacan assim:

Se o que Freud descobriu, e redescobre com um gume cada vez mais afiado, tem algum sentido, é que o deslocamento do significante determina os sujeitos em seus atos, seu destino, suas recusas, suas cegueiras, seu sucesso e sua sorte, não obstante seus dons inatos e sua posição social, sem levar em conta o caráter ou o sexo, e que por bem ou por mal seguirá o rumo do significante, como armas e bagagens, tudo aquilo que é da ordem do dado psicológico (LACAN, 1956, p. 34).

Esse fragmento resume o que viemos afirmando a respeito da sobredeterminação na narrativa do conto, dos personagens e de seus destinos a partir do que se apresenta da carta como o ponto cego, lugar do sujeito do inconsciente em cada um dos olhares e discursos, onde a ausência/ presença da carta/letra insiste sem se deixar totalmente apreender pela cadeia significante.

4.5 OS EFEITOS DE FEMINIZAÇÃO DA CARTA

Por outro lado, ademais dos efeitos de significação gerados pelo estatuto de significante da carta/letra, ela também encerra o enigma do segredo da Rainha. O enigma que carrega a carta, ligado ao seu conteúdo nunca visto, produz o seguinte efeito: quem se transforma em seu portador, aquele que detém a carta, passa a sofrer, segundo Lacan, seus efeitos de “feminização” (LACAN, 1956, p.39). Vejamos essa seguinte descrição de Lacan, nesse caso da transformação que sofre o Ministro para tentar dissimular ter a carta:

[...] é significativo que a carta que em suma o ministro endereça a si mesmo seja a carta de uma mulher: como se, por uma convenção natural do significante, essa fosse uma fase pela qual ele tivesse que passar. Do mesmo modo, a aura de displicência que chega a afetar uma aparência de languidez, a ostentação de um tédio próximo ao fastio em suas palavras [...] tudo parece arranjado para que o personagem marcado por todos os seus ditos com os traços da virilidade exale, ao aparecer, o mais singular *odor di femina* (LACAN, 1956, p. 39).

É toda essa displicência, a aparência de languidez e a ostentação de um tédio próximo ao fastio, que o Ministro lança mão como de um artifício para dissimular ter a carta, porém, todos esses falsos semblantes serão notados por Dupin. O detetive não vai se deixar enganar por essa artimanha do Ministro que busca se esconder por detrás desse “falso quilate”, quando

na verdade não passaria, segundo as palavras do Lacan, da “vigilância de um animal predador prestes a dar o bote” (LACAN, 1956, p. 39).

Portanto, diferente da posição anterior na primeira cena do Ministro, onde ele demonstrou ser um homem da ação, e que foi capaz de fazer uso do seu poder sem escrúpulos para chantagear a Rainha, dessa vez para tentar dissimular a carta, a postura dele se mostra mais apassivada, ao submeter-se a fazer o papel do “falso quilate”. É o efeito que Lacan chama da seguinte maneira: “Ao entrarem de posse da carta/letra — admirável ambiguidade da linguagem — é o sentido dela que os possui” (LACAN, 1956, p. 34).

É o que afirma também Lacan nos *Outros Escritos*:

O que demonstra o conto de Poe, por meus cuidados, é que o efeito de sujeição do significante, ela carta roubada, no caso, incide, antes de mais nada, sobre seu detentor posterior ao roubo, e que, conforme seu percurso, o que ele veicula é essa mesma Feminilidade que teria captado em sua sombra (LACAN, 1969, p.383)

Onde temos a ideia que além do efeito de sujeição do significante carta/letra a que se submete quem a detém, também está algo da feminilidade contida no segredo que contém a carta que quem a rouba e acaba sofrendo a sua influência.

O uso do semblante para esconder um segredo, segundo Miller (1999) traz o uso de uma “mascarada feminina” (MILLER, 1999, p. 187). Laurent (1999) comentará o seguinte retomando essa ideia:

Então temos ao homem da ação e a Rainha. Lacan adverte que se o homem da ação é apresentado como um tipo sem escrúpulos — realmente um homem de ação, que seja capaz de exercer um poder —, é estranho ver a posição da Rainha, ver que ela se define com seu silêncio.⁴⁶ (LAURENT, 1999, p. 17, tradução nossa).

A posição da Rainha é marcada pelo silêncio diante do homem de ação, o que Lacan vai marcar da seguinte forma: “Para estar à altura do poder desse signo [o da mulher], basta-lhe manter-se imóvel à sombra dele, aí encontrando, de quebra, como a Rainha, a simulação do controle do não-agir” (LACAN, 1956, p. 35). Ou seja, de alguma maneira, segundo nos explicaria também Laurent (1999), a Rainha é como “mestra do não agir”⁴⁷ na medida em que ela fica imóvel ao longo do conto, já que é sua vida que está em jogo (LAURENT, 1999, p. 17).

Essa é a posição da Rainha vinculada ao segredo que ela guarda. Mas temos por outro lado, a partir de que a narrativa põe em movimento a partir do roubo, uma apassivação

⁴⁶ No original: “Entonces tenemos al hombre de acción y a la Reina. Lacan advierte que si el hombre de acción, es presentado como un tipo sin escrúpulos — realmente un hombre de acción, uno que es capaz de ejercer un poder —, es extraño ver la posición de la Reina, ver que ella se define con su silencio.”

⁴⁷ No original: “una teórica del no actuar.”

desses homens de ação: o Rei, o Ministro e por fim o detetive Dupin posições que mudam vinculadas a deter esse segredo. É em torno desse segredo que é o que caracteriza a carta como em *souffrance* ou “a carta não retirada” que se produzirão as dissimulações e assim o efeito de feminização. Porém, esse segredo aponta para o maior enigma de todos: onde está e o que quer a final de contas uma mulher, nesse caso, a Rainha?

[...] a feminização induzida pela carta, ou seja, o sentido ou os sentidos do texto, os efeitos de significantização, o relato mesmo, nada do que se diz dele dá conta da posição de gozo, do enigma dessa posição. Basta inclusive que esse lugar enigmático seja um lugar em reserva⁴⁸ [*en souffrance*] (MILLER, 1999, p. 187, tradução nossa).

Esse lugar enigmático outorgado em um primeiro plano à uma mulher, a Rainha, é o que inclui na jogada o enigma sobre a forma do gozo dessa mulher. Enigma que não pode ser recoberto ou significantizado por nenhum significante ou cadeia simbólica. Pois, justamente faz parte, assim como aquilo que é representado pelo seu segredo, pelo que se mantém em reserva [*en souffrance*]. Daquilo que se mantém em suspenso e encarna o ponto de cegueira que em cada um dos discursos se fará presente, assim como “a borda do furo no saber” referido por Lacan ao se referir à letra litoral, como a letra, nesse caso letra/carta que desenha a “borda do furo no saber” (LACAN, 1971a, p. 18).

Vamos então distinguir, orientados por Miller (1999) por um lado, a parte de gozo, de *a*, da carta/letra [*lettre*] como litoral, como objeto *a*, depositário de gozo e por outro os efeitos de significantização introduzidos pelo percurso mesmo do significante *lettre* (MILLER, 1999, p. 187). Logo, se por um lado temos a carta/letra como aquela que encarna o lugar do sujeito entre dois significantes, por outro no que tange à letra na sua diferença para com o significante, temos o que ela pode encarnar de um gozo que escapa a qualquer articulação de sentido que se lhe pudesse conferir.

Nessa segunda acepção da letra como litoral de gozo, Lacan se afasta da ideia para explicar essa dimensão de uma escritura prévia, tal como a ideia do Outro que precede o sujeito, para afirmar que a letra litoral não se trata daquilo que já está previamente “impresso” ou escrito, como uma espécie de *maktub* [já está escrito; o destino]. Mas, diferente disso é aquilo que advém litoral de gozo e se inscreve para o sujeito como resto da operação que se depreende da relação dele com o Outro, mas que não estava escrito antes dessa relação, no Outro prévio (MILLER, 1999, p. 183).

⁴⁸ No original: “la feminización inducida por la carta, esto es, el sentido o los sentidos del texto, los efectos de significación, el relato mismo, nada de lo que se dice en él da cuenta de la posición de goce, del enigma de esa posición. Basta incluso que este lugar enigmático sea un lugar en reserva” [*en souffrance*]

Mandil (2003) nos lembra que Lacan encontra na escrita de James Joyce um lugar para a articulação do registro do real com os do simbólico e imaginário. A partir do que Joyce articula a respeito dos artifícios com a materialidade da letra, seus efeitos de sentido e sua relação com o significante (MANDIL, 2003, p. 21).

4.6 LITURA PURA É O LITERAL

Lembremos aqui a famosa homofonia usada por Lacan da palavra francesa *lettre* que remete ao seu duplo significado de carta e letra. Apoiada nessa dupla acepção da palavra é que Laurent (1999) vai cunhar outra dupla acepção com o título do seu texto *Le vol sur la lettre* [O voo sobre a letra⁴⁹]. Ali Laurent coloca por sua vez o acento na dupla acepção de *volée* presente no escrito de Lacan que vimos sobre *La lettre volée* [A carta roubada] e que significa ao mesmo tempo voo e roubo⁴⁹.

Os dois sentidos, voo e roubo são referidos pelo próprio Lacan na seguinte passagem contida na epígrafe deste Capítulo e que é de cunho poético: “Os escritos carregam ao vento as promissórias em branco de uma cavalgada louca. E, se eles não fossem folhas volantes, não haveria letras roubadas, cartas que voaram.” (LACAN, 1956, p. 30). Trecho que nos remete ao movimento que viemos apontando que a letra/carta roubada causa e que por serem volantes, voam, escapam se mantendo carta em branco.

Seguindo, Miller (1999) conecta esse voo, com o voo aéreo de Lacan descrito em *Lituraterra*, do qual ele avista do avião o deserto da Sibéria, uma planície totalmente plana, sem montanhas, mas com águas e rios que desenham como a letra, sulcos na terra. Lacan descreve essa visão da seguinte maneira:

[...] por entre-as nuvens, o escoamento das águas, único traço a aparecer, por operar ali ainda mais do que indicando o relevo nessa latitude, naquilo que da Sibéria é planície desolada de qualquer vegetação, a não ser por reflexos, que empurram para a sombra aquilo que não reluz [...] Rasura de traço algum que seja anterior, é isso que do litoral faz terra. **Litura pura é o literal** (LACAN, 1971a, p. 21) [grifos nossos]

Essa é a descrição da metáfora que ficou famosa de Lacan para se referir a letra como litoral. Onde a face de rasura de traço que não seja anterior, se torna o litoral que faz terra: Litura pura é o literal. Aqui, uma outra vertente do literal que vimos ao longo dos dois

⁴⁹ Na nota de rodapé da versão do texto do Laurent traduzido por Marcus André Vieira do francês (1999) *La lettre volée et le vol sur la lettre* tem uma observação dele que afirma que a tradução faz o seu título original perder o duplo jogo de palavras com o título de Poe e o que propõe Laurent, em especial a homofonia de roubo e voo que se grafam ambas no francês pela mesma palavra: *vol*. Além de é claro a de *lettre*, que foi mantida como “letra” ainda que também signifique “carta”.

capítulos iniciais ao lado de levar o significante ao pé da letra. Segundo nos lembra Mandil (2003) e o que diz o próprio Lacan no início do *Lituraterra*, esse termo *Lituraterra*, neologismo cunhado por Lacan, vem do *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire de mots*, de Alfred Ernout e Antoine Meillet (1932), onde Lacan encontra a etimologia da palavra *lino*, que dá origem ao termo *litura*.

Esse termo tem o sentido de cobertura, mas também de rasura, correção:

Dessa raiz se forma a palavra *liturarius*, indicando um escrito que possui rasuras. Será a partir de *liturarius* que Lacan cunhará o termo *lituraterre*, ao qual opõe literatura, cuja raiz etimológica se prende a *littera*, letra. De certo modo, é como se Lacan buscase os meios de traduzir a expressão joyciana: ‘a letter, a litter’ nos termos de uma nova correspondência: *littérature*, *lituraterre* (MANDIL, 2003, p. 45).

Essa correlação que evocamos nos itens 4.2, 4.3 da carta/letra que não se reduz a sua função mensageira, mas que é evocada também na sua dimensão objeto de *litter* [lixo] é também o que Lacan faz alusão em *Lituraterra*. Porém, como nos aponta Mandil em contra ponto a Literatura com a primazia do artifício com o significante, Lacan inclui um artifício que tem Joyce como paradigma, onde há a exploração da letra no seu caráter mais abjeto, nos limites da significação.

Como nos lembra Mandil (2003) em *Lituraterra*, Lacan evoca o nome de James Joyce ao se referir a situação em que Joyce recusara a se submeter a experiência psicanalítica afirmando o seguinte: “No jogo que evocamos, ele [Joyce] não ganharia nada, indo direto [com esse ‘a letter, a litter’] ao melhor que se pode esperar da psicanálise em seu término” (LACAN, 1971a, p.15).

“Ir diretamente de a *letter* para a *litter* — ‘a faire litière de la lettre’ — eis o que Joyce saberia fazer com a sua arte.” (MANDIL, 2003, p. 46). Atingir a dimensão de “litter” pela “lettre” é o que mais poderia se esperar de melhor de uma análise em seu fim. Essa frase pode ser entendida de diversas maneiras, mas com certeza nos deixa entrever, segundo Mandil que: “essa experiência [a psicanalítica] poderia ser traduzida, grosso modo, no reconhecimento da permeabilidade que há entre uma carta, uma letra e um monte de lixo.” (MANDIL, 2003, p. 46)

É importante destacar, como nos lembra também Mandil (2003) que *Lituraterra* está incluída no contexto em que Lacan concede centralidade ao conceito de letra, mas que esse termo que até então estava subordinado ao campo da fala e do significante vai na época do *Seminário 23* servir de suporte para Lacan avançar em outras elaborações de aspectos cruciais da experiência analítica. A promoção do escrito em detrimento da fala num momento

diferente do que foi seu “retorno à Freud” que vimos no *Capítulo 2* “visaria buscar uma formalização desse elemento destacável da experiência analítica que Lacan busca apreender com a noção de gozo⁵⁰” (MANDIL, 2003, p. 46).

É a direção que viemos até aqui apontando, vejamos se em uma leitura retroativa, podemos ao diferenciar o significante da letra, imprimir ou apreender algo da circulação dessa substância, dessa materialidade, como nos lembra Mandil, que Lacan associa ao gozo e que vimos acompanhar os deslocamentos da carta roubada do conto de Poe. Esperamos que essa dimensão se faça presente também nos itens adiantes, na concepção da reminiscência em diferença para com o registro da rememoração.

4.7 A LETRA LITORAL: REMEMORAÇÃO E REMINISCÊNCIA⁵¹

Segundo Miller (1999) Lacan em *Lituraterra* (1971a) coloca os pontos nos is, e para definir o que seja o conceito de letra na sua acepção mais próxima de litoral, começa primeiro afirmando o que ela não é, como comenta Miller:

Se trata de considerar primeiro o que a letra não é, e a letra não é impressão. Aqui Lacan coloca os pontos nos is se opõe ao que afirma Freud no “Nota sobre ‘O bloco mágico’”, onde parte da inscrição, da instância da letra no inconsciente [...] Em todo caso, essa metáfora lhe parece imprópria, posto que na escrita não se trata de impressão. E aqui Lacan critica o que havia adiantado Derrida na sua conferência de 1966 onde falava da marca primeira, fundamental, a impressão primeira, fora de sentido, que o sentido tentará depois agarrar, ainda que nunca chegue a reabsorvê-lo. Não é então uma impressão.⁵² (MILLER, 1999, p. 185, tradução nossa).

Aqui Lacan vai afirmar categoricamente que a letra em *Lituraterra* não é impressão e por isso se oporia a Freud de “Nota sobre ‘O bloco mágico’” que parte da ideia vista no *Capítulo 2*, da instância da letra no inconsciente como algo que se inscreve do Outro em caráter de escrita e sobredetermina o sujeito. E critica Derrida com a sua ideia de uma marca primeira fora de sentido e que depois passaria a ser recoberta de sentido ainda que nunca totalmente recoberta.

⁵⁰ Ver nota 28.

⁵¹ Agradeço aqui às discussões que tiveram lugar no núcleo de pesquisa da ICP-RJ *Práticas da Letra*, onde nos detivemos, por sugestão de Ana Lúcia Holck, na diferença traçada por Lacan entre rememoração e reminiscência, retomadas também na “Terceira lição” do *Perspectivas do Seminário 23* de Jacques-Alain Miller (2006).

⁵² No original: “Se trata de considerar primero lo que la letra no es, y la letra no es impresión. Aquí Lacan pone los puntos sobre las íes se opone a lo que afirma Freud en ‘Nota sobre ‘O bloco mágico’, donde parte de la inscripción, la instancia de la letra en el inconsciente [...] En todo caso, esta metáfora le parece impropia, puesto que en la escritura no se trata de impresión. Y aquí Lacan critica lo que había adelantado Derrida en su conferencia de 1966 donde hablaba de la huella primera, fundamental, la impresión primera, fuera de sentido, que el sentido intentará después atrapar, aunque nunca llegue a reabsorberla. No es entonces una impresión.”

Para desenvolver o que nos traz Miller, vamos lembrar o modelo de escrita implícito na ideia do bloco mágico de Freud, para então buscar entender a ideia de que não há uma escritura prévia na concepção da letra litoral. Freud em 1925 no seu texto intitulado “Uma nota sobre ‘O bloco mágico’” afirma ter encontrado nesse pequeno invento de sua época uma demonstração do funcionamento de percepção do nosso aparelho psíquico. O brinquedo “louça mágica” tem em seu princípio a ideia de que se pode escrever qualquer coisa sobre uma superfície que imita uma folha apoiada sobre um fundo plástico, que logo quando se destaca essa folha da outra superfície que ela se apoia, tudo o que se escreveu se apaga.

Sendo assim, seria possível voltar a escrever qualquer coisa no mesmo lugar, já que o que antes se escreveu ali foi totalmente apagado: “No entanto, é fácil descobrir que o traço permanente do que foi escrito, está retido sobre a própria prancha de cera e, sob luz apropriada, é legível” (FREUD, 1925b, p. 289). Dessa maneira, o bloco mágico inaugura não somente uma folha que pode ser reutilizada inúmeras vezes, mas também gera na superfície da qual a folha se destaca traços permanentes do que foi ali escrito. O que se divide, segundo Freud, em “*duas partes ou sistemas componentes separados, mas interrelacionados*” (FREUD, 1925b, p. 289).

Os dois sistemas interrelacionados são o da folha que se destaca e o da superfície na qual se apoia a folha que é fixo e não se destaca. Os dois estão ligados entre si pelo fato da marca de escrita não se apagar e ficar marcado na superfície, ultrapassando a marcação efêmera, ainda que na folha que se destacou tenha já sido apagado. Freud afirma que o “bloco mágico” é uma metáfora de como o aparelho perceptual de nossa psiquê funciona. O que traz a ideia de que há traços que se depositam ao longo de uma vida e que a partir deles podemos ter memória, e evocar lembranças esquecidas, ainda tenham sido traumáticas para um sujeito.

Mas, o que essa concepção freudiana da memória traz consigo é a ideia de que há sempre alguma coisa na origem da constituição subjetiva, prévia ao sujeito e que se depositou e que se inscreveu no aparelho psíquico. A rememoração está baseada nessa premissa e será comentada por Lacan no *Resposta ao comentário de Jean Hyppolite* (1954c) a despeito da diferença que efetua Lacan ao que seria da alçada da reminiscência. Rememoração e reminiscência nos termos freudianos e retomados por Lacan seriam dois processos que partem de diferentes ideias sobre essa questão da escritura prévia. Lacan afirmaria que:

O que faz com que o segundo [o sentimento de realidade] seja sentido como tal é que ele se produz no interior do texto simbólico que constitui o registro da rememoração, ao passo que o primeiro [o sentimento de irrealidade] corresponde às formas imemoriais que aparecem no palimpsesto do imaginário, quando o texto, ao se interromper, desnuda o suporte da reminiscência (LACAN, 1954c, p. 393).

Nesse trecho, Lacan se refere a rememoração como o modelo do “bloco mágico”, que estrutura o funcionamento psíquico e é da ordem do que já foi inscrito como ordem simbólica. Enquanto, por outro lado, temos o que é da ordem da reminiscência como aquilo que não se inscreveu previamente na ordem simbólica e produz como seu correlato um “sentimento de irrealidade”. Lacan dirá: “que aparecem no palimpsesto do imaginário” ao lado das “formas imemoriais”, o que deve ser entendido como sendo de um registro diferente do da memória do bloco mágico.

É importante lembrar que nessa citação Lacan se baseia na fenomenologia da alucinação do dedo cortado do caso do Homem dos Lobos, como o exemplo de algo que não foi passível de rememoração por não estar previamente inscrito no simbólico, o que confere o teor de irrealidade próprio da alucinação:

Poderíamos dizer que o sentimento de *déjà vu* vem ao encontro da alucinação errática, que é o eco imaginário que surge como resposta a um ponto da realidade que pertence ao limite onde ele foi suprimido do simbólico. (LACAN, 1954c, p. 393).

Esse trecho confirma que Lacan se refere aos fenômenos do sentimento de *déjà vu* ao lado da alucinação como aquilo que é uma resposta ao que não foi incluído na ordem simbólica previamente e retorna como algo estranho e irreal para o sujeito.

Miller nos confirma sobre essa ideia que: “Essas formas imemoriais [não incluídas no simbólico] que aparecem quando o texto, interrompendo-se — fora do registro simbólico, portanto —, desnuda o suporte da reminiscência” (MILLER, 2006, p. 52). O suporte da reminiscência é aquilo que não pode ser elaborado, pois está “fora do tempo”, situado “como se o próprio extratemporal viesse a nu, despojado das articulações simbólicas” (MILLER, 2006, p. 52) Não se trataria, portanto, de uma rememoração pois não é situável no tempo, ou seja, na ordem simbólica.

Mais tarde, no *Seminário 23* (1975-76) Lacan volta a essa questão da diferença da rememoração e reminiscência ilustrado pelo paradigma, como vimos, do “bloco mágico”:

A reminiscência é distinta da rememoração. As duas funções são distinguidas em Freud, porque ele tinha o senso das distinções. A rememoração é evidentemente alguma coisa que Freud obteve forçosamente graças ao termo *impressão*. Ele supôs que havia coisas que se imprimiam no sistema nervoso, e lhes conferiu letras, o que já é dizer muito, porque não há razão nenhuma para que uma impressão se figure como alguma coisa já tão distante da impressão quanto uma letra. Já há um mundo entre uma letra e um símbolo fonológico (LACAN, 1975-76, p. 127).

Lacan liga a rememoração ao termo “impressão” em Freud, fazendo referência aos “traços mnêmicos” a partir de onde Freud concebe o aparelho psíquico no Capítulo VII do *A Interpretação dos sonhos* (1900) e na *Carta 52*. Ali Freud atribui à atividade psíquica um

esquema ilustrativo e desenha que há no aparelho uma extremidade sensorial e uma extremidade motora. Sendo assim, o aparelho psíquico se constrói como um aparelho reflexo que aponta para uma certa direção. Na extremidade sensorial, permanece um “traço” das percepções que incidem sobre o aparelho psíquico. Esses “traços” são os “traços mnêmicos” e a função pela qual eles se relacionam se chama “memória”.

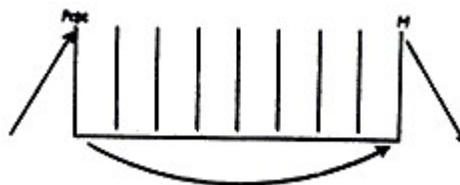


Figura 12. (FREUD, 1900, p. 131)

Assim, como no *Projeto para uma psicologia científica* (1895) onde figuravam os sistemas neurológicos grafados com as letras do alfabeto grego, os “traços mnêmicos” seriam como as marcas que restam na louça do “bloco mágico”. Essas marcas não se apagam nunca e a memória é feita da releitura desses traços que se relacionam entre si como “sistemas” e mantém entre eles uma relação espacial importante, da mesma forma que as relações das lentes de um telescópio que se dispõe umas sobre as outras.

Sendo assim, os traços mnêmicos sofrem os rearranjos constantes e não são conscientes: “Tais traços de memória, então, nada têm a ver com o fato de se tornarem conscientes; na verdade, com frequência são mais poderosos e permanentes quando o processo que os deixou atrás de si foi um processo que nunca penetrou na consciência.” (FREUD, 1900, p, 17). Logo, o que nos interessa aqui é o aspecto desses “traços” que não se apagam, são as tais “impressões” a partir de onde se podem produzir as lembranças. Essa ideia difere da reminiscência, definida a partir do seguinte contexto:

Considero que ter enunciado, sob **a forma de uma escrita**, o real em questão tem o valor do que chamamos geralmente de um trauma [...] Digamos que é o forçamento de uma nova escrita, dotada do que é preciso mesmo chamar, por metáfora, de um alcance simbólico, e também é forçamento de um novo tipo de ideia, se assim posso dizer, uma ideia que não floresce espontaneamente apenas devido ao que faz sentido, isto é, ao imaginário. Tampouco se trata de uma coisa completamente estranha. Direi até mais, é o que torna sensível, permite roçar, mas de um modo completamente ilusório, aquilo a que chamamos de **reminiscência**, e que consiste em imaginar, a propósito de alguma coisa que faz função de ideia, mas não é uma, que a gente **se reminisce** dela, se posso me exprimir assim (LACAN, 1975-76, p. 127) [grifos nossos]

A reminiscência aqui como próxima a uma escrita do real que não se exprime pelo imaginário ou pelo simbólico, pois se situa fora do tempo, mas ainda assim se inscreve, não como uma ideia como diz Lacan, mas sob a forma de um fazer reminiscente, a gente “se

reminisce”. A escrita do real a que se refere Lacan aqui é a escrita do nó borromeano, que Lacan afirma ser a sua verdadeira resposta sintomática a descoberta freudiana: “É na medida em que Freud fez verdadeiramente uma descoberta — supondo-se que essa descoberta seja verdadeira — que podemos dizer que o real é minha resposta sintomática” (LACAN, 1975-76, p. 128).

Sophie Gayard (2020) no seu texto “Réminiscence” resgata essa citação de Lacan e retoma o caso Lucy de Freud que figura nos *Estudos sobre a histeria* (1893), a partir da afirmação freudiana famosa: “*Os histéricos sofrem principalmente de reminiscências.*” (FREUD, 1893, p. 45). A partir disso Gayard se perguntará: “Uma vez que, [podemos nos perguntar] do que sofremos? Daquilo do que nos lembramos ou daquilo que não lembramos? » (GAYARD, 2020, tradução nossa).⁵³ Nos lembrando que essa tese de Freud da reminiscência é solidária de uma certa concepção do trauma, enunciada no mesmo período por Freud, da seguinte maneira:

[...] a relação causal entre o trauma psíquico determinante e o fenômeno histórico não é de natureza a implicar que o trauma atue como mero *agent provocateur* na liberação do sintoma, que passa então a levar uma existência independente. Devemos antes presumir que o trauma psíquico — ou, mais precisamente, a lembrança do trauma — age como **um corpo estranho** que muito depois de sua entrada, deve continuar a ser considerado como um agente que ainda está em ação (FREUD, 1893, p. 44) [grifos nossos]

Concepção que sugere que há a presença de “um corpo estranho”, uma alteridade desencadeada pelo trauma que prossegue ativo no sujeito sobredeterminando seus sintomas, etiologia que será obstinadamente perseguida por Freud em um primeiro momento. Essa concepção do trauma poderia nos fazer como se refere Gayard (2020) traçar um arco entre o primeiro Freud e o último Lacan. Em *Estudos sobre a histeria* (1893) no caso Lucy, que vamos retomar no próximo item Freud demonstra que a rememoração de cenas encobridoras de um trauma, surgem uma após a outra, mas até onde?

4.8 A QUESTÃO QUE NOS COLOCA A REMINISCÊNCIA: O CASO LUCY⁵⁴

A pergunta que se coloca Gayard (2020) e que terminamos no *item 4.7*, vamos buscar retomar, porque ela aponta para o que queremos sublinhar inerente a face litoral da letra que vamos seguir explorando no *Capítulo 5*. Vamos lembrar o caso de Freud Lucy, comentado por Gayard, que faz parte de um dos casos do *Estudos sobre a histeria* (1893). Lucy é uma

⁵³ No original: « Car de quoi souffre-t-on ? De ce dont on se souvient ou de ce dont on ne se souvient pas ? »

⁵⁴ Novamente aqui replico os agradecimentos ao *Núcleo Práticas da Letra*, em especial ao encontro que contou na ocasião com a apresentação de Patrícia Paterson do caso Lucy.

jovem mulher governanta de uma casa onde cuida de duas meninas, cuja mãe é falecida. Para Lucy a ocasião de um olhar “de modo significativo” de seu patrão foi o suficiente para desencadear nela o que lhe sucede posteriormente. A ocasião foi a seguinte:

Um dia, porém, seu patrão, um homem sério e sobrecarregado de trabalho, cujo comportamento em relação a ela sempre fora reservado, iniciou uma discussão sobre os moldes em que as crianças deveriam ser educadas. Ele foi menos formal e mais cordial do que de costume e lhe disse o quanto dependia dela para cuidar de seus filhos órfãos; e ao dizer isso, olhou-a de modo significativo... O amor da jovem por ele havia começado nesse momento (FREUD, 1893, p. 137).

Mas a esperança por esse progresso no amor logo a decepciona, ela espera em vão, segundo Freud, uma outra oportunidade de troca íntima de opiniões e passa a duvidar se o olhar por ela notado durante a conversa não havia sido dirigido à esposa morta, o que a fazia sentir que seus sentimentos não tinham mesmo chance de serem correspondidos. Porém nesse ínterim, o sentimento que nutre com o patrão lhe ocasiona um verdadeiro inferno no ambiente de trabalho, agrava a sua relação com as outras domésticas a ponto de Lucy considerar pedir demissão o que entraria em conflito com a promessa feita à mãe das crianças de que cuidaria delas na sua ausência.

Nesse cenário Lucy se torna carrancuda, e passa a apresentar os seguintes sintomas:

Ela perdera todo o sentido do olfato e era quase continuamente perseguida por uma ou duas sensações subjetivas, que lhe eram muito aflitivas. Além disso, estava desanimada e fatigada e se queixava de peso na cabeça, pouco apetite e perda de eficiência (FREUD, 1893, p. 127).

Das sensações subjetivas que lhe eram aflitivas ligadas a um sintoma perturbador, Freud vai destacar a alucinação recorrente que a seu pedido Lucy descreve como “Um cheiro de pudim queimado” (FREUD, 1893, p. 128). Essa alucinação reiterada intriga Freud uma vez que: “É muito incomum sem dúvida, que as sensações olfativas sejam escolhidas como símbolos mnêmicos de traumas, mas não foi difícil explicar essa escolha.” (FREUD, 1893, p. 128). O que desenha uma definição do sintoma como ligada a expressão da celebração de um trauma (GAYARD, 2020, p. 2).

É daí que ligaríamos essa definição do sintoma a tese princeps de Freud a que fizemos referência no item 4.7 e se encontra na *Comunicação Preliminar* (Freud e Breuer) (1893): “*Os histéricos sofrem principalmente de reminiscências.*” (FREUD, 1893, p. 45). O que significa que a etiologia dos sintomas nesse momento em Freud está ligada ao seu correspondente trauma psíquico, onde não houve uma “*reação energética ao fato capaz de provocar um afeto*” (FREUD, 1893, p. 45). Por essa razão um afeto não foi “*ab-reagido*” adequadamente (FREUD, 1893, p. 46).

Sendo assim:

Assim, pode-se dizer que as representações que se tornaram patológicas persistiram com tal nitidez e intensidade afetiva porque lhes foram negados os processos normais de desgaste por meio da ab-reação e da reprodução em estados de associação não inibida (FREUD, 1893, p. 48).

Por essa razão Freud vai perseguir as lembranças das lembranças que consigam trazer o que foi que teve efeito traumático e que se mantinham como estranguladas para que possam ser ab-reagidas corretamente. Porém, diante dessa direção do tratamento de Freud, a questão que se coloca para nós, o que já antecipamos no *item 4.7*, a partir da definição do trauma como o “corpo estranho”, como a alteridade que se mantém ativa no sujeito, é: uma sucessão de cenas emerge e vemos isso acontecer no caso Lucy, uma após a outra, mas até onde?

Muito rápido, Freud chega a constatar o ponto de origem do sintoma que culmina na seguinte lembrança:

Perguntei-lhe se conseguia lembrar-se da ocasião em que sentira pela primeira vez o cheiro de pudim queimado — ‘Ah, sim, sei exatamente. Foi há uns dois meses, dois dias antes do meu aniversário. Estava com as crianças na sala de aula e brincava de cozinhar com elas.’ [...] ‘Chegou uma carta que acabara de ser entregue pelo carteiro. Vi pelo carimbo postal e pela letra que era da minha mãe [...] e queria abri-la para lê-la, mas as crianças se precipitaram sobre mim, arrancaram a carta de minhas mãos e gritaram: ‘Não, você não vai ler agora! Deve ser pelo seu aniversário, vamos guardar a carta para você!’ Enquanto as crianças faziam essa brincadeira comigo, houve de repente um cheiro forte. Elas haviam esquecido o pudim que estavam assando, e ele estava queimando. Desde então tenho sido perseguida pelo cheiro, que está sempre presente e fica mais forte quando estou agitada (FREUD, 1893, p. 133).

As filhas do seu patrão haviam esquecido, portanto, o pudim no forno, logo em que elas haviam demonstrado sua afeição para com Lucy que mais adiante diria: “Fiquei emocionada porque as crianças foram muito afetuosas comigo” (FREUD, 1893, p. 133) Justo quando também recebe a carta de sua mãe que a lembrava que ela estava pretendendo voltar para a casa de sua mãe e deixar aquelas queridas crianças. A sua mãe estava adoentada, mas não teria sido esse o motivo de cogitar ir à casa dela e abandonar o trabalho, já que a sua mãe podia se cuidar sozinha e era forte, mas sim pelo fato de não poder mais suportar “ficar naquela casa” onde a empregada, a cozinheira e a governanta francesa “aliaram-se numa pequena intriga contra mim” (FREUD, 1893, p. 134).

Porém, como nos lembra Gayard (2020), ainda com o desvelamento dessa lembrança, Freud vai tomar o cuidado de fazer a diferença entre a circunstância de aparição do sintoma e suas causas psíquicas. É então quando Freud, seguindo o que nos expõe Gayard (2020), ao tomar conhecimento dos seus sentimentos amorosos dirigidos ao seu patrão: “Mas, se você sabia que amava seu patrão, por que não me disse? [diria Freud] — Não sabia... ou melhor,

não queria saber. Queria tirar isso de minha cabeça e não pensar mais no assunto.” (FREUD, 1893, p. 136).

É o que está consoante segundo Gayard (2020) ao que é o inconsciente para Freud: “estranho estado de espírito no qual ao mesmo tempo se sabe e não se sabe uma coisa.”⁵⁵ (FREUD, 1893). Ideia essa que Lucy exemplifica bem no fragmento do seu caso, e que mais tarde dirá Lacan: “Falo com o meu corpo, e isto, sem saber” (LACAN, 1973, p. 127). E para ela, como se refere Gayard (2020), “isso diz: Isso queima!”⁵⁶ (GAYARD, 2020, tradução nossa).

Entretanto, mesmo com o odor do pudim queimado sendo substituído pelo do cigarro “símbolo mnêmico”, que figurava como signo da transferência com Freud, o sintoma de Lucy prossegue (FREUD, 1893, p. 138). Lembranças de outras cenas lhe aparecem, implicam cada uma a cólera do pai das meninas. Primeiro, na ocasião que algum convidado em sua casa queria beijar as meninas. E na segunda cena em particular essa cólera havia sido dirigida a ela, por responsabilizá-la quando uma visita havia beijado as meninas na boca:

Disse que a responsabilizaria se alguém beijasse as crianças na boca, que era seu dever não permitir tal coisa e que ela estaria incidindo numa falta para com seu dever se o permitisse; se aquilo acontecesse de novo, ele confiaria a educação das crianças a outras mãos. Isso havia acontecido numa ocasião em que Miss Lucy ainda supunha que ele a amava, e estava na expectativa de uma repetição de sua primeira conversa amistosa. A cena esmagara suas esperanças. (FREUD, 1893, p. 139).

Foi a rememoração dessa última cena e sua análise que dois dias depois, Miss Lucy reapareceria para Freud com uma feição totalmente modificada: “Parecia transfigurada. Estava sorridente e de cabeça erguida.” (FREUD, 1893, p. 139), os sintomas haviam desaparecido. A rememoração que, mais ainda que a lembrança, é instalada na história para pôr fim aos efeitos patógenos da reminiscência. O impacto de apenas um olhar, como nos lembra Gayard (2020) que é dirigido à Lucy é o suficiente para desencadear sua fantasia amorosa e seu desejo que articulados na fantasia encontram seu ponto de ativação.

Freud tinha sensivelmente notado: “que ela era um tipo ‘visual’” (FREUD, 1893, p. 138). Sendo assim, como descrevemos no *item 4.7*, Lacan em 1954 trata da questão da rememoração e da reminiscência, e coloca a primeira do lado do simbólico e a segunda do lado do imaginário (GAYARD, 2020, p. 3). E é aí que então vamos sublinhar a seguinte pergunta que nos interessa particularmente, colocada por Gayard (2020): “A reminiscência na

⁵⁵ Na versão francesa: « cet état où le sujet sait tout sans le savoir » [“esse estado onde o sujeito sabe tudo sem o saber”] FREUD (1893) *Études sur l’hystérie*, Paris, PUF, 1978, p. 84.

⁵⁶ No original: “Et pour elle, ça dit « ça brûle »!”

histórica não surgiria como eco imaginário que repercute a parte real da marca de gozo que não pode ser absorvida pelo simbólico?”⁵⁷ (GAYARD, 2020, p. 3, tradução nossa).

Segundo Gayard (2020) as cenas traumáticas que Freud atualiza ao longo do tratamento de Lucy não são o trauma como tal, mas antes disso elas o vestem. Por essa razão, afirma Gayard (2020) o ganho obtido pela via da rememoração não deixa Lucy ao abrigo de novas reminiscências, ou de novas ativações do trauma, do “corpo estranho” (Freud, S. 1893, p. 44). Ali onde, como nos lembra Gayard (2020) que diria Lacan: “como “o real [...] não espera nada da palavra” (LACAN, 1966, p. 388). Sendo, assim: “Assim, a reminiscência não seria ela o nome freudiano da iteração da marca primeira de gozo?”⁵⁸ (GAYARD, Sophie, 2020, p. 4, tradução nossa).

4.9 O CARÁTER INDESTRUTÍVEL DA LETRA

A partir dessa marca primeira de gozo que a reminiscência representa e que se reitera como marca de gozo, vamos tratar de pensá-la em seu caráter de “indestrutível” e inextinguível. Citamos esse caráter rapidamente no *item 3.7 do Capítulo 3* e consta também na nota 11, na ocasião em que referimos que há uma tendência no inconsciente a *Enstellung* [à distorção] decorrente do caráter de “indestrutibilidade” do desejo inconsciente. Vamos rever o trecho de Freud referente a esse aspecto: “Eles [os desejos inconscientes] partilham esse caráter de **indestrutibilidade** com todos os outros atos anímicos verdadeiramente inconscientes, isto é, que pertencem apenas ao sistema *Ics*.” (FREUD, 1900, p. 505) [grifos nossos]

Lacan se perguntará sobre o mesmo aspecto quando se interroga: “O que é esse desejo indestrutível de que fala Freud ao concluir as últimas linhas de sua *Traumdeutung*? O que é esse desejo que nada pode mudar, nem abrandar, quando tudo muda?” (LACAN, 1970, p. 64). Ou seja, tudo muda no sentido dos inúmeros deslocamentos a que sofre o desejo inconsciente para se realizar, mas ao mesmo tempo, não se abranda por isso do caráter do desejo indestrutível, ele não se acaba mesmo com todo o trabalho do inconsciente.

Destarte, o caráter indestrutível da carta/letra no conto de Poe foi usado por Lacan, como vimos, na dimensão da carta como o sujeito inapreensível do significante. A carta no

⁵⁷ No original : « La réminiscence chez l’hystérique ne surgitelle pas comme écho imaginaire répercutant la part réelle de la marque de jouissance qui n’a pas pu être résorbée dans le symbolique. »

⁵⁸ No original: « Ainsi, la réminiscence n’est-elle pas le nom freudien de l’itération de la marque première de jouissance ? »

lugar do sujeito do inconsciente que ex-siste à cadeia significante e que no final das contas sobredetermina o sujeito, conferindo a carta um movimento de circularidade expresso pela ideia de que ela sempre chega ao seu destino⁵⁹. E expressa também por Lacan do seguinte modo no *Seminário sobre 'A carta roubada'* (1956c):

[...] se há de algum modo uma prova a fornecer, é de que não basta essa ordem constituinte do simbólico para se defrontar tudo. Por ora, as ligações dessa ordem são, com respeito ao que Freud dá a conhecer da indestrutibilidade do que seu inconsciente conserva, as únicas passíveis de serem *suspeitas de bastar para isso* (LACAN, 1956c, p. 47)

E mais adiante:

[...] o desejo inconsciente em sua persistência indestrutível, a qual, por paradoxal que pareça na doutrina freudiana, não deixa de ser um dos traços que aí se encontram mais afirmados (LACAN, 1956c, p. 57).

Nessas duas citações vemos que Lacan considera essa dimensão indestrutível para a formulação do que chamou do seu termo freudiano “automatismo de repetição” inerente ao caráter de sujeito do inconsciente da carta/letra, em sua insistência, e que retorna à questão inaugurada por Freud no *Para-além do princípio do prazer* (1920). O ser indestrutível preso nesse momento do ensino de Lacan na ordem simbólica (LACAN, 1956c).

E vimos também que o caráter indestrutível não significa a primazia de um único sentido que se sobreporia ao sujeito do inconsciente, ainda que este se encontre preso no simbólico. Esse é um dos argumentos presente na crítica de Derrida⁶⁰, que não vamos aqui retomar, mas que queremos trazer a atenção para o fato de que o caráter de objeto *a* da carta/letra foi levado em conta por Lacan. A carta que é adulterada, jogada fora como vimos no conto, se fez presente, ou seja, Lacan reconhece o valor de objeto *a* que a carta pode ter⁶¹.

Há, portanto, um aspecto dessa indestrutibilidade, representada pelo que há de indestrutível do sujeito do inconsciente que quer se fazer representar a todo custo e que está aliado ao caráter pulsional do que poderíamos presumir que empurra os efeitos de sentido ao seu entorno. Pois se o desejo inconsciente, como afirma Freud é a força motivadora para a elaboração onírica, que nunca cessa de se produzir, o caráter indestrutível, como o mesmo Freud aponta, demonstra que há um insaciável pulsional em jogo. Esse caráter parece ser causa das produções das formações dos sonhos e dos sintomas, como vimos no *item 4.8*.

Lembrando aqui a definição de sintoma, próximo do sentido freudiano e consoante com os sonhos, de Lacan em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953b), temos:

⁵⁹ Ver artigo citado na nota 35.

⁶⁰ (LACAN, 1956c)

⁶¹ Nesse ponto o escrito “Juventude de Gide ou a letra e o desejo” (1958b) onde cartas são queimadas é expressivo.

O sintoma, aqui, é o significante de um significado recalçado da consciência do sujeito. **Símbolo escrito na areia da carne e no véu de Maia**, ele participa da **linguagem** pela ambiguidade semântica que já sublinhamos em sua constituição. Mas é uma fala em plena atividade, pois inclui o outro no segredo de seu código. Foi decifrando essa fala que Freud encontrou a linguagem primeira dos símbolos, ainda viva no sofrimento do homem da civilização (Lacan, J. 1953b, p.282) [grifos nossos].

O sintoma tem a estrutura da metáfora e figura como um significante, que ao estar no lugar de outro significante referido ao desejo inconsciente, produz um novo que é o mal-estar inédito, sintoma produto dos efeitos da metáfora na carne. O sintoma nesse sentido se decifra, assim como os sonhos. Veremos melhor o sintoma em ação aliado à sua apresentação somática, no nosso último *Capítulo 5* a partir do caso Dora. O que queremos sublinhar nesse item para concluirmos esse *Capítulo 4* é o seguinte, destacado por Philippe La Sagna:

O trabalho do sonho não se detém ali, na deformação, no seu objeto. É como se isso não lhe bastasse, que as coisas sejam deformadas. É preciso a elaboração secundária. O sonho comporta buracos. E então, a elaboração secundária os vai tampar.⁶² (LA SAGNA, 2020, p. 5, tradução nossa).

Queremos sublinhar o caráter ilimitado do trabalho dos sonhos, que trata de tamponar os furos, buracos de que os sonhos são feitos. Já que ele além de texto, da produção escrita dos sonhos, também se compõe de furos. O que aponta para uma dimensão até não mencionada no *Capítulo 2* que é a do umbigo dos sonhos, e que aqui vale resgatar, justamente, porque ela se articula com o caráter indestrutível da pulsão. Isso, se pensarmos que a pulsão busca tamponar, mas acaba por contornar esses furos. Próximo ao movimento do circuito pulsional que já vimos no *Capítulo 3, item 3.8*. Vamos lembrar o que Freud diz a respeito:

Mesmo no sonho mais minuciosamente interpretado, é frequente haver um trecho que tem de ser deixado na obscuridade; é que, durante o trabalho de interpretação, apercebemo-nos de que há nesse ponto um emaranhado de pensamentos oníricos que não se deixa desenredar e que, além disso, nada acrescenta a nosso conhecimento do conteúdo do sonho. Esse é o **umbigo do sonho**, o ponto onde ele mergulha no desconhecido (FREUD, 1900, p. 123).

O ponto onde o sonho mergulha no desconhecido, de onde vão surgir as produções das significações oníricas. Portanto, para concluir, vimos que há algo do que é caráter indestrutível da carta/letra que pede sempre a produção de mais sentido, ao mesmo tempo há também buracos, furos que essa força contorna, ou se concentra. Desses buracos surgem as

⁶² No original : « Le travail du rêve ne s'arrête pas là, pas à la déformation, pas à l'object. C'est comme si cela ne suffisait pas que les choses soient déformées. Il faut l'élaboration secondaire. Le rêve comporte des trous. Eh bien, l'élaboration secondaire va les boucher. »

significações, mas eles não deixam de, por isso, se extinguirem a nível do que portam de desconhecido, posto que pela sua borda há o ilimitado mergulho no desconhecido.

Dessa borda se faz litoral próximo ao que se depreende da noção da letra como vimos pela reminiscência, da carta/letra como suporte do gozo feminino e do que vimos da descrição de Lacan daquilo que faz borda do furo no saber inerente a letra litoral no *Lituraterra*. Vejamos como entender essa nova dimensão que se depreende aqui, a partir do caso Dora que vamos apresentar no próximo e último *Capítulo 5*.

*Sempre encontramos, pois, nossa dupla referência à fala e à linguagem. **Para liberar a fala do sujeito**, nós o introduzimos **na linguagem de seu desejo**, isto é, na linguagem primeira em que, para-além do que ele nos diz de si, ele já nos fala à sua revelia, e prontamente o introduzimos nos símbolos do sintoma (Lacan, J. 1953/1998, p. 294) [grifos nossos].*

5 A LETRA DA FEMINILIDADE

5.1 INTRODUÇÃO

Vimos no *Capítulo 3*, que a hipótese do sujeito que Lacan formula no *Seminário 11* (1964) a partir da leitura de Brodsky (1999) é solidária de uma forma de conceber o inconsciente. Qual é o estatuto do inconsciente nesse momento? Dentre os atributos ou qualidades que Lacan atribui ao inconsciente estão os de “tropeço, rachadura ou desfalecimento” (LACAN, 1964, p. 28). O que se apresenta nessa hiância é da ordem da surpresa, achado e perda. Em uma frase pronunciada ou escrita algo tropeça. São os contrapés e falhas, quando algo quer se realizar nessas brechas o sujeito fica perplexo.

Surge no sujeito o efeito de perplexidade, o de não saber do que se trata. Se trata de uma descontinuidade ou lapso onde algo se manifesta como vacilação. O sujeito se apresenta com a característica da indeterminação: “o inconsciente se manifesta como o que vacila num corte do sujeito” (LACAN, 1964, p. 32). Qual é o seu estatuto? Não é o de um ser, é de um “querer ser” (BRODSKY, 1999, p. 38). “O estatuto do inconsciente, que eu lhe indico tão frágil no plano ôntico, é ético.” (LACAN, 1964, p. 40). Ou seja, o inconsciente tem o estatuto do que quer ser e não do que é, o que lhe confere um caráter “evanescente”, pois é por um instante que é “ôntico”, sua qualidade de “ôntico” está em ser evasivo (LACAN, 1964, p. 38).

Dessa incerteza ou indeterminação do sujeito, segundo Brodsky (1999) Lacan vai buscar localizar de onde provém a certeza do sujeito para que ele se afirme ser, o “eu sou”? A questão sobre a certeza e a indeterminação, como nos aponta Brodsky (1999) não pode ser pensada sem considerar a articulação do significante com o gozo, a partir do qual, a perspectiva de Lacan do inconsciente estruturado como linguagem, como vimos vai ficar renegado, pois parece deixar de fora o gozo (BRODSKY, 1999, p. 40). Segundo Miller: “Isso introduz [...] uma pequena dificuldade, uma vez que se definiu o inconsciente estruturado como uma linguagem, discurso do Outro [...] na medida em que o inconsciente não inclui esse gozo fora da simbolização” (MILLER, 2012, p. 15).

No *Seminário 11* cada um dos conceitos, que estão em jogo nesse *Seminário*, como o amor, realidade, desejo, libido e pulsão, dentre os quais nos detivemos no *Capítulo 3*, na libido e pulsão são apresentados sob o fundo da apresentação do objeto *a*. Segundo Miller, a partir da citação de Brodsky, o caminho que escolhe Lacan para a localização e a determinação do sujeito como efeito de linguagem, traz como consequência um “obstáculo epistemológico” (BRODSKY, 1999, p. 87). Diante desse “obstáculo”, a saída de Lacan será

retomar o inconsciente estruturado como linguagem, porém agora, no *Seminário 11*, como “pulsção temporal”. Perspectiva que vai atribuir ao obstáculo do amor na transferência correlato ao momento de fechamento do inconsciente: “o momento-limite [o momento da aparição do conceito de transferência] que corresponderia ao que designei como o momento do fechamento do inconsciente, pulsção temporal, que o faz desaparecer em um certo ponto do seu enunciado.” (LACAN, 1964, p. 129).

Ao final do Capítulo X do *Seminário 11*, Lacan também se refere ao objeto *a* como ligado ao seu fechamento: “Mas, isto não é tudo que tenho para lhes mostrar, pois não é isto o que causa radicalmente o fechamento que comporta a transferência. O que a causa [...] é o que designei pelo objeto *a*” (LACAN, 1964, p. 133). Do resumo desse *Seminário 11*, que Lacan era obrigado a fazer um relatório ao final de cada um, citado por Brodsky, reproduzirei aqui, o que nos dá a confirmação do deslocamento do inconsciente como estrutura da linguagem para o inconsciente como pulsção temporal:

O *inconsciente* tomado segundo nosso propósito original como efeito do significante e estruturado como uma linguagem, foi retomado como pulsção temporal. Na *repetição* saiu a luz a função de *tyché* que se abrigava atrás do seu aspecto de *automaton*: o falhar ao encontro se isola aqui como relação com o real. A *transferência* como momento de fechamento ligado ao engano do amor, se integrava a essa pulsção. Da *pulsão* demos em uma teoria que ainda não foi possível delimitar, agora que, a meados deste ano, o 65, nos pedem que o resumamos. Ali apareceram pela primeira vez, a razão da sua constância, a topologia chamada de *borda* que explicava o privilégio dos orifícios, o estatuto da ação do retorno, a dissociação da meta e do objeto.⁶³ (LACAN, 1964apudBRODSKY, 1999, tradução nossa).

A topologia da borda explica o privilégio dado aos orifícios e o estabelecimento de uma erótica, ali onde se revelava a relação da pulsão na sua forma de objetos *a*. O que Lacan afirma nesse relatório resumo ao final do *Seminário 11*, é que a repetição e sua relação com o real foram aparecendo ao longo do Seminário ligadas ao objeto *a* repercutindo uma dissociação da meta e do objeto.

O objeto que vimos no *Capítulo 3*, surge a partir da operação de separação, e é responsável por circunscrever o circuito pulsional, que faz borda em torno do vazio. Ideia que foi ilustrada pela metáfora do oleiro, o caso do espaço vazio, mas também visto nas

⁶³ No original: “El *inconsciente* tenido según nuestro propósito original como efecto de significante, y estructurado como un lenguaje, se retomó como pulsación temporal. En la *repetición* se sacó a la luz la función de *tyche* que se cobija tras su aspecto de *automaton*: el fallar al encuentro se aísla aquí como relación a lo real. La *transferencia* como momento de cierre ligado al engaño del amor, se integraba a esta pulsación. De la *pulsión* dimos una teoría que aún no ha sido posible delimitar, ahora que, a mediados de este año, el 65, se nos pide que resumamos. Allí aparecieron por primera vez, la razón de su constancia, la topología llamada de *borde* que explicaba el privilegio de los orifícios, el estatuto de la acción de retorno, la disociación de la meta y del objeto.”

dimensões da carta/letra do *Capítulo 4*, na ativação do “corpo estranho” da reminiscência e no caráter indestrutível do desejo inconsciente que pode se ter como ponto cego sua circunscrição no “umbigo dos sonhos”. O que neste último *Capítulo 5*, pretendemos isolar, a partir do caso Dora parte de duas perspectivas: primeiro, o que faz o analista para, segundo nos aponta Lacan em *Função e Campo*⁶⁴, liberar a palavra do sujeito e introduzi-lo na dimensão do seu desejo?

Segundo ponto, ao introduzir o sujeito na linguagem do seu desejo inconsciente, vemos que de um lado temos as formações do inconsciente, mas de outro, o que se inscreve do sexual através do somático do corpo? Pois, a inscrição no corpo faz sintoma, que será decifrado ao lado dos sonhos, ainda assim, guardam algo do que se inscreve no corpo de Dora ou de outra mulher, relativo a uma satisfação muda que não chega a se articular ou se interpretar pela via do sentido, do que se trata?

5.2 O CASO DORA: UMA INTRODUÇÃO⁶⁵

À época da publicação do caso de Dora, Freud havia publicado *A Interpretação dos sonhos (1900)* e logo depois os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)*, o que torna a escrita do caso de Dora, segundo a nota do editor inglês James Strachey, um elo entre um e outro. Se por um lado, o caso pode se constituir em torno da descrição de dois sonhos, por outro, havia como chave do tratamento, não somente os sonhos, mas também o aspecto somático e conversivo de seus sintomas. A articulação tanto de um, como de outro revela a relação do sujeito com sua sexualidade (FREUD, 1905d, p. 13).

Vamos considerar ao lado da construção do caso por Freud, a leitura de Jacques Lacan, e sublinhar à hipótese, de que Dora diz algo através do seu corpo, por meio da conversão de seus sintomas que não pode dizê-lo diretamente. Vemos nesse ponto, apesar da análise de Dora ter se esbarrado com um impasse na relação transferencial com Freud, que há na condução de Freud, algo que lhe permitiu introduzir o sujeito na linguagem do seu desejo inconsciente. É a via por onde se pode vislumbrar por meio da psicanálise que lugar ela concede, portanto, a questão do indizível.

⁶⁴ “Para liberar a fala do sujeito, nós o introduzimos na linguagem do seu desejo, isto é, na linguagem primeira em que, para-além do que ele nos diz de si, ele já nos fala à sua revelia, e prontamente o introduzimos nos símbolos do sintoma” (LACAN, 1953b, p. 294).

⁶⁵ Gostaria de deixar registrado aqui o agradecimento ao que me suscitou de reflexão a retomada da leitura de Lacan sobre as manobras de Freud no caso Dora nas aulas ministradas pela Prof^a Clotilde Leguil que se intitulava “L’indicible de la féminité avec Lacan”, em especial uma aula que foi intitulada “Dora entre vérité et silence”. Aulas, que tiveram lugar na Université Paris 8 Vincennes-Saint Dennis no período de setembro a fevereiro de 2019.

Primeiro, veremos com relação ao que diz Dora, na reivindicação inicial, o que ela quer dizer mas não é escutada pela família em um primeiro momento, até o encontro com Freud. Dora não é ouvida, como veremos *no item 5.3*, mas o que ela quer dizer se revela também através das suas conversões somáticas, o que nos permitirá bordear os limites desse indizível e do que dele pode ganhar existência de discurso. Nesse limite está o que se inscreve de uma satisfação libidinal muda no corpo e que é relativo à clínica da histeria. O que corrobora com a ideia de que o feminino figura como uma representação impossível, ou seja, que se revela como não possuindo representação, veremos se isso se pode vislumbrar de alguma forma mais adiante.

Se, com Dora, há em seu silenciamento pulsional, algo inerente ao próprio indizível no tocante ao ser de mulher, podemos por ora apenas sinalizar, coisa que só depois do caso se possa esclarecer melhor. Depois dessa conjectura, vemos que esse silenciamento pulsional, do qual não pode se dizer, mesmo assim se apresenta. O que se mostra pela via daquilo que faz sintoma no corpo, mas também pela via do inconsciente. É o que vamos ver depois na análise de Freud dos seus dois sonhos *no item 5.7*.

A dimensão do inconsciente, remete ao que desse indizível, se traduz por meio de significantes na cena onírica, quando a censura, e a barra do recalque se encontram em suspenso. Mas que coloca a questão sobre a dimensão do que se escreve do feminino no inconsciente e que se impõe no tocante à cifra de um vazio. Pois, há algo do feminino, como veremos que não tem representação e que se definirá posteriormente, como a circunscrição de um vazio.

5.3 O CASO DE DORA: ENREDO

O caso da jovem histérica escrito por Freud em 1905a, será retomado, mas não tem a pretensão de esgotar as possibilidades de recortes e leituras que dele se pode fazer, tendo em vista a riqueza do material clínico apresentado por Freud. Portanto, dentre outros aspectos interrogados, está o entrelaçamento entre as condições orgânicas na histeria e os processos psíquicos. Pois é o aspecto que poderia nos fazer verificar que há uma possibilidade de satisfação psíquica às exigências da sexualidade, e que sendo assim algo se inscreve em termos libidinais no corpo.

Dora vai ao consultório de Freud levada por seu pai, que por sua vez, já havia antes se tratado com Freud de crises e sintomas ligados a um quadro clínico diagnosticado por Freud de “afecção vascular difusa” (FREUD, 1905a, p. 27). O pai de Dora decorrente de sua

melhora, confia entregar sua filha para tratamento psicoterápico com Freud. O pai é um personagem central na vida de Dora, especialmente no tocante a transferência na direção do tratamento adotado por Freud, que vai atribuir à Dora sentimentos de amor ao pai edípicos catalisadores de seu mal-estar.

A demanda do pai dirigida à Freud, é de que ele possa colocar Dora “no bom caminho” à despeito da nova exigência que ela lhe vinha impondo de que rompesse relações com a família K (FREUD, 1905a, p.33). A hipótese do pai sobre o adoecimento da filha, situa sua eclosão, a partir de um acontecimento recente no lago, onde Dora teria sido importunada pelo Sr. K por proposta amorosa direta realizada a ela. Mas, esse acontecido é negado pelo Sr. K, que atribui o que teria ocorrido no lago a fantasias sexuais frutos da imaginação de uma jovem moça.

Desde o acontecimento no lago, Dora vinha demonstrando abatimento, irritabilidade, até chegar ao ponto de escrever uma carta, na qual se despedia de seus pais, porque não podia mais suportar a vida. Fato este, que é decisivo para alarmar a família, e que os faz levá-la às pressas à Freud. No pedido de ajuda, o que é relatado pelo pai de Dora, faz Freud desde o início se perguntar: o que a crise de Dora haveria desestabilizado, no contexto de onde ela acontece?

O pai efetivamente é alguém dominante na família, tanto por sua inteligência, quanto por ser um grande industrial com situação econômica cômoda, suporte da família, de quem Dora é muito apegada. Ao mesmo tempo, tem longo histórico de adoecimento, e que Dora acompanhava desde sua infância, o que a fazia sentir por ele mais ternura. Dentre as doenças que padeceu, a tuberculose que sofrera, havia sido, inclusive, o motivo que o fizeram se mudar para uma cidade de clima propício, onde conheceriam a família K (FREUD, 1905a, p. 32).

Dora, na época da consulta de Freud aos 18 anos, apresentava, desde a época do adoecimento do seu pai, sintomas. Dentre os sintomas somáticos que haviam persistido nela desde sua infância até a sua puberdade estavam os acessos de tosse nervosa e a rouquidão, chegando a haver ocasiões em que Dora tem uma perda completa da voz. Outros sintomas nervosos, como dispneia, enxaqueca, depressão, abatimento, insociabilidade e tédio da vida, se faziam presentes, mas o que representa a gota d'água para a família é a escrita da sua carta com intenções de morte (FREUD, 1905a, p. 30).

A trama envolve os personagens da família K, com quem a família de Dora havia tecido uma amizade íntima. O Sr. K, a Sra. K e seus filhos. A sra. K teria cuidado do seu pai durante suas doenças. Por isso, seu pai se dizia muito grato para com ela, que se ocupou dele

quando mais precisou. Já que sua esposa, a mãe de Dora é descrita como alguém “inculta e acima de tudo fútil”, que a partir da doença do pai e conseqüente afastamento do marido, concentrara todos os seus interesses nos assuntos domésticos (FREUD, 1905a, p. 27). Dora menosprezava sua mãe e a criticava de forma dura se subtraindo por completo de sua influência.

Em paralelo à essa dedicação da Sra. K a seu pai, o Sr. K sempre demonstrou ser extremamente amável com Dora, a levando para passear na cidade, e a presenteando com pequenas lembranças, coisa que ninguém da família via nenhum mal. Em retribuição, Dora também tratava com extremo cuidado, os filhos pequenos da família K, quando a Sra. K se encontrava ausente. Combinação e arranjo mútuos que vão se manter de pé, até o seu desencadeamento da crise de Dora, quando ela torna pública a proposta amorosa feita pelo Sr. K, durante o passeio no lago (FREUD, 1905a, p. 32).

A partir dessa ruptura, Dora passa a se recusar ficar na casa da família K e endereça a seu pai toda uma série de reivindicações e acusações que até então não lhe fazia: “O pai era insincero, havia um traço de falsidade em seu caráter, só pensava em sua própria satisfação e tinha o dom de arranjar as coisas da maneira que mais lhe conviesse” (FREUD, 1905a, p. 39). Dora passava a se sentir nessa história como mero objeto de troca:

Quando ficava com o ânimo mais exasperado, impunha-se a ela a concepção de ter sido entregue ao Sr. K. como prêmio pela tolerância dele para com as relações entre sua mulher e o pai de Dora; e por trás da ternura desta pelo pai podia-se pressentir sua fúria por ser usada dessa maneira (FREUD, 1905a, p. 40).

O fato de Dora se sentir reduzida a um mero objeto de troca advém depois da cena do lago, a partir de onde ela passou a gritar aos quatro ventos o que acontecia ao seu redor. Dora faz uma denúncia de que para seu pai gozar de tranquilidade ao lado da Sra. K, ela além de se ocupar dos filhos da Sra. K, também era oferecida em troca, como objeto de cortejo para o Sr. K. Porém, com o seu reclamo, Dora não havia conseguido nada, já que a família havia aceitado a negação do Sr. K, e fadado a sua denúncia a algo infundado e fruto de sua imaginação. Dora, portanto, não havia sido ouvida, não foi escutada em sua dor, da qual ela se queixa. Do que sofre, Dora? Sabemos de seus sintomas, e *como* sofre Dora, porém, *o que* a faz sofrer?

O que vimos até aqui é que o acontecimento do lago vem a desencadear a crise dos sintomas de Dora, mas também o acontecimento do lago é o episódio central onde se desfaz a suposta harmonia até então mantida entre os quatro personagens do enredo: Dora, Sr. K, Sra. K e seu pai. Dessa ruptura, vamos destacar uma das frases contidas no pedido do pai

endereçado à Freud, que contém o mesmo conteúdo do que depois vai aparecer na cena do lago:

[...] Somos apenas dois pobres coitados [o pai de Dora e a Sra..K] que consolamos um ao outro como podemos através de um interesse amistoso. **O senhor bem sabe que não tenho nada disso com minha própria mulher.** Mas Dora, que herdou minha obstinação, é inabalável em seu ódio pelos K. Seu último ataque ocorreu depois de uma conversa em que ela tornou a me fazer a mesma exigência [de romper com os K.]. Por favor, tente agora colocá-la no bom caminho. (FREUD, 1905a, p.33) [grifos nossos].

“O senhor bem sabe que não tenho nada disso com minha própria mulher”, frase, que também será dita pelo Sr. K no lago, mas que aqui, vai ser ouvida pela boca do pai de Dora. Freud acolhe o pedido paterno, mas afirma que antes de fazer um juízo verdadeiro sobre o estado das coisas, precisaria ouvir o outro lado, o da paciente (FREUD, 1905a). Nesse ponto diria Lacan no *Seminário 4* (1956-57) que o pai expressa que ocorre: “uma crise no conjunto social onde um certo equilíbrio fora até então mantido”, onde como veremos a frente: “Esse casal [o pai de Dora e sua amante] vive numa espécie de relação a quatro com o par formado pelo pai e a filha.” (LACAN, 1956-57, p. 139).

Freud então passará a ouvir Dora, superando as primeiras dificuldades do tratamento, no sentido da confiança e transferências necessárias, que se deviam ao fato de Freud querer ouvi-la na sua queixa e poder acolhê-la no que sofre. Passado esse primeiro momento, Freud poderá então saber pela própria Dora, que já ocorreram outros encontros com o Sr. K como os do lago antes (LACAN, 1956-57, p. 34). E, que, portanto, não havia sido sua primeira tentativa de abordá-la amorosamente. Dessas tentativas anteriores, quando Dora descreve cenas de excitação sexual, Freud vai tratar de buscar isolar o núcleo causal do sintoma, seu “trauma sexual” (LACAN, 1956-57).

5.4 A FIXAÇÃO LIBIDINAL NO CORPO: O GRÃO DE AREIA

A cena desencadeadora do lago, ainda se mantinha enigmática para Freud, mas ele a torna passível de investigação, assim como os outros encontros que teriam ocorrido antes, buscando isolar na descrição do relato, algum “núcleo” causal do sintoma, ou seja, uma origem de seu “trauma sexual” (FREUD, 1905a, p. 34). O que significa que vai entender que os sintomas somáticos são consequência de um choque da satisfação libidinal com alguma parte do corpo.

A outra cena, ademais da do lago, é a cena do beijo, que se passa aos 14 anos, na ocasião, temporalmente antes da cena do lago, mas que Freud tomou conhecimento posterior

à cena do lago. Na ocasião, o Sr. K combinara com Dora e com sua mulher para que o fossem encontrar na sua loja, assim à tarde iriam juntos ao festival religioso (FREUD, 1905a, p.34). Porém, o Sr. K induziu sua mulher a ficar em casa, despachou os empregados da loja, e se encontrava sozinho, quando Dora chegou. Até que, ao chegar a hora da procissão, no momento de saída pela porta da loja, ele espreme o seu corpo no de Dora contra a parede e lhe dá um beijo nos lábios (FREUD, 1905a).

O episódio é vivido por Dora, com o sentimento de repugnância, ela empurra o Sr. K e sai correndo. Durante algum tempo depois desse ocorrido, ela evita se encontrar à sós com o Sr. K, mas não chega a contar para ninguém e nem torna público o que aconteceu, como faz com a cena do lago (FREUD, 1905a, p.35). Nessa cena do beijo o que vai ser destacado por Freud é o sentimento de repugnância vivido por Dora com o Sr. K. Sentimento este que fará signo para Freud e será relido posteriormente com uma lembrança que Dora rememora em análise, onde ela lembra de si como uma “chupadora de dedo”:

A própria Dora tinha clara na memória a imagem de uma cena de sua tenra infância em que, sentada num canto do assoalho, ela chupava o polegar esquerdo, enquanto com a mão direita puxava o lóbulo da orelha do irmão, sentado quieto a seu lado. Essa é a forma completa da autogratificação pelo ato de chupar, tal como também me foi descrita por outras pacientes que depois se tornaram anestésicas e histéricas (FREUD, 1905a, p. 55).

Essa forma completa da satisfação expressa na cena por essa lembrança é o que destacará seus lábios, no ato do sugar oral, como a área erógena privilegiada de satisfação pulsional e que na cena do beijo será reativada mesmo que contra sua vontade. Freud: “Os pensamentos ligados à tentação, portanto, pareciam ter remontado à cena anterior e revivido a lembrança do beijo contra cuja atração sedutora a pequena “chupadora de dedo” se protegera, a seu tempo, por meio do asco” (FREUD, 1905a, p.75).

O asco que advém na cena do beijo é interpretado por Freud como “proteção” contra essa satisfação pulsional oral primeira, que virá a ser reativada a partir da cena do beijo. O que não significa que existia debaixo do asco, no fundo uma satisfação prazerosa, mas indica que há uma fixação corporal que ficou marcada pela lembrança da satisfação pulsional em tenra infância e que essa satisfação é predominantemente oral. A fixação no corpo da parte oral lembrada pela cena infantil vai ser privilegiada na organização pulsional de Dora, o que se expressaria inclusive mais tarde por meio dos seus sintomas somáticos de rouquidão, tosse e perda completa da voz por vezes.

Nesse caso, segundo Freud, o sentimento de repugnância não se tornou um sintoma permanente, apesar de Dora na época se alimentar mal e referir sentir rechaço pelos

alimentos. Por outro lado, Freud diz ter restado daquele encontro, uma espécie de alucinação sinestésica, onde Dora de vez em quando ainda continuava a sentir na parte superior do corpo uma “pressão daquele abraço” (FREUD, 1905a, p. 35).

Nesse caso, a “pressão” sentida na parte superior do corpo é deduzida por Freud como tendo sido deslocada da parte inferior do corpo, onde Dora originalmente teria sentido o membro ereto do Sr. K contra seu ventre na ocasião da cena do beijo (FREUD, 1905a) O deslocamento seria fruto da lembrança de uma percepção revoltante que teria sido recalçada e deslocada para uma pressão no tórax.

Disso se depreende uma conexão entre a fixação de uma satisfação pulsional no corpo e sua tradução em sintomas somáticos. Na articulação desses dois campos, Freud afirma:

Podemos agora fazer uma tentativa de reunir os diversos determinantes que encontramos para os ataques de tosse e rouquidão. Na camada mais inferior da estratificação devemos presumir a presença de **uma irritação real e organicamente condicionada da garganta, ou seja, o grão de areia em torno do qual a ostra forma a pérola** (FREUD, 1905a, p.82) [grifos nossos]

Assim, como o asco, Freud vai proceder com outros sintomas, como o da tosse e rouquidão, buscando suas raízes para relê-lo à luz das memórias da paciente. Freud vai supor que uma irritação orgânica condicionada funciona como o como grão de areia, cristalizando uma fixação que atua como causa ou ativador em torno do qual vai se formar o sintoma.

A fixação libidinal no corpo, que como dirá Freud: “era passível de fixação por dizer respeito a uma região do corpo que, na menina, conservava em alto grau a significação de uma zona erógena.” (FREUD, 1905a, p. 82). Ou seja, aqui fica claro que a fixação libidinal no corpo estaria diretamente relacionada com a parte do corpo, que como vimos ligada à boca, conservava alto grau de função erótica.

Por essa razão, uma determinada parte do corpo já previamente erotizada: “estava apto a dar expressão à libido excitada” (FREUD, 1905a, p.82). Logo, se trata de um sintoma que se forma em tornos dessas fixações libidinais no corpo. O que estabelece uma relação entre a etiologia dos sintomas e a marca ou fixação no corpo produzida por satisfações libidinais.

5.5 A LEITURA DE LACAN E O IMPASSE DE FREUD COM DORA

Vamos lembrar, antes de nos introduzirmos na leitura de Jacques Lacan, o que Freud se formula a respeito do relato do caso de Dora, com relação a sua condução do tratamento. Em um primeiro momento Freud acolhe o reclamo de Dora, que contém as suas acusações

contra seu pai, onde seu pai a teria reduzido a um mero objeto de troca e escuta sua denúncia do assédio do Sr. K que não foi levada em conta pela família. A denúncia de Dora, que depois da cena do lago, ela vai gritar aos quatro ventos, mas em vão pois essa denúncia não é levada em conta pela família, que só a leva a sério a partir da sua carta suicida que assusta a família e os faz levá-la a Freud.

Logo de início, Freud se dá conta ao ouvi-la não somente de que Dora tinha conhecimento do relacionamento amoroso de seu pai com a Sra. K, como também exercia um papel ativo fundamental na manutenção de tal relacionamento. Primeiro, Freud entende que Dora não tinha dúvidas de que era um relacionamento corriqueiro, o que ligava o seu pai aquela jovem moça, e nada do que servia para contribuir com essa tese lhe escapava à percepção: “*aqui não havia nenhuma lacuna em sua memória*” (FREUD, 1905a, p. 38).

E ainda, segundo Freud:

[Dora] Tinha razão em achar que seu pai não queria esclarecer o comportamento do Sr. K. em relação a ela para não ser molestado em seu próprio relacionamento com a Sra. K. Mas Dora fizera precisamente a mesma coisa. **Tornara-se cúmplice desse relacionamento e repudiara todos os sinais que pudessem mostrar sua verdadeira natureza.** (FREUD, 1905a, p. 41) [grifos nossos]

Somente a partir do episódio do lago é que datavam a sua visão clara do assunto, o que se transformou nas exigências dirigidas ao pai, mas durante todos os anos anteriores, Dora fizera o possível para favorecer a relação do pai com a Sra. K. Nunca ia vê-los quando suspeitava de que o pai pudesse estar lá e quando sabia que a Sra. K estaria afastada, se dirigia rumo ao encontro das crianças dos Srs. K para estar com elas (FREUD, 1905a) “Evidentemente, ocupar-se de crianças era para Dora um disfarce destinado a ocultar dela mesma e dos outros alguma coisa.” (FREUD, 1905a, p. 42).

Uma governanta que na casa de Dora estivera, teria lhe tentado abrir os olhos para a natureza da relação de seu pai com a Sra. K, mas seus esforços foram em vão, pois Dora se sentia ternamente ligada à Sra. K, e não queria saber de nenhum motivo que fizesse com que as relações do seu pai com ela parecessem indecentes. Por isso, não ligava para o que a governanta lhe dizia, e só se zangou com ela, na ocasião quando percebeu que: “ela própria [a Dora] era totalmente indiferente para a governanta, cuja afeição demonstrada por ela de fato era dirigida a seu pai.” (FREUD, 1905a, p. 42).

Segundo Freud, o que essa governanta era para Dora, ela era para os filhos dos Srs. K, se mostrando uma verdadeira mãe para eles, os instruindo e passeando com eles, se provando uma verdadeira substituta para o escasso interesse que a mãe lhes nutria. O Sr. K, apesar de ter muitas vezes falado com a Sra. K em divórcio, era um pai muito afetuoso e não se

divorciava por não querer se separar dos filhos. Sem dúvida, o interesse em comum pelos filhos, fora um elo a princípio entre os dois, a Dora e o Sr. K:

De seu comportamento para com as crianças, considerado à luz da conduta da governanta com ela própria, extraía-se a mesma conclusão que de sua tácita aquiescência às relações do pai com a Sra. K., a saber, que em todos aqueles anos ela estivera apaixonada pelo Sr. K. (FREUD, 1905a, p. 42)

Segundo Lacan (1951) em *A intervenção sobre a transferência*, uma primeira via da interpretação de Freud, vai predominar na sua direção do tratamento e insistir até o final, pela via edípica do enamoramento de Dora pelo Sr. K, como substituto ao amor ao pai. Freud trata inúmeras vezes de convencer Dora de que ela estaria enamorada pelo Sr. K, ainda que não o queira admitir. Mas Dora, contrária a isso sempre lhe diz não ser disso que se tratava. E de fato, a explicação pelo amor do Sr. K, se mostrará posteriormente em defasagem com relação ao que se colocava em jogo para Dora, com relação ao lugar que ela ocupava nessa tríade (LACAN, 1951, p. 223).

É claro que a identificação de Dora ao pai é inegável especialmente ao seu ponto de impotência, onde o seu inconsciente vem a demonstrar através da semântica da palavra *Vermögen*⁶⁶, que por trás da impotência, estava a sua fortuna, termo que ela faz equivaler um ao outro. A maioria dos seus sintomas conversivos também vem a demonstrar a mesma coisa, significação que quando é descoberta faz uma grande parte dos sintomas desaparecerem (LACAN, 1951, p. 219). Porém, além disso, a verdadeira causa de seu intenso ciúmes com o seu pai é algo que parece mirar não somente o pai ou a Sra. K, tida como rival, mas o que aponta para um interesse pela Sra. K que não chega a ser desenvolvido por Freud.

Segundo Lacan, apesar de Freud atribuir ao Sr. K o correspondente do objeto de desejo de Dora, Freud tampouco deixa de relatar a via que foi menos central, que seria a do interesse de Dora pela Sra. K. Como acontece na ocasião do relato do rompimento com a família K, a partir do episódio do lago, onde se revelaria um dado até então desconhecido da relação de Dora com a Sra. K:

Essas susceptibilidades levaram-me a perguntar quais tinham sido suas relações com a Sra. K. até a época do rompimento. Inteirei-me, então, de que a jovem mulher e a menina apenas adolescente tinham vivido durante anos na mais estreita intimidade. Quando Dora se hospedava com os K., costumava partilhar o quarto com a Sra. K., sendo o marido desalojado. Dora era a confidente e conselheira da mulher em todas as dificuldades de sua vida conjugal; não havia nada de que não conversassem (FREUD, 1905a, p. 63).

⁶⁶ A semântica dessa palavra, segundo Jacques Lacan (1951) em *A intervenção sobre a transferência*: “inclui na forma substantiva, as acepções de “bens, patrimônio, pecúlio, recursos, capacidade, faculdade (de)”; na verbal de “conseguir, poder, ser capaz de”; na prepositiva, as de “virtude de, graças a.” (Lacan, J. 1951, p. 219).

Ou seja, o fato de Dora ter se tornado confidente íntima da Sra. K é revelado a Freud a partir do que Dora lhe diz nesse trecho, onde se comprova que não fora uma verdade da qual antes Freud havia se inteirado. Ao invés de Dora falar mal da Sra. K, como poderia ser esperado em uma situação de rivalidade ou competição pelo amor do pai ou do Sr. K, ao contrário disso Dora, além de confidente já havia chegado inclusive uma vez a elogiar o corpo da Sra. K: “**adorável corpo alvo** num tom mais apropriado a uma amante do que a uma rival derrotada.” (FREUD, 1905a, p. 63) [grifos nossos]

Logo, a hipótese de Lacan era de que havia algo na Sra. K que interessava muito a Dora, e que mais especificamente se materializava em seu “corpo alvo”, que exercia sobre Dora uma fascinação. Efeito que também foi sinalizado por Freud e sublinhado por Lacan, próximo com o que Dora experimentara em perplexidade muda, na ocasião quando contemplava um quadro de Raphaël:

Diante da Madona Sistina deixou-se ficar *duas horas*, sonhadamente perdida em silenciosa admiração. Ante a pergunta sobre o que tanto lhe agradara no quadro, não soube dar nenhuma resposta clara. Finalmente, disse: “**A Madona.**” (FREUD, 1905a, p. 94) [grifos nossos].

Podemos aqui, afirmar com Lacan, que Dora se mostrava siderada por alguma coisa que estava no corpo de uma mulher, porém que não podia verbalizá-lo e nem o dizer diretamente, sem poder se formular uma pergunta que certamente a cercava sobre o feminino. Aspecto este que Freud vai entender em Dora como uma “inclinação para pessoas do mesmo sexo” (FREUD, 1905a, p. 62). Porém, como aqui indicamos, ainda que Freud aponte essa vertente, não foi essa a via privilegiada da leitura de Freud no caso. Leitura esta que aqui vamos apenas delimitar para posteriormente no *item 5.8* podermos voltar a nos referir a ela.

Retroativamente, pode-se entender a fúria de Dora posterior à cena do lago, quando do seu rompimento com a família K. Porque essa fúria também se devia a sua relação com Sra. K, pois na resposta do Sr. K ao ocorrido no lago, ele revela saber de segredo de Dora, que ela somente havia confiado em momento de intimidade à Sra. K. A sua fúria era portanto em resposta a traição da Sra. K, vejamos:

Depois que Dora formulou sua acusação contra o Sr. K e seu pai escreveu para ele pedindo-lhe uma explicação, o Sr. K. respondeu, inicialmente, protestando a mais alta estima por ela e se oferecendo para ir até a cidade industrial a fim de esclarecer todos os mal-entendidos. Passadas algumas semanas, quando o pai de Dora falou com ele em B, já não se tocou mais na estima. Ao contrário, o Sr. K. depreciou a moça e jogou seu trunfo: uma moça que lia tais livros e se interessava por aquelas coisas não podia ter nenhuma pretensão ao respeito de um homem. A Sra. K., portanto, a havia traído e caluniado, pois somente com ela é que Dora falara sobre Mantegazza e sobre temas proibidos (FREUD, 1905a, p.64).

Aqui vemos que Freud toma conhecimento então que houve uma traição imperdoável da Sra. K com Dora, e que se revela tão logo o Sr. K a usa para se defender de suas acusações.

O que demonstra que algo na relação com a Sra. K se rompe a partir de sua “traição” que gera em Dora tamanha “desilusão” (FREUD, 1905a, p. 65). A partir daí, essa ruptura se soma ao acontecimento do lago, e é quando tudo degringola e Dora passa a querer desaparecer.

Porém, além dessa desilusão de Dora com a Sra. K, havia algo na cena do lago que Freud ainda não havia entendido totalmente, porque esse episódio continha algo de tão disruptivo para Dora? Pois, segundo Freud, não fazia sentido que Dora tivesse se sentido tão ofendida por uma investida de alguém que já a tinha feito a corte quatro anos antes, na cena do beijo como vimos e que ao longo desse tempo vinha obtendo inclusive o seu consentimento:

Eu considerava que, de modo geral, ainda era preciso explicar o que a levava a sentir-se tão gravemente melindrada pela proposta do Sr. K., tanto mais que eu começava a me aperceber de que, para o Sr. K., a proposta a Dora não significara nenhuma tentativa leviana de sedução. (FREUD, 1905a, p.93).

É então quando Freud insiste nesse ponto, e pede que Dora possa lhe contar exatamente o que lhe disse o Sr. K naquela ocasião:

Pedi a Dora que me descrevesse essa cena minuciosamente. A princípio, ela não revelou grandes novidades. O Sr. K. fizera uma introdução razoavelmente séria, mas ela não o deixara terminar. Mal compreendeu do que se tratava, deu-lhe uma bofetada no rosto e se afastou às pressas. Eu queria saber que palavras ele empregara, mas Dora só se lembrou de uma de suas alegações: “**Sabe, não tenho nada com minha mulher**” (FREUD, 1905a, p.96). [grifos nossos]

A frase perturbadora, que sublinhamos inclusive na fala do pai quando ele faz o pedido de tratamento para a filha, poderia ser aqui traduzida como “minha mulher nada significa para mim”. É esse pronunciamento que faz um curto-circuito no lugar em que Dora se assentava. Pois, podemos entender *à posteriori* que até então Dora vinha ocupando um lugar central para a manutenção do romance do seu pai com a Sra. K, ao se ocupar dos filhos da Sra K e quando era tolerante com relação as investidas do Sr. K, mas quando nessa ocasião do lago, o Sr. K diz que sua mulher nada significa para ele, ou seja, que ele a podia dar de bandeja perfeitamente sem problemas a seu pai, pois não se importava com ela, a função central de Dora como facilitadora e causa da sustentação da relação dos dois, passa a não ter valor.

Isso porque, a relação do seu pai com a Sra. K passa a não depender dela e não precisa dela para existir, Dora perde essa identificação central de facilitadora que fazia a relação do seu pai existir. E, ao mesmo tempo, perde a identificação com o Sr. K e com a Sra. K como desejada pelo Sr. K, já que ela não significa nada para ele. Segundo Serge André (1998):

Com efeito, o Sr. K. só tinha valor para Dora na medida em que aparecesse como desejando a Sra. K. A palavra do Sr. K tem como efeito cortar de um só golpe a identificação histórica de Dora, cuja dupla polaridade é facilmente observável;

identificação masculina por um lado, na medida em que ela se identifica à posição do Sr. K ou à de seu pai para contemplar a Sra. K, e identificação feminina por outro lado, na medida em que desejaria ser amada pelo Sr. K e por seu pai à maneira pela qual a Sra. K é amada por seu pai (SERGE, 1998, p, 147).

O que Serge André aqui explica é que Dora não poderia ser tomada diretamente como objeto de desejo de um homem, porque se apoiava nas identificações, ora com um, ora com outro para poder desejar por procuração, ou através do desejo de um outro. E será quando essas identificações vacilam que Dora dá um tapa no Sr. K no lago, e passa a se sentir relegada a puro “objeto” de troca, dejetivo.

Para concluir esse item, sobre a condução freudiana, vemos que Freud nesse caso, posteriormente a apresentação e discussão clínica atribui à transferência, o obstáculo do tratamento, que impossibilitou ele ter ido adiante. No seu posfácio, Freud afirma:

Não consegui dominar a tempo a transferência; graças à solicitude com que Dora punha à minha disposição no tratamento uma parte do material patogênico, esqueci a precaução de estar atento aos primeiros sinais da transferência que se preparava com outra parte do mesmo material, ainda ignorada por mim. (FREUD, 1905a, p. 112).

Ou seja, Freud vai colocar ênfase nos efeitos contra transferenciais que Dora gera sobre ele, e que se expressavam através dos sentimentos que nutria por Dora: o de querê-la bem, atribuir a ela como único objeto do desejo o Sr. K e torcer para que o amor, que segundo Freud não havia sido admitido, pudesse acima de tudo triunfar. Esses sentimentos de Freud contra transferenciais, tiveram como consequência impedir o desenvolvimento de outras vias da leitura no caso, como as que apontamos nesse item com Lacan ligadas ao lugar da Sra. K para Dora.

Uma das passagens que são expressivas ao final do relato do caso dessas expectativas de Freud é a seguinte:

Se ele [o Sr.K] não tivesse dado ouvidos a esse primeiro ‘não’ e houvesse persistido em sua proposta com uma paixão mais convincente, o resultado bem poderia ter sido um triunfo da afeição da moça sobre todas as suas dificuldades internas (FREUD, 1905a, p. 105).

Essa opinião de Freud expressa de certa maneira o desejo de Freud de que o destino feminino não tenha outra via senão a de se aceitar como objeto do desejo masculino (André, Serge. 1998, p. 149). Sendo assim, o triunfo dos preconceitos de Freud interferiu mais do que ele mesmo desejaria na direção do tratamento, e o fez se fixar apenas em uma via de leitura, a edípica da centralidade da posição paterna, o que por fim das contas não lhe permitiu explorar melhor a questão de Dora com as mulheres.

Lacan comenta em diversas ocasiões⁶⁷ o caso Dora, e mais adiante no seu ensino no *Seminário 20* (1972-73) vai buscar dar um passo a mais com relação ao lugar da feminilidade a partir da introdução do “não-todo” feminino situado mais além do falo. Porém no texto referência que usamos aqui em 1951 na *Intervenção sobre a transferência*, não vai fazer mais do que desdobrar os passos freudianos e destacar a centralidade que tem para Dora, a Sra. K. Centralidade que lhe faltou à Freud dar lugar, para que Dora pudesse se formular a respeito do enigma que encarnava para ela o ser mulher. Como poderia ela se tornar-se mulher?

5.6 AS REVERSÕES DIALÉTICAS DE LACAN: O MISTÉRIO DA FEMINILIDADE

Vamos retomar então a leitura de Lacan em *Intervenção sobre a transferência* (1951), e lembrar, antes de retomar o passo a passo, que naquela ocasião Lacan vai se referir à psicanálise como uma experiência dialética, em especial no que toca à natureza da transferência (LACAN, 1951, p. 215). E nisso, o que nos interessa retomar é o que ele vai escandir como os três desenvolvimentos da “verdade”, presentes na direção do tratamento do caso Dora, pois esses desenvolvimentos dão lugar ao que vai escapar à Freud. Vamos a eles.

Em um primeiro desenvolvimento da verdade, Dora entrega-se ao interrogatório de Freud, evocando inúmeras lembranças. Nesse momento ela também conta a Freud ser objeto de uma troca odiosa, parte de uma trama em que se diz vítima, onde o pai possui uma amante que trata de esconder de forma esdrúxula. Porém, Freud não cai na armadilha de compadecer-se com ela. E se vê diante da seguinte pergunta de Dora, que é uma pergunta clássica nos primórdios do tratamento: “Esses fatos estão aí, dizem respeito à realidade, e não a mim mesma. O que o senhor quer mudar nisso aí?” (LACAN, 1951, p. 218).

A partir dessa fala de Dora é quando ocorre, na resposta de Freud, uma primeira inversão dialética, onde Lacan compara a análise com a dialética hegeliana da reivindicação da “bela alma”. A “bela alma” como aquela que se insurge contra o mundo em nome da lei do coração. É quando Freud a teria interpelado, segundo Lacan da seguinte maneira: “qual é sua

⁶⁷ Segundo o que nos lembrou Clotilde Leguil (2020) na sua aula que fiz referência na *nota 3*, Lacan vai se referir ao caso Dora em quatro momentos: quando lê Dora no seu texto “A intervenção sobre a transferência” (1951) que é a referência que aqui usamos, onde Lacan nesse momento se interessa pela palavra como realização da verdade do sujeito é o que veremos no *item 4.6* onde a leitura de Lacan no caso Dora se dá através da lógica da dialética hegeliana. Nos *Seminários 3 e 4*, onde se interessa por como se coloca a questão do feminino com o seu sintoma e o que separa o sujeito histórico, do feminino e da certeza psicótica. A terceira Dora de Lacan presente do *Seminário 10* ao *17*, onde se aproxima da questão do indizível e se interessa por Dora angustiada e a sua passagem ao ato no lago com a bofetada. E por fim, a última Dora a do *Seminário 17*, e posteriormente *20* quando se refere a ela através do discurso da histerica que faz tombar ou escorregar o discurso do mestre. Dessa maneira vemos que Dora atravessa todo o ensino de Lacan e será retomado sob vários ângulos.

própria parte na desordem do que você se queixa?” (LACAN, 1951, p. 218). Ou ainda, também colocado por Lacan no *Seminário 4* (1956-57) assim: “*Isso contra o que você se insurge aí, como contra uma desordem, não é algo de que você mesma participou?*” (LACAN, 1956-57, p. 140).

Esse questionamento de Freud faz parte da primeira inversão dialética operada a partir da frase anterior de Dora, o que tem como consequência um “segundo desenvolvimento da verdade”, onde Freud descobre não apenas o silêncio cúmplice de Dora nessa trama, mas o seu lado de ação ativa da cumplicidade, pois Dora era também vigilante, o que permitia com que a relação dos dois amantes pudesse ter continuidade.

A partir desse primeiro desvelamento da verdade, a relação com os outros parceiros do quarteto ganha nova conotação, aparece a participação de Dora na corte do Sr. K, na qual ela é objeto. E podemos enxergar de que maneira Dora se incluía, através do aceite de forma sutil de uma circulação de presentes preciosos. O que para o Sr. K, estava próximo de ser uma indenização pela falta da Sra. K e descumprimento dela das obrigações sexuais. Lacan, afirma: “o tipo de retratação mais apropriado para aliar a reparação devida à mulher legítima à preocupação com o patrimônio (note-se que a presença do personagem da esposa reduz-se, aqui, a essa ligação lateral com a cadeia de trocas)” (LACAN, 1951, p. 218).

A “segunda inversão dialética” que traz como seu desenvolvimento uma “terceira revelação da verdade” parte, segundo Lacan, da pergunta: qual é afinal de contas o motivo de seu tão intenso ciúmes? Sem deixar de considerar a identificação inegável de Dora com o pai, Freud passa a desconfiar de qual poderia ser o pretense objeto de seus ciúmes, supondo que o ciúmes do pai pode esconder seu verdadeiro motivo. O objeto de seus ciúmes é o que mascara um interesse pela pessoa rival, interesse este menos evidente para o discurso comum e que se exprime de forma invertida. Lacan afirma:

Daí surge: um terceiro desenvolvimento da verdade: o fascinado apego de Dora pela Sra. K (‘a deslumbrante brancura de seu corpo’), as confidências que ela ouve, a um ponto que permanecerá insondado, sobre a situação das relações desta com o marido, e o fato patente das trocas de amabilidade entre as duas, como embaixatrizes mútuas de seus desejos junto ao pai de Dora (LACAN, 1951, p. 219).

Freud, segundo Lacan, não vai deixar de se fazer a pergunta que levaria a esse novo desdobramento, na ocasião quando ele descobre a indignação de Dora diante da traição da Sra. K. O que como vimos, se revela a partir das acusações que o Sr. K usa para atingi-la:

Se é dessa mulher, portanto, que você sente tão amargamente estar despossuída, como não lhe querer mal por esse acréscimo de traição, por sido dela que partiram as imputações de intriga e perversidade em que agora todos se aliam para acusar você de uma mentira? Qual é motivo dessa lealdade que a faz guardar-lhe o segredo última da relação de vocês (ou seja, a iniciação sexual, já identificável nas próprias acusações da Sra. K.)? (LACAN, 1951, p. 219).

Esse questionamento que Freud nos conduziria, segundo Lacan, a uma “terceira inversão dialética” que nos forneceria o valor real do objeto que é a Sra. K. para Dora. Não o de um indivíduo, mas o de um “mistério de sua própria **feminilidade**” (LACAN, 1951, p. 220) [grifos nossos]. Termo “feminilidade” que usamos aqui no nosso título pois será a circunscrição do que Lacan se refere como “feminilidade” que vai nos interessar nesse último *Capítulo 5*.

E, notadamente, no caso Dora, o que estará em questão é a feminilidade corporal. Dimensão que foi sublinhada a partir da descrição do “adorável corpo alvo” (FREUD, 1905a, p.63) e presente na sideração de Dora pela imagem do quadro da Madona (FREUD, 1905a, p.94). Essas imagens parecem poder capturar, e dar lugar ao que talvez Dora não podia subjetivar. Dora para ter acesso a sua própria feminilidade, segundo Lacan: “ser-lhe-ia preciso realizar a assunção de seu próprio corpo, sem o que ela continua exposta ao despedaçamento funcional (para nos referirmos a contribuição teórica do *estádio do espelho*), que constitui os sintomas de conversão.” (LACAN, 1951, p. 221).

Lacan nesse ponto afirma que para efetivar a condição desse acesso, Dora contou apenas com sua alienação primordial, com a qual ela podia se dizer um eu, o que ocorreu através da imago paterna, identificação que lhe trouxe inclusive uma abertura para ter uma relação com o objeto. Através dessa mesma via, Dora teria se identificado com o Sr. K, assim como vai se identificando depois com o próprio Freud. Sem dúvida que todas as relações com esses homens como é de se esperar numa relação narcísica é representada por algum tipo de agressividade. Por isso no lago, na ocasião quando o Sr. K desmerece a Sra. K, Dora só poderia aceitar essa corte, se ela pudesse se aceitar como objeto de desejo. Lacan afirma:

Assim como em toda mulher, e por razões que estão no próprio fundamento das mais elementares trocas sociais (justamente as que Dora formula na queixa de sua revolta), o problema de sua condição está, no fundo, em se aceitar como objeto do desejo do homem, e é esse o mistério para Dora, que motiva sua idolatria pela Sra. K., do mesmo modo que, em sua longa meditação diante da Madona, e em seu recurso ao adorador distante, ele a empurra para a solução que o cristianismo deu a esse impasse subjetivo, fazendo da mulher o objeto de um desejo divino ou um objeto transcendental do desejo, o que dá no mesmo. (LACAN, 1951, p. 221)

Nesse trecho se vê que Lacan faz referência aos vários lugares dados na cultura a feminilidade, desde ser o objeto de desejo de um homem, ou o objeto de um desejo divino e transcendental ligado ao lugar da mulher na religião. Esse é o ponto até onde Freud chega no seu tratamento com Dora, daí para frente é Lacan quem diz que se Freud tivesse chegado a uma “terceira inversão dialética”, orientaria Dora para o seu reconhecimento do que era para ela, a Sra. K.

Sabemos aqui, que pelo fato de Freud privilegiar o reconhecimento de um objeto de desejo viril, a outra via estaria prejudicada. Esse impasse e dificuldade aonde chega Freud, ele mesmo os atribui à transferência e não deixa de acrescentar em notas de pé de página, a justificativa do fato de não ter dado a relação homossexual maiores desdobramentos. Lacan, vai resumir desta maneira o que lhe aconteceu à Freud:

Freud reconhece que, durante muito tempo, não pode deparar com essa tendência homossexual (que, no entanto, ele nos diz ser tão constante nas históricas que seria impossível exagerar nelas seu papel subjetivo) sem cair num desarvoramento que o tornava incapaz de agir quanto a esse ponto de maneira satisfatória. Isso decorre, diríamos de um preconceito, justo aquele que falseia inicialmente a concepção de Édipo, fazendo-o considerar como natural, e não como normativa, a primazia do personagem paterno. (LACAN, 1951, p. 222).

E, ainda:

Freud tem pelo Sr. K uma simpatia de longa data, já que foi ele quem lhe levou o pai de Dora e que se exprimiu em numerosas apreciações. Após o malogro do tratamento, ele continua a sonhar com uma ‘vitória do amor’. (LACAN, 1951, p. 223).

Ou seja, aqui os preconceitos e desejos de Freud, sublinhados por Lacan, interferem e influenciam a direção do tratamento. Porém, Freud não deixa de expô-los, e nesse sentido, oferece uma importante contribuição para a elucidação dos impasses inevitáveis os quais produz a transferência, tanto por meio da publicação de um caso que não pode ir adiante, e que por tanto não obteve o sucesso esperado, quanto pelas descrições dos efeitos em si próprios ao que esse tratamento desencadeou.

Sabemos por isso que foi pelo fato de Freud ter se colocado no lugar do Sr. K, um pouco demais, que não o permitiu atingir o coração da questão do que se colocava para Dora. Inclusive é o que verificamos tanto na sua descrição, como na sua excessiva referência ao amor que o Sr. K lhe inspirava, onde sempre buscava interpretar as variadas respostas que Dora lhe dá no sentido de uma confissão amorosa. Lacan vai se perguntar nesse aspecto, sobre o que seria essa transferência que age de forma “invisível” e escapa a demonstração, segundo Freud?

Se trata em suma, segundo Lacan, da soma das paixões, dos embaraços e até mesmo da formação insuficiente do analista num determinado momento do processo dialético, mas mais do que isso, Lacan vai resumir a atuação do que foi a causa do impasse de Freud de uma maneira resumida bem interessante: “Em outras palavras, a transferência não é nada de real no sujeito senão o aparecimento, num momento de estagnação da dialética analítica, dos modos permanentes pelos quais ele constitui seus objetos” (LACAN, 1951, p. 224).

Em outras palavras, Lacan sinaliza a presença de uma força a mais que se impõe no momento da estagnação da dialética analítica e que está referida a nada mais do que a forma como o sujeito que ali conduz a análise estabelece a relação com os seus próprios objetos, ou seja, com a sua fantasia. O que vem a ganhar lugar quando se faz presente uma espécie de “ponto morto” nas reversões dialéticas (LACAN, 1951, p.225). Interpretar a transferência, que é a forma como Freud vê uma saída dessa condição, para Lacan seria como um preenchimento desse ponto morto, formando uma espécie de engodo. Daí a crítica de Lacan a essa via e a defesa da importância da “neutralidade analítica” (LACAN, 1951).

Quanto a esse tema da transferência e da posição de neutralidade, Lacan desmitifica o que está em jogo, afirmando: “a transferência não resulta de nenhuma propriedade misteriosa da afetividade e, mesmo quando se trai sob uma aparência de emoção, está só adquire sentido em função do momento dialético em que se produz.” (LACAN, 1951, p. 225). Ou seja, ainda que alguma coisa possa transbordar de afetividade do lado do analista, não existe nenhum tabu que isso possa acontecer, o que importa é pensar ao que esse *páthos* do analista responde na dialética analítica e que função cumpre a partir daí.

Para concluirmos esse item, o que será interessante ressaltar é que, segundo Lacan, o caso Dora parece ser representativo da demonstração sobre os efeitos que uma posição de neutralidade analítica pode produzir, especialmente quando se trata de uma histeria. Já que na histeria, a tela da constituição do eu de Dora é tão transparente que é como se fosse expresso pelo “mais baixo o limiar entre o inconsciente e a consciência, ou melhor dizendo, entre o discurso analítico e a *palavra* do sintoma.” (LACAN, 1951, p. 225).

5.7 OS DOIS SONHOS DE DORA: O INDIZÍVEL DO ENIGMA DA FEMINILIDADE

Vamos agora seguir, pelos dois sonhos de Dora, que são narrados à Freud, mas que na nossa apresentação até aqui não foram ainda revistos. Demos prioridade até então, ao enredo da família, o lugar que ocupou cada personagem nela, incluindo Freud e a sua consequência no lugar na transferência, diante da questão que nos traz Dora. Portanto, agora, reveremos o que esses sonhos visam a demonstrar, através dos significantes que aparecem nas cenas oníricas, sobre a questão do indizível do enigma da feminilidade em Dora.

O primeiro sonho que Dora conta à Freud, será no contexto quando Freud está às voltas com relação aos ciúmes de Dora supostamente dirigido ao objeto de desejo do seu pai. Se tratava de um recorrente sonho, segue a descrição:

Uma casa estava em chamas. Papai estava ao lado da minha cama e me acordou.

Vesti-me rapidamente. Mamãe ainda queria salvar sua **caixa de joias**, mas papai disse: 'Não quero que eu e meus dois filhos nos queimemos por causa da sua caixa de joias.' Descemos a escada às pressas e, logo que me vi do lado de fora, acordei (FREUD,1905a, p. 66) [grifos nossos].

Freud procede a interpretação deste sonho, realizando primeiro uma conexão do sonho com o episódio do lago, inclusive porque esse episódio havia sido narrado por Dora nessa época. E então consegue se certificar de que o sonho está em relação com a reação de Dora na cena do lago. Em torno dessa ideia, Freud faz correlações do sonho com uma lembrança que tinha Dora, logo após do ocorrido no lago, de um episódio quando se recosta para descansar no sofá e é surpreendida ao acordar por ter o Sr. K em pé ao seu lado. Cena igual ocorrera no sonho, quando o seu pai estava ao lado de sua cama.

Esse episódio ocorrido, Dora teria posteriormente buscado evitar, tentando se trancar no quarto para descansar sem perigo no sofá, mas não fora possível, pois a chave em que ela se poderia trancar havia desaparecido, sumiço que atribuía ao Sr. K. Por esse motivo, Dora temia que o Sr. K pudesse surpreendê-la enquanto estivesse no banheiro ou descansando no sofá. E, como o sonho se repetira toda noite, Freud atribui esse fato a seguinte frase de Dora: “Não terei tranquilidade, não poderei ter um sono tranquilo enquanto eu não estive fora dessa casa” (FREUD,1905a, p. 69).

Essa frase pensamento de Dora seria ao mesmo tempo o inverso do que diz o sonho: “Logo que me vi do lado de fora, acordei.” O que seria equivalente a uma espécie de realização do desejo inconsciente de forma invertida (FREUD,1905a). Mas, e a “caixa de joias”? A expressão em alemão *Schmuckkästchen*, vai sofrer uma divisão, Freud vai separar *Schmuck*, joias, de *Kästchen*, caixinha. Caixinha que faz alusão aos órgãos genitais femininos. Conferindo todo o sentido a narrativa, onde o homem que estaria forçando a porta querendo entrar, coloca em risco sua caixinha de joias, e se acontecesse alguma desgraça a culpa seria do seu pai. Por isso escolhe no sonho, uma situação oposta, um perigo no qual seu pai a salva (FREUD,1905a, p.73).

Mas, é claro que Freud também buscará entender que não somente apenas Dora temeu o Sr. K, mas temia a tentação de ceder à tentação dele. Onde vemos, que Freud realiza com Dora um experimento, com uma caixa de fosforo, que ele pede que Dora lhe diga o que haveria de notar de novo ali, e a induz a que ela possa realizar a correlação entre o fogo e a água. Uma correlação para esclarecer a leitura do sonho de que a mãe no sonho quisera proteger a caixa de joias para que ela não fosse queimada, o que seria homólogo a caixa ser molhada (FREUD,1905a).

O que é a representação direta do amor, estar enamorado, ou ardendo em fogo por alguém. O fogo como a desgraça que poderia acontecer, tendo acontecido no sonho, o que foi pensado por Freud em relação a um medo de que Dora pudesse molhar a cama como uma resposta para apagar esse fogo da paixão. E por fim, o que mais Freud ressalta nesse sonho é que: “A caixa, *dose* em alemão, assim como a bolsinha e a caixa de joias, mais uma vez não era outra coisa senão um substituto para a concha de Vênus, para a genitália feminina!” (FREUD, 1905a, p. 78).

Mas façamos aqui, a seguinte leitura apoiada em Serge André (1998): “Parece que Freud entendeu um pouco apressadamente essa expressão ‘caixa de joia’, como uma metáfora do sexo feminino, ou antes, que ele deixou de notar a função atribuída a ela por Dora. (ANDRÉ, 1998, p. 152). Essa função que segundo Serge André (1998) passou batido por Freud diria respeito ao que designam “joia” e “caixa de joias” nas associações de Dora, e que indicam antes de qualquer coisa, aquilo que serve como objeto de troca entre um homem e uma mulher. Ou ainda, aquilo que pode ser dado, assim como recusado, e que, se recusado por uma, pode ser dado para uma outra: “Em suma esse elemento representa para Dora o enigma do dom entre homens e mulheres, e mais precisamente do dom enquanto sinal de amor.” (ANDRÉ, 1998, p. 152).

É claro que aqui vamos enfatizar o que desse dom, que aparece como o órgão sexual, também pode querer encarnar da questão central de Dora. Para Lacan, o que esse sonho coloca em cena nada mais é do que uma questão de Dora acerca do seu sexo, especificamente aquilo que toca a pergunta sobre o que é o ser feminino? O que no sonho se deixa transparecer a partir do que é o órgão feminino. Segundo Lacan:

A que será ela [Dora] levada com efeito senão a uma questão acerca do seu sexo. Não sobre o sexo que ela tem, mas- **O que é ser uma mulher?** Os dois sonhos de Dora são absolutamente transparentes a esse respeito- não se fala de outra coisa, O que é ser uma mulher, e, especificamente, **O que é o órgão feminino?** (LACAN, 1956-57, p. 201) [grifos nossos].

A questão do que é ser mulher que se desloca para que é o órgão que possa corresponder a isso, o que demonstra segundo nos lembra Lacan, que para uma mulher a identificação ao sexo não se dá pela saída do Édipo como ocorre com o homem. Ou seja, não há uma simetria que nos permitiria pensarmos que para uma identificação do homem ao pai na saída do Édipo está uma identificação da menina com a mãe.

Mas, ao contrário disso, é pela identificação ao objeto de desejo do pai que se dá muitas vezes a identificação feminina, fato este que reserva a menina um “desvio suplementar” (LACAN, 1956-57, p. 202). Desvio que pode ser resolvido pela possibilidade de

identificação ao pai que a histérica também pode realizar, como no caso de Dora. Lugar dessa identificação de onde, inclusive Dora vai se interrogar a respeito do que é ser uma mulher.

Segundo Lacan, se Dora se interroga e seus sintomas falam dessa questão que se coloca para ela é porque: “Não há [...] simbolização do sexo da mulher como tal.” (Lacan, J. 1956, p. 201). É por essa razão que: “O sexo feminino tem uma característica de ausência, de vazio, de buraco, que faz com que aconteça ser menos desejável do que o sexo masculino no que ele tem de provocante, e com que uma dissimetria essencial apareça”. (LACAN, 1956-57, p. 202).

Essa especificidade do sexo feminino, que é encenada no primeiro sonho de Dora, por meio da caixinha de joias é um primeiro ponto onde algo do que poderíamos chamar de representação do feminino só pode dar as caras através do que ele tem de ausência, vazio e buraco. Lacan afirma:

Quando Dora se vê interrogar a si mesma sobre o que é uma mulher?, ela tenta simbolizar o órgão feminino como tal. Sua identificação com o homem, portador do pênis, é para ela, nessa ocasião, um meio de aproximar-se dessa definição que lhe escapa. O pênis lhe serve literalmente de instrumento imaginário para apreender o que ela não consegue simbolizar. (LACAN, 1956-57, p. 203).

Logo, o que o trecho nos traz é que Dora para se interrogar sobre o que é uma mulher parte da posição masculina para apreender aquilo que lhe causa enigma. Por essa razão, Dora trata de simbolizar com o sonho da caixa de joias esse órgão feminino censurado no sonho e representado pela via da metáfora. É uma maneira de dar conta da especificidade da sexualidade da posição feminina que escapa à Dora e da qual ela se interroga.

O outro sonho descrito por Freud demonstra mais ainda o enigma que encarna para ela a Sra. K, se trata do seguinte:

Eu estava passeando por uma cidade que não conhecia, vendo ruas e praças que me eram estranhas [Nota 1: A isso ela fez um importante adendo: ‘numa das praças via um monumento’]. Cheguei então a uma casa onde eu morava, fui até meu quarto e ali encontrei uma carta de mamãe. Dizia que, como eu saíra de casa sem o conhecimento de meus pais, ela não quisera escrever-me que papai estava doente. ‘Agora ele morreu e, se quiser, você pode vir.’ Fui então para a estação [Bahnhof] e perguntei umas cem vezes: ‘Onde fica a estação?’ Recebia sempre a resposta: ‘Cinco minutos.’ Vi depois à minha frente um bosque espesso no qual penetrei, e ali fiz a pergunta a um homem que encontrei. Disse-me: ‘Mais duas horas e meia.’ Pediu-me que o deixasse acompanhar-me. Recusei e fui sozinha. Vi a estação à minha frente e não conseguia alcançá-la. Aí me veio o sentimento habitual de angústia de quando, nos sonhos, não se consegue chegar ir adiante. Depois, eu estava em casa; nesse meio tempo, tinha que ter viajado, mas nada sei sobre isso. Dirigi-me à portaria e perguntei ao porteiro por nossa casa. A criada abriu para mim e respondeu: ‘A mamãe e os outros já estão no cemitério [Friedhof]’ (FREUD, 1905a, p. 92).

A interpretação desse sonho não prosseguiu até o seu fim pois o tratamento foi interrompido logo depois e assim sendo nem todo o sonho segundo Freud ficou esclarecido.

Porém, o material que Freud diz ter surgido na análise ligado a esse sonho era o seguinte: o sonho ocorreu logo depois do Natal, e por essa razão Dora havia ganhado um álbum com paisagens de uma estação de águas alemã, e na véspera ela o estava procurando para mostrar a alguns parentes que estavam hospedados na sua casa: “Onde está a caixa?” referindo-se à caixa de fotografias, mas que no sonho apareceria como “Onde fica a estação?” (FREUD, 1905a, p. 93).

O autor do presente era um jovem rapaz que havia aceitado um posto na Alemanha para mais rápido conquistar uma autonomia e que parecia ser o pretendente que se apresentaria para Dora quando sua situação melhorasse. Uma das paisagens das fotos mostrava uma praça com um monumento: “A perambulação pela cidade estranha estava sobredeterminada” (FREUD, 1905a, p. 94). Isso porque ademais do sonho evocar imagens dessas fotografias, também se misturava com passeios com um primo pela cidade de Viena na época das festas, um primo que lhe trouxe a lembrança de uma breve estada em Dresden pela primeira vez.

Nessa ocasião perambulou, segundo Freud, como uma estranha, não deixando de visitar a famosa galeria, a qual um outro primo que estivera no percurso se dispusera a apresentar-lhe: “*Mas ela o recusara e seguira sozinha*”, detendo-se, como já havíamos nos referido no *item 5.5* por duas horas, diante da Madona Sistina: “sonhadoramente perdida em silenciosa admiração. Ante a pergunta sobre o que tanto lhe agradara no quadro, não soube dar nenhuma resposta clara. Finalmente, disse: A Madona.” (FREUD, 1905a, p. 94).

São associações que evocam, segundo Freud, o material formador do sonho, incluindo componentes que se encontram inalterados no conteúdo do sonho: “ela recusou e foi sozinha” e “duas horas” (FREUD, 1905a). Freud ressalta que as “imagens são um ponto nodal na trama dos pensamentos do sonho (as paisagens do álbum, os quadros em Dresden)” (FREUD, 1905a). E destaca “o tema da *Madona*, da mãe virgem”. Ali onde a mulher poderíamos dizer com Serge André (1998) aparece sob a representação eminentemente idealizada da Madona, e que reúne o inconciliável da mãe e da virgem.

Serge André: “Como ‘deflorar’, como trazer à luz o segredo dessa virgem, como abrir a caixa deste corpo de mulher que presentifica a Sra. k? Eis o que Dora procura resolver no sonho” (ANDRÉ, 1998, p. 153). E justamente quando ela chega no centro da questão, não pode mais avançar. Freud vai dizer que ela se identifica com o rapaz que vai lhe fazer a corte, e “ele”: “[...] vagueia por terras estrangeiras, esforça-se por atingir uma meta, mas é retida, precisa de paciência, tem que esperar” (FREUD, 1905a p. 94). Dora parece paralisada diante do risco de descobrir o sexo feminino.

É o ponto em que se apresenta uma lacuna no sonho, um branco ou censura que aqui pode ser pensada como a mesma coisa: “*Depois, eu estava em casa; nesse meio tempo tinha que ter viajado, mas nada sei sobre isso*” (FREUD, 1905a, p. 92) [grifos nossos]. Num segundo tempo, ela vai tentar preencher essa lacuna em análise com Freud, a partir da seguinte lembrança de parte do sonho que ela ainda não tinha contado: “*ela foi calmamente para seu quarto e pôs-se a ler um livro grande que estava sobre sua escrivaninha.*” (FREUD, 1905a, p. 97).

Esse livro que tinha “o formato de uma enciclopédia”, onde são tratados os assuntos proibidos (FREUD, 1905a), se trata de uma “construção [...] em dois tempos pela qual o sujeito tenta preencher, sexualizando, a lacuna da representação do feminino” (ANDRÉ, 1998, p. 153). No lugar da lacuna, que aparece no sonho, advém uma explicação sexual que não é censurada, mas esquecida, ou seja, recalcada. Essa explicação só reaparece depois de uma interpretação de Freud, quando ele partilha com Dora a “fantasia de defloração” que estaria por trás da estação que Dora no sonho não consegue alcançar e no bosque espesso na qual ela havia penetrado.

O que Dora explica para preencher essa “lacuna” é primeiro o fato de um de seus primos ter tido apendicite e ela ter procurado o dicionário [proibido] para saber com relação aos sintomas dessa infecção. Logo depois surge uma fantasia inconsciente, que era correlativa da ocasião quando ela mesma tinha tido também uma apendicite, mas se curou quando se submeteu a uma cirurgia, porém o curioso era que ainda conservava um sintoma, que era arrastar o pé direito. Freud interpreta esse arrastar o pé direito, como uma forma de se punir com uma falta pelo fato dela ter lido o dicionário. Dora teria dado ao ler o dicionário proibido um “mau passo” (ANDRÉ, 1998, p. 154).

Além do que Dora havia se interessado, ademais das referidas pela apendicite, em outras passagens do dito dicionário. Episódio que tinha ocorrido 9 meses depois da cena do lago, o que faz Freud concluir que havia uma existência de fantasia inconsciente de gravidez, na qual a operação de Dora de apendicite, seria um equivalente do parto. E por fim, Dora ao cabo dessas explicações e associações, não fica satisfeita com as explicações de Freud, recusa aquilo que ele lhe dá, e responde desdenhosamente: “Ora, será que apareceu tanta coisa assim?” (FREUD, 1905a, p. 101). Na sessão seguinte ela põe fim à sua análise.

Assim é como termina a análise, mas o que queremos destacar desse segundo e último sonho de Dora é a representação que ela busca dar para o irrepresentável do sexo feminino. Pela leitura da análise de Freud, vemos que os seguintes elementos na narrativa do sonho de Dora servem de inúmeras ramificações: “*Bahnhof* [“estação”; literalmente “pátio de

ferrovia”] e *Friedhof* [“cemitério”; literalmente “pátio de paz”], “em lugar da genitália feminina, já eram bastante inusitados” , mas segundo Freud: “guiaram minha atenção já aguçada para uma palavra de formação similar, “*Vorhof*” [“vestíbulo”; literalmente “pátio anterior”], termo anatômico para designar uma região específica da genitália feminina.” (FREUD, 1905a, p. 96).

E prosseguiria: “Mas isso poderia ser um equívoco por excesso de engenho. Agora, porém, com o acréscimo das ‘ninfas’ que se viam ao fundo do ‘bosque denso’, já não podia haver dúvidas. **Era uma geografia simbólica do sexo**” (FREUD, 1905a, p. 97) [grifos nossos]. “Ninfas” segundo Freud é como se chamam os pequenos lábios que ficam no fundo do “bosque denso” dos pelos pubianos. Porém os termos técnicos “vestíbulo” e “ninfas” certamente teriam sido extraídos de alguma enciclopédia, que os jovens levados pela curiosidade sexual costumam consultar. E se essa interpretação de Freud estava certa, daria na já mencionada acima “fantasia de defloração como quando um homem se esforça por penetrar na genitália feminina” (FREUD, 1905a, p. 97)

De todos os modos, essas interpretações de Freud não comovem Dora, pois deixam de lado, como já no *item 5.5*, a ênfase na Sra. K, no que essa verdadeira topografia do corpo feminino que se faz presente no sonho, encarna do enigma da feminilidade. O que também aparece na dificuldade de ir adiante que o sonho aponta frente à virgindade ideal da Madona Sistina, a qual Dora emudece. E que Freud apenas pode ler numa nota de pé de página, como “o amor homossexual profundamente arraigado de Dora pela Sra. K” (FREUD, 1905a, p. 101).

5.8 O CORPO FEMININO COMO FASCÍNIO E O ARREBATAMENTO DE LOL. V. STEIN⁶⁸

Marie- Hélène Brousse (2019) retoma uma citação de Lacan sobre o nó borromeano no Seminário 22, que é a seguinte: “[o nó é] uma escrita que ‘suporta um real’” (LACAN, 1974, p. 100). O que faz Lacan afirmar que o nó borromeano é uma escrita e que segundo Brousse “ele é também imaginário, pois a escrita está ligada à imagem” (BROUSSE, 2019, p. 28). Uma topologia do nó que faz com que cada uma das dimensões do simbólico, imaginário e real estejam ligadas às duas outras.

⁶⁸ Aqui gostaria de novamente agradecer as ideias desenvolvidas na aula já citada na *Université Paris 8*, da Prof^a Clotilde Leguil, onde na ocasião de uma das aulas, Leguil propôs um paralelo entre o caso de Dora e a personagem Lol. V. Stein, através do que nelas duas está situado ao redor do indizível do feminino.

Não vamos nos enveredar pelos nós, mas disso queremos reter, a predominância da imagem no caso Dora, que produz o “efeito de fascínio”. Efeito a partir do qual Brousse (2019) relaciona outros, definindo três tipos de efeitos produzidos em sincronia com três dimensões diferentes: simbólico, imaginário e real. A partir da fórmula de Lacan que citamos acima do *Seminário 22*, Brousse pensa o “efeito de fascínio” ligado a um “efeito de sentido” no campo do imaginário, e relacionado ao simbólico associa a um efeito de “sentido sexual” e por fim o real ligado a um “efeito de real” (BROUSSE, 2019, p. 28).

Vamos escolher aqui a vertente do “efeito de fascínio” que Brousse situa do lado do ideal pois “provém de uma imagem situada em posição de φ , um falo” (BROUSSE, 2019, p. 28). O que isso significa? “É o corpo feminino como fascínio; a nudez feminina adquire valor de φ precisamente porque não se pode encontrar aí o signo $-\varphi$, que o órgão peniano encarna para um homem” (BROUSSE, 2019, p. 29). Ou seja, fazer do feminino um falo erigido, um objeto ideal, segundo Brousse, é o que a arte grega e a ocidental buscaram realizar muitas vezes. No caso de Dora, a Outra mulher para ela está nesse lugar idealizado, e é justamente quando o Sr. K põe em questão essa versão do ideal da feminilidade afirmando que para ele ela não significa nada, é que ele passa também a não servir mais a Dora como apoio desse ideal.

Segundo nos lembra Brousse, há várias referências na leitura que Lacan faz no caso Dora a respeito desse ponto, onde há uma sinalização a um gozo que não é limitado pelo falo. O que aparece no corpo de uma mulher como infinito, mas em sua versão idealizada, também presente na brancura e o esplendor da Outra mulher no *Le ravissement*⁶⁹ de Marguerite Duras comentado por Lacan. Vejamos esse aspecto em Duras, para buscar realizar uma articulação do que ganha corpo pela escrita de Duras desse indizível do feminino sem representação.

O escrito de Lacan em homenagem a esse texto de Duras *Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol. V. Stein* (1965) gira em torno do inapreensível da matéria que compõe o corpo da personagem Lol V Stein⁷⁰, corpo de onde Lol será arrebatada para fora, após a ocasião do baile de S. Thala, onde a personagem desencadeará uma crise. Vamos

⁶⁹ Um comentário sobre a tradução desse termo “ravisement” por “arrebatamento” está em: Holck, Ana Lúcia Lutterbach. (2011) *Patu. Uma mulher abismada*, p. 51.

⁷⁰ Gostaria de agradecer aqui a apresentação desse texto, sua discussão e posterior publicação fruto do *Durassiana 2019- I Encontro de Pesquisadores em Marguerite Duras* organizado pelos alunos da Pós-Graduação em Ciência da Literatura, na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 15 e 16 de agosto de 2019, publicado em 2020 disponível online em: <https://fortuna.labeledicao.com/publicacoes.html#duras>

buscar retomar essa narrativa, para dar lugar posteriormente ao corpo da outra mulher que fascinará Lol, assim como a Dora, e com a ajuda da qual construirá para si uma existência.

Inapreensível, inexistente era assim que Lol se apresentava na descrição de Tatiana, um ser vaporoso. Um ser que parecia não estar ao mesmo tempo, no mesmo lugar que o seu corpo físico, alguém em fuga, nunca presente. Onde estaria? Vejamos a descrição de Tatiana, sua melhor amiga na época da escola:

No colégio, diz ela, e não era a única a pensar dessa maneira, já faltava algo a Lol para estar- ela diz: presente. Dava a impressão de tolerar num tédio tranquilo uma pessoa com quem ela julgava ter a obrigação de parecer e de quem perdia a lembrança na menor oportunidade. (DURAS, 1986, p. 8)

O texto vai nos introduzir desde cedo à presença de suas ausências, ali onde sua alma e seu corpo parecem não coincidir. E o que veremos se desenrolar envolve uma articulação dessas dimensões, e nos interroga de saída: como encarnar esse corpo? Torná-lo habitável? Ali, onde vai se fazer importante, como veremos, o vestido, o amor, ou ainda uma outra mulher.

Era diferente, diz Tatiana, albergava em si uma espécie de tédio tranquilo, uma parte desligada, distante. Embora fosse ao mesmo tempo, engraçada e gozadora, algo lhe faltava. Imperava nesse tempo, uma Lol que funcionava no registro do “como se”, onde se empenhava em se parecer com alguma coisa, ou alguma pessoa. Ainda que esse “parecer” no fundo se desvelasse como uma casca vazia, há aí “uma vacuidade” afirmaria Lacan (LACAN, 1965, p. 201).

Uma “vacuidade” que dava a impressão de que o coração dela viria em algum momento, ainda era desconhecido ou inexistente. A sensação é de uma Lol “em suspense” à espera para fazer consistir num porvir, o que pode advir. Por isso, quando adveio o rumor, segundo Tatiana, do seu noivado com Michael Richardson, ela se surpreende com a “louca paixão” que Lol dedica ao noivo (DURAS, 1986, p. 8). Haveria nele algo que lhe fazia dedicar-lhe tanta atenção? Como podia ali empenhar uma paixão que em sua vida antes inexistia?

Na ocasião do evento central da narrativa, que é o baile, vemos Lol, no auge dos seus 19 anos se apresentar para a sociedade, e essa será a situação para onde se dirigem todos os olhares. Lol será o centro das atenções. Ali sofrerá o rapto do seu noivo por uma outra. Uma outra que bastará aparecer subitamente. Essa outra foi encarnada pelo “não-olhar” de Anne Marie Streter que captura o noivo de Lol, da seguinte maneira:

A orquestra parou de tocar. Terminava uma dança quando chega a esse baile, uma mulher mais velha: Era magra. [...] Havia coberto aquela magreza, lembrava-se claramente Tatiana, com um vestido preto bastante decotado, com duas sobre-saias

de tule igualmente pretas. Quem era? Anne-Marie Stretter. Tinha olhado Michel Richardson de passagem? Tinha-o varrido com aquele não-olhar que ela passeava pelo baile? (DURAS, 1986, p.11)

Um *não*-olhar que rouba o noivo de Lol, e que a faz ficar em suspenso, mas Lol não consegue parar de olhá-los, os segue com os olhos até o fim e cai quando não pode mais vê-los. Quando perguntada muito depois por Tatiana Karl o que queria com eles, dirá: “vê-los” (DURAS, 1986, p. 77).

“o olhar nela [em Anne-Marie Stretter] - de perto compreendia-se que esse defeito provinha de uma descoloração quase dolorosa da pupila-, se alojava em toda a superfície dos olhos, era difícil captá-lo” (DURAS, 1986, p. 11). Anne-Marie Stretter é a personagem que arrebatou Michel Richardson, pois a partir de tê-la avistado, ocorre uma mudança em seu semblante, seus olhos se tornam “iluminados”, seu rosto se contrai em uma abrupta maturidade e uma dor antiga de infância. Essa mudança irrevogável e impossível de ter sido evitada, é o início do fim.

Lol “em *suspense*, esperou” e se manteve toda a noite assim, desde que Anne Marie Stretter entrou no salão, no mesmo lugar, atrás de plantas verdes no bar com Tatiana, ao mesmo tempo em que os dois selados um ao outro, dançaram como autômatos durante toda a noite, até o amanhecer, ainda que os músicos já houvessem se retirado: “Aos primeiros raios de luz da madrugada [...] todos os três, haviam ganhado bastante idade, centenas de anos, dessa idade, nos loucos, adormecida.” (DURAS, 1986, p. 12).

Ainda que naquele momento o que ocorrera “essa visão e essa certeza não pareceram acompanhar-se de sofrimento em Lol” (DURAS, 1986, p. 15), o fim do baile e a ida dos dois embora é o que seria insuportável. O que se deflagra, quando nesse momento sua mãe entra no baile injuriando os dois e os acusando de terem feito mal a sua filha, enquanto eles olham ao longe, pensando vislumbrar a quem se dirigiam as injurias, mas se retiram. Logo depois sua mãe encontra Lol atrás das plantas: “A barreira de sua mãe entre eles e ela [sua mãe] era o sinal prenunciador de tudo [...] Lol gritou pela primeira vez.” (DURAS, 1986).

Lol havia gritado sem descontinuar coisas sensatas: não era tarde, a hora de verão enganava. Tinha suplicado a Michael Richardson que acreditasse nela. Mas, como continuassem a caminhar- tinham tentado impedir que o fizesse, mas ela conseguira soltar-se- correr para a porta se jogara no batente. A porta, com a lingueta do chão fechada, havia resistido. De olhos baixos os dois passaram diante dela [...] Lol seguiu-os com os olhos pelos jardins. Quando não mais os viu, caiu no chão, desmaiada (DURAS, 1986, p.15).

Antes de prosseguir, cabe aqui rápida digressão a partir do que nos lembra Bastos (2009) sobre o termo arrebatamento, do francês “le ravissement” e que quer dizer roubo, raptado, mas também, fascinação, encantamento e deslumbramento. Na trama ambos os sentidos

se encontram presentes, e designam um dos aspectos centrais de toda a narrativa, o rapto ou roubo do noivo de Lol, mas também como fruto da força do que fascina ou encanta.

Existe, portanto, diversas dimensões na trama da fascinação/rapto. Há a fascinação pelo “não-olhar” de Anne-Marie Stretter por Michael Richardson, dela por ele, que não o consegue mais largar e a perda dele para uma outra por Lol. Mas, o que aparece como disruptivo não é da ordem da perda do lugar de Lol para uma outra, o que daria margem a uma rivalidade, mas o fato dela ser impedida de ser aí incluída, quando acaba a noite e não pode mais vê-los. Nesse momento, o rapto toma outra conotação, Lol parece deixar de ter uma existência fora daquele enquadre. O que lhe acontece? Ou melhor, do que sofre?

Lol, desencadeia uma crise, permanece por semanas sem sair do seu quarto para nada, encerrada em uma prostração. Um sofrimento sem uma causa aparente e do qual ela não pode dizer, dirá Lacan, do que sofre (LACAN, 1965, p. 199). Duras: “sua dificuldade diante da busca de uma única palavra parecia intransponível”, pagava, portanto, agora a “estranha omissão de sua dor durante o baile” (DURAS, 1986, p. 17). Segue um trecho, onde podemos estar vislumbrar como se apresenta essa dimensão do indizível. Cito:

Ela repetia sempre as mesmas coisas: que a hora de verão engava, que não era tarde. Pronunciava seu nome com raiva: Lol V. Stein-era assim que se designava. Depois queixou-se [...] de sentir um cansaço insuportável de esperar assim. Aborrecia-se a ponto de gritar. E na verdade ela gritava que não tinha nada em que pensar enquanto esperava, exigia com a impaciência de uma criança um remédio imediato para aquela falta. [...] (DURAS, 1986, p. 16)

O que perdura por bastante tempo:

Depois Lol deixou de queixar-se do que quer que fosse. Aos poucos deixou até mesmo de falar. Sua raiva envelheceu, desencorajou-se. Falou apenas para dizer que lhe era impossível expressar o quanto era aborrecido e custoso, custoso ser Lol V. Stein (DURAS, 1986, p. 16).

Lacan dirá que o nome “Lol V Stein” é uma cifra que foi determinado pelo contorno de sua escrita: Lol asas de papel, V tesoura, Stein, a pedra, “no jogo do amor tu te perdes”, aqui fazendo alusão ao jogo pedra, papel e tesoura, onde se enlaçam os dois movimentos: a arrebatada alma para fora de seu corpo, e a arrebatadora figura de ferida, exilada da coisas, “em quem não se ousa tocar, mas que faz de nós sua presa” (LACAN, 1965, p. 198).

Seguindo a narrativa, a reação catastrófica de Lol na cena do baile é a cena que promove o clímax da trama e do qual o romance inteiro não passa de uma “rememoração” (LACAN, 1965, p. 199). Uma “rememoração” porque o que vai se buscar realizar na narrativa é uma espécie de retomada, ou repetição da cena original. Veremos como. Após o desenlace disruptivo, Lol vai permanecer um tempo no registro do “como se” inicial que imperava na sua adolescência, até o encontro com quem virá a ser seu futuro marido.

No rapto de seu noivo, poderíamos dizer que o que se perde está ligado também a uma perda de investimento na esfera amorosa do olhar de seu amante, que se comparado ao vestido, concede um invólucro ao seu ser, mas que quando desinvestido, temos a revelação de como se por baixo, nada houvesse (Lacan, J. 1965/2003, p. 200). Para evitar que isso tivesse ocorrido, os dois não deveriam ter partido: “as janelas fechadas, lacradas, o baile murado em sua luz noturna os teria contido, todos os três, e apenas eles. Lol está certa do seguinte: juntos teriam sido salvos da vinda de um outro dia, de um outro, pelo menos.” (DURAS, 1986, p. 34).

Porém na falta de uma “palavra-buraco”, “escavada em seu centro para um buraco onde todas as outras palavras teriam sido enterradas” tudo se eclipsa, e Lol como efeito do ocorrido é arrebatada, como se a alma lhe fosse arrebatada para fora do corpo (DURAS, 1986, p. 35). Consequência de outro arrebato, o de seu noivo e dos dois amantes em sua dança. Lol é o elemento terceiro nessa díade, Lacan:

A cena de que o romance inteiro não passa de uma lembrança é, propriamente, o arrebatamento de dois numa dança que os solda, sob o olhar de Lol, terceira, com todo o baile, sofrendo aí o rapto de seu noivo por aquela que só precisou aparecer subitamente (LACAN, 1965, p. 199).

A cena do baile e a reconstrução do seu corpo, através da composição amorosa triangular muitos anos mais tarde é o percurso por onde a narrativa do livro se desenrola: “Lol progride todos os dias na reconstituição desse instante” (DURAS, 1986, p. 34). O que se perde desse instante, que Lol vai buscar restituir, ou ainda, que corpo Lol. V Stein vai construir para si depois de arrebatada para fora dele?

Antes disso, no espaço de tempo que se compreende entre o baile e sua posterior solução do desenlace, Lol a primeira vez que sai na rua conhece quem viria a ser seu futuro marido. Se encontra com seu futuro marido caminhando na rua, até que passa a segui-lo, e ele percebe que ela não caminha em uma direção determinada e decide por guiá-la: “Ele parou, pegou sua mão. Ela consentiu.” (DURAS, 1986, p.20).

Ele amava aquela mulher, Lola Valerie, aquela calma presença a seu lado, aquele jeito como se dormisse em pé, aquele apagamento contínuo que lhe fazia ir e vir entre o esquecimento e os reencontros com sua lourice (blondeur), deste corpo de seda que o despertar nunca mudava, desta virtualidade constante e silenciosa que ele nomeava sua doçura, a doçura de sua mulher. (DURAS, 1986, p.24).

Nesse casamento Lol era a esposa “perfeita”, suas “opiniões eram raras, suas narrativas inexistentes” (DURAS, 1986, p. 32) e se ocupava em manter a ordem da casa, ritmo e rigor, na arrumação dos quartos, na sala imitava vitrines de loja, do jardim, de outros jardins: Mas, “Lol imitava, mas quem? Aos outros, todos os outros, o maior número possível

de pessoas.” (DURAS, 1986, p. 24) Aqui caímos novamente no estado de coisas que encontrávamos antes da paixão que investiu em Michael Richardson.

Estado de coisas que vai durar até o momento em que Lol e seu marido retornam a morar em S. Thala, lugar onde ocorreu o baile. Será nesse retorno onde haverá um nó que se reata, segundo Lacan, a partir do encontro posterior de Lol com os atuais amantes: Tatiana, sua amiga de infância e Jacques Hold (LACAN, 1965, p. 199). Lol passará a segui-los até o local de encontro dos amantes, para se incluir novamente nessa díade, deitada em um campo de centeio.

Nesse reencontro bem mais tarde, porém, não se trata apenas de uma repetição da cena inicial do baile, mas de reatar um nó, que se romperá, onde contavam-se três elementos e que se enodam. E o que é atado a esse nó é o que arrebatou, incluído nele. Daí virá o famoso “ser a três” de Lacan, que significaria justamente o arranjo entre esses três elementos forjados posteriormente por Lol (LACAN, 1965, p. 203).

A trama rearranjada por Lol, a coloca em peculiar lugar na tríade amorosa que não se reduz a mera observadora, mas sim a uma estranha presença que encarna um puro olhar, lugar que não deixa de ser sentido uma primeira vez por Jacques Hold com angústia:

[...] acreditei ver à meia distância entre o sopé da colina e o hotel uma forma cinzenta, uma mulher, cuja lourice cendrada através das hastes do centeio não podia enganar-me; experimentei, embora esperasse por tudo, uma emoção bastante violenta cuja verdadeira natureza não soube logo [...] Abafei um grito, desejei a ajuda de Deus, sai correndo, refiz o caminho, rodeei o quarto [...] sofrendo, sofrendo de insuficiência deplorável de meu ser em conhecer esse acontecimento. Depois a emoção aplacou-se um pouco, recolheu-se sobre si mesma, pude contê-la. Esse momento coincidiu com aquele em que descobri que ela também devia ver-me. (LACAN, 1965, p. 90)

É lá, onde se coloca Lol, sob uma forma cinzenta e loira no campo de centeio, como uma mancha cinza, que o olha sem vê-lo objetivamente, mas que encarna a presença do olhar, em sua face de objeto *a* que causa angústia. Próximo ao que seria nos sentirmos olhados pela fresta de uma porta, de uma janela entre aberta ou de um armário, nos restando apenas a sensação da presença de algo que nos olha sem que seja possível identificá-lo ao certo. Jacques Hold só se tranquiliza quando passa a supor que ela o podia ver, e então portanto podia localizar alguém por detrás desse olhar.

Aqui Lacan nos advertiria: “Não se enganem, sobretudo, a respeito do lugar do olhar aqui. Não é Lol quem olha, nem que seja pelo fato de que ela não vê nada. Ela não é *voyeur*. O que acontece a realiza.” (LACAN, 1965, p. 202). O que vai ficar mais evidente, quando Lol evoca o lugar do olhar em estado de objeto puro, ao se referir a nudez de Tatiana: “Nua, nua, sob seus cabelos negros” (DURAS, 1986, p. 47).

O indizível dessa nudez descrita de Tatiana emoldurado pela cabeleira negra dá um lugar para esse indizível o enquadrando de alguma maneira em uma imagem que aparece na janela. Mas essa beleza se mostra na janela com o consentimento de Jacques Hold que aceita passada a angústia a presença Lol como aquilo que lhe aparece como uma mancha⁷¹ feita da sua cabeleira loira no campo de centeio. Mancha que nesse caso se articula com a cabeleira negra, para delimitar a vastidão da nudez de Tatiana. E que Lol ao se realizar dessa maneira delimita seu lugar nesse “ser a três” como Lacan denomina. Esse “ser” circunscreve um corpo e dá lugar para um gozo (LACAN, 1965, p. 199).

Se seguirmos o fio da narrativa, sabemos que o que busca posteriormente promover Jacques Hold é seguir pela via da compreensão com Lol, porque não aceita o papel que é sugerido a ele por Lol, e lhe oferece o lugar de Tatiana, ignorando a função do terceiro elemento. Força acompanhá-la até o local do acontecimento, quando ela enlouquece. Ser compreendida não convém a Lol, ser compreendida não é o que a salva do arrebatamento, diria Lacan (LACAN, J. 1965, p. 203).

Quando Lol, portanto logra realizar essa montagem, entre os três, ela tem um corpo, e é alguém. O que não significa que essa solução seja definitiva, ou que nenhuma outra exista, haverá inclusive momentos de despersonalização e delírio como quando Jacques Hold, confunde as coisas e a leva sozinha para longe. O importante desse arranjo não é que ele seja sólido, mas sim que lhe de margem de manobra maior ao sujeito, e que poderíamos por isso chamar de “solução”, e que nesse caso atribuímos à “invenção” de Marguerite Duras, quando dá vida a esse ser fictício de discurso.

5.9 A ESCRITA DE GOZO NA HISTERIA

A “invenção” a partir do arranjo realizado pela personagem criada por Marguerite Duras busca dar lugar ao que é da ordem do arrebatamento para se fazer um corpo, um corpo que não fosse somente reduzido a ser um *automaton* mortificado de identificações dadas pelo Outro, mas um corpo vivo, pulsante, que encerre sobre si algo do gozo, como vimos. Porém, retomando o que vimos até aqui do caso Dora, para concluirmos este último capítulo, vamos lembrar que, para Lacan, segundo afirma Domenico Consenza (2020), a questão histórica se situa no plano simbólico, expresso pela seguinte pergunta: “Que diz Dora através da sua

⁷¹ A referência da “mancha” tem seu estatuto de objeto *a* “causa de desejo” no *Seminário 10*, p. 113.

neurose? Que diz a histérica-mulher? Sua questão é a seguinte: *O que é ser uma mulher?*” (LACAN, 1956-57, p. 200).

Todos os sintomas de Dora, como vimos no *item 5.3*, tosse nervosa, intenções suicidas, depressão, dispneia, afonia, vão sendo interpretados por Freud à luz de seu sentido sexual, sentido sexual que emerge na trama das relações fundamentais nas quais ela se encontrava envolvida. A identificação ao pai se revela nesse contexto como um elemento central para desvelar o sentido inconsciente dos sintomas chaves de Dora. O que ocorreu com os de tosse nervosa ligados a garganta e cavidade bucal, associados a uma “situação sexual fantasiada” do seu pai com a Sra. K, e que envolvia uma satisfação oral sexual do pai: “Ela [Dora] sabia muito bem, disse, que há mais de uma maneira de se obter satisfação sexual” (FREUD, 1905a, p. 51).

Dora perde essa posição de identificação a partir do desencadeamento de sua crise ocasionada na famosa cena do lago, que vimos no *item 5.5*, onde escuta a infeliz frase da boca do Sr. K: “Sabe, não tenho nada com minha mulher” (FREUD, 1905a, p.96). Ali onde o Sr. K perde a posição de objeto de identificação para Dora, o valor do Sr. K estava no que ele podia funcionar para Dora com metáfora: “Dora fez uma identificação com um personagem viril [...] ela é o Sr. K, e os homens são para ela outras tantas cristalizações possíveis do seu eu”, sendo assim: “é por intermédio do Sr. K [...] é no ponto imaginário constituído pela personalidade do Sr. K que Dora está ligada ao personagem da Sra. K” (LACAN, 1956-57, p. 141).

“Dora considera o Sr. K como participante daquilo que simboliza [metaforiza] o aspecto de questão da presença da Sra. K, isto é, a adoração expressa ainda por uma associação simbólica [...] da Sra. K à Madona Sistina.” (LACAN, 1956-57, p. 145). Por isso para Dora, o Sr. K toma o lugar no seu inconsciente ao lado da Sra. K, que é seu verdadeiro objeto de desejo, já que encarna o enigma da feminilidade. Pois, a Sra. K representa ser o que seu pai deseja para além dela mesma, de Dora, e seu corpo como vimos no *item 5.7*. Em paralelo a esse desejo de Dora pelo corpo da Sra. K, está o fascínio do corpo de Tatiane para a personagem Lol. V Stein, os dois são de uma candura de atração irresistíveis.

Porém, essa função de objeto de amor por “procuração”, como se refere Lacan, ainda no *Seminário 4* (1956-57) só tem seu valor com uma só condição (LACAN, 1956-57, p. 141):

Dora pode inclusive admitir, que seu pai ame nela, e por ela, aquilo que está para além, a Sra. K, mas para que o Sr. K seja tolerável em sua posição, é preciso que ocupe a função exatamente inversa e equilibradora. A saber, que Dora seja amada por ele para além de sua mulher, mas na medida em que sua mulher represente alguma coisa para ele (LACAN, 1956-57, p. 146)

A leitura que aqui buscamos retomar do caso Dora, portanto, continua a nos interrogar, se procuramos colocá-lo sobre o aspecto topológico que tem em seu coração a questão do real, deixado de lado por Lacan, segundo Consenza (2020) na época do seu ensino dos anos 50. Época esta que Lacan se detinha em trabalhar o aspecto imaginário e simbólico do esquema Z. Caminhando mais à frente no ensino de Lacan o que nos interessa é o seguinte aspecto destacado por Consenza (2020):

É a incidência contingente da linguagem sobre o real do corpo pulsional do falasser que estará no coração do último ensino de Lacan, nos mostrando assim a centralidade da escrita de gozo, que se sedimenta silenciosamente na histeria.⁷² (CONSENZA, 2020, p. 3, tradução nossa).

Ou seja, de que maneira a centralidade da escrita de gozo se sedimenta de forma silenciosa na histeria é o que testemunhamos com Dora, ao redor do que nela silencia do gozo, mas que não deixa de se inscrever tanto pela via dos seus sintomas, como pela via das suas formações do inconsciente. De certa maneira, com a literatura de Duras vemos isso de outra forma, pois é através do que ganha vida na narrativa de Duras, que vemos o terreno em torno de onde se arma a moldura para aquilo gera fascínio e nos arrebatam, mas que pode ser silenciado se não puder ganhar a existência de lugar.

Todas essas são modalidades de formas em que se apresenta o vazio ou o indizível da irrepresentatividade, mas que caracterizam formas de gozo particular ligadas ao feminino. Segundo Brousse (2020) em *Mode de jouir au féminin*, Lacan a partir do *Seminário 20* (1972-73) abordará a sexualidade de uma maneira inédita, onde há um abandono completo da complementariedade entre os diferentes modos de gozo sexual. Lembrando que para os seres humanos não há acesso ao gozo sexual sem a linguagem.

O universal da castração instaurado pela entrada mesma do ser humano no campo da linguagem, instaura uma perda de gozo, que é localizada no objeto *a*, como aquele objeto mais de gozar, que é consequência da falta-a-ser inerente ao ser humano. Não vamos nos aprofundar nessa lógica, mas segundo nos lembra Brousse, temos do lado do quadro da sexuação do *Seminário 20* o desdobramento de um espaço lógico. Espaço que tem ao lado do lugar dito “masculino”, o lado “suplementar” feminino, referente a lógica do *não-todo*.

Lógica do *não-todo*, de onde parte Brousse (2020) para a partir dos ditos dos analisantes declinar as variações possíveis desse *pas-tout* que se depreendem daí. Brousse se apoia sobre a repetição de elementos parecidos entre eles, a partir das suas aparições em uma

⁷² No original: “C’est l’incidence contingente du langage sur le réel du corps pulsionnel du parlêtre qui sera au coeur du dernier enseignement de Lacan, nous montrant ainsi la centralité de l’écriture de jouissance qui se sédimente silencieusement dans l’hystérie” (CONSENZA, 2020, p. 3).

quinzena de tratamentos clínicos que acompanha. Dos quinze sujeitos que Brousse descreve, homens e mulheres, dois não são mães. O que faz Brousse afirmar que a parte de *pas-tout* existe à posição de mãe. Destacando por exemplo, que as posições de mãe e mulher não são complementares nem antinômicas. Dentre esses sujeitos, que aqui escolheremos alguns com seus fragmentos de fala, possuem um companheiro ou uma companheira ou são solteiros. Falam línguas diferentes e são de diferentes culturas. Vamos pescar para concluir alguns extratos do tratamento de alguns deles.

Segundo Brousse, as falas foram escolhidas pelo seu aspecto *moebiano*, onde a passagem do inconsciente ao consciente e seu retorno seguem o efeito de uma banda de *moebius*. Para ordenar baixo um título cada uma das falas selecionadas por Brousse, ela escolhe “significantes esparsos” para nomeá-los, como por exemplo: esconder, desobediência, anônimo, desaparecer e silêncio. Significantes frequentes para designar uma posição feminina de gozo.

Vamos citar duas falas que constam baixo, com a designação que traduzimos por esconder, “*catcher*”:

Ela diz: ‘Isso me aconteceu quando eu era super jovem, nas férias com meus pais. O encontro com um menino desconhecido em um país estrangeiro. Fez-se um plano. Encontrá-lo a cada noite às escondidas de todos. Voltar a cinco horas da manhã pela janela. Uma satisfação fora do conhecido, fora de lugar e fora do tempo.’⁷³ (BROUSSE, 2020, p. 70, tradução nossa)

Ela diz: ‘Eu me escondo, é da mesma ordem de quando adolescente eu me vestia de maneira a esconder meu corpo. Eu me escondo do olhar. O que é que se tem a esconder? Eu me lembro do primeiro romance de minha infância ‘Lili e o testamento secreto.’’.⁷⁴ (BROUSSE, 2020, p. 70, tradução nossa)

Essas falas, assim como outras que constam no seu livro, segundo Brousse dão testemunho de certas experiências de gozo dos analisantes a partir de formas de satisfação que não lhes são totalmente desconhecidas, mas que fazem parte do modo de satisfação que se impõe e que as tornam ausentes para elas mesmas ou eles mesmos⁷⁵. No primeiro trecho a

⁷³ No original: « Elle dit: ‘Cela m’est déjà arrivé quand j’étais très jeune, en vacances avec mes parents. La rencontre avec un garçon inconnu dans un pays étranger. Faire le mur. Le retrouver chaque nuit, en cachette de tous. Rentrer à cinq heures du matin par la fenêtre. Une satisfaction hors famille, hors lien, hors temps »

⁷⁴ No original: « Elle dit: ‘Je me cache, c’est du même ordre que lorsqu’adolescente je m’habillais de façon à cacher mon corps. Je me cache du regard. Qu’est-ce qu’il y a à cacher? Je me souviens du premier roman de mon enfance, ‘Lili et le testament secret’ »

⁷⁵ Para dar conta dessas experiências Brousse vai propor lê-las à luz de um quadro triangular de três cumes: imaginário, prevalência do ver e da imagem, o simbólico, prevalência do nome e da lei, não sem a letra, que detém a dimensão caracterizada pelo *trou* (furo) e sua relação com o objeto voz e o real sem lei e sem imagem, dimensão que ex-siste às outras duas dimensões com a condição que ele encontre no simbólico e imaginário seu ponto de basta. A cada um desses picos Brousse associa os significantes que se repetem nos ditos dos diferentes analisantes, mas que revelam uma estrutura neurótica: “*Cacher pour l’imaginaire, anonyme pour le symbolique et disparition pour le réel qui est un trou noir*” (BROUSSE, 2020, p. 77).

referência ao menino estrangeiro em um país estrangeiro que representava o que está fora do familiar, fora do conhecido e do tempo, nos dá uma ideia de como é em torno do fora que essa paciente extrai alguma satisfação.

A outra vinheta da fala de alguém que busca esconder com a roupa seu corpo do olhar do outro, e quando perguntada sobre o que tanto escondia, se lembra da referência a um romance que tem no seu título o segredo. Ou seja, há também uma referência a algo que mobiliza o sujeito, mas se organiza em torno de um vazio que Brousse vai chamar “erotismo do vazio” e que se veste nesse caso de segredo, o segredo do corpo nu que não pode ser revelado.

Assim como sobre o “esconder”, teríamos também o “desaparecer” que seria correspondente às seguintes falas:

Ela diz: ‘Logo que uma autoridade aparece para se impor sobre mim, eu me faço desaparecer. Eu me torno inatacável porque eu não tenho nada a perder que não seja em poder me retirar. Eu tenho uma outra maneira de existir. Isso me reenvia a uma forma de solidão. Enfim ela aparece. Mas isso não toca no meu desejo, isso não me impede de me fazer conhecer, de ter uma ligação com um monte de gente. Por exemplo, eu era uma boa aluna, mas escapava a qualquer coisa, uma nomeação.’⁷⁶ (BROUSSE, 2020, p. 73, tradução nossa)

Ela diz: ‘Eu esperava minha sessão de análise com interesse. Mas finalmente, sem refletir, eu me escapei.’⁷⁷ (BROUSSE, 2020, p. 73, tradução nossa).

Novamente essas falas testemunham, sob outra modalidade, agora a modalidade de se fazer desaparecer ao invés do se esconder, mas que também portam a mesma ideia de isolar um gozo que não é circunscrito de outra forma senão em torno de um furo, nesse caso desaparecimento. Na primeira fala, a paciente se refere a esse desaparecimento como algo que se impõe sobre si, frente de uma autoridade que se ergue sobre ela, mas o que também ocorre de maneira geral frente a qualquer tipo de exigência, como ser boa aluna. Dessa exigência, ainda que, ela corresponda a esse ideal, há alguma coisa dela que se fuga a isso ao mesmo tempo.

Na última fala, algo também escapa na paciente, que a faz sair abruptamente da sala de espera da análise sem refletir, ainda que ela estivesse minuto atrás aguardando de forma interessada a análise. Segundo a referência que nos dá Brousse, Miller (2011) coloca em evidência que Lacan durante todo o seu último ensino, não desmentiu a incidência de um gozo ligado ao interdito:

⁷⁶ No original: « Elle dit: ‘Dès qu’une autorité apparaît pour s’imposer à moi, je me fais disparaître. Je deviens inattaquable parce que je n’ai rien à perdre qu’on soit en pouvoir de m’enlever. J’ai une autre manière d’exister. Cela me renvoie à une forme de solitude. Enfin elle apparaît. Mais ça ne touche pas à mon désir, ça ne m’empêche pas de me faire connaître, en lien avec plein de gens. Par exemple, j’étais une bonne élève, mais j’échappais à quelque chose, une nomination. En cachette. »

⁷⁷ No original: « Elle dit : ‘J’attendais ma séance d’analyse avec intérêt. Mais finalement, sans y réfléchir, j’ai filé.’ »

Contudo, examinando antes o gozo próprio ao feminino, Lacan não refutou a incidência do interdito, mas ele isolou uma parte de gozo que não responde a esse esquema, esse esquema que se resume por: recusar para atingir – a interdição como etapa sobre a via da permissão. Ele isolou um gozo não simbolizável, indizível, que tem afinidades com o infinito, que não é passado, que não foi triturado pela máquina do não-sim que eu evocava, mas que o encontramos na ocasião dos sonhos, ao menos naqueles nos quais alguém me fez saber ontem: um esguicho turbilhante, efervescente de vida inesgotável que lhe apareceu como aquilo que ela sempre procurou, ao qual ela sempre buscou se igualar - isso pode aparecer no sonho. Mas estritamente falando esse gozo não é dizível, e se não podemos designá-lo senão adicionando-lhe palavras e elas faltam, não é por acidente, por impotência, é, se posso dizer, por um impossível de estrutura⁷⁸. (MILLER, 2011.)

Neste longo extrato, Miller se reporta ao gozo próprio ao feminino, onde lembra que Lacan não refutou a incidência do interdito, mas isolou uma parte do *não-todo* de gozo que não corresponde a esse esquema binário do que é permitido ou não permitido, do sim e não. Recusar-se a obedecer a uma ordem não seria uma etapa da interdição para depois atingir o gozo. Lacan, segundo Miller, isolou diferente disso, um gozo não simbolizável, indizível, que tem afinidades com o infinito. O infinito que não tem passado pois não passa e que não foi triturado pela máquina, diríamos aqui, da estrutura da linguagem.

O que Miller retoma nesse Cours de 2011 é que Lacan no seu último ensino, se dedicou a ir de encontro a ele mesmo, Lacan contra Lacan, como uma maneira, não de tornar obsoleto o que ele mesmo havia defendido em outro momento do seu ensino, mas como uma forma de fazer ressaltar outra dimensão diferente daquela contida na primazia do simbólico. Sendo assim, se coloca a questão sobre se não seria o gozo feminino, a essência do gozo mesmo como tal, assim como a partir da afirmação de Lacan de que toda pulsão é pulsão de morte⁷⁹. Não seria o gozo feminino, o que aqui por exemplo, vimos em suas diferentes faces, como aquilo que subjaz ou ex-siste, como o diz Brousse, a todas essas formas de arranjos com o gozo?

⁷⁸ No original: « Or, en scrutant plus avant la jouissance propre à la femme, Lacan n'a pas démenti l'incidence de l'interdit, mais il a isolé une part de jouissance qui ne répond pas à ce schéma, ce schéma qui se résume par : refuser pour atteindre - l'interdiction comme étape sur la voie de la permission. Il a isolé une jouissance insymbolisable, indicible, qui a des affinités avec l'infini, qui n'est pas passée, qui n'a pas été concassée par la machine non-oui que j'évoquais, mais qu'on rencontre à l'occasion dans les rêves, au moins celui dont quelqu'une me faisait part hier : un geyser tourbillonnant, effervescent de vie inépuisable qui lui était apparu comme ce qu'elle avait toujours cherché, à quoi elle avait toujours cherché à s'égaliser - ça peut venir en rêve. Mais si à proprement parler cette jouissance n'est pas dicible, et si on ne peut la désigner qu'en ajoutant que les mots y manquent, ce n'est pas par accident, par impuissance, c'est, si je puis dire, un impossible de structure. »

⁷⁹ Lacan segundo Miller (2011) articula o gozo feminino ao gozo regulado pelo complexo de Édipo que se apresenta em *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1960), *Escritos*, pp. 807-842.

6 CONCLUSÃO

A título de conclusão da tese, vamos fazer uma retomada do que se depreendeu ao final de cada *Capítulo*, e o que desse percurso se mantém como fios que escaparam e mereceriam ser mais bem aprofundados em outra ocasião. O percurso partiu do *Capítulo 2* com a ênfase nos processos da realização do desejo inconsciente, ali onde não é o sujeito que cumpre o trabalho do sonho, mas o próprio sonho e seu primeiro trabalho é aquele da distorção, ou nas palavras de Freud *Enstellung*. Se as coisas aparecem deslocadas e distorcidas, como pudemos constatar nas análises dos três sonhos freudianos, é porque nenhum significante pode se colocar em sincronia com o significado.

O que há é um deslizamento de um sobre o outro. Mecanismo que pudemos escrever a partir da subversão lacaniana do signo linguístico de Saussure. Logo, os sonhos utilizam um aspecto da linguagem que resumiríamos com a condensação e o deslocamento, para manifestar o que? Um real que escapa e que ameaça de alguma maneira a significação. E em última instância, o ponto onde o conteúdo do sonho mergulha em um desconhecido é o expresso por Freud como “umbigo dos sonhos”, ligado ao limite da significação, que é da ordem do que não é representável porque toca um real.

A barra do recalque, nesse sentido, foi proposta no *Capítulo 2* ao lado do que também não é representável, a não ser na sua redução máxima do traço puro, sem sentido, próxima à escrita da matemática usada por Lacan. Traço da barra que reduzido em sua significação, por isso mesmo serve para ser o ponto em torno do qual os sonhos vão sofrer as distorções. Instaure-se dessa maneira a lógica do recalque. Mas, nesse aspecto, o que podemos destacar como posterior a esta formulação é que as distorções que são condição para que o desejo inconsciente se realize, o fazem através do que ganha de “l’être” [o ser] por meio da “lettre” [letra]. Temos, por isso, a constatação *a posteriori* expressa pela afirmação de Lacan onde: “O ser [l’être], só o podemos tomar ao pé da **letra** [lettre]” (LACAN, 1958-59, p. 57)

Agora, nessas realizações oníricas, o que *ex-siste* aos sonhos? A dimensão pulsional seria a resposta, que é o que se apresenta a partir do que Freud chama de o “desejo indestrutível”, dimensão esta que ainda que seja inerente ao pulsional permaneceu como um ponto de fuga que mereceria ser mais bem aprofundado. Em uma leitura *a posteriori*, acreditamos que talvez esse fator tenha ficado renegado a segundo plano, pelo fato de que a partir do que o próprio Lacan nos diz, a “indestrutibilidade” pode mascarar a castração instaurada por exemplo pela barra do recalque, ao que dei ênfase.

A ex-sistência do caráter indestrutível da pulsão nos leva a uma necessidade topológica. Desse ponto é que fomos ao *Capítulo 3*, passando das transposições da barra, para a lógica dos conjuntos usada por Lacan no *Seminário 11*, onde se faz presente de forma mais clara a topologia da relação do sujeito com o Outro. Sendo assim, fomos no *Capítulo 3*, levados pelo questionamento que nos apresenta Brodsky ao estatuto do sujeito do significante nos sonhos, para alcançar outra formulação central de Lacan que é a do objeto *a*. Objeto este que buscamos isolar através das operações lógicas de onde se depreende a alienação e a separação. Isto instaura uma mudança, como se apercebe Brodsky, no estatuto do Outro na relação com o sujeito, que passa de um Outro do significante, para um Outro do desejo.

Um Outro do desejo é de onde o sujeito demandará não apenas significantes que estariam no Outro, tesouro dos significantes, para buscar decifrar o seu desejo inconsciente, mas a partir de onde o sujeito vai se perguntar sobre o seu lugar no desejo do Outro. Responderá a esse enigma sobre “o que o Outro quer de mim?”, enfim, a partir do lugar de objeto na fantasia inconsciente. O importante nesse *Capítulo 3* foi demonstrar nas passagens da alienação para a separação, o saldo dessas operações que criam algo que não estava lá antes. Aqui o gozo está ligado à repetição e se relaciona com o objeto *a* como objeto perdido. O circuito que se estabelece em torno desse objeto, portanto, teve destaque ao final do capítulo pela dimensão de borda e litoral que instaura.

O que escapa no *Capítulo 3* como fio que poderia ser melhor explorado está ligado à teoria da interpretação, no seguinte sentido: com a substituição da metáfora e metonímia pela alienação e separação, poderíamos interrogar que consequências isso traz para o campo da interpretação. Afinal, Lacan, justamente no *Seminário 11*, vai afirmar como resposta às críticas que vinha sofrendo naquele momento que “A interpretação não está aberta a todos os sentidos” (LACAN, 1964, p. 242). Ou seja, ele foi categórico em defender que o entendimento de que “todas as interpretações são possíveis” seria um “absurdo” e como o próprio diz, não é porque defendeu que o efeito da interpretação fosse isolar no sujeito um *kern* [um coração] de *non-sense* que ela [a interpretação] mesma, seja um não-senso (LACAN, 1964).

Ou seja, aqui temos um importante desenvolvimento que restará por se desdobrar, posto que a partir da alienação e separação com a inclusão da satisfação pulsional com o que representa o objeto *a* vemos que há uma direção do tratamento que caminha no sentido de isolar os significantes que são chaves do lugar do sujeito no desejo do Outro. E essa redução a partir da repetição pulsional não considera que se trate-se nesse caso de quaisquer

significantes, mas sim daqueles das coordenadas da fantasia de cada um. Vimos alguns pequenos exemplos clínicos de Brousse nesse sentido.

Seguindo, na passagem do *Capítulo 3* para o *Capítulo 4*, houve uma insistência sobre o ponto de diferença da definição do inconsciente estruturado como uma linguagem, para a necessidade de Lacan de dar um lugar para a pulsão através da formalização do objeto *a* que não é um significante. Objeto que Lacan posteriormente afirmará ser um semblante, mas que servirá nesse momento de ponto de condensação de gozo, o que no paradigma anterior do inconsciente como estrutura de linguagem não existia. Com essa ideia demos destaque à dimensão do objeto, a partir de propor tomar a carta/letra roubada pelos seus dois vieses para além da sua função de portadora de mensagem: como furo representando o sujeito do inconsciente na lógica significante e como objeto dejetivo, lixo.

Houve uma terceira dimensão da carta/letra que porta em seu conteúdo, uma mensagem, nesse caso um segredo, o que estabelece uma erótica do indizível, onde o segredo ganha o lugar daquilo em torno do que se faz litoral de gozo. O gozo em questão é o da Rainha que nenhuma significação é capaz de significantizar. Além disso vimos também os efeitos de gozo do qual os que portam a carta sofrem e acabam por se contaminar sem perceber. Pois a partir do momento em que alguém tem a carta e detém o segredo, o segredo é quem os detém, segundo Lacan, e eles passam a dissimular, em torno desse vazio. Há, por isso, segundo Lacan, um efeito de feminização.

Na sequência desse aspecto temos a distinção de Lacan entre a lembrança e a reminiscência como parte de dois paradigmas diferentes, onde a reminiscência está do lado do que se desencadeou do “corpo estranho”, “alteridade”, “indestrutível”. A alteridade que pode ser lida como letra de gozo inscrita no corpo, marca do trauma no sujeito, a partir da contingência do encontro com algo que possa desencadeá-lo, como ocorreu no caso Lucy de Freud (1893).

Freud trata no atendimento clínico a Lucy, essa irrupção do “corpo estranho” que está na sua concepção de trauma, através da lembrança, se pautando nas associações e lembranças que a sua paciente vai recordar em torno dessa alteridade. Porém vemos que no próprio movimento de Freud ao fazer isso, ele a cada vez abandona a ideia de encontrar a cena próxima de uma verdade factual, se voltando sempre para o caráter de construção, daquilo que pode se ficcionalizar ou “perfazer”, como diria Lacan, a partir do encontro com o real. Onde o que se torna mais importante é o que a narrativa pode “perfazer” para dar lugar ao disruptivo do real. Tratando a alteridade do “corpo estranho” que se ativa, pela via da historicização narrativa.

Disso, o que se depreende é o lugar da reminiscência como aquilo que não se presta a ser historicizado e nem rememorado, pois resta indestrutível no seu caráter de letra de gozo que sobredetermina os sintomas e a fantasia daquele sujeito. Aqui um dos pontos de divergência possíveis poderia ser a diferença entre o sintoma e o *sinthoma* em Lacan, que nos daria outro ângulo da ideia de diferença desses dois paradigmas. Onde se por um lado um se decifra tal como as formações do inconsciente o outro não se interpreta, pelo contrário se trata de uma cifração de algo próximo do que Freud chamava dos “restos sintomáticos”.

Por fim, no *Capítulo 5* vimos com Dora toda a leitura freudiana a partir dos significantes presentes no seu método da interpretação, através dos dois sonhos de Dora e dos seus sintomas tratados igualmente como os sonhos. Mas, em paralelo a essa abordagem, também se vislumbrava subjacente a questão clínica em Dora, a dimensão daquilo que era da ordem do indizível, e que posteriormente encerrava o irrepresentável acerca da questão do ser mulher. Fator que tanto escapou a Freud, mas que por sua natureza também escapava de ser representado no inconsciente. Ou melhor, era representado no inconsciente, mas como o irrepresentável do órgão feminino, ali onde encontrávamos a imagem da caixinha de joias ou o pântano denso do bosque, na descrição de Freud, onde se via a “geografia simbólica do sexo”.

Por essa via a questão do enigma do que é ser uma mulher que não pode ser formulada como tal por Dora, o indizível da feminilidade ganha moldura através da imagem do quadro da Madona e do corpo da Sra. K “adorável corpo alvo”. Lugar para o indizível, que assim como essa moldura, nos remete à personagem a criada por Duras, Lol. V Stein. Personagem que se “realiza” segundo Lacan, do lugar de objeto *a*, como a mancha cinza desenhada pela sua cabeleira loira no campo de centeio, o que delimita ao mesmo tempo o lugar do objeto causa de desejo para Jacques Hold, mas também pode se apresentar como angústia. Lol se realiza em seu “ser a três”, como chamou Lacan, em articulação também do que se entrevê de moldura da indescritível nudez de Tatiana emoldurada pela sua cabeleira negra.

Todas essas escritas litorais de gozo parecem ao final representarem, isso também o podemos afirmar *a posteriori* formas de gozar do feminino, ou seja, formas de gozo em torno dessa vacuidade ou desse irrepresentável, vazio, buraco, indizível de que padecem as históricas, mas em torno de onde constituem uma modalidade própria de gozo. O que nos coloca diante de uma pergunta que se formula também *a posteriori*, a partir do que desenvolve Miller no *L'un tout seul*, se seria o gozo feminino o gozo por excelência? Aquele que subjaz a todas as formas de tratamento seja pela via subjetiva da fantasia, seja pelo inconsciente, seja pela escrita de Duras ou de Lacan?

Um último aspecto que poderia ser desdobrado, portanto, e que se extrai do *Capítulo 5*, seria a da investigação acerca do que Freud nomeia como sendo inerente ao “masoquismo feminino”. Feminino que é esse “mistério” que Freud também chamou de “continente negro” e do qual Lacan avançou fazendo dele litoral.

Para concluir o desenvolvimento em que se desdobrou a hipótese inicial, segundo o qual, a letra nas suas várias acepções seria um rico objeto em torno do qual pudemos tecer esses tão diferentes caminhos, vimos que a letra é um profícuo objeto de estudo que pode dar lugar ao que passa por fora do plano da significação, mas que mesmo assim não se extingue. Acreditamos que pudemos pela amplitude do que nos concede a ideia da letra, lê-la nas suas várias vertentes para pescar algo do pulsional e evitar assim que a letra ficasse fadada a um inefável das profundezas. Esperamos que tenhamos logrado abordar o real não necessariamente somente vinculado à verdade, como vimos na *Introdução*, que está em queda com a tendência de disjunção da verdade e do real no atual discurso na nossa cultura. Mas, esperamos pelo contrário, que possamos ter articulado o gozo ligado a letra à superfície do literal ao litoral.

REFERÊNCIAS

- ATTIÉ, Joseph. Esse jogo insensato da escrita. **Opção Lacaniana Online**, São Paulo, n.2, p.1-10, 2005, Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/antigos/n2/pdf/ensaio/JAJogo.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2020.
- ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- BASSOLS, Miquel. **Lecturas de la página en blanco**: La letra y el objeto. Málaga: Miguel Gómez, 2011.
- BASSOLS, Miquel. **Isak Dinesen, a feminilidade e a letra**. Texto elaborado para o 23º Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, 2020. Disponível em: <https://www.encontrobrasileiro2020.com.br/wpcontent/uploads/2020/03/Bassols-Feminilidade-e-Letra-Isak-Dinesen-1.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2020.
- BASTOS, Angélica. O corpo e o arrebatamento. In: BESSET, Vera Lopes; FIGUEIREDO, Henrique (orgs.). **A soberania da clínica na psicopatologia do cotidiano**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 135-165.
- BASTOS, Angélica. Fenômeno psicossomático e inconsciente. In: CHATELARD, Daniela Scheinkman; MAESSO, Márcia Cristina (orgs.). **O corpo no discurso psicanalítico**. Curitiba: Editora Appris, 2019. p. 153-159.
- BRODSKY, Graciela. Fundamentos 1: Comentário del Seminário 11. In: **Cuadernos del ICBA 2**. Buenos Aires: Editora Grama, 1999.
- BROUSSE, Marie-Hélène. A pulsão I e II. In: FELDSTEIN, Richard; FINK, Bruce; JAANUS, Maire (orgs.). **Para ler o Seminário 11 de Lacan**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. p. 115-133.
- BROUSSE, Marie-Hélène. **Mulheres e discursos**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2019.
- BROUSSE, Marie-Hélène. **Mode de jouir au féminin**. Navarin Éditeur: Paris, 2020.
- CONSENZA, Domenico. Retour sur le cas Dora. **Bussole Clinique**, 13 out. 2020. Disponível em: <https://www.attentatsexuel.com/retour-sur-le-cas-dora/>. Acesso em: 20 dez. 2020.
- DEFFIEUX, Jean-Pierre. Nome-do-Pai e Suplência. **Opção Lacaniana**: Revista Brasileira de Psicanálise, São Paulo, n. 50, p. 373-375, dez, 2007.
- DURAS, Marguerite. **O deslumbramento**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- DERRIDA, Jacques. **O cartão-postal: De Sócrates a Freud e além**. Ed. Civilização Brasileira. 1ª Edição 2007.

FELDSTEIN, Richard ; FINK, Bruce ; JAANUS, Maire (orgs.). **Para ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

FREUD, Sigmund; BREUER, Josef. (1893) Estudos sobre a histeria. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 2. p. 13-329.

FREUD, Sigmund. (1895) Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 1. p. 335-469.

FREUD, Sigmund. (1896) A carta 52 (6 de dezembro de 1896). In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1989, v.1, p. 324-331.

FREUD, Sigmund. (1900) Interpretação dos Sonhos. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 5, p.451-561.

FREUD, Sigmund. (1905a) Fragmento da análise de um caso de histeria. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 7. p. 15-108.

FREUD, Sigmund. (1905b) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 7. p. 119-230.

FREUD, Sigmund (1905c). Psicopatologia da vida cotidiana. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. 6, p. 19-208.

FREUD, Sigmund (1905d). Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. 8, p. 13-207.

FREUD, Sigmund. (1910) A significação antitética das palavras primitivas. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. 11, p. 137-146.

FREUD, Sigmund (1910 [1909]) *Cinco lições de psicanálise*. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. 11, p. 13-37.

FREUD, Sigmund (1919). **Obras incompletas de Sigmund Freud: O infamiliar**. 1. ed. Autêntica Editora, 2019.

FREUD, Sigmund. (1920) Além do princípio de prazer. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 18. p. 13-78.

FREUD, Sigmund. (1925a) A negativa. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. 19, p. 293-302.

FREUD, Sigmund (1925b) “Uma nota sobre o ‘Bloco mágico’”. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. 19, p. 283 – 292.

FREUD, Sigmund. (1931) Sexualidade feminina. In: FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 21. p. 297-282.

GAYARD, Sophie. Réminiscence. **Boussole Clinique**, 19 set. 2020. Disponível em: <https://www.attentatsexuel.com/reminiscence/?print=print>. Acesso em: 12 dez. 2020.

GUARANÁ, Bruna Musacchio. **Eles exageram no escrito**: o ato de escrita e seus efeitos de suplência. 2016. Dissertação (mestrado) -- Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27192/27192.PDF> Acesso em: 20 dez. 2020.

GUARANÁ, Bruna Musacchio. A escrita do corpo de Lol. V. Stein. In: MOREIRA, Giselle; ESTRELLA, Renata; PINTO, Ricardo; FRANÇA, Tatiane [Orgs.] **Não se pode e se escreve: ensaios sobre Marguerite Duras**. Rio de Janeiro: Sabiá Editorial, 2020. Disponível em: https://fortuna.labedicao.com/livros/duras_2019.pdf. Acesso em: 21 dez. 2020.

GUARANÁ, Bruna Musacchio. A carta/letra em seu caráter indestrutível: Lacan com Derrida. **Revista Garrafa**, vol. 18, n. 53, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/38820>. Acesso em: 13 dez. 2020.

HOLCK, Ana Lúcia Lutterbach. **Patu. Uma mulher abismada**. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2011.

HULAK, Fabienne. **Logique du sinthome**: mise en pratique. Champ Social éditions: Nîmes, 2016.

IANNINI, Gilson; TAVARES, Pedro Heliodoro. Freud e o infamiliar. In: FREUD, Sigmund. **Obras Incompletas de Sigmund Freud: O infamiliar**. 1.ed. Autêntica Editora, 2019.

LACAN, Jacques. (1945) O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 197-213.

LACAN, Jacques. (1951) Intervenção sobre a transferência. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 215-225.

LACAN, Jacques. (1953a) Discurso de Roma. In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 139-172.

LACAN, Jacques. (1953b) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p.238-324.

LACAN, Jacques. (1953c) **O mito individual do neurótico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

LACAN, Jacques. (1953-54) **O Seminário, livro 1: Os Escritos Técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

LACAN, Jacques. (1954a) Introdução ao comentário de Jean Hyppolite sobre a '*Verneinung*' de Freud. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 370-382

LACAN, Jacques. (1954b) Apêndice I: Comentário falado sobre a '*Verneinung*' de Freud por Jean Hyppolite In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 893-902.

LACAN, Jacques. (1954c) Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a '*Verneinung*' de Freud. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 383-401.

LACAN, Jacques. (1954-55) **O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. (1955-56) **O Seminário, livro 3: as psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

LACAN, Jacques. (1956) O Seminário sobre "A carta roubada". In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 13-66.

LACAN, Jacques. (1956-57) **O seminário, livro 4: A relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, Jacques. (1957a) "Capítulo VIII: Dora e a Jovem Homossexual". In: LACAN, Jacques. **O seminário, livro 4: A relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. p. 133-150.

LACAN, Jacques. (1957b) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 496-533.

LACAN, Jacques. (1957c) A psicanálise e seu ensino. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 438-460.

LACAN, Jacques. (1957-58) **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LACAN, Jacques. (1958a) A significação do falo. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 692-699.

- LACAN, Jacques. (1958b) Juventude de Gide ou a Letra e o Desejo. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 749-776.
- LACAN, Jacques. (1958c) A direção do tratamento e os princípios do seu poder. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p.591-652.
- LACAN, Jacques (1958d) De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p.537-590.
- LACAN, Jacques. (1958-59) O sonho do pai morto: ele não sabia que estava morto. In: LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2016. p. 55-72.
- LACAN, Jacques. (1959-60) **O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- LACAN, Jacques. (1960a) Apêndice II: A metáfora do sujeito. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 903-907.
- LACAN, Jacques. (1960b) Posição do inconsciente. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 843-864.
- LACAN, Jacques. (1960c) Da criação Ex Nihilo. In: **O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. p. 141-155.
- LACAN, Jacques. (1960d) Subversão do Sujeito e dialética do desejo no inconsciente Freudiano. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. p.807-842.
- LACAN, Jacques. (1960-61) **O Seminário, livro 8: A Transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- LACAN, Jacques. (1961a) Observação sobre o relatório de Daniel Lagache. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 653-691.
- LACAN, Jacques. (1961b) Apêndice II A metáfora do sujeito. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 903-907.
- LACAN, Jacques. (1961-62) **O Seminário, livro 9: a identificação**. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.
- LACAN, Jacques. (1962-63) **O Seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- LACAN, Jacques. (1964) **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- LACAN, Jacques. (1965) Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol. V. Stein. In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.p. 198-205.

LACAN, Jacques. (1966) De um desígnio. In: LACAN, Jacques. **Escritos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 365-369.

LACAN, Jacques. (1967) Lugar, origem e fim do meu ensino. In: LACAN, Jacques. **Meu ensino**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 9-65.

LACAN, Jacques. (1969) Prefácio à Edição dos Escritos em livro de bolso. In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 383-388.

LACAN, Jacques. (1969-70) **O Seminário, livro 17**: O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. (1970) Radiofonia. In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 400-447.

LACAN, Jacques. (1971a) Lituraterra. In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 15-25.

LACAN, Jacques. (1971b) De uma função para não escrever. In: LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 18**: de um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009. p. 89-104.

LACAN, Jacques. (1972-73) A função do escrito. In: LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 20**: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. p. 32-43.

LACAN, Jacques. (1972-73) **O Seminário, livro 20**: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

LACAN, Jacques. (1973) **Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

LACAN, Jacques. (1975-76) **O Seminário, livro 23**: o sintoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

LACAN, Jacques. L'ombilic du rêve est un trou. Jacques Lacan répond à une question de Marcel Ritter. **La Cause du désir**, n.102, p. 35-36. jun. 2019.

LA SAGNA, Philippe. Mais ce n'est qu'un rêve ? **Lacan Quotidien**, n. 89, 24 nov. 2020. Disponível em: [LQ-896.pdf \(lacanquotidien.fr\)](#). Acesso em: 15 dez.2020.

LA CAUSE DU DÉSIR n° 103 (2019) Revue de l'école de la cause freudienne. *Celles qu'on dit femmes*. Novembre 2019.

Laurent, Éric. (1997) Alienação e Separação I e II. In: FELDSTEIN, Richard; FINK, Bruce; JAANUS, Maire (orgs.). **Para ler o Seminário 11 de Lacan**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. p 42-51.

LAURENT, Éric. **Posiciones femeninas del ser**: del masoquismo femenino al empuje a la mujer. Buenos Aires: Editorial Tres Haches, 1999.

- LAURENT, Éric. A carta roubada e o voo sobre a letra. **Revista Correio da Escola Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, n. 65, p. 61-95, 2010.
- LECLAIRE, Serge. *Psicanalisar*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.
- MASSON, Jeffrey Moussaieff (org.). **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- MANDIL, Ram. **Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce**. Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: Contra Capa Livraria, 2003.
- MALEVAL, Jean-Claude. **La forclusion del Nombre del Padre: el concepto y su clínica**. 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- MALEVAL, Jean-Claude. Forclusão. **Opção Lacaniana: Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, n. 50, p.153, dez. 2007.
- MILLER, Jacques-Alain (1985-86) **Extimidad**. Buenos Aires: Paidós, 2010.
- MILLER, Jacques-Alain. (1986) Gozar del inconsciente. In: **Los signos del goce**. Buenos Aires: Paidós, 2006, p. 269-281.
- MILLER, Jacques-Alain. (1986). Mensaje cifrado. In: **Los signos del goce**. Buenos Aires: Paidós, 2006, p. 301-313.
- MILLER, Jacques-Alain. (1997) Parte I: Ex-comunhão Contexto e conceitos. In: FELDSTEIN, Richard; FINK, Bruce; JAANUS, Maire (orgs.). **Para ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 15-28.
- MILLER, Jacques-Alain. (1999) XI El camino del psicoanalista. In: **La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica**. Buenos Aires: Paidós, 2008. p. 181-201.
- MILLER, Jacques-Alain. (2001) Prólogo. In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p.11-13.
- MILLER, Jacques-Alain. (2006) **Perspectivas do Seminário 23 de Lacan: O sinthoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- MILLER, Jacques-Alain. (2011) O ser, é o desejo. In: CONGRESSO ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE PSICANÁLISE, 12, 2020, Buenos Aires. **Lição de 11 de maio de 2011 do curso de Jacques-Alain Miller: O Ser e o Um**. Disponível em: <https://congresoamp2020.com/pt/articulos.php?sec=el-tema&sub=textos-de-orientacion&file=el-tema/textos-de-orientacion/el-ser-es-el-deseo.html>. Acesso em: 12 dez. 2020.
- MILLER, Jacques-Alain. Os seis paradigmas do gozo. **Opção Lacaniana Online**, São Paulo, ano 3, n. 7, mar. 2012. Disponível em: http://opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_7/Os_seis_paradigmas_do_gozo.pdf. Acesso em: 20 dez. 2020.

MILLER, Jacques-Alain. O outro sem o outro. **Opção Lacaniana**: Revista Brasileira de Psicanálise, São Paulo, n. 67, p. 17-30, dez. 2013.

MILLER, Jacques-Alain. Le corps dérobé. À propôs du ravissement. **La Cause du désir**, n. 103, p. 25-35, nov. 2019.

MILLER, Jacques-Alain ; MARRET, Sophie ; LEGUIL, Clotilde ; LANÇON, Philippe. L'inconscient encore, sa verité, son réel. **Ornicar?** Revue du champ freudien, Paris, n. 53, 2019.

NANCY, Jean-Luc; LACOUÉ-LABARTHE, Philippe. **O título da letra**: uma leitura de Lacan. São Paulo: Escuta, 1991.

POE, Edgar Allan. (1844) **A carta roubada**. Coleção L&PM Pocket, 2005.

PASQUAL, Leander Mattioli. **Bien-dire et savoir-lire**: Usages de la lettre en psychanalyse. Presses Universitaires de Rennes, 2020.

RABINOVICH, Diana Silvia. **El concepto de objeto en la teoría psicoanalítica**. Buenos Aires: Manantial, 2007.

SAFOUAN, Moustapha. **O inconsciente e seu escriba**. Campinas: Papyrus, 1987.

SOUZA, Paulo César de. **As palavras de Freud**: o vocabulário freudiano e suas versões. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

SOLER, Colette. **Finales de análisis**. Buenos Aires : Manantial, 2007.

STAVY, Yves-Claude. L' 'attentat' dans le cas Dora. **Bussole Clinique**, 8out. 2020. Disponível em: <https://www.attentatsexuel.com/l-attentat-dans-le-cas-dora/>. Acesso em: 15 dez. 2020.

VIEIRA, Marcus André (2008) Lições da loucura. Lola Valérie Stein. In: CURSO LIVRE DO ICP-RJ, 2007, Hospital Municipal Philippe Pinel, Rio de Janeiro.

VIEIRA, Marcus André; DE FELICE, Thereza (org.). **A arte da escrita cega**: Jacques Lacan e a letra. Rio de Janeiro: Subversos, 2018.

VIEIRA, Marcus André; DE FELICE, Thereza (org.). Os dois corpos da escrita. **Latusa digital**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 17, ago. 2015. Disponível em: http://www.litura.com.br/artigo_repositorio/os_dois_corpos_da_escrita_pdf_1.pdf Acesso em: 13 dez. 2020.

ANEXOS

ANEXO⁸⁰:

Esse anexo são fragmentos de citações de Freud e Lacan extraídos das leituras para a escrita da tese. As extrações me serviram para ler e espero que quiçá possam servir para a leitura de outros.

*Escrevo [leio] porque não quero
as palavras que encontro:
por subtração (Barthes, 1978/2010, p.49).*

FREUD, S

Ideia reprimida

“Assim, o conteúdo de uma imagem ou **idéia reprimida** pode abrir caminho até a consciência, com a condição de que seja *negado*.” (A negativa⁸¹, 1925, p.296)

Repressão [Verdrängung]⁸²

“A negativa constitui um modo de tomar conhecimento do que está reprimido; com efeito, já é uma suspensão da **repressão**, embora não, naturalmente, uma aceitação do que está reprimido.” (A negativa, p. 296)

“O resultado disso é uma espécie de aceitação intelectual do reprimido, ao passo que simultaneamente persiste o que é essencial à **repressão**.” (A negativa, p. 296)

“Um juízo negativo é o substituto intelectual da **repressão**; ou seu ‘não’ é a marca distintiva da **repressão**, um certificado de origem - tal como, digamos, ‘Made in Germany’.” (A negativa, p. 297)

Certificado de origem

“Um juízo negativo é o substituto intelectual da repressão; ou seu ‘não’ é a marca distintiva da repressão, um **certificado de origem** - tal como, digamos, ‘Made in Germany’.” (A negativa, p. 297)

Método

⁸⁰ A escolha das palavras em negrito nas citações neste ANEXO se deu de acordo com seu maior grau de centralidade ou frequência de repetição, segundo minha leitura naquele trecho, por essa razão ocorre que há citações que se repetem baixo o negrito de outras palavras, posto que um mesmo trecho possui outra palavra que também tem expressividade naquele fragmento. Por essa via, poderíamos multiplicar as palavras ao infinito de acordo com esse fato, porém, diferente disso, foram escolhidas somente as que abrem o horizonte aos termos ligados ao tema da tese.

⁸¹ As referências a partir da sua primeira aparição posteriormente serão sempre referidas pelo nome para ser de mais fácil localização e abreviadas.

⁸² A tradução de “Verdrängung” em alemão por “repressão” leva em conta a tradução do inglês da Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud, porém esse mesmo termo com a influência da tradução francesa do alemão também ficou conhecido como “recalcamento”. Mais sobre a discussão que envolve essa tradução ver no verbete: “Verdrängung/Repression/Refoulement” In: Souza, Paulo César. As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 112-120.

“Nosso primeiro passo no emprego desse **método** [método de interpretação dos sonhos] nos ensina que o que devemos tomar como objeto de nossa atenção não é o sonho como um todo, mas partes separadas de seu conteúdo. Quando digo ao paciente ainda novato: ‘Que é que lhe ocorre em relação a esse sonho?’, seu horizonte mental costuma transformar-se num vazio. No entanto, se colocar diante dele o sonho fracionado, ele me dará uma série de associações para cada fração, que poderiam ser descritas como os ‘pensamentos de fundo’ dessa parte específica do sonho.” (A interpretação dos sonhos, Vol. IV, p. 125)

“Devo afirmar que os sonhos realmente têm um sentido e que é possível ter-se um **método** científico para interpretá-los” (A interpretação dos sonhos, Vol IV, p. 122)

“Meu conhecimento desse **método** foi obtido da seguinte maneira. Tenho-me empenhado há muitos anos (com um objetivo terapêutico em vista) em deslindar certas estruturas psicopatológicas — fobias histéricas, idéias obsessivas, e assim por diante. Com efeito, tenho o feito desde que soube, por meio de uma importante comunicação de Josef Breuer, que, no tocante a essas estruturas (que são consideradas como sintomas patológicos), sua decomposição coincide com sua solução.” (A interpretação dos sonhos, Vol. IV, p. 122)

“A essência do **método** de decifração reside, contudo, no fato de o trabalho de interpretação não ser aplicado ao sonho como um todo, mas a cada parcela independente do conteúdo do sonho, como se o sonho fosse um conglomerado geológico em que cada fragmento de rocha exigisse uma análise isolada.” (A interpretação dos sonhos, Vol. IV, p. 121).

“Se adotarmos o **método** de interpretação dos sonhos que aqui indiquei, verificaremos que os sonhos têm mesmo um sentido e estão longe de constituir a expressão de uma atividade fragmentária do cérebro, como têm alegado as autoridades.” (A interpretação dos sonhos, Vol. IV, p. 140)

“Existe outro conjunto de objeções a nosso **método** de interpretação dos sonhos, do qual devemos agora tratar. Nosso procedimento consiste em abandonar todas as representações-meta que normalmente dirigem nossas reflexões, focalizar nossa atenção num único elemento do sonho e, então, tomar nota de todos os pensamentos involuntários que possam ocorrer-nos a propósito dele.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 483).

Resistência

“A psicanálise é justificadamente desconfiada. Uma de suas regras é de que *tudo o que interrompe o progresso do trabalho analítico é uma resistência*.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 475).

“A dúvida sobre a exatidão do relato de um sonho ou de certos pormenores dele é também um derivado da censura onírica, da **resistência** à irrupção dos pensamentos oníricos na consciência. Essa **resistência** não se esgotou nem mesmo com os deslocamentos e substituições que ocasionou; persiste sob a forma de uma dúvida ligada ao material que foi admitido na consciência.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 474).

“Vimos que a vida de vigília mostra uma tendência inequívoca a esquecer qualquer sonho que se tenha formado durante a noite, seja como um todo, logo após o despertar, seja aos bocadinhos no correr do dia; e reconhecemos que o principal responsável por esse esquecimento é a **resistência** anímica ao sonho, **resistência** essa que já fez o que pôde contra

ele durante a noite. Mas, se é assim, uma questão se coloca: como é que o sonho pode chegar a se formar em face dessa **resistência**?” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 482).

“Talvez a **resistência** à conscientização dos pensamentos oníricos possa ser evitada sem que tenha havido qualquer redução em seu poder. E parece plausível que *ambos* os fatores que favorecem a formação dos sonhos — a redução e a evitação da **resistência** — sejam simultaneamente possibilitados pelo estado de sono.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 483)

“Sempre que um elemento psíquico está vinculado a outro por uma associação objetável ou superficial, há também entre eles um vínculo legítimo e mais profundo que está submetido à resistência da censura.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 486).

“o sonho é reconhecido como uma forma de expressão de moções que se encontram sob a pressão da **resistência** durante o dia, mas que puderam, durante a noite, achar reforço em fontes de excitação situadas nas camadas mais profundas.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 555).

Censura

“O fato de os fenômenos da **censura** e da distorção onírica corresponderem uns aos outros nos mínimos detalhes justifica nossa pressuposição de que sejam similarmente determinados. Podemos, portanto, supor que os sonhos recebem sua forma em cada ser humano mediante a ação de duas forças psíquicas (ou podemos descrevê-las como correntes ou sistemas); e que uma dessas forças constrói o desejo que é expresso pelo sonho, enquanto a outra exerce uma **censura** sobre esse desejo onírico e, pelo emprego dessa **censura**, acarreta forçosamente uma distorção na expressão do desejo.” (A interpretação dos sonhos, Vol. IV, p. 159).

“A dúvida sobre a exatidão do relato de um sonho ou de certos pormenores dele é também um derivado da **censura** onírica, da resistência à irrupção dos pensamentos oníricos na consciência.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 474).

“Também o esquecimento dos sonhos permanece inexplicável enquanto não se leva em consideração o poder da **censura** psíquica.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 475).

“A verdadeira razão do predomínio de associações superficiais não está no abandono das representações-meta, mas sim na pressão da **censura**. As associações superficiais substituem as profundas quando a **censura** torna intransitáveis as vias normais de ligação.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 486).

“Aqui se podem distinguir dois casos, embora, em essência, eles sejam o mesmo. No primeiro, a **censura** se volta apenas contra a *ligação* entre dois pensamentos que, separadamente, não suscitam objeção. Nesse caso, os dois pensamentos penetram sucessivamente na consciência; a ligação entre eles permanece oculta e, em seu lugar, ocorrenos entre os dois uma ligação superficial em que, de outra maneira, nunca teríamos pensado. Essa ligação costuma estar vinculada a uma parte do complexo de repressões muito diferente daquela em que se baseia a ligação suprimida e essencial.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 486).

“O segundo caso é aquele em que os dois pensamentos, por si só, não submetidos à **censura** por causa de conteúdo. Sendo assim, nenhum dos dois aparece em sua forma verdadeira, mas

apenas numa forma modificada que a substitui [...]” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 487)

“A experiência nos mostra que essa via que passa pelo pré-consciente para chegar à consciência é barrada aos pensamentos oníricos durante o dia através da **censura** imposta pela resistência.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 496).

Memória

“Em primeiro lugar, o que lembramos de um sonho, aquilo em que exercemos nossa arte interpretativa, já foi mutilado pela infidelidade de nossa **memória**, que parece singularmente incapaz de reter um sonho e bem pode ter perdido exatamente as partes mais importantes de seu conteúdo.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 471).

“Em nosso aparelho psíquico permanece um traço nas percepções que incidem sobre ele. A este podemos descrever como ‘traços mnêmicos’, e à função que com ele se relaciona damos o nome de ‘**memória**’.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 493).

“Suporemos que um sistema logo na parte frontal do aparelho recebe os estímulos perceptivos, mas não preserva nenhum traço deles, e portanto, não tem **memória**, enquanto, por trás dele, há um sistema que transforma as excitações momentâneas do primeiro em traços permanentes.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 493).

“Nossas percepções acham-se mutuamente ligadas em nossa **memória** — antes de mais nada, segundo a simultaneidade de sua ocorrência. Referimo-nos a esse fato como ‘associação’. Assim, fica claro que, se o sistema Pcpt. não tem nenhuma **memória**, ele não pode reter nenhum traço associativo; os elementos isolados do Pcpt. ficariam intoleravelmente impedidos de desempenhar sua função se o remanescente de uma ligação anterior exercesse alguma influência nas novas percepções.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 494).

“É o sistema Pcpt., desprovido da capacidade de reter modificações, e portanto sem **memória**, que supre nossa consciência de toda a multiplicidade das qualidades sensoriais.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 494).

“estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha-se formado por um processo de estratificação: o material presente em forma de traços da **memória** estaria sujeito, de tempos em tempos, a um *rearranjo* segundo novas circunstâncias - a uma *retranscrição*” (A carta 52, p. 324).

“Assim, o que há de essencialmente novo a respeito de minha teoria é a tese de que a **memória** não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações.” (A carta 52, p. 324).

Escrita

“Os pensamentos do sonho tornam-se imediatamente compreensíveis tão logo tomamos conhecimento deles. O conteúdo do sonho, por outro lado, é expresso, por assim dizer, numa **escrita** pictográfica cujos caracteres têm que se individualmente transpostos para a linguagem dos pensamentos do sonho. Se tentássemos ler esses caracteres segundo seu valor pictórico e não de acordo com sua relação simbólica, seríamos claramente induzidos ao erro. Suponhamos que eu tenha diante de mim um quebra-cabeças feito de figuras, um rébus.” (A interpretação dos sonhos, Vol. IV, p. 270).

Tradução

“o conteúdo do sonho é como uma transcrição dos pensamentos oníricos em outro modo de expressão cujos caracteres e leis sintáticas é nossa tarefa descobrir, comparando o original e a **tradução**.” (A interpretação dos sonhos, Vol. IV, p. 270).

“Gostaria de acentuar o fato de que os sucessivos registros representam a realização psíquica de épocas sucessivas da vida. Na fronteira entre essas épocas deve ocorrer uma **tradução** do material psíquico.” (A carta 52, p. 326).

“Explico as peculiaridades das psiconeuroses com a suposição de que essa **tradução** não se fez no caso de uma determinada parte do material, o que provoca determinadas consequências.” (A carta 52, p. 326).

“Uma falha na **tradução** — isto é o que se conhece clinicamente como ‘recalcamento’. Seu motivo é sempre a produção de desprazer que seria gerada por uma **tradução**; é como se esse desprazer provocasse um distúrbio do pensamento que não permitisse o trabalho de **tradução**.” (A carta 52, p. 326).

“Quando uma experiência sexual é recordada numa fase diferente, a liberação de prazer é acompanhada por uma compulsão e a liberação de desprazer é acompanhada pelo recalcamento. Em ambos os casos, a **tradução** para as indicações de uma nova fase parece ser inibida (?).” (A carta 52, p. 327).

Interpretação

“precisamente os elementos mais triviais de um sonho são indispensáveis a sua **interpretação** e que o trabalho em andamento é interrompido quando se tarda a prestar a atenção a esses elementos.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 472)

Arbitrárias

“as modificações a que os sonhos são submetidos na redação [*Redaktion*] da vida de vigília tampouco são **arbitrárias**. Estão associativamente ligadas ao material que substituem e servem para indicar-nos o caminho para esse material, que, por sua vez, pode ser substituto de alguma outra coisa.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 473).

“Nossos críticos objetam a isso nos seguintes termos: não há nada de maravilhoso no fato de um elemento isolado no sonho nos conduzir a *algum lugar*; toda representação pode ser associada com *algo*. O que é excepcional é que uma cadeia de pensamentos tão **arbitrária** e sem objetivo nos leve aos pensamentos oníricos.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 483).

Umbigo dos sonhos

“Mesmo no sonho mais minuciosamente interpretado, é frequente haver um trecho que tem de ser deixado na obscuridade; é que, durante o trabalho de interpretação, apercebemo-nos de que há nesse ponto um emaranhado de pensamentos oníricos que não se deixa desenredar e que, além disso, nada acrescenta a nosso conhecimento do conteúdo do sonho. Esse é o **umbigo do sonho**, o ponto onde ele mergulha no desconhecido.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 482)

Desejo

“O fato de os fenômenos da censura e da distorção onírica corresponderem uns aos outros nos mínimos detalhes justifica nossa pressuposição de que sejam similarmente determinados. Podemos, portanto, supor que os sonhos recebem sua forma em cada ser humano mediante a ação de duas forças psíquicas (ou podemos descrevê-las como correntes ou sistemas); e que uma dessas forças constrói o **desejo** que é expresso pelo sonho, enquanto a outra exerce uma censura sobre esse **desejo** onírico e, pelo emprego dessa censura, acarreta forçosamente uma distorção na expressão do **desejo**.” (A interpretação dos sonhos, Vol. IV, p. 159).

“Os pensamentos oníricos a que somos levados pela interpretação não podem, pela natureza das coisas, ter um fim definido; estão fadados a ramificar-se em todas as direções dentro da intrincada rede de nosso mundo do pensamento. É de algum ponto em que essa trama é particularmente fechada que brota o **desejo** do sonho, tal como um cogumelo de seu micélio.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 482).

“os sonhos se valem do presente da mesma maneira e com o mesmo direito que os devaneios. O presente é o tempo em que os **desejos** se representam como realizados.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 490).

“quando considerarmos o **desejo** onírico, descobriremos que a força propulsora da formação dos sonhos é fornecida pelo Ics.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 496).

“É minha suposição que um **desejo** consciente só consegue tornar-se instigador do sonho quando logra despertar um **desejo** inconsciente do mesmo teor e dele obter reforço.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 505).

“considero que **desejo** inconscientes estão sempre em estado de alerta, prontos a qualquer momento para buscar o meio de se expressarem quando surge a oportunidade de se aliarem a uma moção do consciente e transferirem sua grande intensidade para a intensidade menor desta última.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 505).

“Esses **desejos** de nosso inconsciente, sempre em estado de alerta e, por assim dizer, imortais, fazem lembrar os legendários.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 506).

“A meu ver, portanto, as moções de **desejo** que restam da vida consciente de vigília devem ser relegadas a uma posição secundária com respeito à formação dos sonhos.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 506).

“A ação do **desejo** de continuar dormindo pode ser percebida com extrema facilidade nos sonhos de despertar, que modificam os estímulos sensoriais externos de maneira a torná-los compatíveis com a continuação do sono; eles o entretencem no sonho para privá-los de qualquer possibilidade de agirem como lembretes do mundo externo. Esse mesmo **desejo**, contudo, deve desempenhar um papel idêntico para permitir a ocorrência de todos os outros sonhos, embora seja apenas *de dentro* que eles ameaçam arrancar o sujeito de seu sono.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 520).

“O respeito conferido aos sonhos na Antiguidade, entretanto, baseia-se num discernimento psicológico correto e é a homenagem prestada às forças incontroladas e indestrutíveis do espírito humano, ao poder ‘demoníaco’ que produz o **desejo** onírico e que encontramos em ação em nosso inconsciente.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 555).

Inconsciente

“O **inconsciente** é a verdadeira realidade psíquica; em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o é o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos sensoriais.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 554).

“O respeito conferido aos sonhos na Antiguidade, entretanto, baseia-se num discernimento psicológico correto e é a homenagem prestada às forças incontroladas e indestrutíveis do espírito humano, ao poder ‘demoníaco’ que produz o desejo onírico e que encontramos em ação em nosso **inconsciente**.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 555).

“A nova descoberta que nos foi ensinada pela análise das formações psicopatológicas e do primeiro membro dessa classe — o sonho — reside no fato de que o **inconsciente** (isto é, o psíquico) é encontrado como uma função de dois sistemas separados e de que isso acontece tanto na vida normal quanto na patológica. Portanto, há dois tipos de **inconsciente**, que ainda não foram distinguidos pelos psicólogos. Ambos são **inconscientes** no sentido empregado pela psicologia, mas, em nosso sentido, um deles, que denominamos de *Ics.*, é também *inadmissível à consciência*, enquanto ao outro chamamos *Pcs.*, porque suas excitações [...] conseguem alcançar a consciência.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 556).

Pensamento onírico

“o conteúdo do sonho é como uma transcrição dos **pensamentos oníricos** em outro modo de expressão cujos caracteres e leis sintáticas é nossa tarefa descobrir, comparando o original e a tradução.” (A interpretação dos sonhos, Vol. IV, p. 270).

“Nossos críticos objetam a isso nos seguintes termos: não há nada de maravilhoso no fato de um elemento isolado no sonho nos conduzir a *algum lugar*; toda representação pode ser associada com *algo*. O que é excepcional é que uma cadeia de pensamentos tão arbitrária e sem objetivo nos leve aos **pensamentos oníricos**.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 483).

“Os **pensamentos oníricos** a que somos levados pela interpretação não podem, pela natureza das coisas, ter um fim definido; estão fadados a ramificar-se em todas as direções dentro da intrincada rede de nosso mundo do pensamento.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 483).

“A experiência nos mostra que essa via que passa pelo pré-consciente para chegar à consciência é barrada aos **pensamentos oníricos** durante o dia através da censura imposta pela resistência.” (A interpretação dos sonhos, Vol. V, p. 496).

LACAN, J

Escrito [Écrit]

Esse é o escrito que Lacan situa entre “o **escrito** e a fala: ela [a sua contribuição] ficará a meio caminho.” (A instância da letra ou a razão desde Freud, 1957, p. 496).

“o **escrito** não é primeiro, e sim segundo, em relação a toda função de linguagem, e que, no entanto, sem o **escrito**, não há nenhuma possibilidade de voltar a questionar o que resulta, em primeiro lugar, do efeito da linguagem como tal, ou dito de outra maneira, da ordem simbólica, isto é, a dimensão, para lhes dar prazer, mas vocês sabem que introduzi um outro termo, a diz-mansão [*demansion*], a residência, o lugar do Outro da verdade.” (Seminário 18, p. 60)

“Interrogar a diz-mansão da verdade em sua morada é algo — aí está a novidade do que introduzo hoje — que só se faz pelo **escrito**, e pelo escrito na medida em que é somente a partir do **escrito** que se constitui a lógica.” (Seminário 18, p. 60).

“O próprio **escrito**, na medida em que se distingue da linguagem, está aí para nos mostrar que, se é do **escrito** que se interroga a linguagem, é justamente porque o **escrito** não é linguagem, mas só se constrói, só se fabrica por sua referência à linguagem.” (Seminário 18, p. 60).

“a relação sexual, como qualquer outra relação, só subsiste, em última instância, a partir do **escrito**” (Seminário 18, p. 60).

“Parece-me que a observação que posso fazer — do ponto em que me encontro no tocante às relações entre a fala e o **escrito**, no que concerne, pelo menos nesta primeira aresta, ao que há de especial na função do **escrito** em relação a qualquer discurso — é, talvez, mais apropriada para fazer os matemáticos se aperceberem do que indiquei da última vez: que a própria intuição do espaço euclidiano deve alguma coisa ao **escrito**.” (Seminário 18, p. 94)

“Constata-se que o gozo sexual não pode ser **escrito**, e é disso que resulta a multiplicidade estrutural, para começar, a tétrade, na qual se desenha alguma coisa que a situa, mas que permanece inseparável de um certo número de funções que, em suma, nada tem a ver com o que pode especificar, em termos gerais, o parceiro sexual.” (Seminário 18, p. 100).

“Para fechar o circuito com uma coisa mais coerente, parece-me, em razão do que já expus, não poder deixar de acrescentar o *está escrito* impossível com que um dia talvez se instaure a relação sexual.” (Seminário 18, p. 119).

“É a partir da fala, é claro, que se abre caminho para o **escrito**. Meus *Escritos*, se os intitulei assim, foi por eles representarem uma tentativa, uma tentativa de **escrito**, como fica suficientemente destacado pelo fato de isso ter levado a grafos.” (Seminário 18, p. 57).

“os grafos só são compreendidos em função, eu diria, do mínimo efeito de estilo dos citados *Escritos*, que são, de certo modo, os degraus de acesso a eles. É por isso que o **escrito** retomado por si só, quer se trate deste ou daquele esquema, do que chamamos de *L* ou de qualquer outra coisa, ou do próprio grande grafo, apresenta, ocasionalmente, toda sorte de mal-entendidos.” (Seminário 18, p. 57).

Fala

Esse é o escrito que Lacan situa entre “o escrito e a **fala**: ela [a sua contribuição] ficará a meio caminho.” (A instância da letra ou a razão desde Freud, p. 496).

“para-além dessa **fala**, é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente.” (A instância da letra, p. 498)

“Podemos acompanhar ao longo dos anos decorridos, essa aversão do interesse pelas funções da **fala** e pelo campo da linguagem.” (Função e campo da fala e da linguagem, 1953/1998, p.243)

“Com efeito, a promoção da resistência do objeto na teoria e na técnica deve ser submetida, ela mesma, à dialética da análise, que só pode reconhecer nisso um alibi do sujeito” (Função e campo, p.243)

“Quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe de apenas um meio: a **fala** do paciente.” (Função e campo, p. 248)

“Toda **fala** pede uma resposta.” (Função e campo, p. 248).

“Mesmo que não comunique nada, o discurso apresenta a existência da comunicação; mesmo que negue a evidência, ele afirma que a **fala** constitui a verdade; mesmo que se destine a enganar, ele especula com a fé no testemunho.” (Função e campo, p. 253).

“Pois a verdade dessa revelação é a **fala** presente, que a atesta na realidade atual e que funda essa verdade em nome dessa realidade. Ora, nessa realidade, somente a **fala** testemunha parcela dos poderes do passado que foi afastada a cada encruzilhada em que o acontecimento fez uma escolha.” (Função e campo, p. 257)

“É justamente essa assunção de sua história pelo sujeito, no que ela é constituída pela **fala** endereçada ao outro, que serve de fundamento ao novo todo a que Freud deu o nome de psicanálise, não em 1904- [...] porém em 1895.” (Função e campo, p. 258)

“Seus meios [o do método psicanalítico] são os da **fala**, na medida em que ela confere um sentido às funções do indivíduo; seu campo é o do discurso concreto, como campo da realidade transindividual do sujeito; suas operações são as da história, no que ela constitui a emergência da verdade no real.” (Função e campo, p. 259)

“Com efeito, como haveria a **fala** de esgotar o sentido da **fala** – ou, para dizê-lo melhor, com o logicismo positivista de Oxford, o sentido do sentido- , a não ser no ato que o gera? Assim, a inversão goetheana de sua presença nas origens- ‘No começo era a ação’- inverte-se, por sua vez: era realmente o verbo que estava no começo, e vivemos em sua criação, mas é a ação de nosso espírito que dá continuidade a essa criação, renovando-a sempre.” (Função e campo, p.273)

“Na loucura, seja qual for sua natureza, convém reconhecemos, de um lado, a liberdade negativa de uma **fala** que renunciou a se fazer reconhecer, ou seja, aquilo que chamamos obstáculo à transferência, e, de outro lado, a formação singular de um delírio que – fabulatório, fantasístico ou cosmológico; interpretativo, reivindicatório ou idealista- objetiva o sujeito em uma linguagem sem dialética.” (Função e campo, p.281). [se refere à psicose]

“A ausência da **fala** manifesta-se nela pelas estereotípias de um discurso em que o sujeito, pode-se dizer, é mais falado do que fala: ali reconhecemos os símbolos do inconsciente sob formas petrificadas, que, ao lado das formas embalsamadas com que se apresentam os mitos em nossas coletâneas, encontram seu lugar numa história natural desses símbolos.” (Função e campo, p.281). [ainda sobre a psicose]

“O sintoma, aqui, é o significante de um significado recalcado da consciência do sujeito. Símbolo escrito na areia da carne e no véu de Maia, ele participa da linguagem pela

ambiguidade semântica que já sublinhamos em sua constituição. Mas é uma **fala** em plena atividade, pois inclui o outro no segredo de seu código. Foi decifrando essa **fala** que Freud encontrou a linguagem primeira dos símbolos, ainda viva no sofrimento do homem da civilização.” (Função e campo, p.282).

“A semelhança dessa situação [sujeito da civilização científica] com a alienação na loucura, na medida em que a forma dada mais acima é autêntica, ou seja, em que nela o sujeito é mais falado do que **fala**, ressalta evidentemente da exigência, suposta pela psicanálise, de uma **fala** verdadeira.” (Função e campo, p. 284).

“É certo que os princípios da análise das resistências, por mais bem fundados que sejam, deram ensejo, na prática, a um desconhecimento cada vez maior do sujeito, por não serem compreendidos em sua relação com a intersubjetividade da **fala**.” (Função e campo, p.291).

“Sempre encontramos, pois, nossa dupla referência à **fala** e à linguagem. Para liberar a **fala** do sujeito, nós o introduzimos na linguagem de seu desejo, isto é, na linguagem primeira em que, para-além do que ele nos diz de si, ele já nos **fala** à sua revelia, e prontamente o introduzimos nos símbolos do sintoma.” (Função e campo, p. 294).

“[...] a linguagem humana constituiria, então, uma comunicação em que o emissor recebe do receptor sua própria mensagem sob forma invertida, fórmula esta que nos bastou apenas retomar da boca do opositor para nela reconhecer a marca de nosso próprio pensamento, ou seja, que a **fala** sempre inclui subjetivamente sua resposta, que o ‘Tu não me procurarias, se não me houvesse encontrado’ só faz homologar essa verdade, e que é essa a razão por que, na recusa paranoica do reconhecimento, é sob a forma de uma verbalização negativa que o sentimento inconfessável vem a surgir na ‘interpretação’ persecutória.” (Função e campo, p. 299).

“Vemos, pois, a antinomia imanente às relações da **fala** com a linguagem. À medida que a linguagem se torna mais funcional, ela se torna imprópria para a **fala** e, ao se nos tornar demasiadamente particular, perde sua função de linguagem.” (Função e campo, p.300).

“O que busco na **fala** é a resposta do outro. O que me constitui como sujeito é minha pergunta. Para me fazer reconhecer pelo outro, só profiro aquilo que foi com vistas ao que será. Para encontrá-lo, chamo-o por um nome que ele deve assumir ou recusar para me responder. Eu me identifico na linguagem, mas somente ao me perder nela como objeto (Função e campo, p. 301)

“A partir daí, surge a função decisiva de minha própria resposta, e que não é apenas, como se diz, a de ser aceita pelo sujeito como aprovação ou rejeição de seu discurso, mas realmente, a de reconhecê-lo ou aboli-lo como sujeito. É essa a *responsabilidade* do analista, toda vez que ele intervém pela **fala**.” (Função e campo, p. 301).

“A **fala**, com efeito, é um dom de linguagem, e a linguagem não é imaterial. É um corpo sutil, mas é um corpo.” (Função e campo, p. 302)

“Que ela os faça compreender, enfim, que é no dom da **fala** que reside toda a realidade de seus efeitos; pois foi através desse dom que toda realidade chegou ao homem, e é por seu ato contínuo que ele a mantém.” (Função e campo, p.323).

“Fala-nos’. ‘Da’, disse Prajapati, o deus do trovão. ‘Haveis-me ouvido?’ E os deuses responderam: ‘Tu nos disseste: *Dmyata*, domai-vos’- querendo o texto sagrado dizer que as potenciais superiores submetem-se à lei da **fala**.” (Função e campo, p.323).

“É a partir da **fala**, é claro, que se abre caminho para o escrito. Meus *Escritos*, se os intitulei assim, foi por eles representarem uma tentativa, uma tentativa de escrito, como fica suficientemente destacado pelo fato de isso ter levado a grafos.” (Seminário 18, p. 57).

Letra

“Mas essa **letra** [do inconsciente], como se há de tomá-la aqui? Muito simplesmente: ao pé da **letra**. Designamos por **letra** este suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem.” (A instância da letra. 1957, p. 498)

“Por onde se vê que um elemento essencial na própria fala estava predestinado a fluir nos caracteres móveis que, qual Didots ou Garamonds a se imprimirem em caixa baixa, presentificam validamente aquilo a que chamamos **letra**, ou seja, a estrutura essencialmente localizada do significante.” (A instância da letra, p. 504)

“Então, que retomemos a obra de Freud na *Traumdeutung*, para ali nos lembrarmos que o sonho tem a estrutura de uma frase, ou melhor, atendo-nos à sua **letra**, de um rébus, isto é, de uma escrita da qual o sonho da criança representaria a ideografia primordial, e que reproduz no adulto o emprego fonético e simbólico, simultaneamente, dos elementos significantes que tanto encontramos nos hieróglifos do antigo Egito quanto nos caracteres cujo uso a China conserva.” (Função e campo, p. 268)

“não foi absolutamente à toa que meus *Escritos* começaram pelo ‘Seminário sobre ‘A carta roubada’’. A *carta/letra* [*lettre*] é tomada ali num sentido diferente do de “A instância da **letra** [*lettre*] no inconsciente” — no sentido da epístola.” (Seminário 18, p. 86)

“a singularidade da carta/**letra**, que, como indica o título, é o *verdadeiro sujeito* do conto: é por poder sofrer um desvio que ela tem um trajeto *que lhe é próprio*. Traço onde se afirma, aqui, sua incidência significante.” (A carta roubada, p. 33).

“O ser [*l'être*], só o podemos tomar ao pé da **letra** [*lettre*]. Afinal de contar, é algo da ordem do ser que satisfaz o *Wunsch*. Em suma, é só no sonho, ao menos no plano do ser, que o *Wunsch* pode se satisfazer.” (Seminário 6, p. 57).

“Precisamente, pelo que a verdade que ela introduz, a do inconsciente, deve à **letra** da linguagem, àquilo que chamamos significante.” (De um desígnio, p. 367).

“Pois deixar-se conduzir dessa maneira pela **letra** de Freud até o clarão que ela necessita, sem marcar encontro prévio, não recuar ante o resíduo, reencontrado no fim, de seu começo enigmático, e inclusive não considerar resolvido, ao cabo do processo de espanto com que se nele ingressou, foi nisso que um lógico experiente nos trouxe a garantia daquilo em que consistia nossa busca, quando, já se iam três anos, entendíamos autorizar-nos de um comentário literal de Freud.” (De um desígnio, p. 366).

“O privilégio dado à **letra** de Freud nada tem de supersticioso em nós. É ali onde se tomam liberdades com ela que se introduz uma espécie de sacralização muito compatível com sua degradação num uso rotineiro.” (De um desígnio, p. 366).

“Entre o gozo e o saber, a **letra** constituiria o litoral [...] Resta saber como o inconsciente — que digo ser efeito de linguagem, já que pressupõe a estrutura dela como necessária e suficiente — comanda essa função da **letra**.” (Seminário 18, p. 110).

“Ela [a letra] simboliza facilmente, portanto, todos esses efeitos de significante, mas isso de modo algum impõe que ela seja, a **letra**, seja primária nesses mesmos efeitos para os quais me serve de instrumento. Impõe-se menos o exame desse primarismo, que nem sequer deve ser suposto, do que o daquilo que, pela linguagem, convoca o litoral para o literal.” (Seminário 18, p. 110).

“Não é a **letra**...litoral, mais propriamente, ou seja, figurando que um campo inteiro serve de fronteira para o outro, por serem eles estrangeiros, a ponto de não serem recíprocos?” (Lituraterra, p. 18).

“Nada do que escrevi, com a ajuda de **letras**, sobre as formações do inconsciente, para resgatá-las daquilo com que Freud as enuncia mais simplesmente, como fatos de linguagem, nada permite confundir, como se tem feito, a **letra** com o significante. O que escrevi com a ajuda de **letras** sobre as formações do inconsciente não autoriza a fazer da **letra** um significante, e a lhe atribuir, ainda por cima, uma primazia em relação ao significante.” (Seminário 18, p.110).

“A escrita, a **letra** está no real, e o significante, no simbólico. Desse jeito, isso poderá lhes servir de estribilho” (Seminário 18, p.114)

“É a **letra**, e não o signo, que aqui serve de apoio ao significante, mas como qualquer outra coisa que siga a lei da metáfora, que, nestes últimos tempos, lembrei constituir a essência da linguagem. É sempre de um lugar diferente de onde está a linguagem, ou seja, do discurso, que ela capta seja o que for na rede do significante, e portanto, a própria escrita.” (Seminário 18, p. 117).

“E como é que a psicanálise, se justamente o que a **letra** diz por sua boca ‘ao pé da **letra**’ não lhe conveio desconhecer, como poderia a psicanálise negar que ele existe, esse furo, posto que, para preenchê-lo, ela recorre a invocar nele o gozo?” (Lituraterra, p. 18).

“em japonês, a verdade reforça a estrutura da ficção que denoto aí, justamente, por lhe acrescentar as leis da polidez. Singularmente, isso parece trazer como resultado que não há nada de recalcado para defender, já que o próprio recalcado consegue se alojar pela referência à **letra**. Em outras palavras, o sujeito é dividido pela linguagem, mas um de seus registros pode satisfazer-se com a referência à escrita, e o outro, com o exercício da fala.” (Seminário 18, p. 117).

“É a **letra**, e não o signo, que aqui serve de apoio ao significante, mas como qualquer outra coisa que siga a lei da metáfora, que, nestes últimos tempos, lembrei constituir a essência da linguagem. É sempre de um lugar diferente de onde está a linguagem, ou seja, do discurso, que ela capta seja o que for na rede do significante, e portanto, a própria escrita.” (Seminário 18, p.117).

“Da escrita, depois que a linguagem existe, nós vimos as mutações. O que se escreve é a **letra**, e a **letra** não se fabricou sempre da mesma maneira. Sobre isto, fazem história, a história da escrita, e quebram a cabeça imaginando para o que é que poderiam servir as pictografias maias e as astecas e, um pouco mais longe, os calhaus de Mas-d’Azil — o que é

que poderia ser aquilo, aqueles dados engraçados, o que é que se jogava com eles?” (Seminário 20, p. 52).

Linguagem

“Na perspectiva freudiana, o homem é o sujeito preso e torturado pela **linguagem**.” (Seminário 3, p. 284).

“é toda a estrutura da **linguagem** que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente.” (A instância da letra, p. 498)

“a **linguagem** com sua estrutura preexiste à entrada de cada sujeito num momento de seu desenvolvimento mental.” (A instância da letra, p. 498.)

“Também o sujeito, se pode parecer servo da **linguagem**, o é ainda mais de um discurso em cujo movimento universal seu lugar está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio.” (A instância da letra, p. 498)

“fato de a **linguagem** ter efetivamente conquistado, na experiência, seu status de objeto científico.” (A instância da letra, p. 499)

“Se formos discernir na **linguagem** a constituição do objeto, só poderemos constatar que ela se encontra apenas no nível do conceito, bem diferente de qualquer nominativo, e que a *coisa*, evidentemente ao se reduzir ao nome, cinde-se no duplo raio divergente: o da causa em que ela encontrou abrigo em nossa língua e o do nada ao qual abandonou sua veste latina (*rem*).” (A instância da letra, p. 501)

“Essas considerações, por mais existentes que sejam para o filósofo, desviam-nos do lugar de onde a **linguagem** nos interroga sobre sua natureza” (A instância da letra, p.501)

“O sintoma, aqui, é o significante de um significado recalcado da consciência do sujeito. Símbolo escrito na areia da carne e no véu de Maia, ele participa da **linguagem** pela ambiguidade semântica que já sublinhamos em sua constituição. Mas é uma fala em plena atividade, pois inclui o outro no segredo de seu código. Foi decifrando essa fala que Freud encontrou a linguagem primeira dos símbolos, ainda viva no sofrimento do homem da civilização.” (Função e campo, p.282).

“O terceiro paradoxo da relação da **linguagem** com a fala é o do sujeito que perde seu sentido nas objetivações do discurso. [...] nisto está a alienação mais profunda do sujeito na civilização científica [...] O eu do homem moderno adquiriu sua forma, como indicamos em outro ponto, no impasse dialético da bela alma que não reconhece a própria razão de seu ser na desordem que ela denuncia no mundo.” (Função e campo, p. 283).

“Sempre encontramos, pois, nossa dupla referência à fala e à **linguagem**. Para liberar a fala do sujeito, nós o introduzimos na **linguagem** de seu desejo, isto é, na **linguagem** primeira em que, para-além do que ele nos diz de si, ele já nos fala à sua revelia, e prontamente o introduzimos nos símbolos do sintoma.” (Função e campo, p. 294).

“[...] a **linguagem** humana constituiria, então, uma comunicação em que o emissor recebe do receptor sua própria mensagem sob forma invertida, fórmula esta que nos bastou apenas retomar da boca do opositor para nela reconhecer a marca de nosso próprio pensamento, ou seja, que a fala sempre inclui subjetivamente sua resposta, que o ‘Tu não me procurarias, se

não me houvesse encontrado” só faz homologar essa verdade, e que é essa a razão por que, na recusa paranoica do reconhecimento, é sob a forma de uma verbalização negativa que o sentimento inconfessável vem a surgir na ‘interpretação’ persecutória.” (Função e campo, p. 299).

“Vemos, pois, a antinomia imanente às relações da fala com a **linguagem**. À medida que a **linguagem** se torna mais funcional, ela se torna imprópria para a fala e, ao se nos tornar demasiadamente particular, perde sua função de **linguagem**.” (Função e campo, p.300).

“O que busco na fala é a resposta do outro. O que me constitui como sujeito é minha pergunta. Para me fazer reconhecer pelo outro, só profiro aquilo que foi com vistas ao que será. Para encontrá-lo, chamo-o por um nome que ele deve assumir ou recusar para me responder. Eu me identifico na **linguagem**, mas somente ao me perder nela como objeto (Função e campo, p. 301).

“A fala, com efeito, é um dom de **linguagem**, e a **linguagem** não é imaterial. É um corpo sutil, mas é um corpo.” (Função e campo, p. 302)

“Esse valor é essencialmente de **linguagem**. Fora da **linguagem**, ela nem mesmo poderia ser concebida, e o ser daquele que viveu não poderia ser assim destacado de tudo o que ele veiculou como bem e como mal, como destino, como consequência para os outros, e como sentimentos para si mesmo. Essa pureza, essa separação do ser de todas as características do drama histórico que ele atravessou, é justamente esse o limite, o *ex-nihilo* em torno do qual Antígona se mantém. Nada mais é do que o corte que a própria presença da **linguagem** instaura na vida do homem.” (Seminário 7, p. 338)

“Emprestar minha voz ao sustento dessas palavras intoleráveis, ‘Eu, a verdade, falo...’, ultrapassa a alegoria. Isso quer dizer, muito simplesmente, tudo o que há por dizer da verdade, da única, ou seja, que não existe **metalinguagem** (afirmação feita para situar todo o lógico-positivismo), que nenhuma **linguagem** pode dizer o verdadeiro sobre o verdadeiro, uma vez que a verdade se funda pelo fato de que a fala, e não dispõe de outro meio para fazê-lo. É por isso mesmo que o inconsciente que a diz, o verdadeiro sobre o verdadeiro, é estruturado como uma **linguagem**, e é por isso que eu, quando ensino isso, digo o verdadeiro sobre Freud que soube deixar, sob o nome de inconsciente, que a verdade falasse.” (Lacan, J. A ciência e a verdade, p. 882).

“Para que nascesse a **linguagem** — e já é alguma coisa levantar a questão —, foi preciso que se estabelecesse em algum lugar esse algo que já lhes indiquei a propósito da aposta de Pascal, que não vamos relembrar. O chato dessa suposição é que ela já pressupõe o funcionamento da **linguagem**, porque se trata do inconsciente.” (Seminário 18, p. 16).

“O próprio escrito, na medida em que se distingue da **linguagem**, está aí para nos mostrar que, se é do escrito que se interroga a **linguagem**, é justamente porque o escrito não é linguagem, mas só se constrói, só se fabrica por sua referência à **linguagem**.” (Seminário 18, p. 60).

“o escrito não é primeiro, e sim segundo, em relação a toda função de **linguagem**, e que, no entanto, sem o escrito, não há nenhuma possibilidade de voltar a questionar o que resulta, em primeiro lugar, do efeito da **linguagem** como tal, ou dito de outra maneira, da ordem simbólica, isto é, a dimensão, para lhes dar prazer, mas vocês sabem que introduzi um outro

termo, a diz-mansão [*demansion*], a residência, o lugar do Outro da verdade.” (Seminário 18, p. 60).

“Entre o gozo e o saber, a letra constituiria o litoral [...] Resta saber como o inconsciente — que digo ser efeito de **linguagem**, já que pressupõe a estrutura dela como necessária e suficiente — comanda essa função da letra.” (Seminário 18, p. 110).

“É a letra, e não o signo, que aqui serve de apoio ao significante, mas como qualquer outra coisa que siga a lei da metáfora, que, nestes últimos tempos, lembrei constituir a essência da **linguagem**. É sempre de um lugar diferente de onde está a **linguagem**, ou seja, do discurso, que ela capta seja o que for na rede do significante, e portanto, a própria escrita.” (Seminário 18, p.117).

“Essa diz-mensão de um impossível, que, incidentalmente chega a compreender o impasse propriamente lógico, é, num outro texto, aquilo a que chamamos estrutura. A estrutura é o real que vem à luz na **linguagem**. Obviamente não tem nenhuma relação com a ‘boa forma’”. (O aturdito, p.478).

“A topologia não foi feita para nos ‘guiar’ na estrutura. Ela é a estrutura- como retroação da ordem de cadeia em que consiste a **linguagem**.” (O aturdito, p. 485).

“O inconsciente é estruturado *como* uma **linguagem**, eu não disse *pela*. [...] para explicar por que deixei passar uma extravagância como fazer do inconsciente ‘a condição da **linguagem**’, quando é manifestamente *pela linguagem* que explico o inconsciente: a **linguagem**, portanto, como fiz transcrever no texto revisto de uma tese, é a condição do inconsciente.” (O aturdito, p. 490).

“Esse dizer provem apenas do fato de que o inconsciente, por ser estruturado *como uma linguagem*, isto é, como a língua que ele habita, está sujeito à equivocidade pela qual cada uma delas se distingue. Uma língua entre outras não é nada além da integral dos equívocos que sua história deixou persistirem nela.” (O aturdito, p. 492).

“Para além da **linguagem**, este efeito que se produz por se suportar somente na escrita, está com certeza o ideal da matemática. Ora, recusar-se à referência à escrita é proibir-se aquilo que, de todos os efeitos da **linguagem**, pode chegar a se articular. Essa articulação se faz naquilo que resulta da **linguagem** o que quer que façamos, isto é, um suposto alguém, e um além.” (Seminário 20, p. 50).

Linguística

“A **linguística**, frisamos, ou seja, o estudo das línguas existentes em sua estrutura e nas leis que nela se revelam- o que deixa de fora a teoria dos códigos abstratos, impropriamente elevada à categoria da teoria da comunicação, ou a chamada teoria, constituída pela física, da informação, ou qualquer semiologia mais ou menos hipoteticamente generalizada.” (A instância da letra, p. 499)

“Para marcar o surgimento da disciplina **linguística**, diremos que ela se sustenta, como acontece com toda ciência no sentido moderno, no momento constitutivo de um algoritmo que a funda.” (A instância da letra, p. 500)

Signo

“O **signo** assim redigido merece ser atribuído à Ferdinand de Saussure” (A instância da letra, p. 500).

“É a letra, e não o **signo**, que aqui serve de apoio ao significante, mas como qualquer outra coisa que siga a lei da metáfora, que, nestes últimos tempos, lembrei constituir a essência da linguagem. É sempre de um lugar diferente de onde está a linguagem, ou seja, do discurso, que ela capta seja o que for na rede do significante, e portanto, a própria escrita.” (Seminário 18, p. 117).

Barreira e barra

“A temática dessa ciência, por conseguinte, está efetivamente presa à posição primordial do significante e do significado, como ordens distintas e inicialmente separadas por uma **barreira** resistente à significação.” (A instância da letra, p. 500).

“Convém dizer-lhes que, se o Sr. Saussure viu-se relativamente em condições de qualificar os significantes de arbitrários, foi unicamente em razão de que se tratava de figurações escritas. Como poderia ele ter feito sua pequena **barra**, da qual usei e abusei suficientemente, com o troço de baixo e os troços de cima, se não houvesse escrita?” (Seminário 18, p. 85)

Significante

“Eis o que tornará possível um estudo exato das ligações próprias do **significante** e da amplitude da função destas na gênese do significado” (A instância da letra, p. 500)

“para mostrar como o **significante** de fato entra no significado, ou seja, de uma forma que, embora não seja imaterial, coloca a questão de seu lugar na realidade” (A instância da letra, p. 503) [a respeito do exemplo das duas portas gêmeas]

“Ora, a estrutura do **significante** está, como se diz comumente da linguagem, em ele ser articulado. Isso quer dizer, que suas unidades, de onde quer que se parta para desenhar suas invasões recíprocas e seus englobamentos crescentes, estão submetidas à dupla condição de se reduzirem a elementos diferenciais últimos e de os comporem segundo as leis de uma ordem fechada. Esses elementos, descoberta decisiva da linguística, são os fonemas [...]” (A instância da letra, p. 504)

“Com a segunda propriedade do **significante**, de se compor segundo as leis de uma ordem fechada, afirma-se a necessidade do substrato topológico do qual a expressão-‘cadeia significante’, que costumo utilizar, fornece uma aproximação: anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar feito de anéis.” (A instância da letra, p. 505)

“o **significante**, por sua natureza, sempre se antecipa ao sentido, desdobrando como que adiante dele sua dimensão. É o que se vê, no nível da frase, quando ela é interrompida antes do termo significativo: Eu nunca..., A verdade é que..., Talvez também.... Nem por isso ela deixa de fazer sentido, e um sentido ainda mais opressivo na medida em que se basta ao se fazer esperar.” (A instância da letra, p. 505)

“Donde se pode dizer que é na cadeia do **significante** que o sentido *insiste*, mas que nenhum dos elementos da cadeia *consiste* na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento.” (A instância da letra, p. 506)

“a singularidade da carta/letra, que, como indica o título, é o *verdadeiro sujeito* do conto: é por poder sofrer um desvio que ela tem um trajeto *que lhe é próprio*. Traço onde se afirma, aqui, sua incidência **significante**.” (A carta roubada, p. 33).

“Há, com efeito, algo de radicalmente inassimilável ao **significante**. É, simplesmente, a existência singular do sujeito. Por que será que ele está ali? De onde ele sai? Que está fazendo ali? Por que vai desaparecer? O **significante** é incapaz de dar-lhe a resposta, pela simples razão de que ele o coloca para além da morte. O **significante** o considera como já morto. Ele o imortaliza por essência.” (Seminário 3, p. 205).

“[...] o **significante** é o que representa um sujeito para outro **significante**, no qual o sujeito não está. Ali onde é representado, o sujeito está ausente. É justamente por isso que, ainda assim representado, ele se acha dividido.” (Seminário 18, p. 10).

“o sujeito aparece primeiro no Outro, no que o primeiro **significante**, o **significante** unário, surge no campo do Outro, e no que ele representa o sujeito, para um outro **significante**, o qual outro **significante** tem por efeito a *afânise* do sujeito. Donde, divisão do sujeito — quando o sujeito aparece em algum lugar como sentido, em outro lugar ele se manifesta como *fading* como desaparecimento.” (Seminário 11, p. 207).

“Pela psicanálise, o **significante** se define como agindo, antes de mais nada, como separado de sua significação. É esse o traço de caráter literal que especifica o **significante** copulatório, o falo, quando, surgindo fora dos limites da maturação biológica do sujeito, ele se imprime efetivamente, sem poder ser o signo que representa o sexo existente do parceiro, isto é, seu signo biológico; lembremo-nos de nossas fórmulas diferenciadoras do **significante** e do signo.” (A ciência e a verdade, p. 890).

“Esse efeito de verdade [que se desvela no inconsciente e no sintoma] culmina num velamento irreduzível em que se marca a primazia do **significante**, e sabemos pela doutrina freudiana que nenhum real participa mais dele do que o sexo.” (De um desígnio, p. 368).

“Nesse ponto, entramos em algo cuja eficácia não está decidida, pela simples razão de que não sabemos como veio a haver, digamos, uma acumulação de **significantes**. É que os **significantes**, eu lhe digo, estão distribuídos pelo mundo, pela natureza, estão por aí a rodo.” (Seminário 18, p. 16).

“É a letra, e não o signo, que aqui serve de apoio ao **significante**, mas como qualquer outra coisa que siga a lei da metáfora, que, nestes últimos tempos, lembrei constituir a essência da linguagem. É sempre de um lugar diferente de onde está a linguagem, ou seja, do discurso, que ela capta seja o que for na rede do **significante**, e portanto, a própria escrita.” (Seminário 18, p. 117).

“Um **significante** pode servir para muitas coisas, tal como um órgão, mas não paras as mesmas. No que tange à castração, por exemplo, se o **significante** é usado, isso não tem (para felicidade geral) as mesmas consequências que teria se fosse o órgão. Quanto à função de isca, se é o órgão que se oferece no anzol às voracidades que situamos há pouco- digamos *origynárias* [d’origyne]-, o **significante**, ao contrário, é o peixe que engole aquilo de que os discursos precisam para se sustentar.” (O aturdido, p. 456).

“Nada funciona, portanto, senão pelo equívoco **significante**, isto é, pela astúcia por meio da qual o ab-senso da relação se tamponaria no ponto de suspensão da função.” (O aturdido, p.459).

“O problema é que o ser, *por si mesmo*, não tem nenhuma espécie de sentido. Claro, ali onde está, ele é o **significante**-mestre, como o demonstra o discurso filosófico, que, para se manter a seu serviço, pode ser brilhante- ou seja, ser belo-, mas, quanto ao sentido, só faz reduzi-lo ao **significante**-me-ser [*signifiant-m'être*]. *Me-ser* sujeito, reduplicando-o ao infinito no espelho.” (O aturdido, p. 474).

“A escrita não é de modo algum do mesmo registro, da mesma cepa, se vocês me permitem esta expressão, que o **significante**.” (Seminário 20, p.35).

“O de que se trata no discurso analítico é sempre isto — ao que se enuncia de **significante**, vocês dão sempre uma leitura outra que não o que ele significa.” (Seminário 20, p. 43).

Sentido

“Pois, mesmo ao se reduzir a esta última fórmula, a heresia é a mesma. É ela que conduz o positivismo lógico à busca do **sentido** do **sentido**, do meaning of meaning, tal como se denomina, na língua em que se agitam seus devotos, o objetivo. Donde se constata que o texto mais carregado de **sentido** desfaz-se, nessa análise, em bagatelas insignificantes, só resistindo a ela os algoritmos matemáticos, os quais, como seria de se esperar, são sem sentido nenhum.” (A instância da letra, p. 501).

“Donde se pode dizer que é na cadeia do **significante** que o **sentido** *insiste*, mas que nenhum dos elementos da cadeia *consiste* na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento.” (A instância da letra, p. 506).

“A interpretação não visa tanto o **sentido** quanto reduzir os significantes a seu não-senso, para que possamos reencontrar os determinantes de toda a conduta do sujeito.” (Seminário 11, p. 201).

Escrita [Écriture]

“Mas se, com efeito, é necessária a linearidade que F. de Saussure considera constitutiva da cadeia do discurso, em conformidade com sua emissão por uma só voz e na horizontal em que ela se inscreve em nossa **escrita**, ela não é suficiente. Só se impõe à cadeia do discurso na direção em que é orientada no tempo, sendo até tomada como fato **significante** em todas as línguas em que ‘[Pedro surra Paulo]’ reverte seu tempo ao inverter seus termos.” (A instância da letra, p. 506)

“Então, que retomemos a obra de Freud na *Traumdeutung*, para ali nos lembrarmos que o sonho tem a estrutura de uma frase, ou melhor, atendo-nos à sua letra, de um rébus, isto é, de uma **escrita** da qual o sonho da criança representaria a ideografia primordial, e que reproduz no adulto o emprego fonético e simbólico, simultaneamente, dos elementos significantes que tanto encontramos nos hieróglifos do antigo Egito quanto nos caracteres cujo uso a China conserva.” (Função e campo, p. 268)

“Por ser a representação da fala na qual, como vocês estão vendo, não insisti, a **escrita** é algo que se constata não ser uma simples representação. Representação também significa

repercussão, porque não é nada certo que, sem a **escrita**, houvesse palavras. Talvez seja a representação como tal que as cria, essas palavras.” (Seminário 18, p. 84)

“Comvém dizer-lhes que, se o Sr. Saussure viu-se relativamente em condições de qualificar os significantes de arbitrários, foi unicamente em razão de que se tratava de figurações **escritas**. Como poderia ele ter feito sua pequena barra, da qual usei e abusei suficientemente, com o troço de baixo e os troços de cima, se não houvesse **escrita**?” (Seminário 18, p. 85)

“Não há metalinguagem alguma, no sentido de que nunca falamos senão a partir da **escrita**” (Seminário 18, p. 86).

“a **escrita** é, no real, o ravinamento do significado, ou seja, o que choveu do semblante como aquilo que constitui o significante. A **escrita** não decalca o significante. Só remonta a ele ao receber um nome, mas exatamente do mesmo modo que isso acontece com todas as coisas que a bateria significativa vem a denominar, depois de as haver enumerado.” (Seminário 18, p. 114).

“A **escrita**, a letra está no real, e o significante, no simbólico. Desse jeito, isso poderá lhes servir de estribilho” (Seminário 18, p.114)

“em japonês, a verdade reforça a estrutura da ficção que denoto aí, justamente, por lhe acrescentar as leis da polidez. Singularmente, isso parece trazer como resultado que não há nada de recalado para defender, já que o próprio recalado consegue se alojar pela referência à letra. Em outras palavras, o sujeito é dividido pela linguagem, mas um de seus registros pode satisfazer-se com a referência à **escrita**, e o outro, com o exercício da fala.” (Seminário 18, p. 117).

“Vocês decerto compreendem que, se a **escrita** pode servir para alguma coisa, é justamente na medida em que é diferente da fala — da fala que pode se apoiar nela.” (Seminário 18, p. 75).

“Ser ela [a função da letra] o instrumento apropriado à **escrita** [*écriture*] do discurso não a torna imprópria para designar a palavra tomada por outra, ou até por um outro, na frase, e portanto para simbolizar certos efeitos de significante, mas não impõe que nesses efeitos ela [a função da letra] seja primária.” (Lituraterra, p. 18).

“A **escrita** não é de modo algum do mesmo registro, da mesma cepa, se vocês me permitem esta expressão, que o significante.” (Seminário 20, p.35).

“Trata-se de saber o que, num discurso, se produz por efeito da **escrita**.” (Seminário 20, p.39).

“Para além da linguagem, este efeito que se produz por se suportar somente na **escrita**, está com certeza o ideal da matemática. Ora, recusar-se à referência à **escrita** é proibir-se aquilo que, de todos os efeitos da linguagem, pode chegar a se articular. Essa articulação se faz naquilo que resulta da linguagem o que quer que façamos, isto é, um suposto aquém, e um além.” (Seminário 20, p. 50).

“Da **escrita**, depois que a linguagem existe, nós vimos as mutações. O que se escreve é a letra, e a letra não se fabricou sempre da mesma maneira. Sobre isto, fazem história, a história da **escrita**, e quebram a cabeça imaginando para o que é que poderiam servir as pictografias maias e as astecas e, um pouco mais longe, os calhaus de Mas-d’Azil — o que é que poderia ser aquilo, aqueles dados engraçados, o que é que se jogava com eles?” (Seminário 20, p. 52).

Poesia

“Mas basta escutar a **poesia**, o que sem dúvida aconteceu com F. de Saussure, para que nela se faça ouvir uma polifonia e para que todo discurso revele alinhar-se nas diversas pautas de uma partitura.” (A instância da letra, p. 506)

Estrutura

“O que essa **estrutura** da cadeia significante revela é a possibilidade que eu tenho, justamente na medida em que sua língua me é comum com outros sujeitos, isto é, em que essa língua existe, de me servir dela para expressar *algo completamente diferente* do que ela diz.” (A instância da letra, p. 508)

“Essa diz-mensão de um impossível, que, incidentalmente chega a compreender o impasse propriamente lógico, é, num outro texto, aquilo a que chamamos **estrutura**. A **estrutura** é o real que vem à luz na linguagem. Obviamente não tem nenhuma relação com a ‘boa forma’”. (O aturdido, p.478).

“A topologia não foi feita para nos ‘guiar’ na **estrutura**. Ela é a **estrutura**- como retroação da ordem de cadeia em que consiste a linguagem.” (O aturdido, p. 485)

Real

“O que é **real** é aquilo que faz furo nesse semblante, nesse semblante articulado que é o discurso científico. O discurso científico progride sem sequer preocupar-se mais em saber se é ou não semblante. Trata-se apenas de que sua rede, sua malha, sua *lattice* [trama], como se costuma dizer, faça surgirem os furos certos no lugar certo. Ele só tem como referência a impossibilidade a que conduzem suas deduções. Essa impossibilidade é o **real**.” (Seminário 18, p. 27).

“O aparelho do discurso, na medida em que é ele, em seu rigor, que depara com os limites de sua consistência, é com isso que, na física, visamos alguma coisa que é o **real**.” (Seminário 18, p. 27).

“Certamente a gramática é aqui suporte para a escrita e, para tanto, ela testemunha de um **real**, mas de um **real**, como se sabe, que permanece enigma enquanto na análise o móvel pseudo-sexual daí não se sobressair, ou seja: o real que, por só poder mentir ao parceiro, se inscreve como neurose, perversão ou psicose.” (Televisão, p. 24)

“É o **real** que permite efetivamente desatar aquilo em que consiste o sintoma, ou seja, um nó de significantes. Atar e desatar não sendo aqui metáfora, e sim devendo ser apreendidos como esses nós que se constroem realmente ao fazer cadeia da matéria significante.” (Televisão, p. 25)

“Daí, o que se pode dizer do saber que ex-siste para nós no inconsciente, mas que um só discurso articula, o que se pode dizer dele cujo **real** nos vem por meio desse discurso?” (Televisão, p.66).

“De outra estrutura é o saber que circunscreve o **real** tanto possível, como impossível. Essa é minha fórmula conhecida. Assim, o **real** se distingue da realidade. Isto, não para dizer que ele é incognoscível, mas sim que está fora de questão entender disso [*s’y connaître*], apenas demonstrá-lo. Via isenta de qualquer especulação.” (Radiofonia, p. 406).

“Lembro que é pela lógica que esse discurso toca no **real**, ao reencontrá-lo como impossível, donde é esse discurso que a eleva a sua potência extrema: ciência, disse eu, do **real**.” (O aturdito, p.449).

“Metaforizei, por ora, pelo incesto, a relação que a verdade mantém com o **real**. O dizer vem de onde ele a comanda.” (O aturdito, p. 453).

“A razão está em que aquilo a que concerne o discurso analítico é o sujeito, o qual, como efeito de significação, é resposta do **real**.” (O aturdito, p. 458).

“saúdo o Henri-Rouselle, sobre o qual, aproveitando o ensejo, não esqueço que me ofereceu o espaço para fazer, deste jogo do dito ao dizer, uma demonstração clínica. Onde terei eu feito compreender que pelo impossível de dizer se mede o **real**- na prática?” (O aturdito, p. 497)

Gozo

“Entre o **gozo** e o saber, a letra constituiria o litoral [...] Resta saber como o inconsciente — que digo ser efeito de linguagem, já que pressupõe a estrutura dela como necessária e suficiente — comanda essa função da letra.” (Seminário 18, p. 110).

“E como é que a psicanálise, se justamente o que a letra diz por sua boca ‘ao pé da letra’ não lhe conveio desconhecer, como poderia a psicanálise negar que ele existe, esse furo, posto que, para preenchê-lo, ela recorre a invocar nele o **gozo**?” (Lituraterra, p. 18).

“Mas é também nisso que se apreende o que há por aprender, isto é, que, mesmo que se satisfaça a exigência de amor, o **gozo** que se tem da mulher a divide, fazendo-a parceira de sua solidão, enquanto a união permanece na soleira.” (O aturdito, p. 467).

“Pois, em que se confessaria o homem servir melhor à mulher de quem quer gozar senão para tornar seu esse **gozo** que não a faz toda dele; para nela o re-suscitar?” (O aturdito, p. 467)

Inconsciente

“O **inconsciente** é o capítulo de minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser resgatada: na maioria das vezes, já está escrita em outro lugar.” (Função e campo, p. 260).

“O que ensinamos o sujeito a reconhecer como seu **inconsciente** é sua história — ou seja, nós o ajudamos a perfazer a historicização atual dos fatos que já determinaram em sua existência um certo número de ‘reviravoltas’ históricas. Mas, se eles tiveram esse papel, já foi como fatos históricos, isto é, como reconhecidos num certo sentido ou censurados numa certa ordem.” (Função e campo, p. 263).

“A ausência da fala manifesta-se nela pelas estereotípias de um discurso em que o sujeito, pode-se dizer, é mais falado do que fala: ali reconhecemos os símbolos do **inconsciente** sob formas petrificadas, que, ao lado das formas embalsamadas com que se apresentam os mitos em nossas coletâneas, encontram seu lugar numa história natural desses símbolos.” (Função e campo, p.281). [a respeito da psicose]

“Ora, o que Freud articula como processo primário no **inconsciente** — isso vem de mim, mas podem ir lá e verão — não é algo que se cifra mas que se decifra. Digo: o próprio gozo. Nesse caso ele não constitui energia e não poderia se inscrever como tal.” (Televisão, p. 39).

“O sujeito do **inconsciente**, ele mesmo, influi no corpo. Será preciso que eu volte ao fato de que ele só se situa verdadeiramente a partir de um discurso, ou seja, daquilo cujo artifício constitui o concreto, e como!” (Televisão, p. 66).

“Daí, o que se pode dizer do saber que ex-siste para nós no **inconsciente**, mas que um só discurso articula, o que se pode dizer dele cujo real nos vem por meio desse discurso?” (Televisão, p.66).

“O **inconsciente** pode ser, como disse, a condição da linguística. Esta, no entanto, não tem sobre ele a menor influência.” (Radiofonia, p. 407).

“O **inconsciente**, como se vê, é apenas um termo metafórico para designar o saber que só se sustenta ao se apresentar como impossível, para que, a partir disso, confirme-se ser real (entenda-se discurso real). O **inconsciente** não desqualifica não que valha a pena nesse conhecimento natural, que é, antes, um ponto de mito, ou mesmo uma inconsistência a ser demonstrada do **inconsciente**” (Radiofonia, p. 423).

“A pulsão, como representante da sexualidade no **inconsciente**, nunca é senão pulsão parcial.” (Lacan, J. Posição do inconsciente, p. 863).

“O traço diferencial da histérica é precisamente este — é no movimento mesmo de falar que a histérica constitui seu desejo. De modo que não é de espantar que tenha sido por esta porta que Freud entrou no que eram, na realidade, as relações do desejo com a linguagem, e que ele tenha descoberto os mecanismos do **inconsciente**.” (Seminário 11, p. 19)

“Assim, o **inconsciente** se apresenta sempre como o que vacila num corte do sujeito — donde ressurgem um achado que Freud assimila ao desejo — desejo que situaremos provisoriamente na metonímia desnudada do discurso em causa, em que o sujeito se saca em algum ponto inesperado.” (Seminário 11, p. 32).

“É em razão da realidade do sistema homeostático que a sexualidade só entra em jogo em forma de pulsões parciais. A pulsão é precisamente essa montagem pela qual a sexualidade participa da vida psíquica, de uma maneira que se deve conformar com a estrutura de hiância que é a do **inconsciente**.” (Seminário 11, p. 167).

“O efeito de verdade, que se desvela no **inconsciente** e no sintoma, exige do saber uma disciplina inflexível para seguir seu contorno, pois esse contorno vai no sentido inverso ao de intuições muito cômodas para sua segurança.” (De um desígnio, p. 367).

“O discurso do **inconsciente** é uma emergência, é a emergência de uma certa função do significante. O fato de ele haver existido até então como insígnia é justamente a razão de eu o haver situado para vocês no princípio do semblante.” (Seminário 18, p. 21).

“O **inconsciente** e seu funcionamento: isso quer dizer que, em meio aos numerosos significantes que percorrem o mundo, passa a haver, ainda por cima, o corpo despedaçado.” (Seminário 18, p. 16).

“O dizer de Freud infere-se da lógica que toma como fonte o dito do **inconsciente**. Na medida em que Freud descobriu esse dito que ele ex-siste.” (O aturdido, p. 453)

“Indiquemos apenas que as mulheres aqui nomeadas fizeram um apelo- tal é sua inclinação nesse discurso- do **inconsciente** à voz do corpo, como se não fosse justamente pelo **inconsciente** que o corpo adquire voz.” (O aturdito, p.463).

“O que impressiona de imediato é a que ponto o *homodito* pode bastar-se com a matéria bruta do **inconsciente**, até o momento em que, ao dizê-lo “estruturado como uma linguagem”, dei a entender que, de tanto falar, não é grande coisa o que é dito por ele: que isso fala, fala, mas é só o que sabe fazer.” (O aturdito, p. 468).

“O **inconsciente** é estruturado *como* uma linguagem, eu não disse *pela*. [...] para explicar por que deixei passar uma extravagância como fazer do **inconsciente** ‘a condição da linguagem’, quando é manifestamente *pela* linguagem que explico o **inconsciente**: a linguagem, portanto, como fiz transcrever no texto revisto de uma tese, é a condição do **inconsciente**.” (O aturdito, p. 490).

“Esse dizer provem apenas do fato de que o **inconsciente**, por ser estruturado *como uma* linguagem, isto é, como a língua que ele habita, está sujeito à equivocidade pela qual cada uma delas se distingue. Uma língua entre outras não é nada além da integral dos equívocos que sua história deixou persistirem nela.” (O aturdito, p. 492).

“No discurso analítico de vocês, o sujeito do **inconsciente**, vocês supõem que ele sabe ler. E não é outra coisa, essa história do **inconsciente**, de vocês. Não só vocês supõem que ele sabe ler, como supõem que ele pode aprender a ler.” (Seminário 20, p. 43).

Cifra

“Ora, o que Freud articula como processo primário no inconsciente — isso vem de mim, mas podem ir lá e verão — não é algo que se **cifra** mas que se **decifra**. Digo: o próprio gozo. Nesse caso ele não constitui energia e não poderia se inscrever como tal.” (Televisão, p. 39)

Ordem simbólica

“Pois a descoberta é a do campo das incidências, na natureza do homem, de suas relações com a **ordem simbólica**, e do remontar de seu sentido às instâncias mais radicais da simbolização do ser. Desconhecer isso é condenar a descoberta ao esquecimento, a experiência à ruína.” (Função e campo, p.276)

“o escrito não é primeiro, e sim segundo, em relação a toda função de linguagem, e que, no entanto, sem o escrito, não há nenhuma possibilidade de voltar a questionar o que resulta, em primeiro lugar, do efeito da linguagem como tal, ou dito de outra maneira, da **ordem simbólica**, isto é, a dimensão, para lhes dar prazer, mas vocês sabem que introduzi um outro termo, a *diz-mansão* [*demansion*], a residência, o lugar do Outro da verdade.” (Seminário 18, p. 60)

Nome do pai

“É no **nome do pai** que se deve reconhecer o suporte da função simbólica que, desde o limiar dos tempos históricos, identifica sua pessoa com a imagem da lei. Essa concepção nos permite estabelecer uma distinção clara, na análise de um caso, entre os efeitos inconscientes dessa função e as relações narcísicas, ou entre eles e as relações reais que o sujeito mantém com a imagem e a ação da pessoa que a encarna, daí resultando um modo de compreensão que irá repercutir na própria condução das intervenções.” (Função e campo, p.280).

Desejo

“O que está em jogo numa psicanálise é o advento, no sujeito, do pouco de realidade que esse **desejo** sustenta nele em relação aos conflitos simbólicos e às fixações imaginárias, como meio de harmonização destes, e nossa via é a experiência intersubjetiva em que esse **desejo** se faz reconhecer. Por conseguinte, vê-se que o problema é o das relações, no sujeito, entre a fala e a linguagem.” (Função e campo, p. 281).

“Para saber como responder ao sujeito na análise, o método consiste em reconhecer primeiro o lugar em que está seu *ego*, esse *ego* que o próprio Freud definiu como um ego formado por um núcleo verbal: em outras palavras, em saber através de quem e a quem o sujeito formula *sua pergunta*. Enquanto não o soubermos, correremos o risco do contra-senso quanto ao **desejo** que deve ser reconhecido ali e quanto ao objeto a que se dirige esse **desejo**.” (Função e campo, p.305).

“Reflitam bem nisto- o que de seu **desejo**? Não deve ser ele o **desejo** do Outro e ligar-se ao **desejo** da mãe? O **desejo** da mãe, o texto faz a ele alusão, é a origem de tudo. O **desejo** da mãe é, ao mesmo tempo, o **desejo** fundador de toda a estrutura, aquele que fez vir à luz seus rebentos únicos, Eteoclés, Polinices, Antígona, Ismene, mas, ao mesmo tempo, é um **desejo** criminoso. (Seminário 7, p.342)

“Nenhuma mediação é aqui possível, a não ser esse **desejo**, seu caráter radicalmente destruidor. A descendência da união incestuosa de desdobrou em dois irmãos, um que representa o poderio, o outro que representa o crime. Não há ninguém para assumir o crime e a validade do crime senão Antígona. Entre os dois, Antígona escolhe ser pura e simplesmente a guardiã do ser criminoso como tal. [...] É na medida em que a comunidade se recusa a isso que Antígona deve fazer o sacrifício de seu ser para a manutenção desse ser essencial que é a *Até* familiar – motivo, eixo verdadeiro, em torno do qual gira toda essa tragédia. Antígona perpetua, eterniza, imortaliza essa *Até*.” (Seminário 7, p. 342)

“Nenhuma mediação é aqui possível, a não ser esse **desejo**, seu caráter radicalmente destruidor. A descendência da união incestuosa de desdobrou em dois irmãos, um que representa o poderio, o outro que representa o crime. Não há ninguém para assumir o crime e a validade do crime senão Antígona. Entre os dois, Antígona escolhe ser pura e simplesmente a guardiã do ser criminoso como tal. [...] É na medida em que a comunidade se recusa a isso que Antígona deve fazer o sacrifício de seu ser para a manutenção desse ser essencial que é a *Até* familiar – motivo, eixo verdadeiro, em torno do qual gira toda essa tragédia. Antígona perpetua, eterniza, imortaliza essa *Até*.” (Seminário 7, p. 342)

“O traço diferencial da histérica é precisamente este — é no movimento mesmo de falar que a histérica constitui seu **desejo**. De modo que não é de espantar que tenha sido por esta porta que Freud entrou no que eram, na realidade, as relações do **desejo** com a linguagem, e que ele tenha descoberto os mecanismos do inconsciente.” (Seminário 11, p. 19)

“Assim, o inconsciente se apresenta sempre como o que vacila num corte do sujeito — donde ressurgem um achado que Freud assimila ao **desejo** — **desejo** que situaremos provisoriamente na metonímia desnudada do discurso em causa, em que o sujeito se saca em algum ponto inesperado.” (Seminário 11, p. 32).

“Pois o inconsciente mostra que o **desejo** está agarrado a proibição, que a crise do Édipo é determinante para a própria maturação sexual.” (Do ‘*Trieb*’ de Freud e do desejo do psicanalista, p. 866).

“A castração foi a mola absolutamente nova que Freud introduziu no **desejo**, dando à falta do **desejo** o sentido que ficara enigmático na dialética de Sócrates, ainda que preservado no relato do Banquete.” (Do ‘*Trieb*’ de Freud e do desejo do psicanalista, p. 867).

“Esse órgão do incorporal no ser sexuado é aquilo do organismo que o sujeito vem estabelecer no momento em que se opera sua separação. É por meio dele que ele pode realmente fazer de sua morte objeto de **desejo** do Outro. Mediante o quê virão para esse lugar o objeto que ele perde por natureza, o excremento, ou então os suportes que ele encontra para o **desejo** do Outro: seu olhar, sua voz.” (Posição do inconsciente, p. 863).

“O que é esse **desejo** indestrutível de que fala Freud ao concluir as últimas linhas de sua *Traumdeutung*? O que é esse **desejo** que nada pode mudar, nem abrandar, quando tudo muda? A falta de esquecimento é a mesma coisa que a falta a ser, pois ser nada mais é do que esquecer. O amor à verdade é o amor a essa fragilidade cujo véu nós levantamos, é o amor ao que a verdade esconde, e que se chama castração.” (Seminário 17, p. 54)

Sonho

“Então, que retomemos a obra de Freud na *Traumdeutung*, para ali nos lembrarmos que o **sonho** tem a estrutura de uma frase, ou melhor, atendo-nos à sua letra, de um rébus, isto é, de uma escrita da qual o sonho da criança representaria a ideografia primordial, e que reproduz no adulto o emprego fonético e simbólico, simultaneamente, dos elementos significantes que tanto encontramos nos hieróglifos do antigo Egito quanto nos caracteres cujo uso a China conserva.” (Função e campo, p. 268)

Sintoma

“O **sintoma**, aqui, é o significante de um significado recalcado da consciência do sujeito. Símbolo escrito na areia da carne e no véu de Maia, ele participa da linguagem pela ambiguidade semântica que já sublinhamos em sua constituição. Mas é uma fala em plena atividade, pois inclui o outro no segredo de seu código. Foi decifrando essa fala que Freud encontrou a linguagem primeira dos símbolos, ainda viva no sofrimento do homem da civilização.” (Função e campo, p.282).

“Sempre encontramos, pois, nossa dupla referência à fala e à linguagem. Para liberar a fala do sujeito, nós o introduzimos na linguagem de seu desejo, isto é, na linguagem primeira em que, para-além do que ele nos diz de si, ele já nos fala à sua revelia, e prontamente o introduzimos nos símbolos do **sintoma**.” (Função e campo, p. 294).

“O que constitui o campo analítico é idêntico ao que constitui o fenômeno analítico, ou seja, o **sintoma**.” (Seminário 3, p. 189).

“O efeito de verdade, que se desvela no inconsciente e no **sintoma**, exige do saber uma disciplina inflexível para seguir seu contorno, pois esse contorno vai no sentido inverso ao de intuições muito cômodas para sua segurança.” (De um desígnio, p. 367).

“O fato de o **sintoma** instituir a ordem pela qual se confirma nossa política — foi esse o passo que ela deu — implica, por outro lado, que tudo o que se articula dessa ordem é passível de

interpretação. Por isso é que tem toda razão quem põe a psicanálise à frente da política. E poderia não ser nada fácil, para o que da política fez boa figura até aqui, se a psicanálise se revelasse mais esperta.” (Seminário 18, p. 115).

Sujeito

“O **sujeito** que fala devemos admiti-lo forçosamente como sujeito. E por quê? Por uma simples razão por que ele é capaz de mentir. Quer dizer que ele é distinto do que diz. Bem, a dimensão do **sujeito** que fala, do **sujeito** que fala enquanto enganador, é o que Freud descobre para nós no inconsciente.” (Seminário 1, p.225)

“Freud pelo contrário, nos mostra que há no **sujeito** humano, algo que fala no pleno sentido da palavra, quer dizer, algo que mente em conhecimento de causa, e independentemente do que traz a consciência. É — no sentido evidente imposto, experimental, do termo — reintegrar a dimensão do **sujeito**.” (Seminário 1, p.225)

“Há, com efeito, algo de radicalmente inassimilável ao significante. É, simplesmente, a existência singular do **sujeito**. Por que será que ele está ali? De onde ele sai? Que está fazendo ali? Por que vai desaparecer? O significante é incapaz de dar-lhe a resposta, pela simples razão de que ele o coloca para além da morte. O significante o considera como já morto. Ele o imortaliza por essência.” (Seminário 3, p. 205)

“a arte do analista deve consistir em suspender as certezas do **sujeito**, até que se consumem suas últimas miragens. E é no discurso que deve escandir-se a resolução delas.” (Função e campo da fala e da linguagem, p. 253).

“O terceiro paradoxo da relação da linguagem com a fala é o do **sujeito** que perde seu sentido nas objetivações do discurso. [...] nisso está a alienação mais profunda do **sujeito** na civilização científica [...] O eu do homem moderno adquiriu sua forma, como indicamos em outro ponto, no impasse dialético da bela alma que não reconhece a própria razão de seu ser na desordem que ela denuncia no mundo.” (Função e campo, p. 283).

“A semelhança dessa situação [**sujeito** da civilização científica] com a alienação na loucura, na medida em que a forma dada mais acima é autêntica, ou seja, em que nela o **sujeito** é mais falado do que fala, ressalta evidentemente da exigência, suposta pela psicanálise, de uma fala verdadeira.” (Função e campo, p. 284).

“A função simbólica apresenta-se como um duplo movimento no **sujeito**: o homem faz de sua ação um objeto, mas para a ela devolver em tempo hábil seu lugar fundador.” (Função e campo, p.286).

“É certo que os princípios da análise das resistências, por mais bem fundados que sejam, deram ensejo, na prática, a um desconhecimento cada vez maior do **sujeito**, por não serem compreendidos em sua relação com a intersubjetividade da fala.” (Função e campo, p.291).

“O que busco na fala é a resposta do outro. O que me constitui como **sujeito** é minha pergunta. Para me fazer reconhecer pelo outro, só profiro aquilo que foi com vistas ao que será. Para encontrá-lo, chamo-o por um nome que ele deve assumir ou recusar para me responder. Eu me identifico na linguagem, mas somente ao me perder nela como objeto (Função e campo, p. 301).

“A partir daí, surge a função decisiva de minha própria resposta, e que não é apenas, como se diz, a de ser aceita pelo **sujeito** como aprovação ou rejeição de seu discurso, mas realmente, a de reconhecê-lo ou aboli-lo como **sujeito**. É essa a *responsabilidade* do analista, toda vez que ele intervém pela fala.” (Função e campo, p. 301).

“O **sujeito** do inconsciente, ele mesmo, influi no corpo. Será preciso que eu volte ao fato de que ele só se situa verdadeiramente a partir de um discurso, ou seja, daquilo cujo artifício constitui o concreto, e como!” (Televisão, p. 66)

“Gostaria de pôr esse **sujeito** numa espécie de parêntese. O **sujeito** não sabemos o quê, e o **sujeito** do *Wunsch* do sonho, a questão é saber quem ele é. Quando alguns dizem *O eu*, se enganam, Freud certamente afirmou o contrário. E se dizemos *É o inconsciente*, isso não diz nada. Portanto, quando digo *O sujeito do Wunsch se satisfaz*, ponho esse **sujeito** entre parênteses. Tudo o que Freud nos diz é que é um *Wunsch* que se satisfaz.” (Seminário 6, p. 56).

“o **sujeito** aparece primeiro no Outro, no que o primeiro significante, o significante unário, surge no campo do Outro, e no que ele representa o **sujeito**, para um outro significante, o qual outro significante tem por efeito a *afânise* do **sujeito**. Donde, divisão do **sujeito** — quando o **sujeito** aparece em algum lugar como sentido, em outro lugar ele se manifesta como *fading* como desaparecimento.” (Seminário 11, p. 207).

“Não há **sujeito** sem, em alguma parte, *afânise* do **sujeito**, e é nessa alienação, nessa divisão fundamental, que se institui a dialética do **sujeito**.” (Seminário 11, p. 209).

“Assim, o inconsciente se apresenta sempre como o que vacila num corte do **sujeito** — donde ressurgem um achado que Freud assimila ao desejo — desejo que situaremos provisoriamente na metonímia desnudada do discurso em causa, em que o **sujeito** se saca em algum ponto inesperado.” (Seminário 11, p. 32).

“O status do **sujeito** na psicanálise, acaso diremos que no ano passado o fundamentamos? Chegamos a estabelecer uma estrutura que dá conta do estado de fenda, de *Spaltung* em que o psicanalista o situa em sua práxis.” (A ciência e a verdade, p. 869).

“[...] o significante é o que representa um **sujeito** para outro significante, no qual o **sujeito** não está. Ali onde é representado, o **sujeito** está ausente. É justamente por isso que, ainda assim representado, ele se acha dividido.” (Seminário 18, p. 10).

“Só que, vejam, a partir daí ela é promovida à função de um referente tão essencial quanto qualquer outra coisa, e é isso que modifica o estatuto do **sujeito**. É por aí que ele se apoia num céu estrelado, e não apenas no traço unário, para sua identificação fundamental. Pois bem, há um excesso, um excesso de apoios, o que é o mesmo que não ter nenhum.” (Seminário 18, p.117).

“O ‘significado’ do dizer, como penso ter dado a perceber por minhas frases iniciais, não é nada senão a ex-sistência ao dito (aqui, a este dito de que nem tudo se pode dizer). Ou seja, isso não é o **sujeito**, o qual é efeito de dito.” (O aturdido, p. 473).

Corpo

“A fala, com efeito, é um dom de linguagem, e a linguagem não é imaterial. É um **corpo** sutil, mas é um **corpo**. As palavras são tiradas de todas as imagens corporais que cativam o sujeito;

podem engravidar a histérica, identificar-se com o objeto do *Penis-neid*, representar a torrente de urina da ambição uretral, ou o excremento retido do gozo avarento.” (Função e campo, p. 302)

“O inconsciente e seu funcionamento: isso quer dizer que, em meio aos numerosos significantes que percorrem o mundo, passa a haver, ainda por cima, o **corpo** despedaçado.” (Seminário 18, p. 16).

Experiência psicanalítica

“A **experiência psicanalítica** descobriu no homem o imperativo do verbo e da lei que o formou à sua imagem. Ela maneja a função poética da linguagem para dar ao desejo dele sua mediação simbólica. Que ela os faça compreender, enfim, que é no dom da fala que reside toda a realidade de seus efeitos; pois foi através desse dom que toda realidade chegou ao homem, e é por seu ato contínuo que ele a mantém.” (Função e campo, p.323).

Metalinguagem⁸³

“Emprestar minha voz ao sustento dessas palavras intoleráveis, ‘Eu, a verdade, falo...’, ultrapassa a alegoria. Isso quer dizer, muito simplesmente, tudo o que há por dizer da verdade, da única, ou seja, que não existe **metalinguagem** (afirmação feita para situar todo o lógico-positivismo), que nenhuma linguagem pode dizer o verdadeiro sobre o verdadeiro, uma vez que a verdade se funda pelo fato de que a fala, e não dispõe de outro meio para fazê-lo. É por isso mesmo que o inconsciente que a diz, o verdadeiro sobre o verdadeiro, é estruturado como uma linguagem, e é por isso que eu, quando ensino isso, digo o verdadeiro sobre Freud que soube deixar, sob o nome de inconsciente, que a verdade falasse.” (A ciência e a verdade, p. 882).

“Essa falta do verdadeiro sobre o verdadeiro, que exige todos os fracassos que a **matalinguagem** constitui no que ela tem de falsa aparência, é propriamente o lugar do *Urverdrängung*, do recalque originário que atrai para si todos os outros” (A ciência e a verdade, p. 882).

Interpretação

“A **interpretação** não visa tanto o sentido quanto reduzir os significantes a seu não-senso, para que possamos reencontrar os determinantes de toda a conduta do sujeito.” (Seminário 11, p. 201).

“O fato de o sintoma instituir a ordem pela qual se confirma nossa política — foi esse o passo que ela deu — implica, por outro lado, que tudo o que se articula dessa ordem é passível de **interpretação**. Por isso é que tem toda razão quem põe a psicanálise à frente da política. E poderia não ser nada fácil, para o que da política fez boa figura até aqui, se a psicanálise se revelasse mais esperta.” (Seminário 18, p. 115).

“A **interpretação**, como formulei na época, incide sobre a causa do desejo, causa que ela revela, e isso pela demanda, que envelopa com o seu modal o conjunto dos ditos.” (O aturdido, p. 474)

⁸³ A metalinguagem na linguística e na lógica significa ser uma linguagem (natural ou formalizada) que serve para descrever ou falar sobre uma outra linguagem, natural ou artificial. Modelos formais sintáticos para descrição gramatical, e.g. gramática gerativa, são um tipo de metalinguagem.

Pulsão

“A **pulsão**, como representante da sexualidade no inconsciente, nunca é senão **pulsão** parcial.” (Lacan, J. Posição do inconsciente, p. 863).

“A **pulsão**, tal como é construída por Freud a partir da experiência do inconsciente, proíbe ao pensamento psicologizante esse recurso ao instinto com que ele mascara sua ignorância, através da suposição de uma moral na natureza. A **pulsão** — nunca é demais lembrá-lo à obstinação do psicólogo que, em seu conjunto e *per se*, fica a serviço da exploração tecnocrática — a **pulsão** freudiana nada tem a ver com o instinto (nenhuma das expressões de Freud permite essa confusão).” (Lacan, J. Do ‘*Trieb*’ de Freud e do desejo do psicanalista, p. 865).

“o conceito da **pulsão** a representa como uma montagem” (Lacan, J. Do ‘*Trieb*’ de Freud e do desejo do psicanalista, p. 867).

“As **pulsões** são nossos mitos, disse Freud. Não se deve entender isso como uma remissão ao irreal. É o real que elas mitificam, comumente, mitos: aqui, aquilo que produz o desejo, reproduzindo nele a relação do sujeito com o objeto perdido.” (Lacan, J. Do ‘*Trieb*’ de Freud e do desejo do psicanalista, p. 867).

“[...] as identificações determinam-se ali pelo desejo, sem satisfazer a **pulsão**. Isso porque a **pulsão** divide o sujeito e o desejo, o qual só se sustenta pela relação, que ele desconhece, dessa divisão com um objeto que a causa. Tal é a estrutura da fantasia.” (Lacan, J. Do ‘*Trieb*’ de Freud e do desejo do psicanalista, p. 867).